RESGATE

As Lojas Branca e Negra confrontam-se na Batalha decisiva

Marisa Varela

Para se entender que Resgate é esse que já estamos presenciando, e o porquê de tantas naves ditas extraterrestres sobrevoando a Terra inteira, é fundamental voltar ao passado e reconstituir o Primeiro Resgate empreendido pela Loja Branca aqui na Terra, pois nessa história fica bem explicado o que é o Cristo e o que é o Anticristo; quem são os príncipes e as potestades deste mundo; como é que eles, atravessando “a porta onde mora o mal”, se instalaram no planeta e, a partir daí, passaram a controlar a consciência de muitos milhões de seres; a organização das Lojas Branca e Negra; a marcha das raças humanas; a questão do código genético e da inclinação do eixo planetário; a extensão dos danos causados ao planeta pelo processo total de degeneração e o que se requer da humanidade para responder, adequadamente,
ao comando Resgate!

Agora, trata-se da última chamada. Por isto, este livro é tão importante.

(Livro de Marisa Varela, lançado originalmente em 1995, pela Missão Órion Editora)

Agradecimentos

Eu e Mestre Apek novamente reunidos, para dar seguimento ao trabalho iniciado em A Gruta do Sol. Antes de começar, como de praxe, saudamos o nosso Mestre.

Fecho os olhos, e, por breves instantes, concentro-me no Coração, que brilha como um sol. Então, as palavras jorram:

MESTRE MORYA,

Nosso ponto de partida e de chegada e a própria travessia.
O Poder, o Escudo, o Pão da Vida.
Seu Nome, que é Cristo, nos serve de Espada.
Sua Consciência é o Santo Graal.
Você, para nós, Mestre querido, tem a sonoridade da Música das Esferas.
Ao início deste trabalho, Cristo-Morya, nós nos inclinamos reverentemente ante sua Majestosa Presença e o saudamos:
AUM!

AIMORÉ HOMSI: meu marido e grande cúmplice.
ODETE EMA MARTINS: a amiga fiel e eterna.
JOSÉ ANTONIO GONÇALVES: meu amigo e generoso companheiro de Senda.
CALIXTO VARELA (2): pai e irmão; aqueles que, no plano físico, sempre me acolheram e apoiaram em tudo.
LEDA E TANIA VARELA: mão e irmã; aquelas que, no plano físico, sempre me acolheram e apoiaram em tudo.

A estes grandes e belos homens e a estas lindas mulheres, a minha HOMENAGEM.

DEDICO ESTE LIVRO AOS SEGUINTES ESTRANGEIROS:

Ao Excelso Sanat Kumara, o Ancião dos Dias e Senhor do Mundo; ao Sumo Sacerdote Melquisedeck: aos demais fundadores e construtores de Shamballa, a sede da Grande Fraternidade Branca na Terra. Abençoados sejam por todas as eternidades, amém!

Aos Jardineiros do Espaço, e a todas as demaisHierarquias da Fraternidade Branca, que se empenham em redimir a raça dos homens.

A todos os Confederados Intergaláticos: os que já partiram, os que permaneceram aqui, os que continuam chegando e os que ainda virão para trabalhar na hora do Resgate.

Aos exilados de Capela e de outros mundos que para cá imigraram (ou foram imigrados, tanto faz) para aprender a Divina Lei do Serviço, da Utilidade e, portanto, da Harmonia do Universo. A estes – que em certa época foram reprovados em seus mundos, e infelizmente, aqui na Terra, acabaram se enredando ainda mais no véu das ilusões – a estes eu desejo que sua memória seja ativada, a fé fortalecida, que a Luz Brilhe e logo consigam a sua Transmigração.

Em suma, eu dedico este livro a todos os estrangeiros que, com maior ou menor facilidade, prosseguem no caminho evolutivo – sejam eles Libertos ou Reféns da Terra.

INTRODUÇÃO

LOJA BRANCA versus LOJA NEGRA

“Terremotos, erupções vulcânicas, tempestades, nevoeiros, secas, perturbações climáticas, doenças, pobreza, guerras, revoltas, falta de fé, traições – que outros sinais a humanidade espera do tempo ameaçador? Não são necessários profetas, pois o mais insignificante escriba pode testemunhar que nunca, como agora, se reuniram tão terríveis precursores da desintegração da Terra” (Mestre Morya)

Apesar de todo o clamor mundial, a França continua explodindo suas bombas no sul do Pacífico. Essas bombas estão sendo jogadas na cratera de um vulcão dito extinto; só que a radioatividade espalha-se, qual câncer. Por toda a camada de magma do planeta, contaminando tudo, desestabilizando tudo, envenenando o planeta inteiro. Não por acaso, dias depois da explosão de cada uma dessas bombas, sempre ocorre algum terremoto ou erupção vulcânica em alguma parte do mundo...

A água potável da Terra está acabando. Atualmente, as reservas hídricas de 26 países já estão esgotadas, e o quadro só tende a piorar. Ora, sem água não se sobrevive... Já se fala, inclusive, de guerra pela água (Folha de São Paulo, 01/10/95, reportagem “Escassez Pode Levar á Guerra de Água – Atualmente, 250 Milhões de Pessoas Distribuídas em 26 Países Enfrentam Falta crônica de Recursos Hídricos”).

A situação nunca esteve tão crítica. Mestre Morya fala, mesmo, em desintegração da Terra. Diz que o Apocalipse já começou; que a batalha é decisiva.E que, por outro lado e como sempre, a Fraternidade Branca está deflagrando uma operação de Resgate (ou seja, de salvamento) do Homem e da Terra. Que é absolutamente urgente que as pessoas despertem, tomem consciência da gravidade dos acontecimentos. Mesmo porque esta é a última chamada.

“O mundo todo está dividido em negros e brancos. Alguns servem conscientemente, outros de acordo com sua natureza, e terceiros representam uma massa gelatinosa que não serve para nada. A Loja Negra é forte, pois uma grande potencialidade é necessária para o combate com a Luz. Não é prudente subestimar as forças do adversário, especialmente quando se querido Kali Yuga chega ao fim. É certamente uma batalha decisiva, e deve-se tomar cuidado para que a

fascinação e a sedução não toquem os fracos. Desde há muito foi indicado onde fica a principal loja dos trevosos.” (Mestre Morya)

O resgate se desenrola num tempo de crise e de profundas transformações: é a passagem de uma Era para outra. A terra está uma verdadeira arena, ainda que muitos incautos sejam incapazes de perceber o rumo e a gravidade dos acontecimentos. De um lado do campo de batalha encontra-se a Loja Negra, formada pelos “Senhores da Materialidade” ou “ Senhores da Expressão Material” – aqueles que, após atravessarem “a porta onde mora o mal”, conseguiram si infiltrar no planeta e agora manipulam livremente a consciência de milhões de pessoas. Seu Mensageiro, hoje aqui presente, já foi mencionado em muito antigas Escrituras: é o “Anjo da Morte e da Destruição”.

Pelo menos dois segmentos podem ser identificados dentro da Loja Negra: um deles é a Ordem de Placcio, cujos membros trabalham no sentido de promover o tráfico de drogas, a prostituição, a pornografia e a corrupção política. Interessa-lhes acima de tudo a degradação do gênero humano; seu discurso apregoa a plena satisfação dos sentidos e dos instintos; sua principal arma é o dinheiro, o poder monetário. O outro segmento das forças involuntárias é a Ordem de Coiron, que reúne os “alquimistas das trevas”. Com seus cérebros privilegiados, muitos membros da Loja Negra não raro têm se destacado nos campos da Física, Química, Matemática, Informática e Engenharia Nuclear e Genética. Praticamente todos os cientistas engajados na corrida armamentista estiveram sempre – direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente, em maior ou menor escala – ligados a Coiron; aliás, pode-se dizer que foram os mentores e líderes dessa facção negra os verdadeiros pais das bombas nucleares. Tanto quanto os membros da Ordem de Placcio, os de Coiron lograram grandes vitórias na Terra: desde que aqui se instalaram, jamais este mundo esteve totalmente em paz e, quanto à indústria bélica, converteram-na sempre na mais lucrativa de todas. São também de Coiron os magos negros que realizam torturas genéticas (abduções) com seres humanos, infligindo-lhes muitas vezes queimaduras, perfurações de agulhas, amnésia e hipnose; quanto às mulheres, ainda são usadas para inseminação artificial. Freqüentemente eles aplicam nas cobaias humanas chips eletrônicos, que primeiro fazem os estragos programados e que, depois, por sua constituição (90% de carbono e 10% de oxigênio) e natureza (alteram-se em ambiente úmido, à temperatura de 37ºC), acabam sendo absorvidos pelo organismo das vítimas sem deixar vestígios. Sua principal arma é o poder e o fascínio que esse poder exerce sobre as pessoas.

Do outro lado da arena encontra-se a Grande Fraternidade Branca, constituída por Mestres de Luz, Arcanjos e Elohim (Seres que, em razão da sua santidade, conhecida dos homens, foram até

transformados em mitos e/ou divindades) e que trabalha em conjunto com os Confederados Intergaláticos – extraterrestres de Missões especiais que vêm a Terra para coordenar e executar, com suas naves, o Resgate.

Esses dois organismos constituem as forças evolutivas do Universo, pois cumprem e fazem cumprir o Plano de Desenvolvimento prescrito para cada mundo, para cada sistema solar, para cada galáxia. Esse Plano Maior, que “os Mestres conhecem e a que servem”, visa elevar o Universo inteiro à perfeição para o qual foi criado. Sem dúvida, trata-se de um projeto oniabarcante; e como tal, suas metas de trabalho são também muito abrangentes. A ver: edificar o homem, fazendo-o progredir a tal ponto que ele próprio se torne realmente Livre e Mestre; auxiliar no desenvolvimento planetário, preservando o meio-ambiente e estimulando a formação de sociedades justas, pacificas e cooperativas; impedir que a desarmonia de um planeta doente vaze e, assim, contamine o sistema a que pertence; e, enfim, curar esse planeta doente através do alinhamento do seu eixo magnético.

Ora, os Magos Brancos dizem que o nível de evolução (ou saúde) de um planeta é diretamente proporcional ao paralelismo com o eixo do sol. Assim, se o eixo de um planeta encontra-se perfeitamente paralelo ao do sol (é o caso de Júpiter, de onde procede a maior parte das naves extraterrestres da Confederação Intergaláctica), então esse planeta é evolutivo, é sadio, harmonioso, pacífico; mas se, ao contrário, o eixo for inclinado em relação ao do sol, isso denota um mundo e uma humanidade atrasados, doentes e até mesmo bárbaros (se a inclinação for demasiada), requerendo, assim, a intercessão dos Intergalácticos.

No caso da Terra, que desde há milhões de anos não prima nem pela saúde nem pela paz (na verdade, essas duas condições são inseparáveis), o eixo, totalmente inclinado, chegou a alcançar um ângulo de 45 graus em relação ao sol. Hoje, 1995 d.C., depois de uma eternidade de muito esforço, guerras, tragédias, doenças várias, desaparecimento de civilizações inteiras e etecetera, estamos aí com uma inclinação no eixo de mais ou menos 23 graus, o que significa que ainda teremos muito trabalho pela frente para verticalizar a Terra e, assim, saná-la. Por outro lado, resta-nos um consolo: a elevação deste planeta â Luz está prevista, está escrita nas estrelas, anunciada n’A Grande Invocação, faz parte do Plano e Acontecerá, “A Vitória è inevitável”, garante Mestre Morya.

Dependendo da tarefa que, ao longo do tempo, vieram desenvolvendo na Terra, os Magos Brancos extraterrestres foram identificados por alguns nomes e/ou grupos. Um destes é a hierarquia dos Jardineiros do Espaço, que trabalha com o planejamento, a formação e a evolução das Raças humanas que povoam esses universos, visíveis e invisíveis.

No mais, dentro das forças crístico-evolutivas, devo citar duas Missões importantes: uma delas procede da estrela alfa de Centauro, que vem a ser o Grande Sol Central do Universo que

habitamos; seus membros são chamados e Arquitetos do Espaço que nos parece tão longínquo, foram eles os artífices invisíveis de grandes civilizações, ensinando aos homens, por exemplo, o poder do raio laser e das pirâmides; atualmente os membros da Missão Centauro, entre outros trabalhos, dedicam-se à construção de abrigos anti-nucleares. A segunda Missão Órion que, tendo por meta principal a defesa da Paz, da Harmonia, da Beleza e da Arte, já conseguiu evitar muitas guerras e, por outro lado, inspirar grandes artistas na composição e obras que elevaram o espírito humano.

Por cumprirem o Plano, que se fundamenta na Harmonia, as ações dos Magos Brancos são literalmente orquestradas por uma certa Música das Esferas, que vem a ser o próprio Nome de Deus, entoado de n maneiras e tons – sim, eles conhecem o Poder Criador do Verbo (a propósito, vale lembrar o Evangelista João: “No princípio era o Verbo,e o Verbo era com Deus, e o Verbo era Deus”. Mestres do Verbo, eles costumam proferir, aqui na Terra. A grande Invocação, pois nos versos dessa prece antiqüíssima encontra-se, velado, o roteiro de sua própria viagem: Plêiades, Sirius e a estrela Ponteiro da constelação da Ursa Maior.

Muito antes que os homens sequer sonhassem com um Jesus de Nazaré, desde o princípio mesmo, já os Magos Brancos faziam do Cristo o seu poder – pois Cristo é o estado mais sutil de consciência e de natureza. Quando um ser alcança esse estado, ele se torna uno com o Criador, com todos aqueles que também se encontram nessa freqüência vibratória e com toda a Vida. Ora, essa Consciência é Una, engloba tudo, unifica tudo; diante da Consciência-Cristo não existe nenhum outro poder; por isso é que do Cristo se pode dizer com muita justiça: Ele é o verdadeiro e único Filho de Deus, é o ungido, o sagrado, pois é o Deus que habita em cada um de nós e em todos nós. Manejando essa Consciência-Cristo, os Magos da Luz empunham a mais fantástica de todas as armas, a que suplanta em poder até mesmo o Amor – porque, por mais intenso que seja o Amor que nós conhecemos, ele implica na existência do sujeito que ama e no objeto de sua adoração: ou seja, ainda existem duas pessoas.

Mas na Identificação (que por muitos é considerado o estágio mais sutil, profundo e divino do Amor) Ocorre a fusão, a alquimia, e o resultado é apenas um ser. A identificação é a solução de todos os Santos Mistérios: através dela, o Espírito e a forma verdadeiramente se fundem um no outro, e o resultado é um único corpo místico. Através da Identificação, celebram-se as Bodas Alquímicas... Identificação é, portanto, a principal arma dos Magos Brancos e seu manejo é muito simples: quando um Ser de Luz nos olha, ele automaticamente sabe que: “O Deus que É em mim, que EU SOU, está em vocês também. Não há diferença nenhuma, pois Ele é o mesmo e é o único. EU SOU um com ELE; portanto, EU SOU UM com vocês também.” Esse tipo de atitude faz a gente entender que os Seres de Luz estrangeiros que hoje circulam por aqui vieram, na

verdade, para resgatar Deus, para salvá-lo – e é por isso que eu os chamo de Salvadores de Deus.

A arena está novamente armada. Os contendores ocupam as posições correspondentes, afinado as suas armas. As naves, ocultas por um Manto de Invisibilidade, encontram-se em estado de alerta total no interior, na superfície e no espaço da Terra. A tensão está no ar...

ATENÇÃO!

A hora soa. Os Anjos da Muralha, que até então estiveram controlando a pressão de certas forças que fatalmente iriam precipitar nefastos acontecimentos sócio-políticos e fenômenos naturais, afrouxam seus braços e os deixam pender, inertes – porque chegou o momento de não mais intervir; chegou o momento de deixar que o carma planetário se cumpra. Aí, o Anjo da Morte e da Destruição assume o comando. Ele faz vibrar, a uma freqüência altíssima e insuportável, a violência que está dentro e fora dos homens. Em Réplica, os Magos Crísticos entoam o Nome de Deus – É o verbo do Poder, que liberta cativos e ilumina, qual farol, os lugares onde se encontram aportadas as naves de resgate, verdadeiras Áreas da Aliança. Homens de boa-vontade, subitamente despertados pela Música das Esferas, passam a enxergar perfeitamente uma nova e estranha claridade, e em silêncio dirigem seus passos para os locais assinalados... Está começando o Resgate, desde já plenamente vitorioso.

Sim, os primeiros lampejos de mais uma batalha da Velhíssima Guerra já estão cintilando diante dos nossos olhos e em todo o amplo espaço localizado abaixo da camada de ozônio. Só que, dessa vez, por ser este o término de um ciclo planetário (que necessariamente implica numa avaliação ou juízo), o conflito terá um caráter decisivo. O resultado final dirá: quem volta para as estrelas, quem fica por aqui, quem tem que ser transferido para uma outra escola (ainda pior que a Terra), quem morre porque precisa renascer, quem morre porque precisa morrer mesmo, quem se salva porque está em condições de ser resgatado, que é promovido, quem é declarado Livre e Mestre, quem verá a Nova Aurora irromper nesta Terra ainda tão miserável.

Trata-se, portanto, de um momento histórico: é um novo Resgate, de caráter bem decisivo, dentro da Velhíssima Guerra. O objetivo é sanar o planeta, expulsando daqui os membros da Loja Negra e neutralizando os frutos de sua obra satânica. Entre os agentes desse Resgate e também entre os resgatáveis, encontram-se terrestres e extraterrestres.

O momento é histórico e, a meu ver, é indispensável a presença de um escrivão para contar essa história desde o início. Bem, estou me apresentando como tal.

Capítulo 1

PRIMEIRO RESGATE

Temos muito a aprender com o passado. Nele, encontram-se as causas do que estamos vivendo aqui, agora.

Para se entender que Resgate é este que já estamos presenciando, é fundamental voltar ao passado e reconstituir o Primeiro Resgate empreendido pela loja Branca aqui na Terra, pois nessa história, fica bem explicado o que é o Cristo e o que é o Anticristo: quem são os príncipes e as potestades que dominam este mundo: como se organizam e trabalham as Lojas Brancas e Negra; seus objetivos; a marcha das raças; a questão do código genético e da inclinação do eixo planetário; a extensão dos danos causados ao planeta pela degeneração humana e o que se requer da humanidade para responder, adequadamente, ao comando: Resgate!

O primeiro Resgate foi o maior de todos os que já ocorreram por esses universos afora: por isso, pode-se dizer que foi o pai-mãe de todos os demais. Foi tão caloroso a ponto de tornar-se conhecido como “O Grande Sacrifício”. Foi o mais significativo, o mais temerário, o mais abrangente e o mais misericordioso, pois resultou na sobrevivência do planeta e da humanidade inteira, além da reinstalação da Casa de Deus na Terra. Portanto, foi o Sopro da Vida Ministrado a um mundo agonizante.

RESGATE mesmo, com letras de fogo e maiúsculas.

E começou com um Julgamento...

Capítulo 2

A ROSA ESPETADA NO CAOS

A loja Branca é uma Irmandade de Seres Libertos – Arcanjos. Mestres e Elohim -, e de Seres que prescindem de forma corpórea e, até mesmo, de qualquer classificação, pois são constituídos de pura energia: são Inteligências Divinas, cuja magnitude é simplesmente indescritível.

Em instância suprema, a Loja Branca é dirigida por um Governo Central Celeste, que preside a evolução do cosmos em cada eternidade. Subordinadas a esse Governo, vêm setenta Fraternidades de Luz, que interagem e fazem cumprir espiritualmente o Plano de Evolução

Universal emanado pelo Governo: nessa ação conjunta, normalmente se adota a triangulação, ou seja, há sempre três Fraternidades de Luz trabalhando em conjunto, apoiando-se mutuamente.

No aspecto administrativo, também diretamente ligada ao Governo Central, há uma Confederação Intergaláctica, que funciona através de vários Conselhos. A estes, por sua vez, estão subordinadas as Confederações de Mundos das Galáxias, CMGs.

É sobre as atribuições da Confederação da nossa galáxia, a Via Láctea, que vamos falar:

Confederação dos Mundos da Galáxia – CMG. Seu leque de atividades é tão extenso quanto a própria Via Láctea, pois é um organismo que supervisiona a ordem, a educação espiritual e o conseqüente desenvolvimento das humanidades, a alocação das espécies, a pesquisa cientifica e a expressão artística, a comunicação, o cumprimento dos direitos universais, além de muitas outras áreas. Em suas reuniões, ordinárias ou extraordinárias, discutem-se propostas, implementam-se projetos, decide-se sobre problemas e/ou possíveis conflitos interplanetários, intermediando-os em nome da Paz Universal. Em alguns de seus aspectos, funciona como uma ONU da Via Láctea.

CMG, Assembléia Geral.

No palco, de frente para o público, há uma grande mesa em formato de U, onde estão assentados dois representantes do Conselho Alfa e Ômega e mais o Conselho da Galáxia – os representantes de cada um dos 24 setores ou “regiões administrativas” em que a Via Láctea foi dividida. À esquerda da mesa, e também voltada para o público, há uma tribuna vazia. Na platéia, estão os delegados dos mundos filiados, especialmente os da 13ª Região Administrativa. As galerias públicas estão repletas.

Murmúrios enchem a grande câmera da CMG. Há um certo frissom no ar. E não é para menos: a Assembléia dessa tarde deve autorizar a extinção de um planeta da galáxia e, conseqüentemente, definir o destino de sua humanidade. Aliás, ao que se comenta à boca pequena, também não está completamente descartada a possibilidade de se condenar a dita humanidade à desintegração...

É muito normal mundos aparecerem e desaparecerem... Quantas e quantas vezes a gente olha para o céu e vê estrelas que há muito já morreram?! E quantos planetas – que já cumpriram seu plano de utilidade e de serviço – explodem, desaparecem simplesmente, de uma forma ou de outra? No próprio sistema solar a que pertence o planeta que está prestes a ser julgado, houve o caso de um outro planeta que se desintegrou em conseqüência de uma colisão e acabou virando um Cinturão de Asteróides. (De fato, na Natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma...) Só que aí o caso era diferente: de acordo com o Plano da Galáxia, o tal planeta, originalmente, tinha vida curta. Ele foi criado para cumprir um determinado objetivo por um

determinado tempo. Ademais, lá não havia humanidade residente, mas apenas um grupo de viajantes – turistas – suficientemente evoluído para prever antecipadamente o cataclisma e sair antes que fosse consumado. O que de fato aconteceu. De modo que, cumpridos a meta e o prazo, o planeta foi-se, sem causar transtorno a ninguém...

Continuavam as conversas, versando sempre sobre o mesmo assunto.

Eletricidade na atmosfera. Muita conversa e nenhuma controvérsia. Absolutamente nenhuma divergência. Porque, afinal, as opiniões eram unânimes: ora, se há uma célula cancerosa que pode contaminar as demais, colocando em risco a saúde do próprio sistema, o que é que se faz? Extirpa-se, óbvio!...

De qualquer forma, a Assembléia seria histórica. Jamais, em tempo algum, na Via Láctea, uma possibilidade tão séria como essa – de desintegrar um planeta – fora sequer cogitada... Mas se, de fato, essa sentença fosse aplicada, como é que ficaria o Plano de Evolução do tal planeta, hein? É, realmente não ficaria... E quanto à humanidade, os novos órfãos planetários? E quais seriam os efeitos dessa provável desintegração no sistema solar a que pertence o tal planeta? Como é que se...

De chofre, o burburinho cessou. Fez-se absoluto silêncio. É que, de uma porta lateral situada atrás da mesa do Conselho, saiu o Secretário Geral, que já se encaminhava para a tribuna. O público, respeitosamente, se levantou. Era hora de começar a Assembléia.

Do púlpito, o Secretário Geral abriu oficialmente a sessão:

- “CANTO DA CRIAÇÃO
No princípio, não havia coisa nenhuma; nada existia.
Não havia nem céu nem atmosfera.
Onde estava, então, este Universo fecundo?
Em que lugar se achava contido?
Estaria num abismo?
Ou, quiçá, numa insondável profundidade fluida?...
Não havia, então morte nem imortalidade.
Não havia nem dia nem noite; nem luz nem trevas.
Só o Único (Brahma) respirava pela Sua própria natureza.
Fora d’Ele não havia nada – nem acima e nem além.
Foi aí que veio a escuridão escondida na escuridão,
e a treva na treva.
Depois, formou-se Alguma Coisa fluida como água.
Um caos informe onde o único (Brahma) jazia vago.

Envolvido no Nada.”

Proferidos os primeiros versos do antiqüíssimo hino milenar (Na Terra, esse hino consta do Rig-Veda, um dos livros hindus mais antigos e sagrados), o Secretário Geral prosseguiu:

-Dessa Coisa Fluida como água e sutil como o éter, chamada Espírito, todos os universos visíveis e invisíveis germinaram e brotaram no meio do caos. Em cada Dia de Brahma, em cada eternidade esses universos compõem uma forma diferente. Neste Dia de Brahma, nesta presente eternidade, os universos têm a forma de uma rosa. É assim que o Criador contempla a Sua Criação do Dia de Hoje: uma Rosa Espetada no Caos, uma Rosa Espetada no aparente Nada, que é, na realidade, um Oceano Eletrônico...

“É assim também que, ao início de mais uma Assembléia Geral, esta Confederação dos Mundos da Galáxia contempla o Plano de Evolução Universal...”

Vários minutos se passaram. Absoluto silêncio no salão da CMG. De olhos fechados, todos os presentes contemplaram, como Deus, longa e ternamente, a Criação, tal como ela se apresenta no Dia de Hoje... Finalmente, o Secretário finalizou a contemplação:

- Queiram sentar-se:

Pausa para o público se acomodar. Em seguida:

- Senhoras e senhores, Irmãos e Irmãs. Estamos reunidos hoje aqui, em mais uma Assembléia Geral, para decidir a sorte de um planeta e de sua humanidade. Trata-se da Terra, localizada no sistema solar de Hélios e Vesta, na 13ª Região Administrativa da Via Láctea. Esse mundo encontra-se hoje, inteiramente, em poder da Loja Negra: por conseguinte, também os portões estelares *(Portões estelares, também chamados de portas interdimensionais: são verdadeiros túneis ou atalhos existentes no universo, usados para encurtar distâncias que separam as galáxias e os sistemas solares; são as entradas e saídas diretas para um determinado local do universo. De acordo com sua função, esses portões podem ser, basicamente, de dois tipos: ou são reservados exclusivamente para a transmissão de imagens holográficas (permitindo a comunicação “direta” de pessoas situadas em planetas, sistemas solares e galáxias diferentes) ou então servem para transporte físico de pessoas e/ou naves. Neste último caso, o indivíduo ou veículo que penetrar nesse campo de energia sofre um processo de total anulação de sua coesão molecular e peso atômico – por conseguinte, é desmaterializado, quer dizer, convertido em energia e, assim, lançado como um projétil em direção ao portão de saída. Na Terra, o portão mais conhecido é o Triângulo das Bermudas.)* estão sob o controle dos Senhores da Expressão Material. A confederação dos Mundos da Galáxia confessa-se extremamente preocupada com tais acontecimentos, pois eles representam

um grande risco para a segurança do sistema solar e da própria Via Láctea, na medida em que, se o mal não for erradicado a tempo, pode se alastrar...

“De fato, o ‘mal cósmico’ assolou a Terra, e os resultados são trágicos: a humanidade terrestre está reduzida, quase que irreversivelmente, a um estado de total bestialidade. Pode-se mesmo dizer que – excluindo-se os próprios Magos da Penumbra e alguns raríssimos terrestres resgatáveis – não existem mais, naquele planeta, seres pensantes ou racionais”.

“Visando o bem comum, devemos julgar agora o destino da Terra e seus habitantes com Amor, Misericórdia, Justiça e absoluta Neutralidade. Para isso, vamos rever, com muito critério, do princípio ao fim, a história da Terra... que será contada e devidamente documentada por aqueles que dela participam.”

“Como primeira testemunha, chamamos então o Senhor Michael, Príncipe dos Arcanjos!”

Capítulo 3

FIAT!

“Vós, Poderosos Sete Raios Cósmicos, que estais fazendo Vosso trabalho na Esfera da Terra! Em Vossa Radiação de Puro Amor, Preenchei toda a Terra, suas águas, seu ar, seu éter” (Mestre Saint Germain, Ponte para a Liberdade, 1991)

Pelo rosto rosado e imberbe, pelos olhos azuis muito vivos, pelo cabelo louro cacheado, pelo sorriso de menina, - dir-se-ia que era um anjinho barroco, Mas a glória de ser Presença, a altura, a aura de Poder e de Fé, as gigantescas asas, a Espada de Luz Pendendo-lhe da cintura, a brilhante armadura de ouro envolvendo-lhe o corpo... ah, sim, sem dúvida era o Príncipe! Com todo respeito e reverência, o Príncipe da Luz!

Um piscar de olhos e já estava ele ocupando a tribuna.

Por isso, o que se segue, a partir de agora, é o primeiro capítulo da História da Terra Segundo Michael, o Príncipe das Legiões Arqui-angélicas:

- O primeiro sinal do que ia acontecer foi a Grande Respiração que eu senti, de repente, atravessando todo o meu ser. Identifiquei, imediatamente, de onde vinha aquele Sopro: de um determinado ponto localizado n Braço de Órion da Via Láctea.

Imediatamente, ao lado de Michael, materializou-se uma tela. Nela, aparecia a Via Láctea, com seu núcleo radiante, suas nebulosas, seus quatro Braços...

Michael deixou a tribuna e apontou, na tela, o ponto:

- Era desse ponto aqui que vinha o Sopro: o sistema solar denominado Hélios e Vesta, na 13ª Região da Via Láctea.

“Era aquele sistema solar inteiro respirando através de mim. Ele parecia pulsar na tela do espaço sideral... O poderoso Alento produzia um som: Fiat! (Quer dizer: faça-se, cumpra-se, execute-se). Que, em seguida, era repetido com insistência: Fiat! Fiat! Fiat! Fiat! Fiat! Fiat!, num total de sete vezes;

“Eu, servo de Shaddai, o Todo Poderoso, olhei então para o sol do sistema de que a Terra ia fazer parte. Como disse, seu nome é Hélios e Vesta. Trata-se de uma estrela anã amarela, de quinta grandeza, situada a 32.00 anos –luz do centro da via Láctea existem mais de 100 bilhões de outras estrelas, muitas delas bem maiores. Mas, de qualquer forma, é um sol. E um sol, meus caros Irmãos, não é apenas um centro de gravidade que mantém em suas órbitas os planetas que dele dependem, e também não é apenas um mero doador de vida químico-física. É muito mais do que isso: o sol é o Ponto de Luz da Mente de Deus dentro do sistema que ele constitui: é a Consciência do Plano de Evolução de todos os corpos celestes que dele dependem: É o Centro onde a Vontade de Deus é conhecida. E é também o Ponto de Amor do Coração de Deus em Pessoa.

“É lá esteve Ele, e Onipresente Deus, mais glorioso que nunca, em pleno ato criador... Sim, aqui está Ele, neste Eterno Presente!”

Como num passe de mágica, Michael materializou, a uns dois metros acima de sua cabeça, um sol em miniatura – refulgente, luminoso...

- Apresento-lhes, em pessoa, o sol Hélios e Vesta... Uma miniatura, claro, de apenas três palmos de diâmetro, de modo a caber nesta sala... Mas trata-se do próprio sol Hélios e Vesta, na medida em que essa imagem que eu acabei de materializar contém a mesma Alma, a mesma energia, que anima a estrela física.

“Sol Hélios e Vesta” – Clamou, com reverência, o Príncipe dos Arcanjos. – O Pai-Mãe do sistema que dele depende. Para todos os seus planetas, que funcionam como pólos magnéticos, essa bela estrela é o pólo eletrônico do circuito. Como qualquer sol, ele não é quente: os raios que emite são de pura energia eletrônica, que só se transforma em calor no momento em que entram no planeta e põem-se em contato com os raios magnéticos que compõem a atmosfera planetária. Aí, sim, o calor é produzido.

“O sol não é quente: no entanto. É feito de fogo. Dá para entender? É simples: cada sol deste imenso firmamento é uma presença Viva e radiante de Deus. Ora, cada um de nós é um

pouco dessa mesma Presença... que ilumina mas não queima. Que arde, mas não queima. Que anima, que vivifica, que resgata, que ressuscita, que cristifica, que eterniza, mas não queima. Deus não queima.

“No dia do nascimento da Terra, logo depois de ter sentido a Respiração do Sol, eu tive essa visão de Hélios e Vesta – exatamente assim, com esse brilho, com essa luz... O Sol!, pensei então com entusiasmo, banhando-me nos raios de Fogo.”

Michael acabou de pronunciar essas palavras e todos os espectadores, por força do Verbo, sentiram-se envolvidos por revigorantes raios de Fogo...

- Sol Hélios e Vesta!... – repetiu o Príncipe dos Arcanjos, - No interior dele, dividindo-o ao meio como se fosse um eixo claramente visível ou então como se fosse um relâmpago que o repartisse verticalmente em dois hemisférios, apareceu o Centro de Poder que, ao se tornar visível, nos investe do Poder de agir em Nome de Deus no processo de formação de um novo corpo celeste no espaço sideral.

Michael fez uma pequena pausa, enquanto seu olhar, agora com uma expressão bem professoral, percorria a assistência.

- Uma pergunta: Vocês entenderam bem quais são os três momentos que antecedem a formação de um planeta?... De qualquer forma, é melhor recapitular. Os três momentos são: Respiração, Fiat e Cetro. A respiração expressa a Vontade de Deus de criar algo. O Fiat é a Ordem verbalizada. E o Cetro nos delega Poder para agir em Seu Sagrado Nome. Isto posto, eu pediria ao público que se concentrasse no Cetro que acabou de se materializar no sol...

O público se concentrou no Cetro. A radiação dourada que dele fluiu penetrou nos olhos dos espectadores até alcançar-lhes o cérebro: alojando-se ali, fez brotar, num determinado ponto, uma pequenina chispa de fogo. Que, por sua vez, começou a irradiar sua doce luminosidade. Em torno da cabeça de cada um dos presentes formou-se, então, um halo dourado. Uma coroa de luz.

Michael continuou contando:

- Nesse momento, eu, servo de Adonai, o Grande e Único Senhor da Criação, sempre pronto para cumprir Sua Vontade com Amor, senti um impulso irresistível de olhar para minha mão. Bem, eu fiquei olhando olhando e aí, bem aqui, olhem! (Michael mostrou a palma da mão) – apareceu o planeta Terra. Foi assim. Simples assim.

De fato, uma certa forma esférica com um centro radiante e ligeiramente achatada nas extremidades, materializou-se-lhe na palma da mão. Pequena como uma bola de tênis, leve e transparente como uma bola de sabão, quase tão luminosa quanto o sol, e girando em torno de seu próprio eixo.

- Amigos, Irmãos, esta é a primeira imagem da Terra. Acabou de nascer; é um embriãozinho. Não se impressionem com o tamanho: até o maior de todos os universos começou de uma simples gota de energia... A terra é luminosa, porque é uma fagulha da Mente do Criador... Leve e transparente como uma bolinha de sabão porque, até o presente momento, a Terra é feita apenas de matéria mental, Mas já é a Terra, com a estrutura completa de todo planeta. Observem, por favor: a superfície é a crosta planetária; os orifícios superior e inferior são as aberturas dos pólos, que ligam a superfície ao mundo intraterreno; e este ponto central que, na Terra, receberá o nome de Surya.

Ato contínuo, o louro Arcanjo ergue a mão na vertical, com os dedos entreabertos. Como se puxada por uma irresistível força magnética a minúscula forma-pensamento Terra acompanhou-lhe o movimento, colocando-se a uns 7 centímetros da mão de Michael: sempre girando em torno do próprio eixo, o planetinha descreveu, ainda, uma órbita completa em torno da mão do Arcanjo... Ele fez um novo movimento brusco; ainda dessa vez, a pequenina Terra, sempre girando em torno de seu eixo, tornou a acompanhar-lhe o movimento. Michael sorriu para a platéia, comentando:

- Isso é Amor... Verdadeiramente Amor...

Por um breve instante, o Príncipe dos Arcanjos deteve-se a contemplar, com Amor, a Obra de Suas Mãos.

- Agora eu vou soltá-la... Deixar que ela ocupe o lugar que lhe é devido dentro do sistema solar Hélios e Vesta...

O príncipe baixou a mão. Com isso, a Terra balançou freneticamente, completamente desgovernada, sem aprumo, sem equilíbrio. Mas, pouco a pouco, os espasmos foram diminuindo de intensidade, até que cessaram de vez... Por um breve (ou longo?) instante, a Terra ficou absolutamente imóvel no espaço. Simplesmente flutuando. E aí, muito devagarinho, começou a girar em torno de seu próprio eixo. E depois de recuperar o movimento normal de rotação, a Terra começou a deslizar pelo espaço: estava sendo puxada para a órbita do sol...

- Cada planeta – explicou Michael – tem quatro movimentos: o de rotação (em torno do próprio eixo), o de translação (em torno do sol), o de alinhamento do seu eixo com o sol (de preferência, tornando-se perfeitamente paralelo) e, finalmente acompanha o movimento conjunto do sistema solar que, de tempo em tempos, se acerca do Grande Sol central de sua Galáxia...

Enfim, eis a Terra recém-nascida... Cabe a nós, Arcanjos, nesse atual estágio de desenvolvimento, fazê-la crescer...

ENYEM ASHER EHYEH: EU SOU O QUE EU SOU. Sendo eu o que sou, componho, juntamente com outros seis Arcanjos e nossas Chamas Gêmeas, uma Hierarquia da Criação: cada um de nós tem muitas legiões sob seu comando, e todos juntos formamos a Fraternidade

Angélica. Porque tudo no Universo funciona dentro do princípio da Harmonia, do Serviço e da Cooperação. Os que estão no topo da pirâmide são os que, nesse instante, têm mais condições de servir. Mas todos nós, sem exceção, estamos evoluindo: o anjo que hoje responde pela guarda de apenas um ser humano amanhã poderá estar respondendo por uma Raça inteira – poderá ser o Guardião de um povo, de uma nação, de um continente, do próprio planeta... Sim, tudo evolui. O todo evolui... Além do mais, todos têm o seu papel definido, a sua nota-chave dentro da Grande Sinfonia da Vida.

EHYEH ASHER EHYEH. Existe apenas um Eu. Por isso, toda a Fraternidade Angélica se uniu para dar Vida àquela primeira imagem mental da Terra. Vida realmente: sentimentos, emoções, sensibilidade, matéria astral, sistema nervoso astral – alma, enfim. A Alma do Mundo – quer dizer, a alma, embora rudimentar, de cada mineral e cada vegetal que vai viver no planeta. A Alma do planeta Terra.

Começamos o trabalho. Somos Anjos, nascidos do Sol; por conseguinte, os nossos sentimentos são as cores em que a luz solar se decompõe, cada uma delas com seus atributos específicos. Assim, ritmadamente, nós todos, Anjos Solares, fomos irradiando para aquele feto (a imagem mental da Terra) as qualidades solares que, em síntese, são as seguintes: a Vontade e a determinação de cumprir a Vontade Superior com fidelidade e dedicação: a Inteligência e o Amor. Nem é necessário dizer que essas qualidades são os principais ingredientes da Alma do Mundo.

Através do nosso trabalho de manipulação de energia e substância astral, a Terra foi saindo de um estado totalmente azóico (sem vida) para as fases de ígnea, semi-ígnea, pastosa e de solidificação crescente.

Na dimensão astral, temos a incumbência de animar as Idéias do nosso Deus Pai-Mãe – é por isso e para isso que existimos. Assim, se no projeto mental que recebi havia terras e mares, então nós, Anjos, construímos na dimensão astral essas terras e esses mares – juntando moléculas, átomos, formando os oceanos astrais e os escudos do protoplaneta, que são as bases subterrâneas, os alicerces dos futuros continentes da superfície e do interior da Terra. A partir desses alicerces, foi que compusemos as terras.

Ora, todo planeta, assim como nós, é um ser em evolução. Tem um Cristo, que é o sol central, cuja sede é o coração. À semelhança de qualquer Filho de Deus, o planeta tem uma kundalini, o misterioso Fogo Virginal que lampejo no cóccix; no processo de iluminação planetária, esse fogo, desperto e atuante, opera maravilhas. E tem pulmões, que são a camada etérica que envolve o planeta; através dessa camada, correntes de energia estão, profusa e incessantemente, purificando o corpo planetário. Tem cabeça, que é o pólo – o ponto mais elevado, por onde entram as influências ou inspirações oriundas do cosmos. Órgãos excretores, localizados no pólo sul, que servem para expelir as energias inadequadas ou impuras. Um

esqueleto, que são as montanhas e as colinas. Carne, que são as terras planas, Cintura, que é o equador. Sistema linfático: os mares. Vasos sangüíneos: os rios. Nervos: veios minerais, meridianos, poros, a própria respiração, personalidade, tipo de temperamento, temperatura, biorritmo. Da mesma forma que os humanos, que têm um código genético, o planeta tem um código energético próprio, e ambos mudam no decorrer da evolução.

Como nós, um planeta é um ser em evolução: nasceu, e sua existência tem uma finalidade, uma meta a cumprir. Tem que evoluir, sim, pelos próprios méritos e usando seus próprios recursos: tem que conquistar o seu lugar ao Sol, sempre cumprindo as leis do plano onde final de um período de manifestação, cada ser será igual ao que foi no princípio acrescido das experiências adquiridas durante o ciclo.

Na matéria astral, a Fraternidade Angélica montou primeiro a estrutura do planeta: a crosta em volta do sol central e as aberturas dos pólos. Depois trabalhou no relevo: cada acidente geográfico. No caso das cordilheiras, por exemplo, elas vão-se erguendo ou progressivamente, através da sedimentação, ou então em decorrência de algum movimento abrupto das placas tectônicas... mesmo na matéria astral. (Como eu disse, o planeta tem que passar pelo processo de evolução.) Por isso, nós, anjos, criamos apenas as condições para que, mais tarde, no tempo certo, as montanhas viessem a se erguer.

E fomos por aí, sempre cumprindo o Plano.

Ele-Ela queria muito ouro *(O ouro é posto no interior da Terra pelos Senhores da Criação – esses Grandes Seres de Luz e Amor que criam e dirigem mundos, sistemas de mundos, e a expansão da Luz que sobre eles habitam. (...) O ouro é um dos meios mais importantes pelos quais a energia do nosso Sol é fornecida ao interior da Terra, e um equilíbrio de atividades é mantido. Como condutor dessa energia, ele age como um transformador, na medida em que transmite a força do Sol para o interior da substância física do nosso mundo, assim como para a Vida que se estende sobre ele. A energia contida no ouro é, realmente, a radiante força eletrônica do Sol, atuando numa oitava mais baixa." (Mestre Saint Germain, em Mistérios Desvelados – Ensinamentos do Mestre Saint Germain, Ponte para a Liberdade, 1989))* incrustado no interior do planeta? Pois então nós, Arcanjos, canalizamos essa poderosa energia solar e a condensamos na forma desse metal em seguida, a injetamos no solo da Terra para que Crescesse como planta...

Ele-Ela queria gases que tanto servissem de apoio às placas tectônicas quanto funcionassem como fonte de energia? Nós construímos essas camadas... Ele-Ela queria, além do ouro, outros metais, gemas, minérios disseminados pelo planeta recém-nascido? Pois então nós começamos a criar a crosta mineral: xistos, gnaisses, micaxistos, sobre os quais, com o tempo, se formaria o granito. Incrustamos preciosos filões metálicos de cobre, manganês, platina e

muitos outros, que passaram a cintilar, misturados com o ouro, na substância astral da Terra... Muito bonito o resultado.

Ele-Ela determinou que houvesse quantas estações por ano na superfície da Terra? Então nós fomos, gradativamente, abrandando aquele calor tórrido que existia desde o equador até os pólos, substituindo-o por um clima temperado e regular. Depois, para que houvesse variação no colorido na vegetação e de tipos de colheita, introduzimos as quatro estações – mas só na superfície, é claro, porque nas regiões intraterrenas, onde o sol central brilha perenemente, o ameno verão é constante...

Ele-Ela manda, nós cumprimos fielmente.

Fielmente.

Obediência irrestrita à Vontade do Altíssimo, respeitando sempre o processo evolutivo de cada ser: eis a nossa fórmula.

Então nós entregamos a Terra nas mãos dos Elohim. Porque com relação a nós, Anjos Solares, o Fiat havia sido cumprido.

"ELI, ELI, LAMMA A SABACTAMI: PAI, PAI, COMO ME GLORIFICASTE!"

Capítulo 4

SANTO, SANTO, SANTO

"Uma constelação é, evidentemente, muito menor que o Poder dos Elohim: esta é, em outras palavras, muitos degraus abaixo de Sua Atividade. Um ser adiantado, conscientemente operando em algumas altas Esferas, está constantemente com os Elohim" (Mestre Saint Germain, em Instruções do Mestre Ascensionado Saint Germain, Ponte para a liberdade, 1991)

- Hércules, o Elohim! – anunciou o Secretário Geral.

Hércules: o nome que, para muitos povos e em inúmeras civilizações, tornou-se sinônimo de força prodigiosa, de energia, vigor e determinação...

Quem, na platéia da CMG, nunca antes tivesse visto Hércules pessoalmente e, por isso, estivesse esperando aparecer um ser fortíssimo, atlético, de bíceps desenvolvidos, tórax avantajado, quadris estreitos, pernas musculosas – enfim, a clássica figura de herói e mocinho – decerto se sentiria desapontado. Porque Hércules é alto, magro, longilíneo, de cabelos lisos e curtos, feições finas e vestimenta discreta.

Aliás, conta-se que essa sensação de desânimo realmente experimentou-a um jovem discípulo ao vê-lo pela primeira vez... Hércules teria se divertido muito com a reação do pupilo e aconselhado:

- Meu jovem, não desanime. Continue confiando na minha força descomunal porque, embora não pareça, ela existe mesmo... As pinturas que me mostram arrebentando, com as mãos nuas, grossas correntes de aço não são mentirosas: de fato, eu sou capaz de destruir todos os grilhões que aprisionam os Filhos de Deus... As gravuras que me mostram nocauteando bandos de feras sanguinárias também não são fantasiosas: eu submeto e reduzo a pó todos os demônios do ego mortal: eu liberto os cativos... Porque sou dotado de Força mais prodigiosa do cosmos: O Amor, esse poder magnético, atrativo, irresistível... A Vontade de Deus, que eu represento, é Amor!

No seu depoimento da Confederação dos Mundos, Hércules começou discorrendo sobre a Hierarquia dos Elohim:

- Também nós, os Elohim, encarregados da criação da Terra física, trabalhamos em número de sete. Somos sete Hierarquias, com um amplo séqüito de colaboradores, inteiramente dedicadas ao divino ato da Criação.

Enfatizou:

- Criar. É a razão da existência dos Elohim. É a razão da nossa vida.

E prosseguiu:

- Nós, Elohim, assim como os Anjos Solares, existimos para criar. Mas enquanto eles constroem na dimensão astral, compondo a Alma do Mundo, Nós somos os Construtores físicos. Formatamos tudo: elementos, metais, gases, pedras, corpos, estrelas, galáxias, tudo, tudo! O ato de criar é a razão de nossas vidas e, claro, nos dá muito prazer... Por isso, cantamos sempre no decorrer do nosso trabalho: São trilhões de vozes que se unem nos céus para materializar o projeto de Vida que já passou pelos estágios metal e anímico, dando-lhe a consistência física. Ah, como esse novo trabalho nos dá prazer!... A criação da Terra foi exatamente isso: um ato de amor e de prazer!

O Elohim então se calou. O ambiente, que até então era clara e homogeneamente iluminado (embora sem pontos de luz aparentes), foi mergulhando na penumbra enquanto um murmúrio percorria a grande câmera da CMG: ooommm... ooommm... ooommm... E crescendo: OOOMMM... Parecia um marulhar, OOOMMM, de ondas progressivas mais largas. A penumbra adensou-se mais e mais, tornando-se uma escuridão profunda e cheia de possibilidades.

A câmera da Assembléia, agora totalmente escura e desprovida de gravidade, transformou-se no próprio cosmos. Que foi percorrido de uma ponta a outra por um som: IOD – III – VOD – III:

O mais sagrado Nome de Deus. Verbalizado por uma miríade de seres, esse Verbo poderoso materializou, no campo escuro, o grande Olho azul de pupila dourada tão reverenciado pelos membros da Loja Branca, que o chamam de “O Olho de Deus Que Tudo Vê”. Com efeito, Ele está nos fundamentos de toda criação de Sua Onipresença, Onisciência e Onividência.

A pupila do Olho de Deus mais parecia um coração: pulsava, batia, se contraia e se distendia, despendendo raios em todas as direções e iluminando todo o ambiente como se fosse um farol... Nessa altura, o sol de 5ª grandeza e a Terra que transitava em sua órbita desapareceram. Ficou, apenas, o Olho de Deus.

O Olho de Deus é uma caldeira. Uma fabulosa caldeira, cuja pressão (de Amor, de Amor, de Amor!) vai crescendo, crescendo, crescendo, e aí explode.

Explodiu.

Pequeninas centelhas de Fogo, douradas, espirraram em todas as direções e se espalharam pelo ambiente como relâmpagos, como chuva, tempestade forte, ciclones, vendaval...

Cada diminuta centelha desse Fogo é o Iod flamejante. É a primeira letra do Nome Sagrado, que contém o Amor de Deus por Sua própria Criação. É o cimento da Criação.

Pouco a pouco as pequeninas línguas de Fogo foram se juntando e se fundindo, e compondo um núcleo incandescente: o coração físico do planeta Terra que estava nascendo. Na realidade, o Olho de Deus Que Tudo Vê não havia desaparecido propriamente: ao contrário, ele continuava presente, com o Seu Esplendor e Poder, na forma desse coração.

Aí, sim, depois de ter sido criado na mente e na voz dos Elohim (que continuam cantando: KODOISH KODOISH KODOISH ADONAI TSEBAIOTH, “Santo Santo Santo é o Senhor das Hostes”), o núcleo passa a atrair grandes quantidades de poeira cósmica, que se comprimem formando a esfera. Que, por sua vez, continua aquecida e que por isso mesmo vai formando ao seu redor uma espessa camada de nuvens, que depois de condensam, se resfriam e aí caem em forma de uma chuva intermitente. Dessa chuva, que no planeta recém-criado durou milhões de anos, foi se formando, há aproximadamente três a quatro bilhões de anos atrás, um grande oceano: o Mar original da Terra que, tanto na superfície como no interior do planeta, recebeu o nome de Pantalassa.

Sempre ao som do cânone dos Elohim, a Terra foi se fazendo: a permanente incidência da luz solar e da eletricidade dos raios fez com que átomos de carbono, hidrogênio, oxigênio e nitrogênio se unissem para formar a “sopa” de moléculas orgânicas em que o grande mar se transformou. Dessa “sopa” nascem as primeiras células, que se alimentam da luz solar. Há fotossíntese e, com ela, o oxigênio que permite aos seres respirarem.

Por enquanto, na superfície e o interior do planeta não existem continentes, mas apenas algumas extensões da terra isoladas que, quase imperceptivelmente, começam a deslizar umas

em direção às outras. Como resultado desse deslizamento gradativo e a conseqüência aglutinação de terras, formam-se, por volta dos 300 milhões de anos atrás (portanto, já na Era Palcozóica ou Primária) os dois primeiros blocos compactos de terra firme – um na superfície e o outro no interior do planeta. O da superfície passa a chamar-se Pangéia enquanto o intraterreno recebe o nome de Agartha. Além destes, há alguns pequenos arquipélagos e ilhotas avulsas disseminadas pelo grande oceano Pantalassa.

Hércules explicou:

- A criação de um corpo celeste tem várias etapas. Sempre antes do total materialização física, todos os reinos da Natureza – mineral e vegetal – passam por vários estágios arquetípicos (mundos e/ou dimensões invisíveis), que incluem os processos de definição de formas, a criação propriamente dita e a vitalização de seus princípios e naturezas. Esses processos, algumas vezes, chegam a durar até milhões de anos.

"Eu acabei de mostrar o mar original da Terra e as primeiras extensões de terra firme – e tanto o mar quanto a terra estão em adiantado processo de materialização; aliás, pode-se até que eles já são inteiramente físicos. Mas agora vou mostrar alguns exemplares da vida vegetal (Mestre Saint Germain: "Não existiam animais neste planeta durante as duas primeiras Idades de Ouro. Eles só começaram a aparecer depois que a humanidade gerou a discórdia que se seguiu àqueles dois primeiros períodos".) que ainda vão aparecer fisicamente no planeta. Nesse ponto da história da Terra, trata-se apenas de uma arte-final, uma simples 'boneca', porque essas espécies vegetais ainda se encontram no plano etérico, e não no plano físico-denso do planeta... Vejam, contemplem, admirem a bela Obra do Criador que se realiza através dos Elohim!".

No chão, no teto, flutuando no ar, aparecem então muitas formas etéricas da futura vida vegetal da Terra... Uma verdadeira floresta. Intrincada, exuberante, sadia, selvagem – porém, sem um único traço de fealdade, aspereza ou agressividade: não havia cascas grossas nem espinhos: das flores, graúdas e de cores inusitadas, podia-se sentir o aroma...

- Sem dúvida nenhuma, a Terra é bela de se ver; um verdadeiro primor... Contudo, devo fazer uma ressalva: essa exuberância da Terá foi criada com o objetivo de propiciar as melhores condições de vida para as humanidades que vão encarar no planeta. Muitos outros mundos não possuem essa beleza toda. Dentro do sistema solar de que a Terra faz parte, temos o próprio exemplo de Vênus, que é dotado de uma estrutura interna bem semelhante à da Terra. Por ter um mundo intreterreno, envolto por uma crosta e um manto rochoso. Ora, como se sabe, a temperatura superficial de Vênus é de 480º C. A pressão atmosférica é de, aproximadamente 90 vezes maior do que a terrestre, e lá, existem nuvens carregadas de ácido sulfúrico, que são impelidas em torno do planeta por ventos de mais de 360 km por hora. Ou seja, por essa aparência tão desértica, tão inóspita, dir-se-ia que nunca poderia existir vida física em Vênus.

Entretanto, nós sabemos que a vida física, lá, já aconteceu. Que todos os seus habitantes já ascensionaram, tornando-se Mestres. Que lá funciona uma belíssima subsidiária da Loja Branca, dirigida pelo venerável Ser conhecido pelo nome de Sanat Kumara – que, por sinal, está hoje aqui presente, nesta assembléia. Que, lá, a vida humana já passou pelo estágio físico-denso e que atualmente se desenvolve em outras dimensões, mais sutis. E que, por tudo isso, e principalmente por causa do seu próprio Plano de Evolução, o planeta já não serve mais como albergue para almas encarnadas. Vênus é, hoje, uma poderosa base de operações da Loja Branca no sistema solar de Hélios e Vesta.

Agora vou dar um pulo na narrativa e mostrar, através de alguns registros akásicos (Do sânscrito akasha: o quinto elemento da natureza, também chamado de “memória do universo”. Trata-se de uma substância sumamente sutil que tem a propriedade de gravar e armazenar todos os acontecimentos. Registro akásico é, portanto, uma espécie de filme tridimensional que permite ao espectador colocar-se dentro da ação como uma testemunha ocular dos acontecimentos, à semelhança do que hoje se costuma chamar de “realidade virtual”; nesse “filme”, personagens e ambientes mostram-se exatamente como foram no passado ou são ainda, em proporções naturais, ampliadas ou miniaturizadas. Reavivar um registro akásico de algum fato sobre o qual se queira consultar é um poder corriqueiro de um mago branco, e é praxe usá-lo, para diferentes propósitos, nas sessões de instituições, tais como a Confederação dos Mundos Da Galáxia – CMG.), como era a vida na Terra há 250 milhões de anos atrás. Era Paleozóica. Período Permiano.

O primeiro registro mostrou Pangéia; o gigantesco bloco de terra firme da superfície, partindo-se ao meio e continuando os dois primeiros continentes da Terra: Laurásia, o do norte, e Gondwana, um colosso que, tocando a linha do Equador, passa a ocupar quase todo o hemisfério sul. O segundo registro mostrou mais alguns flashs da vida vegetal: as águas transparentes do grande oceano Pantalassa: uma floresta de fetos gigantescos na Laurásia, o continente do norte: e um róseo crepúsculo de Gondwana... O terceiro registro mostrou cenas do mundo intraterrestre : Surya, o sol central, brilhando em todo o esplendor; Agartha cercado pelas águas tépidas do Pantalassa do meio do mundo, regurgitando de vida.

- Tanto no interior quanto na superfície do planeta, a vida já se materializou. Já existem plantas físicas, embora ainda muito etéricas – quer dizer sujeitas ao processo normal de densificação e aprimoramento. A propósito, vale recordar aqui as palavras do Arcanjo Michael: “um planeta é um ser em evolução”, que tem que evoluir pelos próprios méritos e usando seus próprios recursos... Mas a vida física, aqui, já existe. O cenário físico – que são o próprio planeta e a flora que lhe serve de decoração – já esta montado. Isso significa que o nosso trabalho na Criação da Terra está chegando ao fim... O próximo capítulo da História mostrará o aparecimento

da primeira Raça humana, e para que isto ocorra de acordo com o Divino Plano de Evolução, novos personagens estão entrando em cena. Eles se aproximam da Terra de modo um tanto velado, pois são os tripulantes de uma nave-laboratório muito especial, a Lua *(Os primeiros cientistas a sustentar que a lua da Terra não é um corpo celeste propriamente dito (na medida em que não se enquadra em nenhum padrão astronômico normalmente aceito) e, sim, uma nave espacial foram os russos Vasin e Cherbokof, da Academia Soviética de Ciências. Eles afirmam textualmente que essa nave é proveniente de outro sistema solar e que foi posicionada, em certa época, na órbita terrestre para cumprir algum propósito misterioso.*
Livros publicados sobre a presença de extraterrestres na lua: We Discovered Alien Bases on the Moon (Nós Descobrimos Bases Alienígenas na Lua), de Fred Stecking, editado pela GAF Internacional, e Someone Else is on the Moon (Tem Mais Alguém na Lua), de George Leonard, da Editora Simon & Schuster. Ambos os livros foram fundamentados em documentos e fotos da NASA.), e vêm cumprir tarefa muito especial...

Capítulo 5

A LUA E O SOL CENTRAL

Nos primórdios do sistema solar a que a Terra pertence, entre Marte e Júpiter havia um outro planeta, que se desintegrou durante uma colisão com outro corpo celeste. Os fragmentos daí resultantes constituíram o atual “Cinturão de Asteróides” e formaram, também, a maioria das luas, dos planetas do sistema.

Só que a lua da Terra não é um pedaço do planeta que explodiu, mas, sim, uma nave-laboratório, devidamente tripulada, que transitava, serena, em ritmo de cruzeiro pelos espaços siderais...

No grande anfiteatro, por cima da cabeça dos presentes, materializou-se, em miniatura, esse misterioso objeto espacial, que haveria de se transformar no satélite (ainda que artificial) da Terra. Lá vinha ele, deslizando aparentemente sem rumo na amplidão...

Sem rumo? Claro que não, pois seus tripulantes, os Pitris, tinham destino perfeitamente definido: a órbita do planeta Terra, que acabara de nascer.

- Os Pitris são Irmãos bem graduados dentro da organização da Fraternidade Branca – esclareceu Hércules. – Seu trabalho está ligado com a criação de mundos e, nesse trabalho, eles representam, controlam e dirigem a energia cósmica feminina, o magnetismo. Suas próprias Presenças são a essência do magnetismo lunar.

Como Mestres que são, eles não dependem de naves para se locomoverem. Assim, podem perfeitamente abandoná-las a qualquer momento e se estabelecer em qualquer outro corpo celeste. Mas, com freqüência, usam mesmo as naves porque é mais prático: é uma casa móvel e, aí, podem transportá-la livremente, sem precisar mexer com a organização dos sistemas solares...

Eles agora estão vindo de muito longe... Estiveram em vários outros sistemas solares e, lá, de sua nave-laboratório, irradiaram energia lunar para mundos que dela necessitavam. Cumprida a missão, seguiram caminho, ás vezes deixando um espaço vazio, e em outras vezes deixando em seu lugar uma outra lua, um outro satélite (dessa vez natural) – aliás, troca de luas é fato bem corriqueiro na organização de sistemas...

No seu longo percurso, a superfície externa da nave cobriu-se de poeira cósmica e, até mesmo, eventualmente, veio servindo de pouso para alguns viajantes espaciais.

Agora, os Pitris estão chegando à órbita da Terra, que, como planeta, terá que cumprir o seguinte Plano: abrigar três raças humanas durante o período que vai desde o nascimento físico até a Mestria: e, depois que essas três humanidades saírem, ascensionar, como ser planetário, para a quarta dimensão, depois para a quinta dimensão etc... O Plano é este. E neste movimento, os Pitris Lunares estão vindo para auxiliar o planeta e suas três futuras humanidades no seu processo de densificação, ou seja, de solidificação, de materialização. Dentro da Hierarquia, essa é uma das tarefas dos Pitris: esse é também um dos efeitos dos raios lunares.

O público presente no anfiteatro assistiu as manobras de estacionamento da nave dos Pitris na órbita da Terra e a incidência dos primeiros raios lunares na superfície do novo planeta.

- Como eu disse, os Pitris são a própria essência do magnetismo lunar; eles vêm para materializar o corpo físico-denso da humanidade e desenvolver o seu psiquismo; eles trabalham muito com a Mãe, pois assim é a lua (qualquer lua, seja ela natural ou sintética)... E não por acaso, muitos dos futuros habitantes da Terra descobrirão, intuitivamente, que a sua lua não é deste sistema solar, que ela veio de muito longe... E aí, por causa dessas andanças, muitos a chamarão de Andarilha que, por sinal, é um nome bem apropriado. Então vamos nós também adotá-lo aqui, neste julgamento. Andarilha ficará sendo o nome da nave dos Pitris.

E agora deixemos de lado a lua e voltemos a nos concentrar no assunto de nossa reunião: a Terra... Ei-la!

A Terra física, produto do trabalho dos Elohim... Ei-la, flutuando no centro e no alto do anfiteatro, à vista de todos os espectadores... Com dois oceanos chamados Pantalassa e três continentes – dois na superfície (Laurásia e Gondwana) e um intraterreno (Agartha).

Diminuta, certamente: apenas um membro raquítico de um sistema cujo sol é de quinta grandeza. Com uma superfície de aproximadamente 508 milhões de quilômetros quadrados, a

Terra é, de fato, bem pequenina. Mas nem por isso menos amada pelas Hostes Construtoras pois seu coração flamejante, constituído do Fogo emanado pelo Mais Sagrado Nome de Deus, é o próprio Olho Que Tudo Vê... Assim, ao avaliarmos esse diminuto planeta azulado, não devemos nos ater às suas reduzidas dimensões mas tão somente à sua essência e beleza...

E por falar em essência e beleza, a assembléia teve oportunidade de vistoriar o planeta recém-nascido, conferindo a condições em que seria entregue aos futuros habitantes. Para começar, o núcleo flamejante, o Olho, não é uma quimera: é o sol central da Terra, que é oca. Realmente o seu peso (aproximadamente seis sextilhões de toneladas) não corresponde á superfície de 508 milhões de quilômetros: obviamente se o planeta fosse todo compacto, o peso seria bem maior.

Sol é Sol em todo lugar, esteja ele no centro de um conjunto de planetas ou no interior de um corpo celeste: é o doador da vida. No caso da Terra, cujos pólos na realidade não existem pois são meros orifícios (ou melhor, grandes orifícios, uma vez que medem mais de 2 mil quilômetros) que servem de entrada para as regiões interiores do planeta, seus futuros habitantes poderão escolher entre viver na casca ou no miolo.

Sem dúvida nenhuma, é muito mais vantajoso se viver nas regiões intraterrenas do que na superfície planetária – aliás, por terem chegado a esta conclusão, as humanidades dos outros planetas do mesmo sistema solar de que a Terra faz parte (Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, etc.) optaram pelo Centro. E, diga-se de passagem, vivem todas muitíssimo bem, com um grau de desenvolvimento que a Terra nunca logrou.

As principais vantagens são as seguintes:

1ª) No interior, o poder vibratório é infinitamente maior do que o da superfície porque, lá dentro, se está muito mais próximo do sol interno, que é a energia primordial, o coração, a própria pulsação planetária.

2ª) No interior, há muito mais terras disponíveis para habitação; o espaço útil é três vezes maior. À primeira vista, essa afirmação pode parecer absurda se considerarmos que a camada intraterrena tem menor circunstância (de fato, seu diâmetro é de apenas 10.270 quilômetros quadrados) e, por conseguinte, muito menos área total. Entretanto, na prática, isso não é verdadeiro. Por uma simples razão: 15% da atual superfície planetária é coberta pela água, o que não corre nas camadas intraterrenas. O resultado é que, dos 508 milhões de quilômetros quadrados da superfície terrestre, apenas 142 milhões são ocupados por terras; já no interior, repetimos, a área habitável é três vezes maior.

3ª) Morando-se no interior, não se está exposto a prejudiciais raios cósmicos nem a precipitações radioativas.

4ª) Em ambos os lados (no interior e na superfície) e em todos os reinos (mineral e vegetal), a perfeição está presente. Só que, no interior, por força do sol central, essa perfeição atinge o seu maior requinte.

Em ambos os lados, as condições são as seguintes: ar puríssimo: solo rico, branco e translúcido como se feito de alabastro, recoberto por rica folhagem; alimento e água fartos; florestas, montanhas e formação, rios, cachoeiras, mares exuberantes e limpos. Quanto ao clima, é subtropical na superfície, sem os rigores das quatro estações e, no interior da Terra, como declarou Michael, “o ameno verão é constante”. Não há bactérias, vírus nem germens patogênicos, não há vermes, pragas, poluição, fealdade, ervas daninhas, nada que possa ferir ou produzir doenças Tanto em cima como em baixo, tanto no interior como na crosta terrestre, a natureza é sinônimo de equilíbrio, harmonia e paz. Na terra, tanto dentro como fora, tudo é Paz!

- E aqui termina o nosso trabalho na criação da Terra – finalizou Hércules.

Então os Elohim, todos juntos e cantando, selaram a criação do planeta com a Paz das Três Pontas do Triângulo – Pai, Filho e Espírito Santo:

IAVEHSHALOM!
NASISHALOM!
SHESINAHSHALOME!

Portanto, a Paz Profunda, Infinita e Ilimitada:

SHELHOMESHALOM!

Baixando, decrescendo suavemente, até retornar ao sussurro inicial:
Laveh Shalom...
Nasi Shalom...
Shekinah Shalom...
Shelhome Shalom...
Shalom...
Om...
Ooommm...

Capítulo 6

A VIRGEM

Na trilha recém-ocupada por Hércules, o Elohim, estava agora uma ninfeta. Quinze dezesseis ou – no máximo, estourando – dezessete anos. Quer dizer, uma adolescente, mas que já era a própria personificação da Beleza feminina. Uma deusa da Beleza. O público que superlotava a grande câmera da CMG chegou a ficar com a respiração suspensa, tamanho o impacto que ela provocava.

Alta, morena, olhos escuros, cílios espessos e grandes. Uma pele de porcelana de tão perfeita. Boca carnuda, grande, sensual. Sorriso angelical. O cabelo, a jovem ninfa usava-o em parte preso num coque no alto da cabeça, enquanto o resto deixava cair, abundante, por sobre os seios, por sobre as costas, se derramando nos braços – todo enfeitado de flores silvestres. Através da túnica vaporosa, podia-se distinguir o corpo de formas perfeitas. Seios rijos e eretos, cintura fina, quadris mais largos. Coxas nuas, pés descalços. Linda na morenice, linda na virgindade...

Linda! Linda! Linda! Linda! Linda! Linda! – era só o que o público, embevecido pensava...

- É, eu sei que sou linda... – respondeu a beldade, em voz alta.

Não havia, em sua voz, nem o mais leve traço de vaidade. Ela apenas continuou, de modo absolutamente impessoal, uma verdade insofismável: era bela mesmo... e daí?

A beldade continuou:

- Por onde eu passo, desperto a administração de tudo e de todos. A natureza, ao me ver, se rende ao meu encanto e instantaneamente se faz mais bela. Os animais, as plantas, as próprias pedras não são insensíveis á minha beleza... Eu mesma, quando me contemplo na superfície das águas, me surpreendo: “Como é possível tanta beleza, minha Deusa-Mãe?!” E, no momento seguinte, eu respondo a mim mesma: “sim, é possível toda essa beleza porque eu sou uma shakti, quer dizer, sou um Espírito Virginal da Mãe Divina, a Senhora de muitos aspectos e de todas as formas!”

“Basicamente, Ela, a Única Senhora, se manifesta como uma Santíssima Trindade: a Virgem, a Mãe Cósmica e a Anciã... Pois neta presente eternidade, a Deusa por Puro Amor, concedeu-me a maior de todas graças: refletir a Primeira Pessoa da Trindade (ou seja, a Virgem) em minha pessoa, em meu ser, me tornando, assim, um mero espelho d’Ela... Um espelho d’Ela, entendem?!... Por esse universo afora, existem muitos seres femininos eleitos para expressar um

Aspecto ou Atributo da Senhora; são manifestações avatáricas. Neste Dia de Brahma, eu sou uma dessas manifestações... Eu sou Ela, Ela sou eu... Contemplem, na minha figura. Sua Beleza estonteante Sua Pureza, Sua Eterna Juventude... o próprio Ideal Feminino. Contemplem assim, com fervor e respiração suspensa, a Mulher que eu sou – Virgem, Imaculada, a própria Fonte da juventude... e rendam a Ela, Nossa Senhora, toda honra e toda glória!

Houve uma pausa. A Virgem sorrindo, olhou o público com doçura.

- Meu nome é Amarilis, também conhecida como Deusa da Primavera. Estou muito contente de estar hoje aqui, nesta Assembléia, para contar a história da primeira humanidade da Terra. Esses primeiros homens apareceram no pólo norte que, por sinal, era uma região muito diferente do que é hoje. Eu estava lá, no dia do nascimento, e os abençoei...

Amarilis:

-Em todo planeta, o pólo norte é o pólo do raciocínio e da memória; o lugar onde o ser planetário controla todas as formas de vida que nele existem e evoluem. O pólo sul, ao contrário, é o canal de excreção. Geralmente, os dois pólos magnéticos estão localizados no centro da crosta planetária – na terra, esta tem a espessura aproximada de 1285 quilômetros, e os pólos magnéticos estão situados a cerca de 645 km abaixo da superfície justamente ao redor dos orifícios que conduzem ao mundo intraterreno.

Estritamente falando, as terras polares são aquelas localizadas no espaço compreendido entre os pólos e as linhas dos círculos polares. Na Terra, os paralelos passam a 66º 33’ do equador.

Na Terra, o circulo polar do norte chama-se Ártico; o do sul chama-se Antártida. A palavra ártico significa ursa, numa referência á Constelação da Ursa Pequena, que se situava em cima do pólo norte. Já o termo antártida quer dizer anti-ártico, ou seja, o lado oposto ou o contrário da Ursa.

Por razões que serão minuciosamente analisadas no decorrer desta Assembléia, o clima da Terra mudou muito com o tempo. Entretanto, na época do aparecimento da primeira humanidade – que aconteceu ainda na Era Paleozóica ou Primária (A primeira raça humana apareceu ainda na Era Paleozóica ou Primária (de 570 a 200 milhões de anos), constituindo a primeira Idade de Ouro do planeta.) - o clima em todo o planeta era agradável e homogeneamente temperado, Solo fertilíssimo, e as cristalinas águas oceânicas apresentavam um altíssimo nível de oxigênio diluído e eram repletas de plâncton. A flora – que na Antártida haveria de desaparecer por completo, e que no Ártico, haveria de ficar reduzida a algumas algas, musgos, liquens e a alguns arbustos atrofiados – era exuberante.

Mas é bom lembrar que o planeta inteiro passava por um processo de solidificação; ainda não havia montanhas nem colinas... Ou seja: a própria Terra ainda não tinha um esqueleto: por conseguinte, os primeiros homens também não o teriam. A época era de cartilagens, de 'ossos moles' E tudo era ainda muito etérico: não havia muita coesão atômica. Por isso, a primeira Raça humana, necessariamente, teria que ser – e foi! – bem mais alta que as demais.

Naquela época, na Terra, não havia morte, competição, luta pela sobrevivência, vitória do mais forte sobre o mais fraco. Havia, sim, perfeita harmonia na natureza, que aguardava, ansiosa, o aparecimento dos primeiros homens.

A natureza é e será sempre mãe gentil... os atuais homens da Terra é que conseguiram transformá-la numa feiticeira má, muito má...

Capítulo 7

O POVO DA AURORA BOREAL

"A vida humana existiu sobre a Terra desde que ela foi criada. Os geólogos têm apenas uma idéia aproximada da idade da Terra, a menos que tenham sido altamente inspirados". (Mestre Ascensionado Saint Germain)

A voz melodiosa de Amarilis, a Deusa da Primavera, foi fazendo o público recuar até um passado distante:

- Planeta Terra, final da Era Paleozóica. Estamos agora num promontório que existe no continente Laurásia, do pólo norte: em terra firme, este é o ponto mais próximo da abertura polar... Está anoitecendo...

Na grande câmera da CMG, no espaço compreendido entre a tribuna e as mesas dos representantes dos planetas da galáxia, apareceu um facho de luz prateada vindo do alto.

- Esse facho de luz – explicou Amarilis – vem da lua. De dentro de sua nave-laboratório, os Pitris estão assinalando este local, pois sabem perfeitamente que está na hora de começar os preparativos para o aparecimento da primeira humanidade... Mas vamos deixar que a própria História se conte...

Dizendo isso, Amariis simplesmente desapareceu. A luz argêntea da lua tornou-se mais forte, mais forte... até que, de repente, sumiu, deixando em seu lugar as imagens holográficas de três casais – atores vivos, reais, recortados de um registro akásico e, dessa forma, trazidos de um passado remoto para o presente julgamento da Terra...

Gigantes: os homens mediriam aproximadamente os 3,50m: as mulheres eram, apenas, um pouco mais baixas... Pelas feições, era muito fácil identificar quem era “casado” com quem. Na realidade, em se tratando de Mestres da Irmandade Branca (porque era este o caso), não existem maridos e esposas na acepção comum dessas palavras: Não! Porque eles são muito mais do que isso: cada homem e cada mulher tem o seu par, o seu complemento exato, perfeito e divino, e assim se integram, formando uma unidade indissolúvel, o mesmo Espírito, um único ser. São Chamas Gêmeas e, muito mais freqüentemente do que pode acontecer com alguns casais humanos (cuja relação simbólica faz com que marido e mulher acabem se parecendo fisicamente), assim acontece com ascensionados. Em sua grande maioria os casais de Mestres muito se parecem.

Apesar da simplicidade das vestes (roupões de cores pastéis, sem outros adornos que não um turbante usado por um dos homens e as faixas coloridas que as mulheres traziam à cintura), eles tinham um quê de autoridade, um porte régio combinando com a doçura, evidente em suas fisionomias.

O mais alto e o mais moreno de todos era o de turbante, que, por sinal, não lhe cobria inteiramente os cabelos, negros, que lhe chegavam aos ombros. Os dois outros homens, ao contrário, tinham pele clara e a cabeça descoberta: cabelos mais claros e curtos. Quanto ás mulheres, todas elas tinham cabelos compridos, na cintura, e trazia-os soltos.

No instante preciso em que aqueles seres pisaram no solo virgem da Terra, os raios do sol central do planeta, escoando-se através da grande abertura polar, chocaram-se na muralha formada pelas nuvens da superfície e se espalharam pelo céu, decompostos em todas as cores possíveis e imagináveis. Logo se formaram arcos, arabescos, rendas, estrias, que também se espalharam pela Assembléia da CMG...

Tratava-se de um dos mais estupendos espetáculos da Terra: a aurora boreal.

- Simplesmente soberba! – comentou baixinho o Manu, o Mestre que usava turbante, mas nem sua mulher nem tampouco os outros dois casais Irmãos lhe responderam, tão absortos estavam na contemplação do espetáculo.

Eram realmente notáveis a intensidade, a multiplicidade, a incrível combinação de luzes e cores e os desenhos inusitados que se alastravam pelo céu afora. As nuvens situadas exatamente em cima do grande orifício do pólo norte funcionavam como um espelho, refletindo as paisagens paradisíacas da Agartha, o mundo intraterreno... No centro do quadro/espelho, o Sol Central - O Olho de Deus Que Tudo Vê...

- Salve, Surya, sol central da Terra! – murmurou o Instrutor com devoção.

Não houve resposta audível à saudação do Instrutor, porém, por coincidência ou não, imediatamente após ter sido proferida, Surya, o sol intraterreno, pareceu multiplicar o seu brilho. Novos desenhos grandiosos, magistrais, vieram se juntar aos já existentes no céu do pólo norte...

Com a aurora boreal, ficou dia em plena noite. Toda a abóboda celeste ficou transformada no cenário do grandioso show pirotécnico. “É, somente o único Grande Artista poderia assinar uma obra como esta”, reconheceram os três casais com respeito.

Eles já haviam presenciado talvez milhares, ou mesmo milhões, de auroras boreais e austrais por esses universos afora, pois eram viajantes siderais, incumbidos pela Santa Hierarquia de criar raças humanas em alguns mundos. No desempenho de suas tarefas, haviam visitado inúmeros planetas – que, por serem planetas, obviamente têm sempre a mesma e única estrutura: um sol no centro e uma crosta com orifícios nas extremidades. E sendo assim é óbvio também que todos eles têm também as suas (belas) auroras.

No próprio sistema solar de que a Terra faz parte: Mercúrio, por exemplo; Vênus, outro exemplo. E Marte e Júpiter e Saturno, enfim, todos os demais planetas. Todos, sem exceção, com os seus infalíveis nevoeiros e luzes ofuscantes brilhando nos pólos... Só que, na Terra, como definiria o Manu, essa aurora estava simplesmente soberba!

- Que a Inteligência dos que vão nascer tenha todo esse esplendor! Isso é o que eu desejo de coração... – sussurrou a Instrutora.

A conselheira contemplou as nuvens que ficavam bem em cima da abertura polar e que, como um espelho, refletiam o paraíso intraterreno.

- Pois o que eu desejo – disse ela – é que eles sejam leves como essas nuvens que flutuam diante do Olhar amoroso de Surya!

- E que, além da leveza e da liberdade que a leveza traz, eles tenham também o poder do Sol Central! – completou o marido. Conselheiro também.

Um breve silêncio instalou-se no grupo. Afinal, o Instrutor interrompeu-o:

- O que eu queria era que eles optassem por viver no mundo intraterreno... Aí, o aprendizado seria muito mias fácil.

- Eles precisam nascer na superfície do planeta – lembrou o Manu. – A Terra ainda está se solidificando; nos primeiros dias de vida, a Nova Raça vai precisar muito de energia dos Pitris lunares, que, é maior na superfície do planeta do que no centro...

- Mas depois dos primeiros dias de vida... – insistiu o Instrutor.

Simultaneamente, uma questão atravessou a mente dos três casais: qual seria o nome dessa Raça de homens, a primeira da Terra?

- Talvez Jar-El – sugeriu Manu. – É um dos Nomes de Deus e significa “a vibração do Pai se propagando através dos universos e dos tempos”. Um belo nome, que me agrada muito; traz a Idéia de eternidade.
- Eu queria que o nome refletisse o estado de perfeito enlevo em que agora nos encontramos por conta dessa incrível aurora boreal... O estado de completa elevação espiritual diante da Beleza – contrapôs a Conselheira.
- El então –concluiu o marido. – É também um dos Nomes de Deus e significa justamente “elevação”.
El. Um nome curto, de apenas uma sílaba e que já produzia uma divina elevação na consciência dos que ainda iam nascer. A Raça dos Els... soava bem. Então, todos concordaram.
- A Raça dos Els, a ser concebida no decorrer desta aurora boreal... – Observou, sorrindo, o Manu.
Os três casais, então, se concentraram. Fecharam os olhos e, com certeza, fizeram alguma invocação mágica silenciosa. Nenhuma palavra de sua prece foi percebida na assembléia do CMG, mas todos os espectadores viram os três casais – os Manus, os Instrutores e os Conselheiros – se transformando na própria aurora boreal. Seus corpos, agora transparentes de luz, irradiavam as mesmas luzes e cores do sol central, o mesmo fulgor que tingia o céu do pólo norte.
Jar-El: o Pai Criador vibrando através dos tempos e dos universos – não é essa a essência de todo ato de criação?...Efetivamente, a primeira raça humana chamar-se-ia El. Porém, ali no pólo norte da Terra, naquele momento, Jar-El também estava presente na pessoa daqueles três casais...
O casal de Manus passou a respirar mais fortemente que os outros; eles inspiravam pela boca, sustentavam o alento, expiravam pelo nariz e, a seguir, faziam nova pausa. É essa a Respiração do Fogo *(Para cada elemento da Natureza, há uma modalidade apropriada de respiração; usando-a, o homem pode harmonizar-se com esse elemento, controlando-o fisicamente e até mesmo no que ele representa dentro do seu corpo e psique. Naquele momento de criação, os Manus usaram a Respiração do Fogo (inspiração pela boca e expiração pelo nariz, com intervalos entre os ciclos respiratórios). As outras modalidades são:*
Respiração da Terra: inspiração pelo nariz, sustentação, expiração pelo nariz, sustentação.
Respiração da Água: inspiração pelo nariz, sustentação, expiração pela boca, sustentação.
Respiração do Ar inspiração pela boca, sustentação, expiração pela boca, sustentação.
A Terra relaciona-se com o corpo físico: a água com as emoções; e o ar com a mente concreta, o intelecto.). E não por acaso os seus cérebros passaram a arder como Surya, o sol central do planeta – um brilho suave, de infinitas nuances – que ardia sem queimar.

A paz que existe no Centro emergiu á superfície da Terra e se estendeu para além dos espaços ocupados pela aurora boreal. Nesse momento, a temperatura da crosta terrestre igualou-se á das regiões intraterrenas: passou a ser a de um verão ameno.

De repente, a cabeça do casal de Manus pareceu explodir. Uma chuva de fagulhas, nas cores ouro e prata, caiu, torrencial, por todo o hemisfério norte: na Laurásia inteira (incluindo o promontório onde os Mestres se encontravam) e em todos os poucos Arquipélagos e ilhas avulsas disseminadas pelo grande oceano Pantalassã.

Choveu, choveu, choveu.

A aurora boreal terminou, a chuva também. Nasceu um novo dia, que passou muito rapidamente. Andarilha se fez visível no céu: lua crescente. Os Els, dentro de seus casulos de ouro e prata, pareciam-se com todos os fetos: cabeças grandes demais, corpos meio gelatinosos, esqueletos se formando...

Andarilha exibiu as outras faces: cheia, minguante, nova. E repetiu o movimento completo: crescente, cheia, minguante, nova. Virgem, Mãe, Velhíssima e depois renascendo como donzela, tornou-se Mãe e... O sexo dos Els ficou perfeitamente definido: era duplo: na verdade, cada um deles era um casal, sempre a fêmea por dentro do corpo do macho.

Andarilha girando como um pião: crescente, cheia, minguante, nova e de novo, e várias e muitas vezes. Os sexos se separaram; os Els tornaram-se homens e mulheres diferenciados. Andarilha se movendo devagarinho...

Afinal, quantas vezes a lua trocou de semblante e a Terra girou em volta do Sol? Ah, não importa: segundo o Manu, a hora do nascimento da nova Raça humana ocorreria na hora exata e perfeita; além do mais, ele, juntamente com a esposa, havia elaborado um cronograma que estipulava um prazo de duração para cada mudança que ocorria no corpo dos Els – e esse cronograma estava sendo cumprido á risca.

Então, no signo de Virgem, na entrada da primavera, num dia de lua cheia, a primeira Raça humana desabrochou.

Em qualquer lugar do universo, a primeira expressão de todo indivíduo – seja através da palavra falada ou, simplesmente, pensando e sentindo – é EU SOU. Os Els não fugiram à regra que não tem exceção:

- EU SOU.

Mais de três milhões deles, despertando do que lhes parecia ter sido um longo sono e repetindo sem cessar: EU SOU, EU SOU, EU SOU... Com essas palavras, eles se reconheceriam como uma Presença no universo; como sendo uma existência – individual, única e intransferível...

À semelhança de uma bússola que sempre aponta o norte, a expressão EU SOU, que espontaneamente lhes saía dos lábios, apontava sempre pra a Origem, para o Criador. Dizendo e

repetindo “EU SOU”, os Els vislumbraram Deus – que é todo Perfeição – em si mesmos. Eles se reconheceram Deus em pessoa e, dessa forma, louvaram a Vida...
Usando de sua onipresença, os Mestres, envoltos num Manto de invisibilidade que lhes permitia ver os Els sem que fossem vistos por eles, estavam ao lado de cada novo ser que despertava para a vida e ouviram o EU SOU proferido ou simplesmente sentindo pelos primeiros homens da Terra.
- Apesar de tantos milhares de anos de profissão – testemunhou o Manu – considero o nascimento um verdadeiro milagre... Aliás, o único milagre que existe.
Os outros Mestres sorriram e balançaram a cabeça, em muda concordância.
Depois do EU SOU e da inevitável identificação com a Divindade em si mesmos, os Els voltaram a sua atenção para os corpos através dos quais estavam se expressando. Como se estivessem se olhando num espelho, viram suas imagens por completo.
Bem acima de suas cabeças físicas, como que flutuando nas nuvens, havia seres radiantes, vestidos de luz e de glória, deuses como, por razões óbvias, jamais haviam visto antes.
- Isto é o que eu realmente sou – identificaram sem vacilar, utilizando a bagagem do conhecimento inato que haviam adquirido durante o longo sono da não-existência. – Um aspecto unigênito do Deus Múltiplo... Enfim, a minha verdadeira, eterna imagem.
E se nos céus manifestava-se gloriosamente a Presença do Filho de Deus, que é o verdadeiro Eu, no chão do planeta Terra havia um corpo físico, por sinal bem diferente do humano na atualidade. Era tão pouco denso, de átomos tão poucos coesos, que aos nossos olhos parecia mais uma névoa do que propriamente uma carne. E esse corpo-névoa estava envolvido por outros três veículos ainda mais rarefeitos, a saber: o corpo das emoções, o dos pensamentos e o das intuições. Todos perfeitamente visíveis e distintos.
Os Els concentraram-se então no físico, que por sinal tinha a mesma imagem e semelhança da Presença Divina.
Eram ainda mais altos que os mentores de sua Raça (que, até este momento, continuavam invisíveis, dentro de deus Mantos de Invisibilidade): mais de quatro metros de altura, sendo as mulheres um pouco mais baixas e menores. Aparência púbere, como se tivessem em torno de vinte anos, se considerados os padrões atuais da Terra. Pele clara e longos cabelos (louros, escuros ou ruivos) que lhes chegavam no mínimo até a cintura; intuitivamente os Els souberam que a longa cabeleira funcionaria como antena, para receber e transmitir os mais diversos tipos diferentes de vibração. O resto, em geral, era de formato oval, a fronte larga, sobrancelhas e cílios ralos, nariz e boca bem desenhados, dentes extraordinariamente alvos. Os olhos, muito expressivos, eram quase sempre escuros – como, aliás, os do Manus. Pele macia como a de um

pêssego: os homens não tinham nem vestígios de pêlos no rosto e nem por isso sua aparência viril ficava comprometida.
Corpos esguios, de linhas harmoniosas. Pescoço e ombros largos no caso dos homens; as mulheres, bem femininas, naturalmente os tinham mais finos e delicados, e todas possuíam seios firmes e bem feitos. Praticamente não tinham pêlos no corpo – nem púbicos, nem nos braços e pernas. A genitália era igual à dos atuais terrestres, a não ser por um detalhe: as mulheres não tinham ovários. Coxas rijas. Os pés, ao invés de se afunilarem nos calcanhares, eram quase perfeitamente retangulares. As mãos pareciam ligeiramente grandes demais para o restante do corpo.
Movimentando cabeça, tronco e membros com o intuito de se familiarizarem com o próprio corpo, os Els logo descobriram, encantados, que podiam ver em todas as direções.
No exato momento em que os Els tomaram conhecimento dessa faculdade, a voz de um dos Mestres-guias da nova Raça fez-se ouvir.
-Esse olho que é capaz de ver em todas as direções chama-se Olho Onividente *(Trecho de uma instrução do Mestre Saint Germain: "Em época alguma houve seres, com o Espírito de Deus em seu interior, dotados de um único olho. Tal idéia foi uma interpretação distorcida com relação ao estado primitivo daqueles seres que ainda conservavam a função plena da Terceira Visão ou Visão Interior, como o Raio X. O Olho Onividente é a concepção correta desse estado.*
"Houve época em que o que é conhecido hoje como glândula pineal e corpo pituitário eram unos. Eram o Olho Onividente. A estrutura do crânio e do cérebro, que era de substância mais densa, não constituía de forma alguma impedimento ao emprego desta atividade, desta Visão Interna que, na verdade, vê em todas as direções. Para o Olho Onividente, nenhuma forma é impedimento à visão. Em todas as épocas, o Olho Onividente tem a forma de um olho como o conhecem hoje." (Do Livro Instruções do Mestre Ascensionado Saint Germain, da Ponte para a Liberdade, 1991).). Não é um órgão físico e, na realidade, está localizado no interior do crânio, bem no alto, sendo também capaz de enxergar em qualquer faixa de freqüência e além das mutações do mundo físico. É capaz de enxergar através da matéria e perceber a energia que a anima. Ao contrário dos olhos físicos, o Olho Onividente não está sujeito ao fenômeno conhecido pelo nome de "ilusão de ótica" porque, afinal, é a Visão Interna, a Visão Perfeita.
Era a voz do Manu, que pareceu soar dentro da cabeça dos Els; equivocadamente, eles a tomaram por sua própria voz interna, a mesma que pronuncia o "EU SOU". Mas no fundo, até que não estavam errados, pois a voz de um Mestre e a voz da presença são a mesma e única voz...
Com o Olho Onividente e extrema curiosidade, os Els examinaram o seu próprio coração: era refulgente e brilhava como um pequeno sol. No meio dele, no seu interior oco, havia uma minúscula imagem animada... Os Els a examinaram detalhadamente. E, por fim, constataram que

se tratava da mesma Presença que tinham visto flutuando nas nuvens do céu: era exatamente o mesmo ser, o mesmo EU SOU... E mais: que também no interior de cada átomo, em todas as células e moléculas, havia o mesmo brilho dessa Presença radiante, o mesmo e único e eterno EU SOU...

MAIS RADIANTE QUE O SOL
MAIS PURO QUE A NEVE
MAIS SUTIL QUE O ÉTER
É O EU
ESTE ESPIRITO QUE ME ANIMA
EU SOU ESTE EU
EU SOU O QUE EU SOU

De dentro de sua nave-laboratório, estacionada na órbita da Terra, de alguma forma os Pitris Lunares responderam:

EU SOU A MÃE E O FILHO
ESTOU NA MATÉRIA
E SOU DEUS EM AÇÃO!

Lua cheia, signo Virgem, todas as portas abertas.
E então Amarilis, a Deusa da Primavera, pediu licença e entrou. Voou sobre a Terra como uma fada e despejou, lá de cima, o pó de pirlimpimpim.
Da aliança Grande Vida com os Filhos-Homens fez-se a primavera. A primeira primavera cristica do planeta.

Capítulo 8

JARDINEIROS DO ESPAÇO

Continuando com a auto-descoberta dos Els.

Eles notaram que seus pés tinham um formato bem regular (sem esse afunilamento que nós, humanos, temos atualmente na altura do calcanhar) e que, com isso, e mais a ajuda do Olho Onividente, podiam locomover-se para trás com a mesma facilidade com que caminhavam para

frente. Experimentando andar para os lados, os pés assumiam uma inclinação tal que isso também não era problema: podiam fazê-lo. Sem maior esforço, podiam girar quase inteiramente a cabeça para trás, ou então, olhando para o alto, colocá-la paralela ao céu. Divertiram-se ao perceber que conseguiam mover as orelhas e o nariz à vontade e que, forçando os dedos para trás, eles chegavam a tocar os pulsos.

O corpo também tinha a mesma maleabilidade. Testaram os músculos, que já pareciam bem trabalhados. Pularam; os saltos que podiam dar eram incríveis. Correram, e se souberam extremamente velozes. Deram cambalhotas e fizeram estranhas acrobacias. Dançaram – primeiro com as plantas dos pés completamente apoiados no chão, e depois só na ponta dos pés. Aí, compreenderam que eram dotados de perfeito equilíbrio, leveza e elegância, e que o corpo refletia essas qualidades.

Bem, eles estavam certos, claro, na medida em que, de fato, tinham bastante equilíbrio e etecetera e etecetera. Só que obviamente a sua extrema maleabilidade – corpos mais etéricos, capazes de incríveis contorcionismos, e mais saltos e corridas prodigiosas como se usassem botas de sete léguas – tinha uma outra explicação, que por sinal foi dada por Michael, Hércules e pela própria Amarilis.

É que nessa era geológica, chamada Paleozóica (que se seguiu apenas à Pré-Cambriana, de formação propriamente dita do planeta). A Terra ainda estava passando pelo processo de solidificação. Que seria progressivo e lento. Lógico, a natureza não dá saltos, não se queimam etapas, e todo ser – seja ele mineral, vegetal, animal, humano ou planetário – tem o seu processo de evolução natural.

Na época dos Els; não existiam ainda nem as montanhas nem as colinas, que são hoje o esqueleto da Terra. Ainda estavam se formando, para se erguer e solidificar no tempo certo; portanto, naquela época não passavam de meras cartilagens. E tudo no planeta era assim: ossos moles, pouca densificação. Os primeiros vertebrados – que surgiram após o fenômeno conhecido como “A Névoa” ou, ainda, “A Queda do Homem” – obviamente não eram iguais aos vertebrados de agora.

Alguém já disse certa vez que “a matéria está para o Espírito assim como o gelo está para a água”. Ora, naquela época nem gelo existia, pois as glaciações só ocorriam na Era Quaternária, ou seja, milhões de anos depois da passagem dos Els pela Terra. Por isso, a extrema maleabilidade dos Els era devida ao fato de terem ossos moles – além de possuírem, é claro, perfeito equilíbrio e etecetera e etecetera.

Ao final das experiências corporais, os Els então olharam para fora, para o mundo, e com muita razão se extasiaram...

JARDINEIROS DO ESPAÇO. Trata-se de uma Hierarquia de Luz, encarregada da formação e aprimoramento de toda Raça humana que surge no universo. Sua sede é sempre o sol de um sistema. Assim, se o Plano de Evolução Universal – que é a Vontade de Deus – prevê a existência de humanidades em tais e tais planetas, os Jardineiros do Espaço, baseados no sol daquele sistema, trabalharão em seu laboratório construindo essas Raças humanas: as características físicas, a densidade dos corpos, os códigos genéticos, a data do nascimento, a duração de cada estágio de desenvolvimento, o tipo de instrução que será dada de cada estágio de desenvolvimento, o melhor método etc. Se, por exemplo, a Lei julgar que, para o bem de ambas as partes, é conveniente que duas raças humanas se unam e evoluam nem mesmo planeta, por um determinado período, então os Jardineiros se encarregarão desse "implante racial", adaptando os corpos físicos para essa convivência, fazendo com que os códigos genéticos se tornem compatíveis; e, até mesmo, providenciando a importação de exemplares minerais e vegetais que possam ser úteis na evolução das duas raças-irmãs, naquele determinado planeta.

Jardineiros do Espaço: aqueles que trabalham para que o universo se torne um jardim florido... Contemple-se, com os olhos da alma, a Rosa Espetada no Caos... Ah, como tudo faz sentido!...

No processo de formação de toda Raça humana, trabalhando dentro da Hierarquia Jardineiros do Espaço, sempre aparece a figura de Três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo, cada uma delas com um papel bem definido nesse processo.

Os Mestres-guias presentes no pólo norte encarnavam essas três Pessoas e, depois de observarem o auto-reconhecimento dos Els, decidiram que já era hora de se apresentarem aos recém-nascidos.

Mas nem por isso deixaram o lugar onde estavam, o tal promontório, cuja extremidade ficava situada a apenas alguns metros da entrada para Agartha, o mundo intraterreno. Sentados estavam, sentados ficaram na areia fofa, sem sandálias, com os santos pés mergulhados na água cristalina do oceano. Contudo, utilizando o poder da onipresença, os Mestres apareceram diante de cada grupo de seis casais de Els. Apareceram simultaneamente por toda a Laurásia e em toda ilha do hemisfério norte (quer dizer, todo lugar onde havia recém-nascidos). E apareceram tão visíveis e tangíveis que nós, atuais habitantes da Terra, assim os descrevíamos: "em carne e osso".

Os mestres se materializaram, os Els os viram e sentiram um impacto. O impacto da beleza, da majestade, do Amor tão palpável que fluía da Presença daqueles seres que, aliás, se pareciam incrivelmente com o seu próprio Deus Interno... "´À nossa imagem e semelhança",

definiram os Els um tanto ingenuamente. Os Mestres, ouvindo claramente o pensamento não verbalizado, sorriam e, com um gesto, pediram que se aproximassem mais.

Os mestres estavam vestidos e calçados, e os Els inteiramente nus – mas nem por isso os homens sentiram vergonha ou intimidação. Dóceis, respondendo à convocação, caminharam alguns passos em direção aos guias.

O primeiro a falar foi o Mestre moreno, de turbante.

- Muito Prazer. Eu sou o Manu e esta (indicando-a) é a minha mulher, que também é chamada de Manu. Nós somos os seus pais físicos.

Apenas físicos porque, como já puderam sentir à medida que pronunciaram a expressão EU SOU, toda a Vida provém de Deus, o Criador. É Ele o Pai-Mãe real.

Foi Deus quem primeiramente desejou que vocês nascessem. Ele-Ela teve Vontade de tê-los. E essa Vontade nos contagiou. Nós então, eu e minha mulher – designados que fomos pela Hierarquia Jardineiros do Espaço – pusemo-nos a idealizar a sua Raça, cujo nome, por escolha conjunta de todos os guias, ficou sendo El, um dos Nomes de Deus, que significa “Divina Elevação”. Mas, obviamente, cada um de vocês tem o seu próprio nome individual, que corresponde exatamente à sua vibração peculiar na Rosa da Criação e que foi dado por Deus no justo momento da concepção. Esse nome é a sua identidade sonora, é a base de sua forma, de seus corpos, e vocês vão perceber, logo logo, que esse nome será uma chave de Luz no seu processo de elevação.

Os Els tinham acabado de nascer do Espírito... Será que, tão novinhos assim, eles estavam entendendo tudo o que dizia Manu? Pois estavam sim, e perfeitamente, porque das coisas do Espírito eles entendiam; não eram “tábulas rasas”. O conhecimento da Luz e da Santa Hierarquia é inato...

-Bem, - prosseguiu o Manu – nós sabíamos que a nova Raça humana deveria encarnar na recém-criada Terra que, por isso, ainda estava em processo de solidificação. Localização do planeta: sistema solar Hélios e Vesta, 13ª Região Administrativa da Via Láctea... Até então tudo bem: era a Vontade de Deus, que nós conhecíamos perfeitamente. Porém, ainda estavam faltando muitos outros dados. Como por exemplo: quantos indivíduos deveriam formar a nova raça? Qual seria a cor da pele, a cor dos olhos, o formado do rosto, o tipo de cabelo, a estatura média, a época propicia para o nascimento?... Tudo isso nós, Manus, teríamos que decidir, pois faz parte das nossas atribuições. A propósito, a palavra manu significa “pai de uma raça humana”.

Em permanente identificação com o Criador – para que a Sua Vontade fosse cumprida fielmente – nós, Manus, construímos no éter um tipo-padrão da nova Raça; um protótipo feito em três dimensões (Já que vocês iriam viver num mundo tridimensional, que é Terra). Bem, esse protótipo é chamado de Adam Kadmon, e cada Raça humana tem o seu. Na ocasião em que foi

criado, Adam era apenas uma idéia, um projeto que deveria ser implementado; de hoje, vendo-os aqui e agora em carne e osso, constatamos que Adam é, realmente, a mistura de todos vocês.

-É a síntese – confirmou a Manu. – No momento em que vocês se confrontarem com a imagem de Adam (ou Adão), hoje plasmada no Mundo das Idéias, todos, de alguma forma, vão se reconhecer nela...

- Quando o modelo Adam Kadmon ficou pronto – prosseguiu o Manu – nós o submetemos à aprovação divina. Comunicação direta: eu e o Pai somos um. A resposta imediata...

A conversa continuou rolando: o que aconteceu após a aprovação divina Adam Kadmon; como cada El foi projetado; a indispensável ajuda dos Elohim na construção dos corpos da nova Raça; como foi inoculado o Cristo, o sol radiante, no interior de cada átomo; a função da lua no processo de materialização do planeta e da nova humanidade; a inesquecível aurora boreal com que a Terra amorosamente os recebeu...

A certa altura, os Els demonstraram interesse em rever o momento exato de seu nascimento.

- Muito bem; isso é perfeitamente possível – respondeu a Conselheira. – Pelo menos na matéria,a vida realmente começa para uma pessoa no momento em que ela respira pela primeira vez. Então, vamos rever esse momento marcante.

Os registros akásicos abriram-se exatamente no minuto anterior ao da primeira respiração. Os Els, dentro de seus casulos de ouro e prata, estavam de olhos fechados e inertes; cada um dos homens e mulheres pôde-se ver-se a si mesmo, ainda sem vida. Súbito, a voz da Manu anunciou:

- Prontos para nascer! É a hora!

Aí os Conselheiros simplesmente ergueram a mão direita, fazendo com que o véu da não-existência que envolvia os Els como um casulo, ou quiçá como uma bolsa, imediatamente se rompesse. Em seguida, debruçaram-se sobre os Els e sopraram em seu rosto, insultando-lhes a primeira respiração. A primeira Raça humana do planeta descerrou os olhos, se espreguiçou e pouco a pouco, foi se levantando...

Ouviu-se, então, a Voz do Espírito Santo. Os Conselheiros explicaram aos Els o valor da respiração e definiram o seu próprio papel no aparecimento de uma nova Raça humana:

-Respiração é o Espírito que desperta a matéria. Com Amor, trazendo-a á vida. E por sermos nós, Conselheiros, os encarregados de administrar o Sopro da Vida, também recebemos o nome de Espírito Santo.

A respiração está intrinsecamente ligada à capacidade de amar, e este divino sentimento, por sua vez, é que possibilita a qualquer pessoa sentir-se uma com seus semelhantes, com o Todo que é a Criação e com o próprio Criador. “Eu e o Deus Pai-Mãe somos um” – essa é a

fórmula mais apurada do Amor porque retrata uma plena identificação, a fusão completa. Aí não existe mais o sujeito que aa nem o objetivo que é amado, mas somente UM, a Unidade.

À medida que mais se respira corretamente, mais se caminha para a total consciência crística. Assim como o Olho Onividente (que enxerga a Essência dentro da forma), e a consciência da filiação divina ('EU SOU O QUE EU SOU') são poderosas ferramentas na conquista da Mestria, a respiração também o é.

Pai e Espírito Santo, cada um com sua função no nascimento de uma nova Raça. E quanto ao Filho?...

- Somos nós – Apresentaram-se os Instrutores.

Aparentemente era o mais jovem dos três casais de Mestres. Tinham bem caras de garotos. Ruivos, olhos azuis, uma tremenda aura de alegria e bom humor, expressão bem brejeira. Porém, seu discurso era seriíssimo:

- Somos Instrutores. Quer dizer: ensinamos. E a nossa matéria é a origem de todas as ciências, artes e religiões presentes e futuras. Porque o objetivo de nosso estudo é a Essência, o Fogo no estágio mais sublime e sutil, o Começo e o Fim, pois se chama Kundalini e Cristo. Nós, Instrutores, supervisionamos o desenvolvimento do Poder que já É em vocês como potencial, mas que precisa ser aprimorado. O nosso método é o da Magia Divina.

Através do Olho Onividente, vocês, Els, puderam ver o coração como ele realmente é: um sol refulgente, oco, com uma pequenina imagem incrustada na sua câmera sagrada: é a Jóia do Lótus. Depois, no interior de cada átomo também puderam detectar o Fogo dessa mesma presença. Pois bem: o Fogo é o Cristo, que terá que romper o invólucro onde ora se encontra, abraçar em sua Luz todas as demais particulares atômicas, fundir-se com o Fogo Kundalini que cintila no cóccix de vocês e espalhar-se pelos espaços interatômicos até abranger o corpo inteiro. Quando isso acontecer, vocês se tornarão realmente Cristos, Mestres. Tornar-se-ão a Presença, que já são em essência mas não inteiramente na forma. O eu real: mais radiante que o sol, mais puro que a neve, mais sutil que o éter.

Para isso vocês foram criados: para fazer essa alquimia. E o processo de transmutação de homem em Cristo – que isso fique bem claro! – é a nossa disciplina, é a nossa Magia... Através dela, a matéria se rende docilmente ao Espírito, e a Vontade de Deus é cumprida.

Vocês se encontram atualmente num planeta físico, chamado Terra, e no próprio plano das mutações. Aqui tudo muda. Está anoitecendo agora, mas daqui a algumas horas vai nascer um novo dia. Estamos na lua cheia, mas dentro de poucos dias Andarilha vai se tornar minguante. Estamos no início da primavera, época das flores, mas daqui a três meses será verão. Enfim, tudo muda porque neste globo existe tempo e espaço.

Pelo menos por enquanto, vocês aparentemente, estão sujeitos às injustiças de tempo e espaço. Um exemplo: estando aqui no pólo sul. Então nós perguntamos: isso é ou não é uma limitação? E nós mesmos respondemos: só é uma limitação na medida em que vocês a reconhecerem como tal; mas se, ao contrário, acreditarem e aceitarem que podem estar em dois ou mais lugares ou épocas ao mesmo tempo, assim será. Porque nós estamos onde está o nosso pensamento – gravem bem isto: é uma chave importantíssima. E quanto ao resto, é apenas uma questão de treino...

Aqui tudo muda a cada instante. Se vocês não ficarem se identificando com as mudanças, terão uma vida longa: milhares ou até milhões de anos terrestres. Usando esses mesmos corpos, sem jamais envelhecer ou morrer.

Mas se começarem a se identificar com a mutabilidade (fixando a atenção em outras partículas que não o sol radiante, que encerra o verdadeiro Eu), dando-lhe poder sobre vocês, seus corpos inevitavelmente serão contagiados pelas mudanças e, um dia, por falta da vitalidade necessária, terão que ser substituídos por outros. Da mesma forma como o dia vai perdendo a força e cede lugar à noite e vice-versa; da mesma forma como a lua muda de fase e as estações do na se sucedem uma às outras.

O Cristo é a autonomia completa pois é imortalidade, e isso vocês terão que conquistar; é a primeira meta do processo de evolução de toda Raça humana. E esse processo não termina nunca: é eterno. Glórias e mais glórias.

Nós, Professores de Sabedoria, estamos aqui para ajudá-los a reconhecer sempre o poder do Cristo sobre a matéria; como aplicar esse Poder em toda e qualquer situação; e como aperfeiçoá-lo. O resto virá por acréscimo; todo o conhecimento de quem precisarem – Matemática, Geometria, Astronomia, tudo.

Com esse trabalho, nós, Instrutores, faremos com que a forma não os prenda nunca! Que o fogo derrota a forma! Que o Fogo brilhe e os eleve vitoriosamente à plenitude crística!

Recém-nascidos do Espírito Virginal, das coisas do Espírito os Els entendiam bem. O conhecimento da Luz era inato (memória atávica ou primeva). O que faltava era o conhecimento da matéria e como o Espírito deveria conduzir a matéria. A vida física estava começando...

Três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Três elementos do cosmos: Espírito, Matéria e Energia. Três importantes ferramentas para a Mestria: o Olho Onividente, a consciência da filiação divina e a respiração. Três importantes ferramentas para a edificação da civilização dos Els: sua notável Inteligência, a assistência dos Mestres, e uma infinidade de documentos para servir de apoio e pesquisa (os registros akásicos: consultando-os, os Els compararam várias civilizações de outros planetas e se inspiraram para fazerem a sua própria). O cenário: uma Terra ainda muito etérica, sujeita aos raios de um sol muito mais jovem e de uma lua muito mais intensa (por causa

da presença dos Pitris), sem montanhas e sem poluição de nenhum tipo, com o eixo perfeitamnete alinhado com as forças evolutivas e com os portões estelares hermeticamente fechados à Loja Negra. Três possibilidades de moradia: na Laurásia, hemisfério norte; em Gondwana, o super-continente do sul; ou do sul; ou em Agartha, o mundo intraterreno. Uma só meta: a cristificação.

Capítulo 9

O CAMINHO PARA AGARTHA

"É interessante e animador saber que há seres na superfície da Terra que têm idéia da possibilidade de que Seres Divinos possam existir e existam no interior da Terra. Supomos que nossas lutas sejam muito menores que as vossas, porque aqui não temos temperaturas extremas, nem estações de calor ou de frio. Temos, sim, a Perpétua Luz Branca, que é suave e tranqüilo. Nosso clima é muito aprazível, equivalente aos das zonas temperadas na Terra (...) Temos o que pode ser chamado Sol Eterno de Pressão Constante. Isto produz uma atmosfera de pressão sempre igual e harmoniosa para todos os que nela vivem" (Eu Sou a Presença Mágica – Ensinamentos do Mestre Saint Germain, Ponte para a Liberdade, 1988)

Os Els chegaram a Agartha quando tinham pouco mais de um mês de nascidos, e o fizeram por esforço próprio. Embora desde o início os Mestres tivessem falado sobre a existência do mundo intraterreno, recusaram-se a mostrar o caminho de Agartha; afinal, experiência é uma coisa pessoal e intransferível: cada indivíduo tem que ter a sua, e ninguém pode viver e vida de outro. "Descubram vocês mesmos", disseram os guias... mas acrescentaram o seguinte: além das duas grandes aberturas polares, há outras dez espalhadas pela crosta terrestre, duas das quais localizadas nas terras polares, ocupados pelos Els.

Aí os homens perguntaram:

- É fácil localizar essas entradas?

Aí os deuses responderam:

-Sempre que quiserem descobrir, aprender ou realizar algo, repitam as seguintes frases: "Nada é grande demais nem difícil demais para mim. Nada me é impossível".E outra coisa que vocês devem lembrar sempre: onde está a consciência, lá, neste exato momento, vocês também estão. Não há tempo nem espaço que aprisionem a sua Presença... Em outras palavras: é facílimo localizar as entradas para Agartha...

Aí os homens pensaram: são doze entradas naturais para o interior do planeta. Doze: o número das horas do dia, das horas da noite, dos meses do ano, dos signos do zodíaco... E começaram a procurar. E, obviamente, logo encontraram. (“Bater e abrir-se-vos-à”, haverá de garantir um Cristo, de nome Jesus, milhões de anos). Contudo, essa descoberta – pelo menos aparentemente – se deu por acaso.

A primeira entrada que localizaram era uma gruta, imensa, localizada na superfície terrestre – no continente Laurásia, justamente onde estava concentrada a grande maioria dos Els.

Logo à entrada, descortinava-se um grande salão de aproximadamente 3000 metros de comprimento. Teto alto, de mais ou menos 70 metros de altura, com várias clarabóias, por onde a luz do sol penetrava e propiciava o crescimento de uma vegetação bem heterogênea: flores as mais exóticas coabitavam com plantas totalmente albinas, fazendo arranjos inusitados. Ninhos de “Pérolas” se aglomeravam no interior da gruta; com o passar dos séculos, elas serviriam de matéria-prima para a formação dos corais do tipo “couve-flor”.

O chão era todo molhado. As depressões do solo formavam poços cheios d’água. À direita, havia um sumidouro. “Para onde vai a água?” – essa pergunta, que esse primeiro grupo de Els se fizeram, foi que os levou primeiro a Duat (a região intraterrena intermediária) e, depois, a Agartha. Foram seguindo a água que se escoava pela valeta e, assim, se embrenhando no interior da gruta. Era uma verdadeira galeria, com muitos outros salões naturais e grandes rampas (às vezes com quilômetros de extensão) que levavam ás entranhas da terra. O silêncio se aprofundava á medida que desciam, a escuridão crescia – entretanto, isso não representava nenhum problema para os Els, pois, com o Olho Onividente, eram capazes de enxergar perfeitamente mesmo através das trevas mais densas. Confiantemente eles foram descendo cada vez mais.

De repente, o conhecimento se fez: aquela era uma das entradas para Agartha. Aquela cadeia de túneis subterrâneos era o vestíbulo do mundo intreterreno. A partir desse instante, os Els deixaram de seguir o sumidouro, passando a guiar-se apenas pela intuição – e esta, por se a voz do Deus Interno, não falha nunca.

De 50 a 80 quilômetros abaixo da superfície, o calor aumentou sensivelmente. É que, nessa profundidade, há diversos bolsões intraterrestres que contêm fontes termais quentes; além disso, a relativa proximidade da superfície, onde se encontram as rochas com um teor considerável de rádio, contribui par ao aumento da temperatura. E quanto ao oxigênio, este foi se tornando muito escasso. Porém, nada disso era problema para os Els que, por terem corpos tão efêmeros, não eram muito suscetíveis às oscilações térmicas e á escassez de oxigênio.

Nem todas as entradas para o mundo subterrâneo são assim: silêncio abismal, escurecido, calor intenso, falta de oxigênio. Ora, para os homens atuais, essas condições seriam bem penosas ou, até mesmo, proibitivas. Mas até mesmo para esses homens de agora, uma viagem como essa

oferece grandes atrações: além do próprio prazer da aventura e da felicidade que é estar a caminho de Agartha, existe, para atenuar as agruras da jornada, uma salutar água férrea que brota, qual cascata, de muitas fendas da rocha; mata a sede e é ótima para o organismo. Essa preciosa água infiltrada na crosta terrestre está ali armazenada desde os primeiros dias da criação do planeta: naquele tempo (e o tempo dos Els, inclusive), a crosta terrestre ainda era muito elástica, muito porosa, feito um queijo cheio de buracos; por isso, a água dos mares e dos rios nela se infiltrava muito facilmente – e lá está até hoje.

Os Els continuavam descendo ao centro da Terra.

Subitamente, nessa região intermediária hoje chamada Duat, foram aparecendo diante e ao redor dos Els alguns de seus habitantes: formas elementais produzidas pelo elemento terra no seu incessante movimento e respiração criadores. São criaturas feitas de cristais, limo, raízes e até mesmo folhas, e só lembram os humanos no medida em que também possuem (embora não muito definidos) cabeça, tronco e membros. Eles só lembram, mas não são humanos na verdadeira acepção da palavra: não têm alma, não podem proferir as palavras EU SOU, pois suas consciências não chegam a tanto. Ao contrário, suas consciências brutas os enquadram mais dentro do reino mineral porque é com as rochas, com as pedras e, ás vezes, até mesmo com o próprio magma que eles trabalham e se confundem. Vivem na quase total escuridão existente nas entranhas da terra e, à semelhança dos primeiros humanos, não dependem de oxigênio para viver. Muito pouco a literatura esotérica se ocupa desses seres que não são humanos; apenas os menciona rapidamente, chamando-os de “badaghas, os seres da penumbra”.

Os “seres da penumbra” não enxergaram os intrusos que estavam ali, em seu ambiente, porque são praticamente cegos. No entanto, de alguma forma perceberam que algo inusitado estava acontecendo; alguns deles puseram-se imóveis, em estado de alerta, à escuta, talvez procurando detectar qual era o elemento estranho que havia agora em seu ambiente. Em resposta, os Els também se colocaram imóveis. Vários minutos de espera e, aí, tudo foi voltando ao normal. Os badaghas retomaram o seu movimento e, em silêncio, os Els prosseguiram a jornada em direção ao meio do mundo.

Até que, de repente...

Agartha, o sonho materializado! Agartha, o Amor à primeira vista! O sol, Surya, que, em virtude do brilho suave, pode até parecer aos olhos de alguns humanos um tanto “esfumaçando”! Apesar disso, a claridade do mundo intraterreno é extraordinário. E mais: terras paradisíacas, clima cálido e tudo o mais!

- Nossa casa... – reconheceram os Els. – É esta, é aqui: Agartha!

A escolha estava feita: ficaram.

No dia seguinte, um novo grupo de homens, utilizando uma outra passagem, chegaram ao mundo intraterreno. O mesmo deslumbramento, o mesmo bem-estar, o mesmo Amor por Surya. Ficaram também... Dois dias depois, pela manhã, chegou uma nova leva de homens... e á tarde, outras duas. À noite, um quarto grupo veio, viu e ficou. Para resumir: no sétimo dia, todos os Els já haviam optado por residir em Agartha.

A bela Amarilis tornou-se novamente visível na tribuna. Ela anunciou:

- Tenho a honra de comunicar ao distinto público que, neste Eterno Agora, está começando a primeira Idade de Ouro do planeta Terra...

Capítulo 10

CARRUAGENS DE FOGO

"Como a energia contida no ouro tem um grau vibratório extremamente alto, ele só pode atuar sobre as mais finas e sutis expressões de vida através de absorção. Em todas as Idades do Ouro, esse metal entra em uso pelo povo, em profusão e generalizado, e sempre que isso sucede, o desenvolvimento espiritual de tal povo alcança um nível muito alto. Nessas Idades, nunca o ouro é armazenado às escondidas; ao contrário, é largamente distribuído para o uso das massas que, absorvendo sua energia purificante, são elevadas a uma perfeição maior. Tal é o correto emprego do ouro, e quando esta Lei é conscientemente compreendida e obedecida, o indivíduo pode atrair a si qualquer quantidade que deseje, pelo uso esta Lei." (Mestre Saint Germain, no livro Mistérios Desvelados – Ensinamentos do Mestre Saint Germain)

- Nos primeiros dias de vida em Agartha – recordou a Virgem – os Els eram como os animais, ou talvez como os "bons selvagens": viviam nus, livres, sem casa e sem pouso, perfeitamente integrados com a Natureza, comendo e bebendo do que a Mãe, farta, lhes propiciava, dormindo ao relento, cada qual encaixado na sua Chama Gêmea, tal como eram antes de nascer e se dividir. Na verdade, os casais continuavam com a faculdade de se interpenetrarem; um podia entrar por dentro do corpo do outro, a tal ponto que os órgãos internos se encaixavam e interagiam. Perfeita simbiose no momento da união. Por isso, pode-se dizer que os Els continuavam sendo hermafroditas...

Aos poucos, sob a supervisão dos Mestres-Guias, foram construindo uma civilização, com tudo o que esta palavra realmente significa: vestuário, habitação, cidades, templos, transportes,

escolas, laboratórios, centros de pesquisa, uma organização político-social e um governo. Nunca existiu comércio em Agartha.

Foi, de fato, uma Civilização de Ouro. E não por acaso o metal ouro estava em tudo: servia como adorno pessoal, como decoração, como material de construção. No vestuário, nas residências, nos centros comunitários, nas escolas, nos templos *("Os indivíduos mais adiantados desses povos produziam muito ouro por precipitação direta do Universal. As cúpulas de muitos edifícios eram cobertas com lâminas de ouro puro e os interiores decorados com jóias brilhantes, de desenhos curiosos e maravilhosos. Essas jóias eram também precipitadas diretamente da única Substância Eterna." (Mestre Saint Germain, em Mistérios Desvelados – ensinamentos do Mestre Saint Germain))*... Por motivos, os Els brilhavam...

No centro da Terra, a primeira Raça humana formava como que uma laboriosa colméia, onde todos os seus membros, desenvolvendo perfeitamente suas naturais aptidões e talentos, trabalhavam com muito prazer para o bem comum. A religião – eixo desta Civilização de Ouro – era exatamente a nossa: nascida do conhecimento e experimentação direta das coisas do Espírito e da matéria: isenta de medos, culpas, superstições e dogmas. Essa religião Universal significa também Arte, Ciência, Civilização, Ordem e Progresso...

Não havia castas no sentido de discriminação ou valorização social, pois a sociedade é uma imensa engrenagem e todas as peças têm o mesmo valor... Assim, eram iguais os sacerdotes, os artistas, cientistas, astrônomos, engenheiros, biólogos, governantes – estes, escolhidos pela comunidade de acordo com o seu poder de liderança e organização, reportavam-se sempre aos Mestres na condução dos assuntos de Estado.

Agora vamos repassar alguns aspectos da civilização dos Els, começando pela prodigiosa Ciência do Verbo.

Sobre a prodigiosa Ciência:

-Prodigiosa mesmo. Realmente milagrosa, Pois não foi através do Verbo que Deus criou todos os universos, visíveis e invisíveis, e criou todas as eternidades? Ele-Ela verbalizou: "Faça-se a Luz!" E a Luz apareceu instantaneamente.

A Ciência do Verbo tem dois princípios. O primeiro é: 'O som é a base de toda forma' – aliás, não é á toa que os Elohim cantam durante o seu trabalho... E o segundo é: 'O Poder da Palavra nasce do Silêncio do Coração.'

Tomemos o primeiro Princípio: 'O som é a base de toda forma.' Ora, cada ser (seja ele mineral, vegetal, animal, humano ou até planetário) tem o seu próprio som – único, original, diferente de todos os demais; é o seu verdadeiro nome. Uma rosa branca, por exemplo, emite um som ligeiramente diferente do de uma rosa vermelha, e ainda mais diferente do de um lótus, um cristal, um bicho ou um homem.

Até os sentimentos têm som: a canção do Amor, por exemplo, é bem diferente da do Entusiasmo, Esperança ou Fé. As águas dos rios e as águas dos mares têm canções distintas. O sol, o próprio sol!... quando aparece de manhã, cedinho, 'canta' de uma forma: ao se deitar no oeste, ao final do dia. 'canta' de outra. E quanto à lua? Ah, também, também: indiscutivelmente a música da lua cheia é bem diferente da lua minguante...

Pois muito bem: os Els, desde o início, prestaram muita atenção aos sons – não só os da Natureza (o mar, o vento agitando uma folhagem, um fruto caindo) mas também aos que eles próprios emitiam e ouviam de seus companheiros. Repetiram inúmeras vezes os Nomes de Deus, comparando-os com o seu próprio nome individual. Verbalizaram-Nos em várias notas musicais diferentes, em ritmos diferentes, com sentimentos diferentes. Ás vezes com doçura; outras vezes com uma forte vibração de entusiasmo; em outras vezes com devoção. Em voz alta, em voz baixa, em murmúrio, em silêncio... E assim, eles apuraram extraordinariamente a audição... Muito antes de elevar seu corpo, eles se tornaram Mestres da Arte de ouvir...

Tomemos agora o segundo Princípio da Ciência do Verbo: "O Poder da Palavra nasce do Silencio do Coração". A propósito, eu pergunto à distinta platéia: o que é um Coração silencioso? Sim, respondam a si mesmos, em silêncio... porque daqui, desta tribuna, eu ouvirei cada uma das respostas...

A Virgem brindou a platéia com um sorriso deslumbrante:

- Com todo humildade, eu confesso: também sou Mestra na arte de ouvir...

Silêncio.

Silêncio.

Silêncio.

Silêncio.

Então, Amarilis comentou o resultado:

- Como era de se esperar, todos responderam corretamente: Coração Silencioso é um Coração repleto de Amor e, conseqüentemente, em Paz. De qualquer forma, valeu a reflexão sobre esse Grande Silêncio; todos nós ganhamos com isso...

O místico Silêncio do Coração é condição essencial para que a Voz da própria Alma do indivíduo e a Voz da Alma do Mundo se façam ouvir. Quando a Alma individual encontra-se num ambiente amoroso e pacífico, tem possibilidade de falar; sua Voz, carregada de Poder, é a voz de Comando da Divindade e, por isso, é irresistível. Quando é a alma do Mundo que se comunica com um indivíduo, sua Voz tem a capacidade de rasgar véus – assim, as portas de mundos ocultos e radiantes abrem-se para o eleito.

Por força e graça do Verbo Sagrado, apareceram diante do Els esses maravilhosos seres que trabalham cantando e materializando coisas: os Elohim. Até então, os Elohim tinham-se

mantido invisíveis aos homens porque assim o queriam e assim tem que ser: os homens é que devem descobrir, por si mesmos, o caminho que leva às Hostes Criadoras: estabelecer com elas um vínculo de Amor e, com elas, aprender o incrível poder e a utilidade mágica do Som.

Ora, o Verbo está intrinsecamente ligado á dança atômica, á organização da matéria. Estabelecendo o vínculo de Amor com os Elohim, estes mostraram aos primeiros terrestres um pouco do seu trabalho: com constroem um átomo; como os átomos e as moléculas se unem para formar belos desenhos geométricos. 'Deus geometriza' – demonstraram os Construtores.

Logo na primeira lição, os Elohim exibiram um átomo de hidrogênio, o mais simples dos elementos conhecidos, dizendo aos Els: 'para vocês terem uma idéia das dimensões do microcosmos e também do trabalho que executamos, este átomo, que é o mais simples, é composto simplesmente de vinte e uma partículas (A falha ciência humana atual sustenta que o átomo de hidrogênio é composto, apenas, de um próton, um elétron e um nêutron.). Com o auxílio do Olho Onividente, os Els viram e contaram as partículas; exatamente vinte e uma, que brilham tanto quanto Surya, o Sol Central da Terra...

E disseram os Elohim: 'Vejam as belas esculturas que fizemos no interior desse átomo. Vocês saberiam reconhecê-las?' 'São pirâmides, e no interior de cada uma delas, está o Olho de Deus Que Tudo Vê.' Os Elohim, então, pediram aos Els que comparassem essa visão com a do interior de uma molécula de sangue. Os Els assim o fizeram e tiveram a oportunidade de ver mais pirâmides movimentando-se, aparentemente sem gravidade, dentro daquele pequeno mundo.

A pirâmide – ensinaram os Elohim – é a forma perfeita que está na base de toda a Criação. É a base angular de todo o conhecimento. Em cada estágio de desenvolvimento, ela apresenta um mistério a ser decifrado. Quando a pessoa consegue isso, passa para o estágio seguinte... É um portal para as estrelas, pois assim como é em baixo, é em cima também...

Os Els acompanharam a direção do olhar dos Elohim e o que viram foi, primeiramente, as doze grandes pirâmides de luz incrustadas no seio do planeta Terra, ligadas entre si por fios de luz, formando uma bela rede geométrica, e depois, lá em cima, a cintilante Constelação de Órion.

Cada uma dessas pirâmides – ensinaram os Elohim – está propositadamente orientada de acordo com a posição de determinadas estrelas, e todas elas estão ligadas entre si formando os fios de uma rede magnética – é a malha do mundo. Essa rede existe para que o homem, muito mais facilmente, consiga anular a gravidade e transportar-se a outras dimensões. Onde os fios se cruzam, mais vórtices de energia são gerados... Vocês, homens, hão de convir que se trata de um belo trabalho artesanal; olhando-o são agora capazes de entender uma expressão que ouvirão com muita freqüência por esse universo afora: 'o Tapete da Criação'... Quanto a Órion, há uma Hierarquia conhecida como 'Os Nove Anciãos', que trabalha justamente com a conexão de todas as pirâmides do universo, tanto no macro como no microcosmos. Através da atividade

dessa Hierarquia, muitas almas são resgatadas da materialidade e elevadas a mundo feitos só de luz. Aliás, em alguns mundos, Órion é sinônimo de Resgate...

E disseram, ainda mais, os Elohim: ‘Toda matéria é composta de energia, e toda energia é moldada pela consciência... A palavra articulada (que é o Verbo, e Ester é sempre criador) dá forma e expressão ao pensamento. No momento em que o Verbo reveste o pensamento, já começa o processo de materialização. Não por acaso, Deus verbalizou: ‘Faça-se a luz!’; e imediatamente a Luz já estava criada... Um conselho de Irmãos mais velhos: cantem! Cantem muito, queridos Els da Terra! Cantem sempre! Estão alegres: Então cantem! Querem celebrar a Vida? Cantem! Querem aprender ou conquistar alguma coisa? Cantem! Inventem uma música, com letra e tudo, e através dela, comuniquem ao universo o que desejam. É impressionante: as respostas chegam de todos os lados... Nós, os Elohim, cantamos sempre em alto e bom som. Faz muito bem ao Espírito.

Descortinavam-se para os Els os mundos maravilhosos da Magia e da Alquimia Divinas.

Ao longo de sua estada na Terra, e sempre se aprimorando na prodigiosa Ciência do Verbo, os Els chegaram ao ponto de se comunicar diretamente com os Grandes Senhores dos Quatro Planos dos Universos das formas: os Arcanjos Yama, Regente da Terra e do Plano Físico; Varuna, o Regente da água e do Plano Astral; Indra, o Regente do Ae e do Plano Búdico ou Mental Abstrato; e Agni, o Regente do Fogo e do Plano Mental.

Através da Magia Divina e do contato direto com Seres gloriosos – que também lhes serviram de Instrutores – os Els descobriram uma nova fonte de energia. Trata-se de um subproduto da Grande Fonte Universal, o Mais Alto Princípio da Vida. Não tem mistério: é exatamente essa que é utilizada atualmente em quase todos os mundo filiados À CMG... De natureza etérica, essa energia não se desgasta; ao contrário, trabalha incessantemente e se recicla automaticamente.

Eles a chamaram de vril e, dominando-a à perfeição, aplicaram-na em todos os setores de sua vida prática: com ela teceram as Roupas Inconsúteis, com que passaram a cobrir sua nudez e com as quais, depois, se protegeriam da radioatividade que com que se defrontaram em suas longas viagens.

Construíram casas e cidades, com fontes de Vril nas praças, e, através da manipulação do vril, desenvolveram a telepatia...

Mas antes de prosseguir na apresentação das maravilhosas conquistas desta civilização, quero mostrar os Els sete mil após a chegada a Agartha.

Imagens holográficas de vários Els, então, se espalharam pelos espaços vazios do salão da CMG.

Comparando as presentes imagens com as do tempo de recém nascidos, percebia-se que a tez dos Els estava mais bronzeada (naturalmente em virtude da longa exposição ao sol perene do meio do mundo), os olhos ligeiramente mais oblíquos e as maçãs do rosto mais salientes (porque, devido á claridade intensa que existe nas regiões interiores, os Els instintivamente estreitavam um pouco mais os olhos, fazendo também subir os músculos faciais). Outros detalhes também chamavam a atenção: tórax e ombros também mais desenvolvidos (Amarilis explicou: foi por causa do esforço físico despendido nas primeiras construções de cidades e embarcações). Sua expressão perdera a ingenuidade do princípio e, agora, revelava conhecimento, determinação e paz.

- Paz – confirmou Amarilis. – Aos sete mil anos após o nascimento, estes primeiros homens continuam vivendo em harmonia consigo mesmos, com a comunidade, com a natureza, com o ser Terra, com o universo. Por isso, não conhecem nem a doença nem o envelhecimento e tampouco a morte; são extremamente saudáveis. Com seus corpos tão etéricos, que dispensam alimentos sólidos, alimentam-se frugalmente , apenas de frutas e da água vitaminada de Agartha – aliás, é justamente por isso que os Els jamais se dedicaram à agricultura... Agora, aqui, eles apresentam vestidos; entretanto a nudez nunca foi tabu para os Els, que nunca deixavam de tomar banho nas belas praias interiores do planeta inteiramente despidos.

Os espectadores olharam para a fisionomia dos Els e o que viram foi o perfil de uma raça notável. “Admiráveis esses terrestres” – foi a conclusão da maioria.

- Primeiramente, os Els exploraram todo o planeta, desde o interior até a superfície – continuou Amaralis. – Conheceram Gondwana, o supercontinente do sul, e tudo o que se referia às leis da matéria na Terra. Um exemplo: a localização do centro de gravidade planetário. Este, como se sabe, não se situa no centro geométrico da Terra e, sim, no meio da crosta terrestre, o que faz com que, num mundo oco com aberturas polares, os mares intraterrenos se fixem nos seus leitos da mesma forma com que os mares da superfície o fazem.

Aprenderam tudo a respeito dos solstícios e dos equinócios, dos Pitris lunares, do movimento dos astros, das constelações visíveis e invisíveis. Construíram o primeiro observatório astronômico da Terra e, utilizando-o, investigaram, com especial atenção, as Plêiades, Órion (cujo nome significa ‘exploração de luz’). Sirius e a estrela chamada Ponteiro, da constelação da Ursa Maior.

Depois quiseram conhecer o céu pessoalmente. Para isso, construíram aeronaves, a que chamaram de Mérkabalis, palavra que tanto significa ‘veículo de luz’ quanto ‘carruagens de fogo’. Aprimoramos, esses veículos acabaram virando sofisticadas naves espaciais, a bordo das quais os Els, passando pelos portões estelares (que até então continuavam hermeticamente fechados à Loja Negra), empreenderam viagens maravilhosas pela galáxia e fora dela.

Merkabalis: carruagens de fogo. O nome é mesmo perfeito: esses veículos podiam controlar, perfeitamente, todos os fenômenos derivados da lei da gravidade, neutralizando qualquer força de atração de qualquer corpo celeste. Por isso, podiam decolar na vertical, parar no ar a qualquer altura por tempo indeterminado e realizar manobras que os aviadores de muitos mundos tachariam de impossíveis.

Pesquisaram e acabaram conseguindo dominar as ondas magnéticas – conhecimento esse de vital importância para a sua aeronavegação... E, durante as longas viagens, ainda achavam tempo para meditar a respeito da antimatéria, assunto que haveria de se tornar um poderoso instrumento no seu processo de total identificação amizades...

- Amor com Amor se paga – comentou a Virgem. – A convite dos Els, esses extraterrestres que estão aparecendo nesse filme visitaram a Terra posteriormente: o intercâmbio que daí se estabeleceu beneficiou enormemente a ambas as partes. Nessa época tão recuada, vieram à Terra, por exemplo, os Irmãos de Mercúrio, Marte, Júpiter e Urano: os naturais de um planeta chamado Fênix, situado nas fronteiras da Via Láctea: e alguns grupos provenientes da Constelação de Lira.

Mas com todo esse vai-e-vem, os portões estelares da Terra até aí permaneciam hermeticamente fechados ao chamado ‘mal cósmico’ e seus administradores: os magos das trevas.

Capítulo 11

A FÓRMULA DO TEMPO E DO ESPAÇO

No decorrer da Era Primária e no início da Secundária – que foi o tempo em que os Els habitaram a Terra ou, pelo menos, a mantiveram como base de suas operações – e até mesmo depois que saíram, muitas modificações ocorreram no relevo do interior e da superfície planetária.

Por um lado, havia o permanente e imperceptível deslizamento das placas tectônicas e, por outro lado, em diversos pontos do planeta, incipientes cordilheiras submarinas tentavam se erguer à superfície das águas. Foram aparecendo rupturas na rocha fervente, liquida, que, ao entrar em contato com a massa dos oceanos, explodiu, arremessando vapor em todas as direções. Esse vapor, muitas vezes, conseguia subir vários quilômetros acima da superfície das águas e ficava suspenso no ar, qual nuvem densa. E aí, mais lava incandescente, eventualmente trazendo em seu bojo matéria orgânica, era arremessada com furor. Com a acumulação que se processava com o tempo, ia-se solidificando, e abaixando pouco a pouco, até formar um novo solo.

Vento, água, sol, lua: tudo concorria para as mutações. Em certos pontos, verificava-se que a terra firma não era tão firme assim: mais parecia um tecido esgarçado, puído, que espontânea e suavemente se rasgava. E ai, ao invés de um bloco de terra até então firme na aparência, passavam a existir dois, três, quatro, cinco...

O eixo da Terra estava sendo levemente ajustado; tornava-se ainda mais paralelo com o do sol...

O próprio universo estava se modificando – aliás, isso acontece permanentemente, pois a Vida é movimento, jamais inércia. O universo estava crescendo através de pequenos Big Bangs. Novas estrelas emergiam do Oceano da Não-Existência; algumas se apagavam e outras passavam a brilhar ainda mais fortemente, de acordo com o Plano para elas traçado. Galáxias se expandiam, planetas se alinhavam obedecendo a uma nova ordem mais aprimorada, pois a Vida é evolução. Em vários mundos, os mares se abriam, territórios afundavam e outros se levantavam, as montanhas cresciam feito flor.

A vida é renovação.

Vento, água, sol, lua, o próprio universo: o relevo da Terra passava por transformações radicais...

A vida dos Els seguiu à risca o Plano de Evolução Racial traçado pelos Manus. A grosso modo, os itens desse Plano são os seguintes: VONTADE. INTELIGÊNCIA. AMOR. ARTE. SAÚDE. SEVIÇO. PAZ.

VONTADE de alinhar-se com a Vontade do Cristo Interno e a do Cristo Macrocósmico (que na verdade são uma só). O poder que essa Vontade traz, a Vitória que essa Vontade exprime. Os Els manejaram a Vontade ora como uma Espada, ora como um Escudo, ora como uma Taça. Resultado: transformaram-se na própria Mente Criadora, no estupendo Poder que essa Mente É. INTELIGÊNCIA: brilhante como uma aurora boreal. Acima de todas as conquistas tecnológicas e da perfeição das cidades que construíram no mundo intraterreno, a maior demonstração dessa inteligência esplêndida foi o reconhecimento visceral e constante de que ‘EU SOU o Cristo, EU SOU a Luz’. AMOR: a grande Chave de Luz, que abre as áureas portas do Reservatório Universal. ARTE. A arte da Alquimia: transmutação e gradativa ressurreição da matéria para a glória Cristina. SAÚDE: perfeita, como a têm sempre os que nascem do Espírito e no Espírito permanecem. Os Els jamais foram reduzidos a pó. SERVIÇO: viajando bastante por esses universos de Adonai Tsebaioth, o Senhor das Hostes Criadoras, os Els repartiram com outros Irmãos menos evoluídos a Luz e o saber que já haviam conquistado. Assim, pode-se dizer que eles serviram à Vida em nome do Amor. Paz: sim, os Els concluíram com êxito o seu aprendizado no laboratório Terra. Libertaram-se das cadeias do Tempo e do Espaço e tornaram-se virtuoses

nas ciências do Verbo (o Som Criador) e do Átomo (leia-se organização da matéria). Por isso, viraram Senhores da Luz. Logicamente, esta é a Paz verdadeira.

No iniciozinho da Era Secundária (que vai de 225 a 65 milhões de anos atrás), os Els, sob a assistência dos guias de sua Raça, decidiram seguir caminho rumo a um novo albergue. Não precisavam de mais nada do que haviam construído na Terra, nem mesmo dos Mérkabalis, já que os seus corpos imortalizados eram as próprias carruagens de fogo. Ora, de acordo com a Lei de Suprimento e Utilidade Universal, o que não é mais necessário deve ser descartado para que outro possa usar, não pode haver armazenagem inútil nem desperdício.No caso de um Mestre, quando alguma coisa se tornou desnecessária, ele deve simplesmente desmaterializá-la, liberando os átomos que constituem tal forma e devolvendo-os, como energia, ao Grande reservatório Universal da Vida.

Foi isso, então o que fizeram os ELs: desmaterializaram tudo, inclusive os Mérkabalis, devolvendo tudo á Grande Fonte, com muita gratidão. Depois, foi a vez deles mesmos se desmaterializaram também, seguindo com os seus guias em direção ao próximo albergue. Com exceção de um, todos os Els se retiraram assim do Planeta.

Amarilis se calou. Um novo registro akásico, tridimensional, transformou então a grande câmara da Assembléia da CMG numa praia da Terra agora novamente deserta. O teto do salão desaparecera: o sol brilhava e uma brisa suave chegava a agitar os cabelos do público presente. Sim, com a exibição desse novo registro Akásico, a Assembléia passou a acontecer nessa praia intraterrena e nesse tempo passado que, afinal, são o Eterno Aqui e Agora.

O gigantesco El mencionado pela Deus da Primavera estava passeando calmamente pela orla da praia deserta, olhando pela última vez as ondas do mar, que se desfaziam em espuma na areia macia. Medindo seus quatro metros de altura, tinha a pele bronzeada e cabelos tão louros. Que mais pareciam algodão. Vestia uma espécie de macacão especial, maleável e justo no corpo, com um largo cinto; na realidade, era uma Roupa Inconsútil, cujo tecido, precipitado diretamente do Reservatório Universal (certamente através da manipulação da energia de nome vril) brilhava com intensa radiação. Os pés, que mal tocavam o chão, estavam metidos numas botas de cano longo, que igualmente jamais foram produzidas por qualquer processo físico de fabricação.

Não mais que de repente, o gigante parou. Virou-se para o mar, consciente de que, naquela liquidez toda, naquela transparência, no próprio poder do oceano, na superfície e nas profundezas, ele e seu povo haviam aprendido muito, muito, muito... Então, mentalmente falou com o mar:

- Obrigado por tudo. – Embora tivesse usado de telepatia, suas palavras, perfeitamente audíveis, ressoaram pelo amplo salão:

O novo Mestre visitou ainda muitos outros lugares e abençoou cada um deles, envolvendo-o num profundo sentimento de gratidão. Despediu-se in loco de cada montanha, rio e floresta do interior e da superfície da Terra. Reverenciou Surya, o sol central do planeta, e Hélios, e do sol do sistema solar. Acariciou a terra fecunda. Contemplou longamente e céu, saudando todas as Consciências Sublimes que dirigem as galáxias que da Terra eram visíveis. Estendeu o seu Amor aos mundos invisíveis.

Finalmente, depois de ter agradecido e abençoado a todas as coisas do céu e da terra, o gigante se sentou no chão e, com as mãos nuas, começou a cavar um buraco. Toda a terra tirada, ele a juntava para formar um pequeno monte. Minutos se passando, e o gigante, pacientemente, entretido no seu trabalho... mais parecia uma criança atual da Terra brincando de fazer castelo de areia... O buraco ia crescendo e o monte de areia também...

Até que, quando o tal monte atingiu uns 70 ou 80 centímetros de altura, o gigante pareceu dar-se por satisfeito. Voltou sua atenção para o monte de terra; aproximou-se dele. Ajoelhando no solo, apalpou-o desde a base até o topo. Á medida que ia tocando a terra, uma certa energia foi saindo de suas mãos e, em resultado, a terra foi tomando uma consciência de altura por uns 30 de largura. O El, então, com a mesma luz a jorrar-lhe dos dedos, nela escreveu uns símbolos. Terminada a tarefa, levantou-se e posicionou-se de tal forma que seu corpo encobriu totalmente a pedra. E aí falou a uma multidão invisível.

Ainda desta vez, usou de telepatia, sem sequer mover os lábios; suas palavras, porém, propositadamente, proferidas para serem gravadas no akasha do planeta Terra, foram também ouvidas, com toda nitidez, na Assembléia da CMG:

- Salve, futuros habitantes desde planeta! Salve, irmãos que, como nós, haverão de freqüentar esta escola-laboratório chamada Terra!

Somos os Els, a primeira humanidade da Terra – ou melhor, fomos, na medida em que, exatamente neste momento, estamos deixando o planeta. Missão cumprida: dominamos a matéria, transformando-a numa serpente submissa e obediente, que agora se arrasta aos nossos pés. Tornamo-nos mestres – pelo menos Mestres deste mundo e de outros similares. No entanto, existem muitos outros mundos bem mais complexos e sutis do que este, com outras leis, com novos desafios e oportunidades de crescimento e expansão; e mesmo além deste universo visível, há os universos paralelos... Como se vê, as possibilidades são inúmeras e, quanto a nós, já escolhemos o nosso próximo endereço... Por isso estamos indo: para continuar a nossa evolução. Para nós, agora, esta escola chamada Terra está definitivamente superada: uma outra nos aguarda.

Mas este planeta é mesmo lindo... Lindo e acolhedor...

Durante o tempo em que aqui residimos, viajamos bastante. Conhecemos pessoas de muitos mundos diferentes, desta e de outras galáxias... E essas viagens foram sempre maravilhosas, pois, para nós, significaram oportunidades incríveis de observar outros usos e costumes, trocar informações, comparar tecnologias. Enfim, aprendemos muito... Estou certo de que foi principalmente por causa desses intercâmbios permanentes que a nossa civilização atingiu tal esplendor.

É lógico: a lei do Universo é Cooperação, Serviço e Amor. É vital que haja troca: o armazenamento e o monopólio são contrários ao movimento da Vida. Cooperação – que esta seja a palavra-chave da sociedade de vocês, como foi da nossa! Que nunca haja espaço para competição porque isto é um primeiro isto é um primeiro sinal de morte. Nós, os Els – que, bem sei, um dia seremos conhecidos também como a Raça dos Ciclopes – nunca experimentamos a morte...

O gigante calou-se. Por alguns instantes, contemplou a ampla planície onde se encontrava.

- Atualmente, este planeta é assim, todo plano: não existem colinas nem montanhas. Entretanto, um Ser grandiosíssimo, conhecido veladamente como o “Senhor da Memória Cósmica”, me confidenciou que aqui, neste lugar, se erguerá uma importante cadeia de montanhas, onde a energia da iluminação atuará de maneira muito especial... Ah, ele sabe das coisas...

É, sabe mesmo de todas as coisas – passadas e futuras, pois sua função na Hierarquia Divina é arquivar na memória todos os acontecimentos do passado e também tudo o que está programado para acontecer. Quer dizer: ele tem consciência de absolutamente todas as transformações que irão ocorrer em cada época e recanto do universo... De fato, é um Arcanjo cuja Glória é indescritível... e neste sistema solar, este glorioso Ser elegeu o planeta Saturno como centro de suas operações...

Bem, o local indicado pelo Senhor da Memória Cósmica é exatamente este!

E é aqui neste local, que no futuro será tão propício à iluminação, que eu, em cumprimento à Lei de Cooperação Universal, estou deixando o meu presente para vocês... Vejam!

O gigante deu um passo para o lado; a pedra ficou à mostra.

- A Fórmula do Tempo e do Espaço inscrita em caracteres da língua universal nesta pedra deste planeta!... Desde já, quero esclarecer que esta fórmula não é uma mera conceituação do Tempo e do Espaço: absolutamente não. Muito ao contrário: esta fórmula é a solução do problema. Aquele que a compreender automaticamente será senhor do Tempo e do Espaço e poderá fazer coisas tão banais como estar em vários lugares simultaneamente e viajar pelas dobras do Tempo.

Na terceira dimensão (onde vocês vivem atualmente), há uma linha de Tempo e Espaço bem linear. Essa linha é muito tênue e ilusória. Realmente, os senhores do Tempo e Espaço são uma ilusão como qualquer outra e precisa ser dissolvida: eles não passam de blefe. Estão por aí, sempre rondando com ares de senhores da Casa, mas apenas para estimular vocês a darem o grande salto quântico da Liberdade. Na verdade, eles querem mesmo é ser derrotados.

É fácil derrotá-los. É só uma questão de treinamento da consciência e da criatividade. Admitam apenas o Eterno Aqui e Agora – literalmente dêem asas à imaginação. Criem situações novas em sua mente, ousando cada vez mais. Vejam-se a si mesmos agindo simultaneamente em diferentes dobras do Tempo e do Espaço. Modifiquem a sua ótica e postura diante desses dois senhores, e ai, automaticamente, a realidade à sua volta começa a se modificar também: é uma mágica. O poder deles vai enfraquecendo, enfraquecendo, até eles se mostrarem como realmente são: escravos servis. E então vocês vão constatar que a linha tão tênue não existe mais porque foi apagada. Bem, este é um dos métodos para superar Tempo e Espaço... O outro método é este meu presente: a Fórmula!

Parece complicada?... Mas não é. Trata-se de uma equação de 1º grau, com apenas uma incógnita: é simplicíssima... Por falar nisso, pensem no universo. Magnífico, não é? À primeira vista, até parece infinito... É, realmente o universo parece muito complexo mas, na verdade, acreditem em mim!, é de uma simplicidade que beira o absurdo... É por isso que eu digo: a grandeza está sempre de mãos dadas com a simplicidade.

A quem a Fórmula se destina? Eu respondo: ela será de particular interesse para as mentes mais científicas, aquelas que almejam atingir o Eterno através da Ciência, do entendimento concreto. Ela é do conhecimento de todos os que se tornaram Mestres, mas por outro lado, ela não é imprescindível para alguém chegar a Iluminação. Porque – como eu já disse e repito agora – a fórmula é apenas um dos métodos.

Observem-na com atenção. Vocês conhecem – perfeita e atavicamente – cada caracter inscrito nesta pedra, porque todos eles fazer parte da língua universal, e todos os Filhos de Deus já nasceram falando e conhecendo esta linguagem, que está no sangue. Só que, nesta Fórmula, os caracteres estão combinados de maneira aparentemente inusitada... mas a solução é tão simples!

São, portanto, duas estradas que vão dar exatamente no mesmo ponto. Que cada um de vocês, portanto, escolha a sua, seguindo-a com determinação. Quanto a mim, justamente no ponto de convergência dessas duas paralelas, estarei esperando-os para comemorarmos juntos a nossa vitória. Espero-os neste Eterno Aqui e Agora, na Consciência, em Paz.

O gigantesco El colocou a mão direita sobre o coração e repetiu, a título de despedida:

- Paz!

E se desmaterializou.

- Desta forma – explicou Amarilis, tornando-se novamente visível na tribuna – o último EL deixou a Terra. A pedra que ele moldou com o fogo de suas mãos ficou lá, naquele cenário plano (sem colinas e sem montanhas), aguardando o tempo das modificações anunciadas pelo Senhor da Memória Cósmica.

Passaram-se milhões de anos *(A Revolução Orogênica (palavra esse que significa "fenômenos que determinam a formação de montanhas") chamada Laramide, que haveria de elevar as Montanhas Rochosas da América do Norte, a Cordilheira dos Andes da América do Sul, só ocorreu no período Cretácico – portanto, entre 135 a 65 milhões de anos – da Era Mesozóica ou Secundária. Nessa mesma época, teve início a chamada Revolução Orogênica Alpina-Himalaica, que ergueu os Alpes, Pirineus e o Himalaia.)*, ou seja, o tempo de gestação das montanhas terrestres... Que, afinal, se ergueram.

E foi muito estranho o que aconteceu com a pedra do El: como se fosse árvore, a pedra criou raízes – sim, raízes de pedra, tentáculos de pedra! – e se enlaçou fortemente com a rocha que, atualmente, não se percebe nenhuma fissura e nenhuma diferença de coloração ou idade...

Hoje, como resultado de algum fenômeno mágico, a pedra do El encontra-se perfeitamente visível e incrustada no pico de uma das mais importantes montanhas do complexo denominado Montanhas Rochosas – que, juntamente com a Cordilheira dos Andes, compõem a espinha dorsal do Planeta.

E a preciosa Fórmula está lá, brilhando até hoje como farol, por sobre aquela humanidade moribunda.

Um derradeiro chamado para a Vida. Só que ninguém ouve, ninguém mais vê.

Capítulo 12

A REALEZA DA CARNE E DO SANGUE

A Deusa da Primavera continuou seu relato:

- A segunda raça terrestre recebeu o Nome Sagrado de Issim, que tem vários significados: um deles é o de "almas abençoadas e predestinadas", um outro é o de "príncipes e princesas". Outros sinônimos igualmente válidos: "filhos legítimos do Rei" e "encarnação da Divina Realeza". Realeza atávica, predestinada. Divina Realeza impressa na carne e no sangue – esta foi a essência da segunda humanidade da Terra e, conseqüentemente, o espírito da segunda Idade de Ouro do planeta.

Apesar de nome tão belo, essa segunda Raça tornou-se mais conhecida pelo nome de Hiperbórea por ter habitado o continente de mesmo nome localizado no Ártico, superfície terrestre, onde recebeu a necessária influência dos Pitris Lunares. Como os Els, os Issim também podiam ser chamados de hermafroditas, pois, quando queriam, o macho e a fêmea podiam se fundir um no outro, constituindo um único corpo.

Em relação aos Els, os Issim tinham corpos mais sólidos (se bem que infinitamente mais etéreos que os da atual humanidade terrestre), eram mais baixos e mais numerosos.

Assim como os Els, os Issim, nascidos do Espírito, no Espírito permaneceram para sempre, até hoje continuam ouvindo claramente a Voz do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Certamente por causa da própria vibração do nome de sua Raça – Issim, que enfatiza a filiação divina – essa segunda humanidade, em seu contato direto com Deus, chamava-o de Pai-Mãe. Ou seja: vivenciou plenamente, e de uma forma muito pessoal, a Paternidade e a Maternidade Divinas. Os Els, ao contrário, jamais se referiam a Deus como Pai ou Mãe e, sim, como Criador, a Fonte, o Todo, o Tudo, o EU maior.

Assim como os Els, os Issim estudaram astronomia. E, já se separando para o grande passo que dariam na evolução de sua Raça, criaram um calendário baseado no movimento de Sírio *(Os antigos egípcios, inspirados provavelmente pelos registros akásicos, também colocaram Sírio como base de seu calendário, e isso confundiu bastante os historiadores. "Por que Sírio – perguntam-se eles até hoje – se essa estrela, comprovadamente, nunca influiu nas cheias ou inundações do Rio Nilo?"*

Texto do estudioso francês Jacques Vernes: "Sabemos que o ano dos egípcios começava no dia que, para nós, corresponde a 19 de julho. Nesse dia, a estrela Sírio se acha no céu à mesma altura do nascente; e a data corresponde também ao início do aumento do nível das águas do Nilo. Isso não passa de simples coincidência: Sírio não influi de maneira alguma nas inundações periódicas do rio. (...) Quatro anos depois, Sírio levanta-se no segundo dia do ano egípcio; após 8 anos, no terceiro; após 12, no quarto, e assim por diante. Os egípcios corrigiam essas alterações acrescentando dias aos anos, como fazemos com os anos bissextos. Essas correspondências se repetiam a cada 1461 anos, depois dos quais Sírio voltava a levantar-se junto com o sol no dia 19 de julho.").

Os Issim também viajaram por esta e outras galáxias, embora não tanto quanto os Els, que eram nômades por natureza. Aliás, eles passavam muito mais tempo em casa do que fora dela. E foi numa ocasião em que todos os Issim se encontravam em terra que, por detrás dos portões até então hermeticamente fechados à Loja Negra, aconteceu, em certa região do universo, um dos mais célebres confrontos entre os Senhores da Luz e Senhores da Expressão Material – a tal

Revolta dos Anjos. Muitos relatos, até, bem folclóricos, mostram Michael lutando com Lúcifer, Michael vencendo Lúcifer etc. Ora, obviamente não se tratou de uma batalha campal como esses mitos fazem supor. Houve, de fato, um confronto e uma interdição, mas essas coisas acontecem num nível bem sutil de consciência. E os Issim compreenderam isso muito bem. Nessa ocasião, eles ainda não eram ascensionados: quer dizer, não possuíam a consciência que lhes permitisse acompanhar, in loco e de forma global, todos os acontecimentos desse Armagedon. Mas, por outro lado, eram muito avançados tecnologicamente, e usaram uma espécie de televisão para acompanhar, ao vivo, o desenrolar dos acontecimentos... Através da análise do que estava acontecendo naquela área de espaço sideral, os Issim conseguiram distinguir claramente os arcanos do chamado 'mal cósmico' e de que forma eles trabalham na escravização da alma humana; todos aqueles artifícios, sujos e covardes, que constituem o 'poder das trevas'... Aprenderam muito com isso e se rejubilaram muitíssimo com a vitória inevitável da Luz...
Tal como os Els, os Issim jamais envelheceram ou morreram. Afinal, cumpriram sempre a Lei de Evolução Universal, que é amor e Harmonia...
E quando finalmente, essa Lei de Evolução lhes impôs um novo albergue, os Issim se foram, depois de desmaterializarem a sua brilhante Civilização de Ouro. Ao contrário dos Els, que não quiseram revelar seu destino aos homens que os sucederiam, os Issim não fizeram nenhum segredo do seu próximo endereço: eles se mudaram para o sol Sírio, que é um dos grandes Centros da Fraternidade da Luz e que funciona, para os Ascencionados, como um curso de pós-graduação em Poder da Mente e do Verbo Criador. Aos olhos onividentes dos peregrinos que se dirigem a Sírio, aparecem os marcos luminosos que os Issim foram deixando à sua passagem...
"Com a saída dos Issim, terminou a segunda Idade de Ouro do Planeta Terra... e também o meu depoimento nesta Assembléia".

Capítulo 13

OBRA SÓLIDA

Amarilis, o Espírito da Primavera, envolveu a todos em seu olhar amoroso; e aí, com um leve sorriso e sem esboçar nenhum outro gesto, simplesmente se desmaterializou. Na tribuna, apareceu então uma jovem mulher, que cumprimentou a platéia com a costumeira saudação dos membros da Fraternidade Branca, que é o sinal do Coração e da Cabeça: com os dedos da mão direita, ela tocou rapidamente o coração e a fronte e, enquanto inclinava a cabeça numa reverência, suas mãos se cruzavam sobre o coração.

- Sou Pársis, integrante do primeiro Conselho Cármico da Terra. Infelizmente, é nesta condição que venho contar a história da terceira humanidade terrestre.

Pársis, uma Senhora do Carma. Beleza clássica e madura. Sua imagem, que haveria de se imprimir fortemente como arquétipo no inconsciente coletivo da Terra, foi a que inspirou, milhões de anos depois, um talentoso artista na escultura de sua Vênus de Milo...

Estava toda de branco – a túnica, o manto e as sandálias. Completavam o conjunto um largo bracelete de ouro branco e um comprido colar de pérolas. Austeridade, Justiça, Compaixão.

- Quando o indivíduo comete transgressões à Lei do Universo, que é Harmonia e Evolução, ele se afasta dessa Grande Lei, deixando de usufruir de seus benefícios. E aí, automaticamente, passa a ser regido por uma constituição denominada Lei do Carma, ou Lei de Causa e Efeito, ou Lei de Ação e Reação, ou Lei de Compensação, ou Lei do Ciclo (é tudo a mesma coisa, só o nome é que varia).

Note-se que toda transgressão é voluntária e consciente, pois todas as criaturas nascem com o livre-arbítrio, que é tanto o entendimento inato da Lei quanto a faculdade de escolher este ou aquele caminho. A grande maioria dos Filhos de Deus opta pelo Caminho Real. Outros – como, por exemplo, os atuais terrestres – perdem-se em atalhos obscuros.

Quando os homens rompem o seu vínculo luminoso com a Lei, eles se tornam incapazes de manterem contato direto com sua própria Divindade e, por conseguinte, com os guias de sua Raça. E é aí, nesse momento que entram em cena os Senhores do Carma, que são os mediadores entre a personalidade do indivíduo e o Cristo que ele realmente É.

Quem somos nós? Somos Ascensionados que, em nome da Compaixão, em sacrifício, se ofereceram no Altar da Vida para instruir, orientar, avaliar, assistir e, dependendo da necessidade e do mérito de cada alma, perdoar ou punir os rebeldes: na prática, somos juízes, professores e médicos de almas. O nosso objetivo é acabar com o pecado, que nada mais é do que uma ilusória sensação de separatividade, reintegrando tudo na Unidade; o nosso objetivo é trazer os infratores de volta á luz, á Lei e á Ordem, reintegrando-os na Santa Irmandade dos Filhos de Deus. Constituímos o Tribunal do Carma, que é freqüentemente representado por uma balança com os pratos iguais, uma espada e a mão esquerda de Deus. É óbvio que, como Ascensionados, o nosso Amor tem o mesmo peso e medida por todos os seres da Criação: e Amor – é bom lembrar – é Justiça Perfeita... Porém, no desempenho de nossas funções, temos autoridade para conceder, em épocas muito especiais e de acordo com o mérito dos indivíduos, um perdão coletivo, ou melhor dizendo, uma redução cármica para uma civilização, um país ou o planeta inteiro – é a chamada Dispensação; infelizmente, até agora a Terra não mereceu nenhuma dispensação... O maior anseio de todo Senhor do Carma é que o seu Conselho seja

extinto para sempre – porque isto significa que aquela humanidade que estava sob seus cuidados foi resgatada e novamente está cumprindo a Lei do Amor.

Na Terra, o conselho foi criado com três integrantes: hoje, por pura necessidade, são sete os Senhores do Carma.

Agora, vamos à história.

Milhares de anos depois da partida dos Issim, veio a terceira raça. Seu nome místico: Aben – um dos Nomes Sagrados que tanto significa obra sólida quanto a íntima fusão do Pan com o Filho.

Obra Sólida. Nome muito apropriado para descrever essa nova Raça humana. A semelhança do próprio corpo do planeta, os corpos dos homens já eram realmente sólidos, físico-densos, porque nessa época já havia perfeita coesão atômica em tudo. Tudo no planeta estava sólido, materializado.

Por isso, é natural que essa terceira humanidade fosse bem mais compacta e, conseqüentemente, mais baixa que as precedentes: salvo alguma exceção, os homens mediam uns 2,5 m, enquanto a altura média das mulheres ficava em torno dos 2,3 m.

Eram muito mais numerosos: mais de dois bilhões de almas, embora não tivessem se encarnado todos numa mesma época. Ao contrário, foram gradativamente aparecendo sobre a face do planeta: na primeira leva, seiscentos milhões de indivíduos; depois, a intervalos regulares, outros tantos... É a mesma história da expansão do universo. Ora, nunca existiu nenhum Big Bang que desse origem ao universo, o que existe são pequenos e sucessivos Big Bangs, porque o universo está em permanente expansão... Exatamente o mesmo ocorreu com os indivíduos da terceira humanidade da Terra: eles foram aparecendo aos poucos, para habitar esta ou aquela região do planeta, de acordo com a Planilha de Evolução feita pelos Guias de sua Raça. É interessante observar que os nomes individuais desses homens e mulheres na Raça Aben muitas vezes indicavam a época de seu aparecimento na face da Terra. Exemplo: Il Arion, que é o nome de um homem que atualmente está encarnado lá. Il é variação de El, um dos Nomes de Deus, que, como sabemos, provoca elevação de consciência; e Arion significa Áries – ou seja, só pelo nome a gente já sabe que esse ser nasceu na Era de Áries.

Vamos agora ver ao vivo, através de imagens holográficas, alguns exemplares da Raça Aben.

No momento em que Pársis disse isso, doze pessoas (seis homens e seis mulheres) apareceram no espaço localizado entre a tribuna e o público. Pársis desceu da tribuna e posicionou-se entre as imagens de um casal.

- Como se pode ver por essa breve demonstração, a Raça Aben compõe-se originalmente de três etnias: branca, amarela e vermelha; com o tempo, a interferência de outras condições de

ordem material e a miscigenação, houve alteração na cor da pele dos indivíduos *(Trecho de um dos ensinamentos denominado "A origem da Vida" atribuído aos naacals literalmente "grandes irmãos", a elite espiritual dessa terceira humanidade sobre as causas da mudança na pigmentação: "As causas de mudança da cor dos homens são várias, mas a causa principal foi um desequilíbrio entre a força vital e os componentes básicos da pele. Esse desequilíbrio era o resultado de um super ou sub-estimulo das glândulas que segregam a Força Vital e a conduzem através do sangue às diversas partes do corpo, inclusive à pele. Cada glândula controla certas partes do corpo e possui um certo volume de Força Vital. As secreções das glândulas são controladas pelo tipo de alimentação, de sorte que essa alimentação pode produzir um excesso ou uma falta da força utilizada por uma determinada glândula e, por sua vez, a força pode influir, de uma forma ou de outra, sobre os componentes básicos que ela controla. A Força Vital estimula as células e as faz trabalhar. Quando se produz um excesso dessa Força, as células ficam extenuadas, e quando, ao contrário, há um consumo mínimo de forças, produzem-se irregularidades. As principais irregularidades causadas por esse desequilíbrio de força influem sobre a postura do corpo, o tipo dos cabelos, a cor da pele e, ás vezes, a forma dos traços fisionômicos. A principal causa do desequilíbrio vital é o tipo de alimentação aliado ao clima.)*. Notem-se primeiramente, as semelhanças com as duas Raças precedentes: o uso de cabelos longos (usados soltos ou arranjados em tranças), as feições delicadas, as orelhas pequenas, a maleabilidade do corpo, a musculatura desenvolvida (como se fora o resultado de constantes exercícios) e, principalmente, a presença do Olho Onividente, que lhes permitiria, ao longo de seu desenvolvimento, obter informações diretas e precisas com relação a todas as áreas de conhecimento. O ouro, nessa época, continuava abundante e à disposição dos homens: vejam as belas peças com que adornam os cabelos, o pescoço, os dedos, os antebraços, a cintura. Ao contrário dos Els e dos Issim, os Aben já apresentam pêlos no corpo: barba e bigode e pêlos pubianos.

Agora observem as diferenças entre um individuo e outro, da mesma Raça: a cor dos olhos vai desde o azul e o verde até o negro. Formato dos olhos também bastante diversificado: amendoado, no caso dos de pele amarela, contrastando com os indivíduos de pele branca, por exemplo. De acordo com o tipo físico, os cabelos, de textura mais fina, também variam de cor.

Então, para resumir, definiríamos a terceira Raça através dos seguintes elementos: obra sólida – quer dizer, compacta, de menor envergadura e estatura; e fusão do Pai com o Filho através de uma multiplicidade de formas e etnias.

Tal como a segunda Raça, a terceira também habitou a superfície planetária, apesar de ter conhecimento de Agartha. Os Aben espalharam-se pelo vasto continente do sul, o Gondwana *(Gondwana: atualmente mais conhecido como Mu ou Lemúria. Esta última palavra, só adotada*

por volta de 1887 d.C., foi inspirada nos lêmures (classe animal denominada lemuróide), os ancestrais dos atuais macacos e que, a partir de certa época – especialmente depois da chamada "Queda" – apareceram em Gondwana.), que, inicialmente, era constituído de três grandes blocos de terra, unidos entre si por canais ou desfiladeiros, e cercados por dois oceanos – o Atlântico e o Eloha Pacífica.

Esses três blocos de terra estavam predestinados a se dividir, pois, desde a Era Primária, o granito (que é a rocha primária da composição da crosta planetária) foi formando cavidades subterrâneas, através das quais vários gases passaram a se movimentar. Com o tempo, era inevitável que a crosta se rompesse, que surgissem as montanhas e que aparecessem continentes de menores proporções.

Era um colosso esse continente primitivo; praticamente circundava o globo terrestre e seu centro ficava abaixo da linha do equador... Gondwana é o nome original dessa terra; contudo, os Aben chamaram-na de Mu, uma variante de Ma ("Mãe"), e nela fundaram um Império promissor. Capital: Uighur, localizada na belíssima Ilha Branca, coração da Fértil terra de Gobi. Com o desenvolvimento, o Império de Um subdividiu-se em mais nove tribos ou nações.

Se o nome místico dessa terceira raça é Aben, 'obra sólida', eles se autodenominaram 'rutas' que, no nosso idioma sansar, quer dizer 'adoradores do Sol'... Diga-se de passagem, pois eles O adoravam desde a aurora até o ocaso... Chamavam o Sol de Ra, que é justamente um dos verbos de poder emanados pelo Astro-Rei, e o representavam por um circulo com raios que se projetam em todas as direções.

Mas é bom frisar que os rutas não identificavam o Sol como o próprio Criador. Eles sabiam que o Sol Ra era apenas o emblema visível e tangível da Divindade; apenas um símbolo. Quanto a Deus-Ele-Mesmo, a terceira humanidade terrestre dizia o seguinte: 'Ele é o Sem Nome, porque trabalha incessantemente, cria universos e eternidades que nascem do Nada e ao Nada retornam. Ora, qualquer nome que Lhe déssemos teria que contar tanto Movimento quanto o Repouso Universal; teria que conter todas as eternidades, a Criação – é impossível.' Em algumas ocasiões, os rutas chamavam Deus de Tam – mas esse nome não pretendia revelá-lo e, sim, ocultá-lo; na verdade, a palavra Tau equivalia ao silêncio... A propósito, observem como cada Raça humana tem o seu próprio caminho de evolução: os Els referiam-se a Deus como O Criador; os Issim, reconhecendo-se como 'Filhos do Rei', chamavam-no de Pai-Mãe; e para os rutas Ele era o Santíssimo Deus Sem Nome...

O desenho do Sol é o maior símbolo do Império. Mas havia outros três, a saber: o Símbolo numérico – que era o 3, da Trindade; o símbolo floral – o lótus, que bem representa a evolução da alma humana; e o símbolo hierático - a letra M, de Um e de Ma (a sempre Eterna Mãe).

O império de Mu foi se espalhando pela Terra, Cada nova colônia fundada era representada por um sol, sem raios, erguendo-se na linha do horizonte.

E se essa colônia crescesse a tal ponto de tornar-se uma tribo (ou nação), aí os raios solares passavam a constar de seu símbolo.

O império de Um foi, em seu apogeu, um sistema de nove sóis regidos por um sol central, que era a capital – num total, portanto, de dez sóis. Cada um dos sóis-nações era governado por um casald e reis chamados de Ra Mu (literalmente 'o sol de Mu'), indicados e diretamente assistidos pelos Mestres... Ou seja, tinha tudo para dar certo...

As imagens holográficas desapareceram e Pársis retornou a tribuna.

Continuação do depoimento:

- Nessa Raça, ocorreu a definitiva separação dos sexos; macho e fêmea não mais se fundiam um no outro, a não ser em alma e Espírito; em suma: deles não se podia dizer que eram hermafroditas... Mas, afinal, por que isso aconteceu? Por que Deus separa os dois raios que compõem uma mesma Chama? A resposta é: "para expressar Amor"; para que cada uma das partes consiga discernir na outra o mesmo e único Deus – é esse o fundamento da integração harmoniosa, que deve prevalecer em todas as relações. É também o grande elemento motivador para alguém conquistar a Mestria porque somente como ascensionados podemos vivenciar, de novo, e à imagem de Deus, o hermafroditismo original. Dois num único corpo; um único Ser total, completo, bipolarizado! Muitos de vocês já se comunicaram com Grandes Seres – Arcanjo Michael, por exemplo – e, em certo momento, conseguiram distinguir, embutida dentro de seu corpo masculino, a esposa Astrael, por muitos conhecida como Fé! Existe prazer maior do que esse? Não. Porque o êxtase é total... Eu, como mulher ascensionada, posso me fundir com o meu homem, o meu complemento divino: entrar por dentro do corpo dele – Deus meu, o êxtase é indescritível e é total; vai desde os cabelos até a sola dos pés! É um prazer de corpo inteiro, que brota de cada átomo, de cada poro... Nesses momentos, mais do que nunca e de uma forma muito íntima, EU SOU DEUS!

O sexo é nobre, é divino: ele expressa o anseio de união com Deus *(Mestre Djwhal Khul: "Deve-se recordar que esta separação fomenta um poderoso impulso para a fusão, e a isto denominamos sexo. Na realidade, o sexo é o instinto de união; antes de tudo, a união física. É o inato (embora mal compreendido) princípio místico, nome que aplicamos ao anseio de "união com o divino" (El Sexo – Recompilacion de Los Obtus Del Maestro El Tibetano), Editorial Fundacion Lucis, 1986))* através de um parceiro: por seu intermédio, se resolve o problema da dualidade. O sexo está diretamente ligado com o terceiro aspecto da dualidade Santíssima Trindade; o Espírito Santo, que é Amor, que é Vida, que é Poder, que é Comunicação, Expansão, Identificação... Mas infelizmente, há os que fazem mau uso dessa Força Sagrada... em outras palavras: convertem-se

em magos negros *Mestre Djwhal Khul: "(...) pervertemos e distorcemos uma idéia divina e prostituímos um anelo imaterial por um desejo material. Invertemos a direção da energia sacra e a isto se deve o desenvolvimento da natureza animal e as funções da humanidade comum." (El Sexo – Reconciliacion de Los Obtus Del Maestro Ek Tibetano))*.

Mas, por ora, esqueçamos o mau uso dessa Poderosa Energia Vital – que é Fogo e que, como tal, pode queimar – e nos concentremos no seu santo uso: um Ritual do Fogo, praticado nessa época, numa região muito especial do continente Gondwana. Vamos assistir, agora, o filme intitulado ' O Mais Antigo Ritual do Fogo praticado na Terra'.

Capítulo 14

O MAIS ANTIGO RITUAL DE FOGO

"Na treva, é difícil avaliar as luzes, comparando-as com a luz do sol, pode-se ter idéia do esplendor do Mundo Ardente" (Mestre Morya, InMundo Ardente)

O filme anunciado por Pársis começou focalizando uma árvore. A câmera akásica partiu as raízes, foi escalando lentamente o tronco liso de aproximadamente quatro metros de altura e por fim, deteve-se nas brilhantes flores escarlates que lhe conferiam uma beleza toda especial.

- Esta árvore é da mesma família do sândalo e é uma das mais comuns desta região de Gondwana; apesar de não ser das mais altas nem das mais belas, esta árvore, depois do sol, é um símbolo desse gigantesco continente terrestre. Seu nome: kownboum, que significa literalmente "dez mil imagens"... Por que dez mil imagens? A resposta está nas folhas...

A câmera deu um close num das folhas, ampliando-a várias vezes. Então o público pôde discernir, gravado na superfície verde e aveludada, um caráter muito conhecido...

- Em cada uma das folhas que compõem a copa tão ampla do kounboum, está impressa uma letra do nosso alfabeto sansar. Em cada árvore... – mas, afinal, quantas folhas existem em cada árvore? Serão mesmo dez mil folhas? Ou apenas mil? Ou, talvez, não passem de quinhentas? Bom, não importa... O que importa é que, em cada árvore dessa, o alfabeto universal se repete várias vezes, completinho... – E Pársis completou com um sorriso: - Isso é obra e arte dos Construtores...

A câmera mostrou, então a vasta planície estava localizada a árvore kounboura, que estava no meio de muitas outras, da mesma espécie... A planície perdia-se de vista... Como um bólido, a câmera passeou pela terra fértil, que era irrigada por inúmeros cursos d'água, rios e

lagos, debruados de lótus. Em toda parte, a vegetação era luxuriante: nela se destacavam muitas flores coloridas, que se misturavam na paisagem, tornando-a quase que encantada; havia palmeiras, pinheiros, sequóias, samambaias, e muitas árvores senhoris, dentre as quais se destacava, com mais de dez metros de altura, a interessante árvore-candelabro, cujas folhas apontavam sempre para o sul, independente da direção dos ventos. Também eram comuns os eucaliptos, que, nativos de outra região, foram trazidos para cá durante as primeiras imigrações. Sem depender de estações ou épocas apropriadas para plantio e colheita, os cereais, hortaliças e flores conviviam lado a lado, no maior vigor, o ano inteiro.

- Terra da Promissão, riquíssima em grãos, hortaliças, ouro, fé e poesia. Nessa Terra, que naquele tempo se chamava Irihia (Irihia: depois Vrihia (em sânscrito), depois Bharata e, finalmente, Índia, no atual continente da Ásia.), moravam uns homens muito especiais, que conseguiram não ser totalmente devorados pelo lodo que assolou a Terra; quando a Loja Negra assumiu o definitivo controle do planeta, eles se refugiaram em Agartha, nas regiões intraterrenas, onde permaneceram até hoje. Atenção; estamos falando dos raríssimos terrestres que ainda podem ser resgatados. Vale a pena acompanhar sua trajetória, mesmo porque esta assembléia terá que decidir o seu destino: eles vão ser transladados para um outro planeta, e que planeta será esse...

Na época retratada por esse filme, a comunidade – embora fazendo parte da mais poderosa nação do Império, a Uighur, com a capital de mesmo nome – não era expressiva dentro do Império do Sol. Muito simplezinha; bem rural. Seu símbolo, como o de toda comunidade pequena, era o sol se levantando no horizonte: ainda sem raios, sem poder. Um sol tímido...

Sem o esplendor das cidades mais progressistas de Um, ainda assim essa comunidade de Irihia era um pedacinho do Império do Sol; a civilização era a mesma, os usos e costumes também. Como em toda colônia de Um, havia as Tábuas da Lei, que eram confiadas à guarda dos líderes locais; na capital do Império, as tabuinhas eram de ouro maciço: nas colônias, as tabuinhas eram de terracota.

Mas era sempre o mesmo texto filosófico – religioso, que constituía o alicerce do Império: começava assim: No início, o universo não passava de uma alma ou espírito. Tudo era inanimado, sem vida, calma, silencioso. A imensidão do espaço era o nada e trevas. Apenas o Espírito Supremo. O Grande Poder, O Criador, a Serpente de Sete Cabeças, existia neste abismo de trevas, habitada por seres viventes, e criou a terra e tudo o que ela contém. E por aí seguia, relatando a criação do homem, o qual era chamado textualmente de imperecível.

Imperecível. Quer dizer: aquilo que não precisa passar pela morte, pois vive em conformidade com o Dharma (alei de Evolução Universal) e não com o Carma (a lei de causa e efeito e da roda das encarnações) É, na Terra a mudança foi drástica...

Como eu já disse, esta pequena comunidade é rural. As profissões exercidas por seus indivíduos atestam bem o amor que eles têm pela terra: ou são agricultores ou mineiros ou geólogos ou botânicos, e todos são poetas... Aliás, é deles a frase: Sempre banhada pela luz do Sol, a vida humana é uma lavoura farta em plena época de colheita. Alias, foi por causa da intima relação dos membros dessa comunidade com a Mãe Terra (e, conseqüentemente, com o reino dévico) que os Guias da Raça Aben – com a expressa autorização de sua Hierarquia, os Jardineiros do Espaço – importaram o trigo de um outro planeta da galáxia e o fizeram plantar. Depois, incentivaram os homens a cruzar o trigo com certas ervas nativas, de modo que estas lhe servissem de 'cavalo', o resultado foi o aparecimento de novos cereais, dentre os quais a aveia. Depois disso, continuaram as experiências de engenharia genérica sob a bênção e a assistência direta dos Jardineiros do Espaço.

Como todos os outros homens do Império do Sol, esses camponeses da Irihia adoravam o Astro-Rei permanentemente, e através do Ritual do Fogo, ritualisticamente, invocavam Sua bênção desde o Sol Levante, representado por um círculo com raios só na parte superior. Até o Sol Poente, representado por um círculo com raios só na parte inferior.

O Ritual tinha o propósito de fertilizar a terra, transformando-a num poderoso campo magnético de harmonia, e também facilitar o contato dos homens com o 'povo encantado', isto é, os seres dos quatro elementos (gnomos, elfos, fadas, silfos e sílfides, ondinas, sereias, salamandras) e seus dirigentes, os Devas. Ora – ensinavam os Mestres – integrando-se harmoniosamente todos os seres num trabalho de mútua colaboração e, além disso, abençoando-se a terra, é natural que esta se torne o próprio paraíso, tão pródiga quanto a Grande Fonte Universal de onde tudo provém... É verdade: os efeitos mágicos desse antiqüíssimo Ritual ficavam sobejamente evidenciados na milagrosa fertilidade dos campos.

A cada celebração, matinal ou vespertina, os rutas comiam o Fogo e Bebiam a Luz do seu adorado Sol.

Vamos então assistir ao filme, sem mais interrupções.

O MAIS ANTIGO RITUAL DO FOGO (ou COMO COMER O FOGO E BEBER A LUZ):

Primeiros sinais do alvorecer. No céu, já uma pequena claridade. A superfície das águas funcionava como espelho cristalino. O vento estava bem suave; apenas uma aragem balançava molemente as folhas e os frutos. Nas profundezas da terra, assim como o próprio dia, muita vida se preparava para nascer.

Na tela tridimensional, aparecem as casas da comunidade rural: grandes e bem planejadas, feitas de blocos de pedra sintética *(No antigo texto Famine Stele, localizado no século*

passado nas redondezas de Elephantine, Egito, há descrições de antigas técnicas de fabricação de pedra, discriminando, inclusive, 29 minerais que, junto com cal e outros agregados, podiam formar uma tal pedra sintética muito utilizada na construção de templos e pirâmides.), unidos entre si pelo cimento característico das construções de Um *(Os ingredientes desse cimento ligam-se de maneira mecânica e não molecular, como o de agora. Resultado: enquanto o nosso cimento resiste por aproximadamente 150 anos, o antigo durava milênios.)*. Há luz *(Luz forte e contínua, fornecida por um mineral hoje desconhecido na Terra.)* no interior das casas, o que certamente significa que os moradores estão fazendo suas abluções matinais.

A luz se apaga no interior de uma casa. Um segundo depois, abre-se a porta, por ela sai um casal.

A luz se apaga no interior de outra casa. Abre-se a porta; por ela sai outro casal.

A luz se apaga no interior da terceira casa. Abre-se a porta; por ela sai um terceiro casal.

Uma quarta porta e um quarto casal. Uma quinta, sexta, sétima... décima, centésima.

Minutos depois, toda a comunidade já está caminhando em direção ao lugar, onde, ao ar livre, é celebrado o Ritual do Fogo. Nas mãos do que parece o líder, está o único instrumento que utilizam na celebração do Sol: uma pirâmide de degraus, oca e feita de ouro puríssimo. Outros homens e mulheres carregam instrumentos agrícolas.

Pés descalços, movimentando-se ritmadamente por cima do grosso tapete de relva.

Tau. (A comunidade inteira, em silêncio, rendeu graças a Deus Sem Nome.)

Céu e Terra.

Fogo e Luz.

Energia e Substância.

Alimento farto.

Amor! Amor!

Paz!

Tau. (Novo silêncio saturado de devoção)

No coração e na mente daqueles camponeses, o Ritual do Fogo já estava começando. Continuaram andando, em paz, até que...

... os passos se detiveram em um certo local: uma clareira. No chão, inscrito num círculo, estava desenhado o seguinte símbolo:

A Cruz do Movimento Universal, adotada em todo o Império Um e que simboliza as Quatro Forças Primárias (Tempo, Espaço, Verbo e Átomo). Cada haste é dotada de uma ponta aguda como se fosse a de uma lança, isso quer dizer que a Força a que se refere está perfeitamente

ativa... Sobre a função dessas Quatro Forças Sagradas, diz um texto sagrado de Um: “No início, reinava o Caos no universo, que estava mergulhado nas trevas e no silêncio. Pois então o Sem Nome, desejando criar mundos, ordenou às Suas Quatro Forças que estabelecessem a lei e a ordem no universo, a fim de que as criações pudessem ser feitas. Após serem estabelecidas a lei e a ordem, as Quatro Forças Sagradas realizaram as criações segundo os desejos do Sem Nome.”

Era círculo, os membros da comunidade sentaram-se no chão, era postura de lótus, com as palmas das mãos voltadas para cima. Muito significativamente, o líder da comunidade depositou a pirâmide de outro no centro da cruz e depôs voltou à roda, sentando-se também.

Silêncio.

A comunidade fez um breve exercício respiratório. Depois, de olhos fechados, concentraram-se todos fixamente na cruz e na pirâmide... A mente ordena, a energia obedece: da fronte de cada um dos presentes jorrou, então, uma energia ígnea que se precipitou, como uma flecha, para o centro do circulo. Resultado: a cruz e a pirâmide de ouro arderam num fogo translúcido...

Acesso o altar, tudo em volta também se acendeu: á visão dos camponeses apareceu, nítida, a Escada da Evolução – desde os pequeninos elementais (gnomos, fadas, silfos, ondinas e salamandras) até as gloriosas Inteligências Solares. Com relação aos “pequeninos”, o cerimonial era uma festa e tanto: lá estavam eles enganchados nas árvores e nos ombros dos humanos, bailando no ar e no fogo, rindo, rindo, rindo... Os Devas, que os dirigiam e tomavam conta deles, sorriam, entre imponentes e paternais. Os grandes Devas dos quatro pontos cardeais apresentaram-se como colunas de Luz, erguendo-se da terra ao céu. Os Anjos dos Sete Raios expandiam suar auras e se assemelhavam a cálices transbordantes. Os Mestres-Guias da Raça Aben estavam presentes, e atuavam no sentido de unir a consciência dos seus pupilos às Sublimes Consciências Solares. E quanto a estas, lá estavam, no coração do Sol, semimaterializadas em cores...

Em perfeita Fraternidade de Amor, os elementais, os homens e os anjos cantaram em uníssono:

AAUUUMMM! *(Diz o manava Dharma Sastra, antigo livro hindu: “No começo, só existia o infinito, chamado aditi. No infinito, encontrava-se a AUM, razão pela qual deve preceder toda prece ou invocação.” E o livro do Manu, outro antigo livro da Índia, acrescenta: “O AUM significa o paraíso, o céu e a terra.”)*

AUM: o som da Vida, o verbo resultando do movimento dos átomos que, à medida que vai se repetindo incessantemente, produz o som OM. Cada uma de suas letras é um mundo: o A é o mundo divino, o U é o mundo da alam e o M, o mundo físico manifestado. No AUM, também se unem os três estados de consciência: a vigília, o sono consciente e o sono profundo.

O AUM foi uma porta que abriu e mostrou o Sol que fica situado além e por detrás de todo sol físico: o Sol Central, que é o cristo Macrocósmico, o Absoluto. Desse Grande Núcleo Ígneo começou a jorrar, então, uma cascara de Liz que se derramou sobre a comunidade de Irihia. Era uma chuva de prata constituída de elétrons luminosos que perfumavam a cabeça das pessoas, espalhavam-se pela pele, infiltravam-se na corrente sangüínea – cada um desses pontinhos cintilantes continha o sopro da Eternidade e seguia uma rota onisciente, pois cada um deles parecia saber exatamente onde se fixar.

- OM MANI PADMI: HUM!

OM: o som da Vida, resultante da repetição incessante de AUM; MANI: o som do btilho; PADME: o lótus que é o símbolo da evolução da alma humana; HUM: amém. Então, “EU SOU o brilho do lótus. Amém!” – foi o que proclamou o grupo reunido ao alvorecer.

Em seguida, alguém da comunidade anunciou:

- Hora! O sol vai nascer dentro de um minuto!

Os adoradores do Sol inspiraram profundamente o prana, a energia vital contida no ar atmosférico, desejando que esse energia purificasse seus corpos, tornando-os canais límpidos para o escoamento da Perfeição da Vida para fertilizar o solo, para o aprimoramento de sua comunidade, da bela nação Uighur, do poderoso Império do Sol de Agartha, da Terra inteira.

Alguém tornou a anunciar:

- Hora! O sol já vai nascer!

Então a comunidade inteira cantou o mantran *(Mantran = man: mente; tra: controle/tran: liberação, libertação. Mantran, portanto, é um método de libertação da mente através da utilização de uma ou mais palavras, que produzem um determinado tipo de vibração, de acordo com a finalidade desejada. Mantran é mais uma invocação mágica que uma oração, e, quando entoado no mundo físico, acarreta um som correspondente no lado oculto da Natureza.)* do nascimento do sol:

- SURYAYA SWAHA SURYAYA IDAM NA MAMA! PRAYAPATAYE SWAHA PRAYPATAYE IDAM NA MAMA! *(Ao pôr-do-sol, o mantran era o seguinte: AGNAYE SWAHA AGNAYE IDAM NA MAMA. PRAYAPATAYE SWAHA PRAYAPATAYE IDAM NA MAMA.)*

Toda a cerimônia era celebrada no sânscrito *(A raiz da palavra sanskriti (sânscrito) significa sublimar, purificar. O sânscrito antigo, também conhecido pelo nome de tamil, era o mesmo idioma sansar.)* antigo, que é “Deva Bhasna”, ou seja, a Língua dos Deuses.

E saudado na Língua dos Deuses, o sol despontou em glória – JAYA, JAYA, JAYA! (VITÓRIA, VITÓRIA, VITÓRIA!) – vertendo com prodigalidade o Espírito da Vida, fertilizando a Mãe Terra e os seus devotos. O povo encantado prorrogou em gritinhos e aplausos vibrantes, comemorando a Nova e Eterna Alvorada.

No momento em que o sol nasceu, os corpos daquelas pessoas, saturados de luz, não projetaram sombra no chão. A bênção que se derramou na Terra foi o próprio fechamento da cerimônia – afinal, nenhuma outra palavra precisava ser dita.

Em paz, os anjos e os Devas espalharam-se pelo planeta, para derramar sobre sua população tão pura a energia do Amor recolhida durante o Ritual do Fogo. Em paz, o povo encantado dispersou-se pela região – os gnomos e os elfos trabalhariam na terra de modo a torná-la ainda mais fértil; a fadas e os silfos, voejando pela atmosfera, assegurariam que o ar do planeta ficasse cada vez mais puro; as ondinas prosseguiriam no seu trabalho de vitaminar a água; as salamandras, ainda dançando no seu amado elemento fogo, tentando torná-lo ainda mais sutil.

- Sob a magnífica Luz do Sol – resumiu pársis –os rutas movimentavam-se em harmonia e progresso. Vigorava o Dharma (a Lei Universal) e não o carma.

Só que aí chegaram, para ficar, os exilados de Capela.”

Capítulo 15

É AQUI QUE O CAMINHO SE BIFURCA

“A grande Loja Branca, nossa hierarquia é espiritual e a Loja Negra empregam as mesmas energias, mas com motivos e objetos diferentes: ambos são grupos de esoteristas treinados” (Mestre Djwhal Khul, em Educação na Nossa Era de Alice Bailey, FEEU)

“(...) os magos negros propriamente ditos estão organizados em forma de Loja, seguindo seus membros idênticos ou muito parecido sistema de treinamento e processo de iniciação dos que se filiam às gloriosas hostes da Luz que constituem a Grande Fraternidade Branca do planeta”.(Vicente Beltran Anglado, em A Hierarquis, os Anjos Solares e a Humanidade Editora Pensamento)

Explicação de Pársis:

- Capela é a estrela alfa da Constelação de cocheiro, também conhecida como Cabra, situada a aproximadamente 45 anos – luz da Terra. Estrela amarela, gasosa e várias vezes maior do que o Sol Hélios–Vesta do sistema de que a Terra faz parte. Enquanto ainda estava encarnada, a humanidade desse mundo atingiu um nível de desenvolvimento científico-tecnológico raramente visto por esse universo afora; dir-se-ia até que muitas de suas descobertas científicas, e até mesmo obras de arte!, só poderiam ter sido feitas por indivíduos que já tivessem atingido a ascensão; daí pra cima...

"Bom, quanto á ascensão, de fato a grande maioria dessa humanidade estava a um passo de conquistá-la. Inclusive, essa grande maioria estava renunciando formalmente ao seu livre-arbítrio, ou seja, ao direito que todo ser humano tem de pensar, sentir, falar e agir de acordo ou em desacordo com o Plano Divino da Evolução. Ora, esse é um direito inato de toda criatura. O conhecimento do bem e do mal é atávico, nós já nascemos com ele; e as Tábuas da Lei estão inscritas no coração... Me digam: existe bússola melhor do que o coração, que sempre indica a Fonte?!... A decisão é nossa de seguir o caminho da direita ou da esquerda...

"Que se faça em mim, ó Pai, a Tua Vontade e não a minha!" – foi a fórmula utilizada por bilhões de seres de Capela para renunciarem á sua vontade pessoal em prol da Vontade de Deus. No Altar da Vida, com todo o conhecimento e o domínio que já haviam adquirido sobre as leis da matéria e do universo e, conseqüentemente, JÁ CONSCIENTES DO PODER ESTUPENDO QUE TEM TODO FILHO DE DEUS, eles celebraram a definitiva aliança com a Luz. 'Que se faça em mim, Ó Pai, a Tua Vontade e não a minha!' Quando, em certo estágio de evolução, alguém pronuncia essa frase com o coração ardendo de Amor, não tem mais possibilidade de regredir... Aí, se pode dizer que o Filho de Deus retornou al Lar porque, daí pra frente, ele será incapaz de trair (a Lei).

"Bem, a grande maioria da população de Capela optou por renunciar à sua pequena vontade pessoal e colaborar irrestritamente no Plano de Evolução Universal, tornando-se membros do Grupo dos Servidores do universo... E quanto à outra parte da humanidade de Capela?"

Neste ponto, a Senhora do Carma fez uma pausa, talvez para realçar a importância da pergunta. Mas ao retoma a palavra, o assunto já era outro:

- Amigos, Irmãos presentes nesta Assembléia, vocês sabem como nascem os chamados magos negros? Também chamados de Senhores da Materialidade ou, ainda, Senhores da Expressão Material? De senhores do Caminho da Esquerda? Que Têm como símbolo a estrela de cinco pontas invertida, a suástica inclinada *(Suástica inclinada em 45 graus: não por acaso foi a*

utilizada por Adolf Hitler, um reconhecido mago negro. No momento em que a aplicamos ao círculo do zodíaco, aparece claramente o símbolo da morte e da destruição: a quadratura do Sol com Marte, Vênus e Saturno, também chamada de "vibração astrológica de Lilith, a Lua Negra da feitiçaria".) em 45 graus e o cubo negro *(Com resíduos de decomposição estelar, o Cubo Negro é, de certa forma, o coração da agonia de um mundo; misticamente, é a antítese da pirâmide. Diz a lenda que a pedra, originalmente branca, foi levada por Adão ao deixar o paraíso. À medida que seus pecados se acumulavam, a pedra foi se tornando cada vez mais escura...)*?

"Amados meus, os grandes Senhores das Trevas – os verdadeiros mentores da Loja Negra – nascem da luxúria do poder...

"À medida que nós, Filhos de Deus, evoluímos, vamos percebendo quão verdadeira é a afirmação de que somos feitos á imagem e semelhança de Deus. Ora Deus, o Criador, é Onipotente. É o poder – Único, Eterno, Indivisível, Absoluto... Á proporção que nós nos tornamos semelhantes ao Criador, nós também vamos recebendo a nossa herança: o Poder de Deus Junto com as instruções de como devemos aplicá-lo para o bem de todos... Esse Poder é de uma magnitude assombrosa, sua visão é simplesmente deslumbrante. E ai, ao contemplá-lo, irrompe em alguns a ambição do poder... e eles se perguntam: 'Tenho mesmo que usar tudo isso em prol de outras pessoas? E se, ao contrário, eu me apoderar desse Cetro?'

"O Poder. É aqui que o Caminho realmente se bifurca."

- O que é a Loja Negra?

- É uma corporação de indivíduos que trabalham com o Plano Divino de Evolução. Eles tentam estabelecer e sustentar um poder paralelo, baseado na ilusão de separatividade e na negação de luz espiritual. Ao contrário da Loja Branca, o termo "irmandade" ou "fraternidade" jamais pode ser aplicado a essa Loja, mesmo porque os Irmãos das Sombras visam apenas o seu próprio benefício; eles cultivam o egoísmo. Por razões óbvias, o Amor é terminantemente proibido aos seus membros.

- Existe uma Loja Negra ou várias?

- "Loja" é um termo genérico e quase sempre se refere á organização como um todo. Chama-se, por exemplo, genericamente, de "Loja Branca" ao conjunto das forças cristico-evolutivas do Cosmos: no entanto, sabemos que existe uma Loja Branca em Sírio (por isso denominada Loja Branca de Sírio) uma Loja Branca nas Plêiades, uma Loja Branca em Órion etc. Da mesma forma, chama-se "Loja Negra" ao conjunto das forças involutivas, pode-se dizer que existem várias lojas Negras.

- Loja Negra é o mesmo que "mal cósmico"?

- O “mal cósmico” é o resultado das atividades da Loja Negra.

- O que é esse mal?

- Esse mal é a resistência ao Plano de Evolução Universal, é a negação da Luz. Se a Luz flui no sentido da unidade e universalidade, o mal é a ilusão da separatividade. É egoísmo, egocentrismo, pecado, morte, corrupção, competição ao invés de colaboração mútua, com conflito no lugar da harmonia, inteligência desprovida de Amor. Aliás, como eu já disse, Amor – que é a força de atração universal e a base da Compaixão – é formalmente proibido aos que se filiam à Loja Negra; estes podem ter todos os seus desejos materiais satisfeitos (bens materiais, poder, fama, muito sexo) mas não têm o direito de amar verdadeiramente a ninguém, porque isso atenta contra a própria segurança da Loja. O poder obscuro que propicia tantas dádivas de ordem material aos seus seguidores recebe, em troca, o mais precioso de todos os bens: a alma das pessoas. E quem vende a sua alma a esse mal inteligente e formalmente constituído sofrerá muito depois para poder recuperá-la.

- Onde fica localizada a sede da Loja Negra? Em outras palavras: onde será “a porta onde mora o mal”?

- A sede universal da Loja Negra está situada na estrela alfa de Dragão ou Draconis.

- Como se organiza a Loja Negra?

- Em ordens, cujos princípios são sempre o inverso de algum Atributo da Divindade ou das metas da Hierarquia da Luz. Exemplo: Deus é o infinito Poder de Amor; irresistível, único, eterno. Então foi criada uma Ordem Negra que tem como objetivo o estabelecimento de um poder concorrente. Seus membros são treinados para exercer o poder material; eles aprendem a adquirir poder sobre as pessoas; os melhores métodos de hipnotizar, seduzir e manipular uma sociedade ou, até, uma humanidade inteira, mantendo-a dependente desse jogo infernal; eles sabem como acirrar o ego de suas vitimas, descobrindo-lhes os pontos vulneráveis, manipulando-os com habilidade... sE Deus é Luz e a Santa Hierarquia trata de propagá-la, então a Ordem inversa é a de obstruir a Sua passagem e disseminação; esse segmento involutivo cuida da sabotagem da divulgação dos ensinamentos místicos e é também responsável pela montagem de uma rede de informações falsas, capciosas, que visam manter o povo na ignorância;aíse escolhem os divertimentos e o lazer com que melhor se anestesia a consciência de muitos... Se, por sua própria natureza divina, a Vida é Ordem e Progresso contínuos, então a facção contrária apresentará especialistas em semear a confusão, a discórdia, o conflito... Se deus é Justiça, Amor e Compaixão, há uma Ordem que estimula a arbitrariedade, a injustiça social, o complô, a traição...

Por esse breve resumo, já é possível perceber que, em mundos regidos pelas forças involutivas, as Ordens negras freqüentemente atuam em conjunto. Há especialistas em cada área, que interagem de acordo com as diretrizes emanadas pela alta cúpula."

- Quantas e quais são as ordens?

- São dez Ordens formalmente constituídas. Com exceção de uma, eu me reservo o direito de não declinar em público o nome delas. É que, com exceção dessa única que vou citar explicitamente, todas as demais receberam o nome real, divino, de seus fundadores; na época da fundação, estes se auto-elegeram Príncipes e, dentro da corporação tornaram-se Hierarcas de grande poder material. Acontece que alguns desses Príncipes das Trevas já se redimiram; depois de muito sofrimento e trabalho árduo, alguns já se reintegraram na Luz (aliás, esse é o destino inevitável de todos).

Desertaram do Reino das Sombras mas, infelizmente as Ordens continuam mantendo seus nomes. Eu, por mim, acho pernicioso mencionar o nome de um ser ligando-o, de novo, a um passado de trevas que já foi devidamente redimido... O que passou, passou! Se já houve uma ressurreição, por que ficar relembrando a morte?

Por outro lado, eu disse que citaria o nome de uma única Ordem Negra, pois bem: é Lilith, a Ordem da Obscenidade e da Impureza, a segunda Ordem Negra, que foi a principal causadora da tragédia da Terra. Lilith não é nome próprio; simplesmente quer dizer 'noite' e, de acordo com as conotações adotadas pela Loja Negra, 'escuridão' e 'trevas'.

- Qual é a aparência dos Príncipes das Trevas? É animalizada, com chifres e rabo, por exemplo?

- Não, ao contrário: aparentemente eles são muito belos. São príncipes; têm majestade, poder, beleza, vivem no luxo, se cuidam, se preservam. São esoteristas treinados; para fundarem a organização que fundaram, e fazê-la funcionar desse jeito, com esse alcance todo, eles tiveram que demonstrar, a cada passo, um conhecimento profundo das leis da matéria e do universo. Esses Hierarcas das Trevas são especialistas nas leis dos planos físico e astral inferior: utilizando recursos absolutamente sinistros, eles são capazes de manter seus corpos jovens até por milhares de anos a fio... Externamente são belos, sim. Porém, em suas feições, na expressão facial e corporal, na atmosfera que os envolve, em seus pensamentos, palavras e ações se estampa o mal. São totalmente desprovidos de Amor e de Compaixão, e essa aridez se desprende de seus corpos como se fosse um suor permanente, perceptível aos mais sensíveis... É lógico que um Ser de Luz, ao olhar para eles, verá não a aparência externa jovem e bela, mas a verdadeira face desses magos – que é realmente tenebrosa.

“Quanto á aparência animalizada – com chifres, rabo, pêlos, asas de morcego e outras aberrações tais – esta é até bem comum em indivíduos de baixo nível da corporação. O astral interior está repleto dessas formas bestiais...”

- Se cada uma das Ordens Negras recebeu o nome do seu fundador, onde ficam os nomes Coiron e Placcio?

- Na Terra, Coiron e Placcio foram identificados como duas Ordens Negras. Entretanto, essas Ordens não fazem parte do organograma original da Loja Negra. Ao que nos consta, esses segmentos foram formados por indivíduos pertencentes a várias Ordens diferentes da Loja, que se reuniram para desenvolver um trabalho especifico na Terra e em outros tantos planetas. Pode-se dizer que Coiron e Placcio são nomes locais; funcionam como uma senha.

- Que níveis hierárquicos existem dentro da corporação negra?

- São quatro níveis básicos. A realeza – com seus príncipes e respectiva corte – que está no topo da pirâmide, é a classe que detém o poder supremo da Loja e é constituída dos magos muito conscientes, que sabem perfeitamente o que fazem. O propósito, definido por eles mesmos em Conselho, é muito claro: a sabotagem do Plano do Criador e o processo de evolução da alma. Têm uma consciência mais ampla; pensam alto; querem dominar mundos, humanidades inteiras, instituindo um governo central intergalático. Planejam minuciosamente cada ação, e nesse ponto são verdadeiros estrategistas. São legisladores, na medida em que elaboram os estatutos de cada Ordem, zelando pelo seu cumprimento. Eles elaboram verdadeiros “planos de involução” para cada mundo onde se estabelecem, sempre levando em conta o perfil daquela humanidade e a época em curso. Na Terra, o plano de involução se baseou em duas colunas: o mau uso da energia sexual e o dinheiro (foram eles que introduziram a moeda e, paralelamente, a idéia de propriedade privada). O mau uso do sexo foi devastador; além de todas as aberrações que hoje se pratica na Terra, aquela humanidade está aderindo em grande parte ao homossexualismo e/ou padecendo de doenças sexualmente transmissíveis, dentre as quais a sífilis (*Mestre Djwhal Khul, sobre a origem da sífilis: “Das três enfermidades principais herdadas do passado, poder-se-ia dizer que a sífilis, ou as chamadas ‘enfermidades sociais’, são remanescentes dos excessos da época lemuriana, sendo de origem tão antiga que até a própria terra está saturada dos gérmens dessas enfermidades, fato este totalmente desconhecido da ciência moderna. (...) O grande pecado original nos tempos da Lemúria foi de natureza sexual, e não somente devido às tendências inatas, mas principalmente à extraordinária densidade populacional, à sua civilização e à estreita relação com o reino animal. Nessa época, se originaram as enfermidades sifilíticas.” Sobre o homossexualismo: “A homossexualidade é o que se poderia chamar de ‘resíduo’ dos excessos sexuais da Lemúria; é uma tara herdada do passado. Os egos que se individualizaram e encarnaram neste vasto período são os que hoje demonstram tendências homossexuais.*

Naqueles dias, o apetite sexual era tão premente que o processo normal das relações sexuais não satisfazia o insaciável desejo do homem 'avançado' daquele período. A força da alma, que afluiu através do processo de individualização, serviu para estimular os centros inferiores, por isso se praticaram métodos ilícitos." (El Sexo – Recompilación de Los Obnus Del Maestro El Libetano), que é agora a mais comum. E aliado ao poder monetário alimentado pela ambição da posse... Por mais tentativas que a Fraternidade da Luz tivesse empreendido no sentido de erguer os terrestres dessa materialidade animalesca – inclusive com a descida de um Cristo – praticamente nenhum resultado se obteve: o sexo e o dinheiro falaram tão alto que conseguiram abafar totalmente a voz do Espírito. Em outros mundos mais desenvolvidos, o plano já é diferente: por exemplo, eles investem no desenvolvimento tecnológico e científico, estimulando, paralelamente, a supressão de todo sentimento humanitário... Quantos e quantos espaciais existem hoje por ai, viajando em naves sofisticadas, invadindo fronteiras de outros mundos e, na calada da noite, submetendo seres humanos a abduções, que são verdadeiras seções de tortura? Independente do carma que liga vítimas e algozes (e esse carma se cumpre!), estes últimos encarnam muito bem a imagem e a semelhança dos Príncipes das Trevas. Nenhum Amor, nenhuma Compaixão...

No escalão hierárquico imediatamente abaixo dos Príncipes, vêm outros magos dotados de bastante conhecimento; eles são perfeitamente conscientes do plano de involução urdido por seus Príncipes e dele participam com dedicação. São sedentos de poder. E o têm: o governo de cada mundo dominado é entregue a um desses magos, que passa a dirigi-lo com poderes quase absolutos, só se reportando aos Príncipes e a seus assistentes diretos. São Construtores da Sombra; seu trabalho corresponde, no lado negro, tanto ao Santo Trabalho dos Elohim quanto ao dos Jardineiros do Espaço; constroem, deliberadamente, para fins criminosos umas criaturas artificiais porque não têm alma (chamadas de golem ou clone), e as animam, cantando mantras de ódio e destruição enquanto insuflam em suas narinas o sopro essa vida de sombras. A maior de suas obras é a formação e a sustentação do assim denominado 'Guardião do Umbral' – daqui a pouco nós vamos ver ao vivo, diretamente da Terra, como essa tenebrosa entidade planetária foi sendo construída e de que modo serve aos propósitos do mal no aprisionamento da humanidade terrestre... Esses magos pouco se encaram – mas, quando isso acontece, aí podem personificar o Anticristo.

Abaixo, vêm os magos que também trabalham no mental concreto, manipulando esse tipo de entidades e formas-pensamentos malignas; entre outras profissões, chegam a ser generais dos exércitos das sombras. Esses magos têm consciência da Loja Negra e trabalham, com denodo, para alcançar um posto mais elevado dentro da organização. Encarnados num mundo controlado pela Loja Negra ocupam posições estratégicas na sociedade – muitas vezes são pessoas públicas, com muito dinheiro e poder (afinal, foi para isso que se venderam) e até

mesmo com aparência de idoneidade: mas, no desenvolvimento de suas atividades normais, funcionam como portões de entrada à influência de sua Loja.

E finalmente, na base da organização, vêm os magos de mais baixo nível, que apenas tocam a periferia do plano físico e astral inferior. Presos no seu mundinho de egoísmo, eles trabalham para satisfazer suas próprias necessidades, desejos e taras, e os daqueles com quem se relacionam. Pouca ou nenhuma consciência têm da dimensão das forças involutivas a que servem.

Desde a mais baixa classe até a mais alta, todos os magos das sombras utilizam técnicas de magia para atentar contra a segurança física, emocional e mental daqueles que, de uma forma ou de outra, funcionam como empecilho à consecução de seus objetivos.

Pense-se em poderosas organizações criminosas. Pois bem: a Loja Negra é a matriz de todas elas.

- Como são os rituais da Loja Negra, as chamadas “missas negras”?

- Eu não vou descrever aqui os crimes e as aberrações que sempre ocorrem em rituais da Loja Negra porque isso seria um mergulho perigosíssimo nas regiões infernais. Já bastam as imagens que tenho que mostrar sobre a degradação da humanidade terrestre... elas são o testemunho mais contundente do que Lilith conseguiu fazer com a Terra.

- Os Senhores da Sombra atacam frontalmente os Magos Crísticos?

- Nunca. Como esoteristas conscientes que são, e conhecedores do funcionamento da Lei do Retorno, eles sabem que, no momento exato em que apontassem uma arma contra um Mensageiro de Deus, uma arma semelhante, mas de muitíssimo maior poder de destruição, estaria explodindo em cada átomo de seu corpo... E nisto não vai nenhum exagero; é assim mesmo. Ironicamente, o botão que detona essas armas nucleares é o ódio. Como os Magos Crísticos são a personificação do Amor e da Compaixão, seriam os próprios Senhores da Sombra que estariam se suicidando...

Entretanto, os Senhores Negros atacam ferozmente os discípulos da Luz, que ainda são vulneráveis aos apelos de natureza inferior. Apesar de todo o anelo pela Luz, a Luz da aura desses discípulos ainda não está totalmente solidificada, de modo a constituir um escudo indevassável...

Todo discípulo de um mundo involuído tem que passar por uma experiência muito forte. É a chamada ‘Noite Negra da Alma’, em que ele se confronta com o ‘Guardião do Umbral’, que é uma entidade planetária, artificialmente criada e mantida pelos pensamentos e emoções mais primários e abjetos de toda a humanidade do planeta; é a concentração das Trevas – a pupila dos olhos da Loja Negra Planetária, ou seu clone mais poderoso.

Nessa Noite Negra (que, na verdade, pode durar dias ou meses), o discípulo passa por terríveis ataques psíquicos desferidos pelos magos negros. É uma enxurrada de formas-pensamentos bestiais, obscenas, ou então, ao contrário, altamente sedutoras que, de repente, são despejadas sobre o aspirante; sugestões negativas, que funcionam como verdadeiros mísseis, são disparados ritmadamente contra o aspirante para despertar-lhe as emoções mais selvagens, Lilith entra em cena, disposta a tudo. E a Loja Negra planetária, em peso, também, também! Ora ameaçando com castigos os mais cruéis, ora ofendendo as melhores iguarias. Ora ameaçando tirar tudo, ora prometendo dar tudo ('Eu lhe darei o universo inteiro se prostrado me adorares'). Diante dos olhos do discípulo, aparece então o Guardião do Umbral, que além de ter o peso de toda a treva planetária, ainda por cima pode servir de veículo (ou 'cavalo') para a incorporação do Governador daquele mundo ou, até mesmo, de um Príncipe. Certamente a luta é desigual...

No decorrer dessa Noite, o discípulo tem a sensação de estar sepultado num mar de lama ou, então, num mar de rosas falsas, cujo perfume chega a atordoar de tão forte... e por sentir-lhe sepultado, ele não consegue comunicar-se com seu Mestre ou com os Centro de Luz – nem sequer para pedir ajuda. Para manter-se fiel à Luz que tanto ama, tem que aprender a extraí-la de suas estranhas e com ela se manter. Estando no epicentro de uma grande explosão, sentida por seu corpo com toda intensidade o discípulo terá que saber que, apesar da aparência tão tangível, tudo não passa de uma ilusão dos sentidos, do emocional e do mental. O chão está tremendo, o céu desabando-lhe na cabeça, o frio fustigando-lhe os ossos, a solidão pesando, o alimento escasso? Pois tudo isto é uma merda ilusão criada pela Loja Negra... Simplesmente não existe, não é real. 'EU SOU' – deverá pensar então o discípulo, 'EU SOU', deverá proclamar em alto e bom som, de modo que sua voz tenha o poder de rasgar os éteres do espaço... e liberar a Luz que eles contêm. EU SOU: invocada assim, a Presença de Deus, em Pessoa, se manifestará e acalmará a turbulência. A comunicação com os Seres de Luz é novamente restabelecida... Pois está escrito: 'A Luz de Deus Nunca Falha' e 'A Vitória é inevitável'.

- Os Magos Crísticos combatem os Senhores da Sombra?

- Obviamente, nenhum Mago Crístico empunha uma arma para atacar ninguém. Contudo, há de se entender como é que funciona o Ordem de Michael, que tem como símbolo justamente uma Espada de Luz.

A hierarquia chefiada por esse Grandioso Príncipe de Deus trabalha protegendo seres e mundos da influência da Loja Negra. Os Arcanjos de Michael envolvem todos os que clamam por sua ajuda (indivíduos, para se protegerem a si mesmos e a seus entes queridos, projetos e atividades; comunidades; veículos, inclusive naves interplanetárias; nações; mundos inteiros) em poderosos Escudos de Luz, que têm a forma de Mantos de Invisibilidade Crística e de Círculos-

Não-Se-Passa. São Escudos de Luz, como eu disse, que tornam indivíduos e mundo invulneráveis ás forças involutivas. Ainda que alguém, assim protegido, passe 'pelo vale da morte', sairá ileso... Ademais, os Arcanjos de Michael manejam realmente uma Espada de Luz (que é a Vontade de Deus), e com ela cortam as teias energéticas do mal... Se alguém, em qualquer ponto deste universo, se vir ameaçado por um agente da Loja Negra, de que escalão for, grite o nome de Michael, 'A Luz de Deus Nunca Falha' e a Proteção de Michael também não. Aqueles que já foram abduzidos certamente não invocaram Michael, porque, se o tivessem feito, esta aberração não teria invocaram Michael, porque, se o tivessem feito, esta aberração não teria acontecido. O nome de Michael pronunciado com fé ou então 'KODOISH KODOISH KODOISH ADONAI TSEBAIOTH' são mantras que rechaçam violentamente qualquer mago das trevas.

Apenas para completar, quero dizer que a Ordem de Michael trabalha freqüentemente em íntima colaboração com duas outras Ordens: a Ordem de Melquisedeck, que cuida do despertar da consciência crística; e a Ordem de Enoch, responsável pela transmissão dos ensinamentos científicos da Criação – é a Física Divina.

- Como e onde acontece o Armagedon, a Batalha da Luz contra as Trevas?

- Esta Batalha acontece no coração dos que ainda não estão libertos; a batalha campal se desenvolve aí, nesta terra de ninguém (porque ainda não é inteiramente da Luz nem das trevas). É na alma que as pessoas sentem o recrudescimento de ferocidade que ainda não foi transmutada. A violência é interna: o que acontece externamente é apenas um espelho... Usando-se uma linguagem mística, pode-se dizer que o campo do Armagedon é o 'centro a que chamamos e raça os homens'.

A propósito, gostaria de esclarecer o que, realmente, significa Resgate – mesmo porque, na Terra, hoje transformada num lodaçal, existem alguns raríssimos humanos considerados resgatáveis, cujo destino também será decidido por esta Assembléia.

Ao contrário do que muitos pensam, Resgate não é a operação de salvamento em que naves extra ou intraplanetárias recolhem os que merecem ser salvos, encaminhando-os para lugares seguros, onde possam prosseguir evoluindo... Isso acontece, de fato, mas apenas como conseqüência. Porque o verdadeiro Resgate é uma iniciação, é um processo através do qual a pessoa abandona antigos padrões de um egocentrismo sórdido e se orienta na direção do EU SOU, ofertando-se como instrumento da Vontade de Deus, que é bem. 'Pedi a recebereis', dizem todos os Cristos. Ora, se a pessoa se ofereceu – desinteressada e amorosamente – para cumprir a Grande Vontade, ela será levada a um lugar que ofereça condições de vida compatíveis com o anseio tão elevado. Aí, seres extra ou intraplanetários podem colaborar, com suas naves, nesse remanejamento.

Portanto, no caso da destruição de uma civilização ou de um mundo inteiro, não adianta correr para o alto de uma montanha ou se esconder num abrigo subterrâneo, porque isto só será de alguma valia se, por alguma razão cármica, aquela vida já tiver sido poupada e tiver que continuar se desenvolvendo ali, naquele mundo e naquelas condições. Por outro lado, aquele que tiver que ser recolhido por alguma nave pode estar no epicentro da explosão de um mundo e, mesmo assim, será recolhido e devidamente encaminhado para um lugar seguro... Quantas e quantas vezes, durante guerras e cataclismos que ocorreram em mundos involuídos, não houve o caso de desaparecimentos? Ora, esses desaparecidos – cujos corpos jamais foram encontrados e de que nunca mais se ouviu falar – foram levados, em sua grande maioria, para outras sociedades e mundos melhores; e até hoje passam muito bem...

- Já foi dito que, na Terra, a Loja Negra aplicou um determinado plano de involução baseado no sexo e no dinheiro, e que em outros mundos mais evoluídos materialmente, a tática foi a de uma super tecnologia. A pergunta é, há algum ponto comum nos planos de involução?

- Existe um ponto comum: é o 'Programa Racial', que tem como maior objetivo a formação de uma Nova Raça ou um Novo Homem (o Anticristo). Esse programa se desenvolve através de quatro campos de atividades, a saber: Engenharia Genética, Nutrição & Condições Ambientais, Religião e Arquitetura.

Engenharia Genética. Para cada humanidade dominada pela Loja Negra, os cientistas das trevas invariavelmente fazem um mapeamento completo dos seus genes. De posse desses dados, eles são capazes de alterar o código genético daquele povo, tornando-o incompatível com os níveis mais sutis da consciência. Ora, em todos os mundos, evoluídos materialmente ou não, a Loja Negra visa a supressão da espiritualidade e o rebaixamento da população ao nível mais animalizado possível. E faz isso através da manipulação genética, inoculando na população tudo o que quer: tendências materialistas, instintos bélicos, agressividade, medo, predisposições a doenças de todo tipo e, principalmente, predisposição ás forças involutivas.

Além do mais, existem as abomináveis experiências genéticas, as abduções a que são submetidos os povos dominados. Mulheres já foram fecundadas com esperma de animais *(Qualquer semelhança com o nazismo não é mera coincidência.)* e deram à luz seres sub-humanos – raças totalmente desprovidas de vontade e de inteligência, mas obedientes; são verdadeiras aberrações. E também não são raros os casos de almas aprisionadas em corpos animais... E mais: dependendo do mundo que se quer dominar (e isso acontece freqüentemente), os magos negros provocam o nanismo na população: que dizer, manipulam geneticamente as pessoas de tal forma que conseguem torná-las anãs. Resultado: até por conta de sua baixa estatura, essas pessoas não têm sequer condições físicas para resistir aos gigantes dominadores e, por conseguinte, se tornam uma excelente mão-de-obra escrava.

Se, em alguns mundos, o padrão a ser implantado é o do nanismo, em outros é o do gigantismo. Isso acontece nos mundos onde a população apresente características étnicas *(Pré-requisitos da elite da Raça Ariana Pura definidos por Adolf Hitler: Os homens deveriam ter uma comprovada hereditariedade nórdica que remontasse ao ano de 1750, medir no mínimo 1,75m, ter cabelos louros, olhos azuis, dentes perfeitos, gozar de perfeita saúde e dar provas de obediência irrestrita às ordens superiores. (A propósito, era assim o juramento dos soldados da Gestapo: Eu juro, Adolf Hitler, Fuhrer e chanceler do nosso grande Reich alemão, fidelidade e bravura. Eu juro, a ti e aos chefes por ti designados, obediência até a morte." As mulheres tinham que apresentar os mesmo predicados, com uma única exceção: sua altura mínima ficava nos 1,70m; no mais, deveriam ter um acirrado sentimento patriótico, de modo de gerar a "Grande Raça dos Senhores", ou seja, a raça formada por Anticristos. Estes, logo depois de nascidos, deveriam ser entregues ao Estado e/ou Ordem Negra fundada por Hitler, para que jamais conhecessem seus pais biológicos.)* que, segundo a Loja Negra, a capacitem a ser preparada para encarnar o 'Homem Novo', ou seja, o Anticristo *(Hitler: minha pedagogia é dura: trabalho com martelo e arranco tudo o que for fraco e podre. Em meus castelos da Ordem (em alemão: Schwarz Korps, literalmente 'Ordem Negra') faremos florescer uma juventude diante da qual o mundo irá tremer. Uma juventude violenta, imperiosa, intrépida, cruel. É assim que eu quero que seja. Eis o primeiro grau da juventude heróica. É dela que sairá o segundo grau, o do homem livre, do homem que representa a medida e o centro do mundo, do homem criador, do Homem-Deus. Em meus castelos da Ordem, o Homem-Deus, a figura esplêndida do ser que só aceita ordem de si mesmo, será como uma imagem do culto, e preparará a juventude para a etapa futura da maturidade viril. O Novo Homem vive entre nós, está aqui. Isso basta? Vou contar um segredo... Eu vi o Homem Novo! É intrépido e cruel, e fiquei com medo dele... A Providência me designou para ser o maior libertador da humanidade. Liberto o homem da opressão de uma razão que seria, talvez, seu próprio objetivo; liberto-o de uma aviltante quimera que se chama consciência ou moral, e das exigências de uma liberdade individual que pouquíssimos homens são capazes de suportar. (...) O homem nasceu mau. Só consegue ser dominado pela violência, e todos os meios são válidos para guiá-lo. É preciso saber mentir, trair, assassinar inclusive, quando a política assim o exige. (Do Livro Mein Kampf, "Minha Luta", de Adolf Hitler)*.

Nutrição & Condições Ambientais. Tanto a desnutrição quanto a nutrição inadequada (com alimentos e/ou elementos danosos à saúde) são excelentes meios para se enfraquecer uma Raça, Aliados, então, a condições ambientais deploráveis, cientificamente planejadas, o sucesso da Loja Negra está praticamente assegurado...

Religião. Num mundo dominado, sempre há perseguição religiosa. Também são estimuladas as guerras e os conflitos de cunho religioso – ‘guerras santas’, são assim chamadas, só que de santas não têm nada...

Arquitetura. Um novo estilo de arquitetura é introduzido no mundo dominado. As caras, os templos e as próprias cidades são construídos e dispostos de tal forma que passam a funcionar como verdadeiras torres de comunicação cm os principais focos intergaláticos da Loja Negra.

- O que significa realmente o Anticristo?

- O próprio nome já diz: é a antítese do Cristo, que é o estado divino de Consciência.

Todos os seres ascensionados são Cristos. Entretanto, há ocasiões em que, para a tentativa de resgate de toda uma humanidade, é necessário que um Ser de Consciência Sublime desça das altíssimas oitavas de Luz e se encarne fisicamente. No meio dos humanos, esse Ser de Luz será identificado como O Cristo: esse tipo de encarnação é chamada de avatárica ou crística.

Todos os magos das trevas são Anticristos. Entretando, há ocasiões em que, para a tentativa da derrocada de toda uma humanidade, um ser maligno se encarne fisicamente. No meio dos humanos, esse ser poderá ser reconhecido como O Anticisto. Esse tipo de encarnação é chamada de diabólica ou anticrística.

Tanto Cristo quanto o Anticristo será apoiado por sua Loja respectiva. E, na carne, tanto um quanto o outro se ofertará como um instrumento de uma vontade superior á sua, terá perfeita consciência do papel que estará desempenhando e receberá o aval de sua Hierarquia *(Cristo; Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice, todavia, não seja como eu quero, mas como Tu queres. (Mateus, 26, 39) Pai meu, se este cálice não pode passar de mim sem eu o beber, faça-se a Tua Vontade. (Mateus, 26, 42) Anticristo: Fiquei progressivamente consciente de uma presença (...), a mesma e aterrorizadora presença que eu já havia experimentado nos poucos momentos de minha vida em que percebi o grande futuro que o destino me reservara. Fiquei, sozinho e trêmulo, diante da forma móvel do Super-Homem: um Espírito sublime e temível, um rosto intrépido e cruel. Com um respeitoso temos, ofereci minha alma para que fosse o instrumento de sua vontade. (Adolf Hitler))*.

“Cristo é humilde; nele não há sequer vestígios de ego, pois se identifica plenamente com Deus (‘Eu e o Pai somos um’); Ele prega Amor, Compaixão, Perdão. O anticristo, ao contrário, cultua o ego, estimula todos os vícios e dissemina a mentira e a violência.

“Ao término de uma encarnação crística, a Luz do Mundo brilha mais forte; o conhecimento de um Novo Reino de Paz se alastra e muitos percebem como alcançá-lo. Ao término de uma encarnação anticrística, há muita dor e destruição: a treva se adensa.

- Qual é a pior modalidade de prisão; a mais cruel, a mais covarde, a mais inteligente, a mais eficiente?

- É aquela em que o prisioneiro nem percebe que está preso. Que não vê as grades que o limitam. Que não sente as correntes que lhe imobilizam pés e mãos. Que não consegue nem mais enxergar o seu próprio coração, e quanto mais imaginar uma outra vida além dos muros da cadeia! Que ninguém se lembra mais de sua identidade, seu potencial, sua herança, seu Amor, seu destino, seu sonho atávico de Liberdade... Que esqueceu o passado porque os processos de lavagem cerebral de que foi vítima resultaram em amnésia. E que também não tem futuro porque já não sabe sonhar. Este é o eficientíssimo sistema penitenciário praticado pela Loja Negra *(Mestre Djwhal Khul: Paralelamente à atividade da Grande Loja Branca (tal como aconteceu então e vem acontecendo até hoje), havia uma atividade das forças obscuras. Produziram seus efeitos por intermédio do centro sacro, estabelecendo-se uma situação extremamente viciosa que debilitou o vigor do corpo humano, acirrando grandemente as exigências da natureza sexual pela estimulação do centro sacro (produzido artificialmente pela Loja Negra) e que trouxe, como consciência, numerosas alianças ímpias e uma ampla difusão de relações malignas. (El Sexo – Recompolación de Los Ubtos Del Maestro El Tibetano)*.

Terminado esse questionário, formulado e respondido por ela mesma, a Senhora do Carma voltou, abruptamente, á única pergunta que, até então, ficara sem resposta:

- E quanto á outra parte da humanidade de Capela? Aderiu à Loja Negra? Bem, posso adiantar que não chegou a tanto, pelo menos naquela época. Mas esses indivíduos – milhões deles – chegaram a sentir, sim, a luxúria do poder. Eles tinham desenvolvido uma super tecnologia. Já sabiam como decompor a matéria em unidades de energia e, depois, como recompô-la. Sabiam como transformar seus próprios corpos físicos em energia, com plena consciência e controle, e viajar, sem naves, por esses universos, só empregando técnicas adiantadas de materialização – telecinésia. Já haviam adquirido um razoável conhecimento da prodigiosa Ciência do Verbo. Foi aí que se deram conta de dimensão de seu poder. E foi aí que passaram a falar de expansão, conquista de outros mundos e povos. Sim, de conquista e não de intercâmbio! Bem diferente do discurso da outra população de Capela, cujo discurso era o seguinte: Universalidade; Unidade com toda a Vida; Harmonia; Paz!

Os rebeldes queriam impor as novas idéias e, nisso, não davam trégua. Logo estavam provocando conflitos. Insistindo, reivindicando, justificando seus planos escusos com uma desculpa esfarrapada: ‘era para o bem da Pátria’.

Pátria? Mas, afinal, que pátria era essa a que se referiam esses capelinos se todos os Filhos de Deus têm como única e verdadeira Pátria o assim chamado Caos – este Oceano de Vida infinito que contém todos os universos atuais e todos os universos que ainda vão nascer?

Qualquer lugar onde nos encontremos é apenas um segmento ínfimo de nossa estrada, um mero albergue, como já foi dito nesta assembléia.

Pársis, a primeira Senhora do Carma da Terra, fez uma breve pausa.

- Na hora em que milhões de capelinos estavam discutindo um novo conceito de pátria, uma boa notícia chegou aquela estrela, procedente do Conselho de Alfa e Ômega: impulsionada pela grande maioria da população *que, inclusive, já havia renunciado formalmente ao exercício do livre-arbítrio em prol do serviço à Luz), Capela seria elevada a um novo patamar de Consciência, passando a atuar numa dimensão mais sutil. Tratava-se, pois, de uma ascensão coletiva.

Notícia excelente. Mas, naturalmente, a conseqüência natural era que, por falta de afinidade vibratória, os rebeldes estavam fora. Lógico, eles mesmos se excluíram. Então, teriam que mudar.

Para onde? Os Jardineiros de Espaço – que é a Hierarquia que cuida também da alocação das raças e das eventuais miscigenações – pronunciou-se com muita Compaixão a respeito:

- Onde houve separatividade, que se aprenda a preciosa lição da Unidade. Corretas relações humanas. Através dessa provisória mudança de albergue, o conceito de Pátria terá que ser ampliado. Lembrem-se: o retorno à verdadeira Pátria só se dá pelo Amor; esta é a única via de acesso. Amem-se, Amados Filhos de Capela! Amem-se! Porque é na medida do Amor que tiverem a si mesmos que amarão o próximo. Há um mundo inteiro esperando para desabrochar como Capela... Nessa nossa terra, vocês ensinarão aos nativos tudo o que já conhecem sobre as leis da matéria, e aprenderão, com eles, o Amor; a troca é perfeita, e dela deverá brotar uma civilização de ouro. Conscientizem-se da importância do trabalho que lá deverão desenvolver. É uma oportunidade fantástica de se redimirem, mas também de prestarem um grande serviço à Vida. Sintam-se Jardineiros, Professores, Construtores de uma Nova Era. Estando encarnado, um ser pode, às vezes, fazer mais pelo seu semelhante que os próprios Mestres, que não podem ir além de certos limites. Estando lá encarnados, vocês terão mais liberdade que os próprios Mestres para transmitir conhecimento ao povo. E vocês têm mesmo muito conhecimento e uma ampla bagagem de luz, que foi conquistada por mérito próprio. A tarefa é multiplicar a Luz na convivência diária com outros seres. Daqui a pouco, Capela resplandecerá como sol de maior grandeza; enquanto isso, no novo albergue, vocês poderão desempenhar o nobre papel de Arautos da Luz, e, por isso, também estarão vivenciando uma nova aurora. Nós, Jardineiros que tanto semeamos neste Espaço tão vasto, podemos dizer que na união dos povos floresce a Irmandade da Luz. Houve carma – que é uma divida contraída com a Vida – ficará trancado nos Cofres Universais por prazo indeterminado. Não haverá cobrança imediata, de modo a evitar contaminação do novo mundo e dificuldades no belo intercâmbio a Fraternidade, os títulos

depositados nos Cofres Universais automaticamente se converterão em ouro. E aí, querendo, retornarão à sua amada Capela. Vão agora, mas voltem! Voltem logo!

Os Jardineiros ainda acrescentaram algumas informações acerca da adequação do código genético de ambos os povos e do funcionamento da Lei da Translação que estava sendo utilizada para permitir o encarne dos capelinos no novo mundo. E, por fim, deram o novo endereço: planeta Terra, sistema Hélios e Vesta, Braço de Órion, 13ª Região Administrativa da Via Láctea.

- Dentro da atividade desenvolvida pelos Jardineiros do Espaço, a miscigenação é fato corriqueiro?

- Não só corriqueiro, mas indisponível. Nenhuma raça – seja ela humana, Angélica ou elemental – evolui sem que, em algum período de sua história, se uma a outras. O intercâmbio, como já testemunhou o último El a deixar a Terra, é fundamental. Nenhum homem é uma ilha, a nossa pátria é o universo, e a Fraternidade Universal – como Deus – está em toda parte.

Outras questões importantes poderiam ser suscitadas. Exemplos: como se deu essa primeira imigração? Foi com ou sem corpo físico? Como foi a adaptação dos capelinos na Terra? Como foi o relacionamento com os terrestres?

Pársis apressou-se a responder:

- Naturalmente, seria muito mais fácil embarcar os imigrantes numa nave e deixá-los na Terra, aos cuidados da Raça Aben; estes, por sua vez, se encarregariam de encaixá-los nas profissões e comunidades mais adequadas. Só que os Jardineiros queriam que os capelinos, enquanto estivessem na Terra, se misturassem realmente com a população nativa: que não houvesse características físicas tão divergentes a ponto de marcá-los como exilados. E aí estava o problema, porque os capelinos são muito diferentes dos terrestres: muito mais altos (da altura dos Els), cabelos quase brancos e finos, olhos dourados, e corpo totalmente desprovido de pêlos – cílios, inclusive. Por isso, a solução foi criar lá, na própria Terra, corpos para os imigrantes, iguaizinhos aos terrestres; isso é fácil para os Jardineiros, especialmente quando já existe o protótipo Adam Kadmon. Quanto aos corpos originais dos exilados, a Hierarquia simplesmente os desmaterializou. Afinal, esperava-se que o exílio fosse por pouco tempo; no momento em que eles se redimissem prestando um belo serviço à Terra, automaticamente estariam recuperando o próprio corpo e o direito de voltar a Capela.

Translação sem corpo físico. Foi esse o método de encarnação utilizado para os primeiros imigrantes da Terra.

O procedimento foi o mais rápido possível. Despiu-se um corpo da mesma forma como se despe uma roupa e, praticamente no momento seguinte, depois de uma bênção de Amor (que a muitos entrantes pareceu ter sido um rápido sono), a alma já estava assumindo um novo corpo... lá, na Terra. Os Mestres da Raça Aben já estavam a postos. No instante em que os exilados

‘despertaram’ no novo planeta, já eles transmitiam as informações necessárias: o nome que cada um deveria usar na Terra, a história do planeta e da humanidade, a comunidade em que seriam enquadrados, as tarefas que deveriam desenvolver etc.
Entretanto, mesmo de posse de todas essas informações, os capelinos não foram imediatamente integrados à sociedade terrestre. Os mestres os mantiveram isolados, numa espécie de ‘quarentena’. O objetivo era trabalhar com eles a aceitação de sua condição de exilados. E, de fato, muitos deles já demonstravam sinais de melancolia. Mal haviam chegado à Terra, e já sentiam saudade de Capela: o esplendor de um mundo feito de Luz, os Irmãos que lá deixaram, as naves sofisticadas, o altíssimo conhecimento tecnológico... E havia também os que, julgando-se injustiçados, queriam discutir a decisão dos Jardineiros do Espaço. A todos os Mestres prestavam assistência, trabalhando no sentido de iluminar as mentes e os corações.
Depois desse período inicial de isolamento, os capelinos começaram a travar contato com a sociedade terrestre, e nela foram-se adaptando. Quanto aos terrestres, a grande maioria nem se deu conta dessa primeira imigração. Tudo ajudava para que o fato passasse despercebido: naquela época, os rutas estavam se aventurando em viagens, tanto marítimas quanto terrestres. Expansão! Descobrimentos! (Pareciam os Els, naquele entusiasmo de conhecer novos mundos...) Anexação pacifica de novas terras e tribos para o governo central de Mu! Intercâmbio da capital do Império, Uighur, com as outras novas nações e mais as colônias!... Nesse quadro, as migrações eram comuns... Assum, com exceção de uns poucos terrestres, justamente a elite espiritual da época – chamados de Naacals, ‘Grandes Irmãos’, que, por sua própria evolução, já tinham acesso aos registros akásicos – o povo nem percebeu a chegada desses primeiros extraterrestres.
No primeiro, tudo correu tranqüilo, de acordo com a expectativa da Hierarquia dos Mestres. Mas com tempo, estranhas idéias começaram a espoucar a Terra.

Capítulo 16

NOITE IMPURA E TURVA

(...) se permitirdes o pensamento de raiva, ressentimento, inveja ou dissipação da energia através do pensamento do sexo, estareis apenas conduzindo essa Poderosa Corrente para baixo.

A serpente representa apenas o emprego errado da Energia Solar do Grande Sol Central na humanidade. Esta Energia Solar é o mais dinâmico poder e está sempre ativo (...) À serpente se tornará a cotovia, pois foi primeiramente concebida na mente exterior do homem pela direção errônea da maravilhosa Energia de Deus. Voltou-se para as regiões inferiores, interrompendo seu curso celestial – que será sempre para o alto. (...) Quando esses hábitos forem quebrados, a chamada serpente, que não é sendo revolta e ressentimento, não encontrará nada com que se alimentar. Portanto, ela buscará campos mais férteis ou, em outras palavras, desaparecerá de seu paraíso.
(Mestre Saint Germain in Instruções do Mestre Ascensionado Saint Germain da Ponte Para a Liberdade)

Lilith e Leviatã, o Réptil, são sinônimos:

- Lilith! – apresentou Pársis.

Um vulto feminino materializou-se no púlpito, ao lado de Pársis. As feições estavam veladas por uma misteriosa névoa; do rosto só se podia distinguir a boca sensual, pintada de vermelho-sangue. Cabelos escuros, volumosos e longos. Corpo escultural. Vestido justo, igualmente vermelho-sangue; decote generoso, seios á mostra. Descalça.

-Esta é Lilith, a Noite Impura e Turva, personificação da Escuridão e da Treva – pois assim foi concebida pela Loja Negra. É o lodo que se deposita primeiramente como uma tênue camada no fundo de uma água límpida, e que depois vai se acumulando, acumulando, até contaminar todo o leito. Quando ri, revela finalmente toda a crueldade de que é capaz. Lúbrica, lasciva, felina, maliciosa. Especialista em sonhos: na calada da noite, semeia ervas daninhas. Manipula tudo, suja tudo o que toca: depois de perverter o sexo (porque é este o seu ponto de partida), transforma a razão, e converte homens em animais. Estimula a dependência da prática sexual, colocando-a quase como um vício, e se delicia especialmente com o homossexualismo, a sodomia, o sadismo e o masoquismo. Seu maior gozo são os crimes passionais. A dimensão de seu sucesso é medida na proliferação das taras sexuais e das doenças sexualmente transmissíveis, presentes em todos os mundos que caíram nas malhas de Lilith. No seu trabalho de dominação de um mundo, ela está quase que infalivelmente associada á Ordem Negra que lida com o poder, o dinheiro. Ilude as pessoas apresentando-se como a própria especialista em amor – o que, diga-se de passagem, é falso, pois ela somente lida com a paixão doentia, e nunca com o Amor. Tanto é que quem se entrega a ela só consegue a morte.

Aqui, nós a estamos chamando de Lilith, que é o nome dessa Ordem Negra e a síntese de suas atividades. Porém, se um Cristo se confrontar com ela e ordenar, em nome da Luz, que se identifique, ela será então obrigada a confessar o seguinte: ‘Meu nome é legião’. De fato, meus

amigos, Lilith é uma imensa legião. Cada átomo que compõe este arquétipo é a expressão de um espírito imundo, e seu símbolo é uma serpente de cor escura... Em algumas culturas, essa mesma legião trevosa apresenta-se sob forma masculina; ai, torna-se Leviatã, o Réptil. Quer Dizer: De uma forma ou de outra, é sempre réptil, o bicho que se arrasta no chão, incapaz de se erguer.

Nos mundos dominados e hipnotizados por ela, considera-se Lilith o ideal feminino às avessas, 'a sombra da Mulher' ou, simplesmente, 'a libido, tal como é por natureza: selvagem, sem escrúpulo, sem controle'. Ora, nesse tipo de definição está implícita a idéia de que Lilith é natural e tem uma existência real; que em toda mulher se esconde uma Lilith... Não é verdade isso! É mentira! Eu garanto: desde a origem, o corpo de cada mulher está carregado da sabedoria instintiva, e não desta bestialidade instintiva. Nós, Seres de Luz, garantimos: a Mulher, originalmente, não tem essa sombra! A Mulher, tal como foi criada por Deus, é Espírito Virginal, é luz centrífuga, quer dizer, é uma Luz que se espalha pelo mundo inteiro, que se expande... Lilith, ao contrário, não é luz. É sombra! É ilusão! Tão falsa e irreal quanto qualquer crime, doença e a própria morte! Ela pode ser expulsa do inferno a cada momento. É só querer!

A simples menção da palavra querer, proferida por Pársis, o arquétipo Lilith se desfez...

Era só querer. Mas na Terra, é claro, ninguém quis realmente...

- Não vamos identificar aqui, neste julgamento, a mulher que abriu os portões estelares para a entrada de Lilith na Terra – Declarou Pársis.

- Não vamos nem dizer se ela é originária de Capela ou da própria Terra. Porque, afinal de contas, o peso da treva que agora corrói o planeta está no fato de que quase todas as mulheres que lá estão vivendo se tornaram personificações de Lilith. E os homens também! A raça Aben, como um todo, foi geneticamente recriada pela Loja Negra. Por livre escolha dos terrestres, a Criação Divina – com sua Ordem perfeita, com Leis Perfeitas, e Amor servindo de alicerce – foi reduzida a pó. Assim, uma nova criação, urdida pela "mal cósmico", teve lugar. No sentido estrito da palavra, e excetuando-se uma parcela mínima daquela humanidade (refugiada em uma cidade intraterrena), pode-se dizer que já não há mais Vida no planeta Terra. Porque não há Consciência.

"Não revelaremos a identidade da mulher que abriu as portas para a Loja Negra. Mas nos momentos em que ela estiver pensando, sonhando, sentindo e agindo como Lilith, usaremos este nome para identificá-la. Quanto ao homem, também não revelaremos o seu nome verdadeiro que corresponde exatamente à sua vibração pessoal na Criação de Deus. Não o chamaremos nem de ruta, 'adorador do sol', nem de Aben, porque este é um nome divino que significa 'união do Pai com o Filho', atribuido à terceira raça humana. Então, a solução é chamá-lo de Adam (de Adam Kadmon), que é o genérico daquele boneco que serve de modelo ou arquétipo para toda raça humana.

“Adam e Lilith, portanto.”

Capítulo 17

ELE, O PRINCÍPE! (ou ALIANÇA ÍMPIA)

“É impossível imaginar o quanto esta teia negra se desenvolve. É impossível descobrir todas as combinações inesperadas que se sustentam mutuamente. (...) Os próprios participantes das lojas negras se reconhecem entre si.” (Mestre Morya em Mundo Ardente)

Mu: o Império que tinha as dimensões de um mundo. O Império que se dividia em dez nações, dentre as quais Uighur, a maior de todas, o coração mesmo. Sendo apenas dez nações, obviamente cada nação dessa era enorme, cobrindo grandes extensões de terra e englobando miríades de colônias.

E cada nação era governada por um casal de reis, que estavam subordinados à autoridade dos Imperadores de Uighur.

A nação onde Lilith estava prestes a se encarnar era assim grande, de proporções continentais.

Como em nenhuma outra nação do Império, a costa litorânea era super-recortada: promontórios, pequenas baías, penínsulas e ilhotas. Solo fértil, cortado por inúmeros rios, lagos e lagunas. Bosques em profusão. Colinas suaves.

Se, na nação Irihia, a árvore kounboum era uma característica da flora, nesse território destacavam-se a kauri (uma imensa conífera) e a macrozâmia, uma prima da palmeira que dava pinhas de 70 cm de comprimento e que pesavam até 40 k. Aliás, foi para colher esses frutos, que se balançavam a uma altura de 20 m do chão, que os rutas da região criaram o interesse bumerangue, instrumento de arremesso que, muito tempo depois, haveria de ser usado como arma... Macrozâmias e kauris se misturavam ás lianas, faias, fetos arborescentes, sequóias, palmeiras...

Uma outra característica da região era a cadeia de túneis subterrâneos, por demais conhecidos da população. Se um deles (apenas um) levava a Agartha, os outros todos – passando embaixo da plataforma do Oceano Eloha Pacífica – levavam aos pontos mais distantes da Terra.

E ainda uma terceira característica nacional: o’gosto pela construção de pirâmides e monumentos megalíticos. Deles, o mais importante estava situado a exatamente 28º 584266974’ de latitude e 132º 00’ de longitude. É um conjunto formado por blocos de pedra de basalto, de

aproximadamente uma tonelada cada, dispostos em estranha formação. Os rutas o utilizavam como observatório astronômico e garantiam que, no passado remoto, ainda no tempo dos Els, o local era o preferido dos Irmãos das Plêiades, quando estes vinham visitar a Terra. Eles garantiam isso... De qualquer forma, não há dúvida que o local é mesmo carregado de um intenso magnetismo, pois exatamente nesse ponto se cruzam dois fios da rede magnética que transpassa o planeta. (Rever, a propósito, a lição que os Elohim deram aos Els sobre a existência dessa malha magnética, que, inclusive, ajuda o homem a superar a gravidade e a locomover-se para os locais mais distantes.) Aliás, foi justamente por causa desse intenso magnetismo que a capital dessa nação – à semelhança de todas as outras do Império de Um – Foi criada ao redor do ponto magnético.

Só que a comunidade onde Lilith iria se encarnar distava quase dois mil quilômetros da capital. Ninguém mais se lembra do nome original dessa colônia, pois foi definitivamente tragado pela estranha névoa que, depois da encarnação de Lilith, envolveu o lugar como se fosse uma fortaleza. Nos anais históricos, só consta que, muitos séculos depois do fatídicos acontecimentos, num novo idioma que surgiu na Terra, as pessoas do lugar (Atualmente Nova Zelândia. Milhões de anos depois, o nome Aotearoa foi usado pelos índios morioris e maoris, tidos como os primeiros habitantes da região.) chamaram-no de Aotearoa, que significa justamente a longa nuvem branca. E o novo nome foi passando de geração a geração, de geração a geração...

Era uma colônia cujo símbolo era um sol sem raios, erguendo-se na linha do horizonte – ou seja, não era expressiva dentro do Império. “Ainda não... mas vai ser!” – acreditava, com fé, o dedicado líder da comunidade, Abel. Muito mais do que pelas extraordinárias minas de ouro e pedras preciosas e semipreciosas (a opala fora a última descoberta dos rutas locais) que ali se multiplicavam, Abel desejava que aquela região se tornasse um Foco de Luz na Terra, habitada somente por naacals (‘grandes irmãos’, a elite de almas iluminadas que constituíam os pilares espirituais do Sol). E nesse desejo, não havia sequer nenhum traço de egoísmo: ele antes pensava em sua comunidade do que mesmo em si próprio.

Quanta coisa mudara! Definitivamente os áureos tempos de Capela haviam ficado para trás.

No princípio, foi duro. Primeiro, aquela sensação horrorosa de fracasso. O aluno comparece diante da banca de professores para ouvir, solenemente, que foi reprovado e que, portanto, não poderá continuar estudando com sua turma nem morando em sua própria pátria; terá que sair... Uma sentença dessas, embora proferida com “Amor”, é um estigma de maldição, pensava Abel com muita raiva. Será que esses Jardineiros não entendem isso? Não, os jardineiros do Espaço não entendiam mesmo. Tanto é que o processo continuou sem interrupções: Veio o translado – que (ele tinha que reconhecer) não foi uma viagem penosa,

atribulada, nada disso; ao contrário, foi assim como um sono leve, um mero cochilo. Nesse breve espaço de tempo, que agora lhe parecia uma eternidade, sua alma, em paz, obedecendo à ordem dos Jardineiros, se despojou do corpo e se preparou para assumir um outro. Uma paz artificialmente criada, julgou Abel com amargura. Depois, a entrada num corpo que não era o seu ("Ei, esse aqui não sou eu! Minhas feições são diferentes, e não sou tão baixinho assim! Cadê o meu corpo? O MEU CORPO?"). E, por fim, a consciência plena da rejeição. O sentimentozinho difícil de se lidar! Saber que você foi rejeitado por sua própria pátria, uma estrela daquelas dimensões! Rejeitado por todos os que lá vivem e brilham, pela própria Hierarquia dos Jardineiros do Espaço, que é reconhecidamente composta de Seres de intensa Luz e sabedoria... Exilado – pela primeira vez, a palavra cruzou-lhe a mente como um relâmpago e devastou tudo ao seu redor. Maldição!

Um instante depois de tomar consciência do novo corpo, e antes sequer de ter a curiosidade de observar o novo ambiente em que se encontrava, Abel ergueu os olhos ao céu, procurando Capela com ansiedade...

Procurando Capela... Procurando Capela... sem encontrar. Ficou completamente desorientado. Ora, ele havia esquecido precisamente o óbvio: que estava num outro planeta, distante 45 anos-luz de Capela, e que, portanto, a posição dos astros no céu era bem diferente. Nisso, uma mão suave tocou a sua e a apertou, com carinho, num gesto de companheirismo. Ele voltou-se e seus olhos se encontraram com os da esposa Jori. Ela sorriu de leve, novamente apertando-lhe a mão. Depois, vagarosamente, Jori dirigiu o olhar apara os Mestres que os cercavam, retornando-o depois ao marido. Dessa forma, era como se ela estivesse fazendo as apresentações. O mestre de turbante foi o primeiro a falar:

- A verdadeira paz de espírito é derivada da unidade com todos os seres da Criação e da universalidade. Ninguém é estrangeiro em canto algum.

- Assim como nós, vocês estão na Terra a serviço... – acrescentou o Instrutor.

- Não é castigo. Ao contrário: é a grande oportunidade de redenção que, amorosamente, lhes foi dada. É um resgate: nesta operação específica, vocês tanto serão os agentes como os objetos dessa ação de salvamento. Depois de terem compreendido e praticado certas lições, poderão voltar á Capela, se desejarem. As portas de novo se abrirão – asseverou a Manu, mãe da terceira humanidade terrestre.

- Bem-vindos à Terra, que será tão luminosa quanto a nossa amada Capela! – concluiu jovialmente a Conselheira, falando pelo Espírito Santo, o Espírito da Vida que sempre se renova.

Os mestres instruíram o jovem casal quanto à nova vida, assistiram-no amorosamente durante o período de "quarentena" e, finalmente, providenciaram sua adaptação no seio da humanidade terrestre. Ou mais exatamente: naquela comunidade de Mu.

“Se esta colônia é o retrato da Terra, então o planeta é atrasadíssimo”, pensou Abel com desgosto, sorrindo sem vontade aos rutas locais que lhe exibiam, com orgulho, a sua mais moderna embarcação: uma canoa de casco duplo, de 25 metros de comprimento por 6 de altura, que podia desenvolver uma velocidade de 30 nós e transportar confortavelmente até 40 pessoas. “Com embarcações desse tipo, criadas e construídas por nós mesmos, nós viajamos por todo este litoral – diziam eles, candidamente. Mas, cheios de modéstia, acrescentavam em seguida: “É claro que Uighur, a capital do império, e mais as outras nove capitais das nações (inclusive a nossa), são bem mais desenvolvidas... As embarcações são bem melhores e... “Acostumado com Carruagens de Fogo, em que se podia, com um simples comando, neutralizar a força de gravidade e viajar em velocidade 30 vezes superior á da luz, Abel menosprezou secretamente aqueles terrestres tão ignorantes: Obra Sólida... É, bem sólida mesmo! No mesmo instante em que esse pensamento foi formulado, a voz de uma Mestre pareceu ressoar dentro do seu cérebro. Ele disse o seguinte:

- Esta humanidade terrestre ainda é infante, mas onde falta o conhecimento científico, sobra Amor... Aproveito, agora, para relembrar as palavras do porta-voz da Sagrada Hierarquia dos Jardineiros do Espaço: “Nessa nova terra, você ensinarão, com eles, o Amor, a troca é perfeita, e dela deverá brotar uma civilização de ouro”. E quando a Aben, este é um nome divino; todo respeito é pouco. Obra Sólida, sim, e recém-nascida. Trata-se de uma humanidade ainda infante, mas que será tão adiantada quanto a de Capela, pois ela expressará, com perfeição e em plenitude, a fusão do Pai com o Filho.

Abel, então, de chofre, deu-se conta de sua enorme arrogância. Sentiu-se miserável e mesquinho. A troca é perfeita... Num espontâneo ato de contribuição, pediu perdão aos céus pela arrogância, e com uma determinação inusitada, comprometeu-se solenemente a realizar o que dele se exigia: auxiliar os terrestres a evoluir técnica e cientificamente. Como primeiro passo, escolheu aperfeiçoar as toscas embarcações – tanto marítimas quanto terrestres. Depois, juntamente com os outros casais de Capela residentes na Colônia, supervisionaria a construção de aviões, que haveriam de se tornar poderosas Carruagens de Fogo... E pôs-se a elocubrar; numa dessas carruagens, retornariam gloriosamente a Capela e ...

Jori era mais prática, mais compreensiva. É certo que, em Capela, aderiu á onda dos “rebeldes” ou “progressistas” que queriam dominar mundos e estabelecer um novo poder material. Mas depois de todo o trauma que é passar pelos trâmites do exílio, e ser despojado do próprio corpo, expulso da pátria e ter que recomeçar a vida num planeta pelo menos tecnologicamente primitivo, ela compreendeu muitas coisas. Para começar, sabia que ninguém voltaria a Capela em uma nave física construída por suas mãos: a carruagem de Fogo é a consciência, que é (re)construída mesmo nos trabalhos mais simples do cotidiano: preparando os alimentos para a ceia

comunitária, colhendo o trigo, tocando um instrumento musical na pequena orquestra da comunidade, ou simplesmente dançando... Jori também compreendeu a Misericórdia da sentença dos Jardineiros do Espaço; eles não fecharam a porta da Capela; ao contrário, deram uma tarefa para que os auto-exilados se resgatassem a si mesmos. Essa tarefa era a mais simples possível: corretas relações humanas; Amor no trato com s pessoas; Fraternidade. Nada mais do que isso... E no momento certo, quando o Amor estivesse devidamente sedimentado no coração dos antigos rebeldes de Capela, a Santa Hierarquia providenciaria seu retorno pelo método simples da translação; devolve-se o corpo terrestre para ser desintegrado e a alma, então, quase instantaneamente transpõe os 45 anos-luz que separa a Terra de Capela e, lá, reassume o seu próprio corpo. E aí a Vida continua... “Mas o nosso presente, agora, é a terra. E temos que vivê-lo intensamente para aproveitar a oportunidade que nos foi dada. Cada coisa a seu tempo”, refletia Jori sensatamente.

Quanto ao trabalho, ela escolheu a ourivesaria. Gostava muito de trabalhar com as mãos, era uma artista inata, tinha paciência para esse tipo de trabalho, que exigia perícia, e, além do mais, matéria-prima não faltava: a região era muito rica em ouro e pedras preciosas e semipreciosas; as minas se multiplicavam. A escolha foi confirmada quando entrou no templo, onde vários rituais e festas eram celebrados. Dimensões do recinto: 60m de comprimento X 30 m de largura X 15m de altura. Ao examinar a ampla câmara, com o seu disco solar em ouro, ela pensou: “Eu quero esse templo ainda mais bonito, com círios também de ouro e alguns outros riquíssimos objetos de arte. Nada menos que o melhor...”

Além do mais, de norte a sul, de leste a oeste, mesmo nas comunidades mais atrasadas do Império, os rutas cobriam-se de jóias, e as usavam com conhecimento. Sabiam a função de cada pedra e a ocasião propicia para seu uso. Eles falavam muito, por exemplo, da rede formada pelos chamados Cristais Guardiães da Terra – blocos de quartzo mediano aproximadamente 2m de comprimento e pesando cerca de 16.500 kg, colocados em pontos estratégicos do planeta que auxiliam o homem a sintonizar-se com Centros de Luz extraterrestres. Um desses formosos Cristais localizava-se justamente a mais ou menos 1 km da colônia; por esse motivo, o Ritual do Fogo era realizado nessa área, bem ao lado do Cristal Guardião.

Assim, cada um com seu trabalho, Abel e Jori começaram uma nova vida na Terra. Juntamente com outros casais de Capela designados para aquela colônia, Abel e Jori ficaram alojados, a princípio, num quarto de hóspedes do Centro Comunitário da comunidade – eram muitos quartos, que haviam sido construídos para acolher os eventuais visitantes. Mas essa acomodação era apenas provisória porque a comunidade toda, unida num mutirão, construiu casas para os recém-chegados, e móveis, e fez roupas para eles. Abel e Jori integravam-se à vida da comunidade, que era simples, natural e essencialmente cooperativa.

Passaram-se os meses, a vida fluindo serena. Pelo menos aparentemente os capelinos haviam-se adaptado muito bem na Terra.

Até que, numa noite, Abel teve um sonho.

Ele sonhou que estava na Capela, a pátria amada. E, diante dele, havia o maior diamante que jamais vira antes: pelo menos dez vezes a sua altura. Uma jóia multifacetada, primorosamente lapidada, que brilhava tanto quanto um sol central, despendendo raios em todas as direções. Ai, olhando bem, Abel notou que uma das faces do diamante, localizada quase ao rés do chão, mostrava-se oca. E de onde ele estava, viu que, lá dentro, havia painéis de comando... iguaizinhos aos que manipulava durante suas viagens espaciais... Ou seja, o diamante era uma nave. Atraído, então, por uma força irresistível, entrou pela abertura oca e sentou-se diante do painel. Uma fração de segundo mais tarde, já estava Jori, servindo de co-piloto. A nave foi deslizando veloz pelo amplo espaço sideral... Visão panorâmica. De repente, Abel e Jori divisaram uma nebulosa repleta de pontinhos brilhantes. Com uma alegria pueril, eles decidiram mergulhar naquele oceano de estrelas. Imediatamente, como se obedecendo a algum comando, a nave-diamante se transformou numa gigantesca pomba braça, com Abel e Jori enganchados no seu pescoço. E lá foram eles, nem mergulho alucinante. Iiiiaaaahhhhh: foi esse o Nome de Deus que gritaram, Abel e Jori, durante o mergulho nas estrelas. E ao findá-las, estavam agora os dois astronautas na garupa de um unicórnio, já no caminho de volta para Capela. O corcel branco, de asas longas e com um único chifre na testa, galopava, feliz pela constelação de Cocheiro, já prestes a entrar na órbita da estrela-pátria, quando colidiu inesperadamente com uma barreira, invisível e mortal, que agora existia naquela área. O cavalo foi eletrocutado na hora e, na queda, o corpo do animal foi arremessado para um lado, e Abel e Jori para o Outro. Eles foram caindo num abismo... Caindo... caindo. A queda era muito lenta, absolutamente indolor, mas, de qualquer forma, levaria à morte. Morte?! Refletiu Abel com crescente ansiedade. Mas, afinal, o que é a morte? O que significa essa palavra? Como em resposta. Abel foi invadido por ondas sucessivas de pavor, de escuridão, de impotência... Aí ele entendeu perfeitamente o que significava a palavra morte. Da garganta, irrompeu-se-lhe, então, um grito Interminááááááável, tééétrico, lúúúúgubre, que foi riscando o espaço como um rastilho de pólvora...

Acordou com o coração aos pulos, o corpo todo tremendo. Apenas um sonho, compreendeu. Mas nem por isso se acalmou, pois um choque ainda maior o esperava. Era o olhar-espelho de Jori. Os olhos da mulher estavam fixos nos seus, de modo quase hipnótico, e refletiam claramente a sua própria dor. A intensa dor do exílio, que continuava latejando e não conseguia ser aplacada. Abel, que a carregava, nem imaginava que a dor era tão pesada e tamanha. Agarrou Jori com desespero e prorrompeu num pranto convulsivo. Chorou pela primeira vez em sua vida; chorou

como menino que nunca foi. E no meio do pranto convulsivo, soltou o berro: EU NÃO SOU DAQUI!

Ou seja: o exílio era uma ferida aberta...

Mas o tempo é um santo remédio. Aos poucos – Abel nunca soube exatamente como foi que aconteceu essa mudança – ele foi se afeiçoando aos Terrestres. O amor se insinuou em sua alma feito posseiro: silencioso, leve como pluma. Do pedestal em que se colocava antes (sim, porque no íntimo ele se sentia o próprio sábio que, magnanimamente, jogava aos terrestes ignaros as migalhas do seu grande saber), ele desceu. E lá embaixo, de igual para igual, olhou os terrestres de maneira diferente. Olhos nos olhos, mais suavidade nas palavras, mais interesse pelas pessoas, coração se afinando por um outro diapasão... Começou a reconhecer os terrestres como irmãos, e aí aquela sensação de estranho no ninho foi diminuindo, diminuindo...

Quando completou dois anos de exílio, Abel compreendeu realmente, pela primeira vez, a maravilha que é o trabalho dos Jardineiros do Espaço. Para cumprir a Vontade de Deus, eles extraem da Mater Imaculada a energia e a substância necessária para gerar raças humanas, e, depois, para assegurar o cumprimento do Plano de Evolução, fazem os enxertos raciais necessários. Queridos Irmãos Maiores – murmurou Abel, com fervor, de olhos fechados – que o Radiantíssimo Adonai Tsebaioth, o Senhor dsas Hostes Criadoras, glorifique ainda mais o seu santíssimo trabalho! E muito obrigado pela inesquecível Lição de Amor que agora estou recebendo! Abel abriu os olhos e viu que as palavras de sua breve oração eram núcleos ígneos que estavam se fundindo uns nos outros e se transformando no corpo de uma ave branca. Quando fico totalmente moldado, o pássaro de fogo branco alçou vôo e partiu como um relâmpago na direção de Capela...

Mais três meses, e Abel se surpreendeu ao perceber que já não desejava voltar para Capela. Não ainda, porque tinha trabalho a fazer na terra. Um dia, isso aconteceria e, claro, seria um grande prêmio. Mas não ainda... As palavras da Conselheira, falando pelo Espírito Santo, voltaram-lhe à mente: “Bem-vindos à Terra, que será tão luminosa quanto a nossa amada Capela!”.

- Amém!, respondeu Abel em voz alta, cheio de entusiasmo.

Quase três anos depois, Abel e Jori ficaram sabendo que, por motivos bem diferentes dos rebeldes de Capela, outros extraterrestres encarnavam-se na Terra. Dizia-se que eram procedentes das Constelações de Órion e de Lira e, também, de um planeta chamado Fênix, localizado na Via Láctea. E que, nos casos em que os corpos físicos desses novos imigrantes eram bem semelhantes aos terrestres (em aparência e em código genético), esses corpos eram preservados; tratava-se, apenas, de uma viagem para a Terra que normalmente era feita através de naves espaciais.

Quando completaram precisamente 3 anos, 5 meses e 12 dias de exílio, Abel e Jori receberam um convite: dirigir a comunidade. É que Elion e sua mulher Inana, governantes até aquela data, estavam de mudança para a capital; lá eles passariam a integrar o Conselho de anciãos (quer dizer, ocupariam o cargo que, em outros sistemas de governo, equivalia ao de ministros), assistindo diretamente o Rei (Ra Mu) no governo da nação. Para Elian e Inana, tratava-se de uma grande promoção profissional e o justo reconhecimento de seu trabalho à frente da comunidade; e, como almas em crescimento, essa mudança representava para eles uma verdadeira iniciação espiritual; a partir daí, eles passariam a operar em outro nível de consciência.

- Tenho a honra de lhes apresentar, oficialmente, sua nova residência: este Templo! – Disse Inana,a brindo os braços num gesto largo. – Aliás, antes de mais nada... aceitam este Chamado?

No Império de Um, os Reis, Ra Mu, Assumiam o trono em virtude da indicação dos Mestres da Fraternidade Branca. OU seja, não havia erro; cada Rei responsável pelo governo de uma nação se não era propriamente um ser iluminado (porque ainda não era Mestre), pelo menos era um iniciado; tratava-se, pois, de uma legítima dinastia espiritual. Nessa época, Estado e Religião estavam integrados numa unidade orgânica; não se excluíam e também não estavam contaminados pelas forças involutivas. Sendo assim, era justo que a residência oficial dos Reis – e, conseqüentemente, a sede do governo – fosse o próprio Templo; com isso, demostrava-se que o poder temporal, como tudo o mais, é verdadeiramente fruto do Poder Eterno. Por isso, todos os governantes do Império. Até mesmo os de pequenas colônias como era o caso, residiam no Templo...

Abel e Jori alegraram-se muitíssimo com a notícia porque conheciam perfeitamente os trâmites desse processo: a indicação fora feita diretamente pelos Mestres, que a comunicou ao Ra Mu de Uighur, que por sua vez transmitiu a Ra Mu da nação, que por sua vez transmitiu a Elion e Inana. O chamado, como qualificou Inana, fora emitido pelos Mestres da Luz...

- Aceitamos – responderam Abel e Jori, em uníssono. E Jori completou: - Com muita gratidão e alegria...

No decorrer do dia, com a colaboração dos demais moradores, Abel e Jori mudaram-se para a nova residência, situada nos fundos da grande câmara templária.

À noite, após o Ritual do Fogo do pôr-do-sol e da ceia comunitária, a comunidade se reuniu no templo, para comemorar a posse de seus novos dirigentes. Ao som da orquestra da comunidade, houve muito canto e dança.

Em geral, os instrumentos musicais da comunidade eram feitos de madeira e porcelana, embora houvesse também alguns feitos de cobre. Particularmente, era muito apreciado o som da harpa, cujas finíssimas cordas eram ou feitas de prata ou então de cabelos. Mas sem dúvida, o instrumento mais valorizado era o chamado garganta mágica, capaz de reproduzir com incrível

fidelidade a voz da Alma do Mundo: desde a impetuosidade e a suavidade do oceano, em seus momentos de força ou então de repouso, até o delicado andar das fadas; desde a cantoria do vento e do fogo até o farfalhar das folhagens nos bosques; desde o calor dos corpos nus, interpenetrando-se e resolvendo o problema da dualidade, até o vôo de toda prece sincera... Celebração. Júbilo. A alegria da Alma do Mundo. A prodigiosa força de vida, que é o Amor, que permeia tudo e todos! Celebremos, então, o Amor! O Amor com letra maiúscula! A redenção! O novo começo, a nova vida! Um novo dia começando a qualquer hora do dia ou da noite, nesta Terra tão acolhedora, tão linda, junto desta humanidade que traz em seu código genético a transcendente união do Pai e do Filho! Obra sólida, sim! Obra firme: na essência, um Cálice Sagrado que está sendo preenchido pela Luz Radiante do Cristo Interno! Tudo isto nós temos para comemorar...

Mergulhando fundo na alegria geral – porque, afinal d contas, a Vida é um motivo mais do que suficiente para se comemorar – Abel e Jori cantavam e dançavam despreocupadamente sem saber que um grande perigo já estava rondando a sua amada comunidade: Lilith.

No dia seguinte ao da festa, a mulher que serviria de veículo para Lilith estava na cozinha, ajudando a preparar o almoço. Estava calada, pensativa, trabalhando. De repente, vira-se para uma companheira reconhecidamente bem informada e pergunta de modo displicente:

- Belial... Você sabe o que é isso?

- Não é isso. É esse – respondeu a mulher. – Belial é considerado o arquidemônio de uma certa Ordem Negra. Não é o Príncipe fundador, mas o espírito maligno que anima a Ordem... Ele é especialista em obstruir a Luz, na maldita arte de criar artifícios, ilusões...

- Ah

A mulher que emprestaria sua alma à Lilith voltou ao seu mutismo; também nada lhe foi perguntado. E ninguém da comunidade soube desse breve diálogo.

Três dias antes de Lilith se encarnar no corpo dessa mulher e começar a vampirizar sexualmente o seu companheiro, chegou a colônia um casal de Uighur: Emeth e Agla. Os líderes Abel e Jori, avisados que foram da chegada de tão ilustres visitantes, já os esperavam. A recepção foi a mais calorosa possível.

Na conversa que se seguiu, Emeth e Agla revelaram que vários emissários de Uighur estavam naquele momento percorrendo as nações do Império para conhecer de perto todas as terras e os núcleos habitacionais. O objetivo dessas missões dera fazer um levantamento completo das condições de vida de cada capital e de cada colônia – suas principais atividades e interesses, suas riquezas; enfim, seu nível de desenvolvimento. As informações seriam transmitidas ao Ra Mu de Uighur, que desejava que cada colônia do Império ruta fosse, por merecimento, simbolizado por um sol com raios em todas as direções. Poderia até permanecer pequena quanto

ao número de habitantes, mas teria que apresentar o mesmo nível de desenvolvimento de uma grande capital. Quanto a eles, pretendiam ali ficar três dias – e por isso, formalmente pediam acolhida.

Abel e Jori, é lógico, receberam-nos de braços abertos, mas ainda porque intuíram acertadamente que Emeth e Agla eram naacals, 'grandes irmãos', quer dizer, almas despertas e definitivamente assinaladas pelo Amor. Essa restrita elite espiritual (dizia-se que, além dos 10 Ra Mu, que eram reconhecidamente evoluídos discípulos da Luz, só existiam mais 12 naacals em toda a Terra) foi o primeiro Grupo dos Servidores do Mundo criado no planeta; não era – assim como não é até hoje – uma instituição física, mas sim um Grupo que, afinado espiritual e telepaticamente, funcionava em níveis imateriais sob a orientação dos Mestres da Fraternidade Branca. Seus integrantes, que nem sempre se conheciam fisicamente, eram aqueles, que por seu próprio empenho pessoal no sentido de se identificarem unicamente com o Cristo Interno, alcançavam um nível de evolução superior ao dos demais terrestres e, por conseguinte, tinham mais condições de servir ao planeta e ao Plano de Evolução Universal. Dizia-se que, mesmo no caso de não se conhecerem fisicamente, suas almas se reuniam numa certa região do planeta chamada ibez, e que o seu Grupo ou Sociedade Secreta também levava esse nome: Ibez... Era isso o que o povo dizia, mas nada se sabia ao certo. Mesmo porque quem era naacal não se revelava. Mas, de qualquer maneira, Abel e Jori tiveram certeza absoluta de que aquele casal visitante era naacal: uma certa luz interna parecia se irradiar de suas fisionomias e corpos; os olhos também revelavam muito e, principalmente, eles tinham uma radiação muito amorosa – faziam até lembrar, embora de modo pálido, a grande maioria da população de Capela. Sim, seguramente Emeth e Agla eram naacals.

Com toda deferência, Abel e Jori mostraram aos naacals o aposento que iriam ocupar durante sua breve visita de três dias, e em seguida, enquanto Emeth e Agla se trocavam, convocaram toda a comunidade para uma reunião no templo, onde seria feita a apresentação formal dos representantes de Uighur.

Meia hora depois, perante a comunidade reunida no templo, Emeth e Agla apresentaram-se pessoalmente. Houve o almoço festivo no Centro Comunitário e, após o descanso de uma hora, Abel e Jori levaram os naacals para conhecerem as demais dependências do templo, e depois as escolas, os silos, os ateliês e as oficinas de trabalho, as áreas e os métodos agrícolas, as minas de ouro e de pedras preciosas e semipreciosas (dentre as quais, a opala, já tão abundante), os gêiseres e as quedas d'água quente, tão comuns na região.

Na alvorada do dia seguinte, justo ao término do Ritual do Fogo, Emeth, colocando-se à frente do grande Cristal Guardião, tomou a palavra e brindou a comunidade com um breve discurso de pura Sabedoria. O naacal falou um pouco sobre o Fogo:

- O espaço sideral está saturado de luzes de diversas cores. Luzes que nós, humanos, ainda nem sonhamos e que ultrapassam em brilho e pureza, a própria luz deste Sol (abençoado sejas, Ra, por toda a eternidade!). Algumas luzes dessas – que são verdadeiras colunas de Fogo – não podem ser vistas nem pelo Olho Onividente; mas elas devem ser requisitadas, pressentidas, sentidas, tateadas, ouvidas, verbalizadas. Sim, temos que treinar nossa consciência para entrar em contato com essas rarefeitas esferas do Espírito.

Ah, o Fogo! Para onde quer que se olhe, ali está o Fogo. Ele irrompe da pedra, desliza nas pétalas das flores, recobre o homem e a mulher num indevassável Manto de Amor. Bendito sejas Tu, Fogo do Amor! Eu Te suplico: envolve cada casal que aqui está no Teu puríssimo Manto de Invulnerabilidade, de Invencibilidade, de Invisibilidade a qualquer coisa que seja menor a Perfeição!

À tarde, foi Agla quem falou à comunidade reunida. Ela discorreu sobre o sangue, a que chamou, em certa em certa altura de sua fala, de “mar vermelho”. Em suma, ela disse que o “sangue é o veículo da consciência; é o meio através do qual se manifesta o Fogo do Espírito. O nível de evolução espiritual de cada pessoa se reflete no sangue, que circula pelo corpo todo. E que era necessário que esse mar vermelho se manifestasse imaculado, pois este é o verdadeiro vinho dos Mistérios Santos, tão precioso para a Ordem de Melquisedeck. E depois – Jori nunca conseguiu se lembrar como foi que o assunto surgiu – ela emendou com o Amor que deve existir entre os casais. Desse que, a essa altura do desenvolvimento espiritual da Terra, todos os que a habitam com certeza já haviam compreendido, intuitivamente, o ministério e a poderosa magia da relação sexual, e repetiu um ditado:

- “Quando o homem reza, ele invoca Deus. Quando se une sexualmente à sua mulher, ele se torna Deus.”

E outro:

- “Sem sexo não há Amor e sem Amor – que é a fonte de toda Beleza e Moralidade – não há religião.”

Aí, Agla foi poética – “No ato sexual, a coluna vertebral dos amantes se transforma no tronco de uma árvore, cujas raízes estão fincadas no solo (quer dizer, no chacra básico) mas cujas folhas se erguem aos céus... E tudo em volta desta árvore se torna um paraíso, repleto de Amor e de prazer...

Mas, depois, advertiu: “A relação sexual tanto pode levar à ascensão quanto à queda. Em mundos involuídos, o sexo é desvinculado de Amor e, por isso, torna-se a maior causa de doenças, envelhecimento e morte. O Amor é a chave. O Amor é a proteção inquebrantável de toda relação.” Por fim, abençoou os casais.

- Aqueles que o Santíssimo Sem Nome fez um, que continuem sendo um: um único Ser de Fogo Branco, pleno e completo, AUM!

Ouvindo as palavras de Agla, Jori se pôs alerta. A intuição feminina dizia-lhe que havia algo estranho no ar. Mais uma vez: os naaculs enfatizavam a necessidade da união dos casais, notou jori com inquietação. Por quê? Por acaso essa união está ameaçada? Olhou então para o marida, na expectativa de que também ele tivesse estranhado algo. Mas não; Abel estava embevecido demais pelo discurso de Agla, e nenhuma preocupação se lhe estampava na fisionomia. Quanto a Jori, a estranha sensação persistia. Será que existe algum outro motivo para eles estarem aqui? Eles mesmos, Emeth e Agla, disseram que outros emissários de Uighur estavam percorrendo todo o Império... mas apenas para promover o desenvolvimento técnico-científico? É só por isso mesmo? Mas isso nunca aconteceu antes...

Jori respirou fundo e fechou os olhos, concentrando-se. Telepaticamente, preparou-se para entrar ne mente de Agla e desvendar o mistério. As perguntas eram: Existe algum outro motivo para você e Emeth estarem aqui, neste fim de mundo? Se existe, que motivo é esse? Formuladas objetivamente as questões, Jri mergulhou na mente de Agla como quem mergulha nas águas de um lago. Mas qual não foi a sua surpresa quando sentiu o impacto de uma forte barreira vibratória. No mesmo instante, em sua tela mental, apareceu então a figura de Agla, com a mão direita estendida, numa postura bem autoritária:

- Não, Jori. Aqui na minha mente você não entra sem o meu consentimento. Não mesmo. Por favor, retire-se!

Jori abriu os olhos, fixando-os em Agla, que estava a uns dois metros de distância. A naacal também a encarava com firmeza. Na mente de Jori, formaram-se as frases: “Área pribida!” Era uma ordem expressa de Agla. Então, Jori fechou os olhos e telepaticamente pediu desculpas pela ousadia. “Está desculpada”, respondeu Agla. E ai, tanto na tela mental quanto fisicamente, Agla sorriu-lhe com doçura...

Os três dias de permanência dos naacals na comunidade se esvaíram como fumaça. E, afinal, já era hora da partida. Que se deu ao término do Ritual do Fogo vespertino.

Emeth e Agla se despediram amorosamente da comunidade. No momento em que Jori abraçou Agla, teve a surpresa de captar uma estranha mensagem telepática. A voz profunda da naacal soou-lhe na mente de modo absolutamente claro:

- Esteja alerta; você é uma digna guardiã da comunidade. Se, em algum momento, perceber alguma ameaça á pureza e á harmonia que aqui existem, como primeiro passo ancore-se firmemente na Luz de Deus que nunca falha e governe esta comunidade visualizando a si mesma e todas as pessoas sob uma fulgurante Estrela de Amor. E, como segundo passo, convença as pessoas as suspenderem o uso da opala.

- Por que a opala? – rebateu Jori mentalmente.
- Porque a opala funciona como um amplificador das sensações. Se há paz e pureza no ambiente, a pedra revela toda a gama de cores do arco-íris, que são os Sete Raios. Mas se não há, ela acirra a desarmonia, agindo direta e negativamente no emocional do indivíduo que está em desequilíbrio. Lembre-se; em caso de perigo, sustente a Luz inabalavelmente e use a sua influência para coibir o uso da opala. Que o Santíssimo Sem Nome a abençoe!
E mais Agla não disse, e também não teve tempo, pois já estava abraçando uma outra pessoa da comunidade. Para Jori, ficou o aviso.
Com apenas uma bolsa servindo-lhes de bagagem. Emeth e Agla se embrenharam num bosque. Haviam dito que iriam a pé para a comunidade mais próxima. Ora, a distância mínima que separava uma comunidade da outra nesta região do mundo era de 5 km. Ou seja: eles não iriam propriamente a pé e, sim, utilizavam as linhas eletromagnéticas do solo para se transportarem deste ponto ao outro. E só quem tinha esse tipo de conhecimento eram os naacals...
- Autênticos naacals – comentou Abel, abraçando Jori.
- Eles me lembraram muitos os Irmãos de Capela.. Aqueles que foram aprovados e que ascensionaram com o planeta...
- É ... Por acaso, você sabe o significado do nome Emeth?
- Sei. É “Verdade interpretada”
- E também “selo de Deus”. A meu ver, a pessoa faz jus ao nome...
Três horas depois da partida de Emeth e Agla...
A cena: uma mulher bem aninhada no corpo do companheiro; seus cabelos longos e sedosos esparramavam-se no peito másculo que a acolhia tão completamente. Estavam nus, numa cama larga e confortável, e haviam acabado de ter uma relação sexual. O homem, quase que anestesiado de tão sonolento, tomou a mão da mulher e beijou-a.
-Minha deusa, pedaço de mim...
Lilith sorriu e beijou-lhe suavemente os lábios. Quase de imediato ele adormeceu. Por algum tempo Lilith ficou observando-o e escutando o ressonar tranqüilo e cadenciado. Está dormindo, coitadinho, exausto... Deu certo, é assim que se faz! A prova do seu sucesso Lilith já a trazia consigo: era o esperma, esse líquido branco e viscoso que lhe escorria, abundante, pelas pernas. Pela primeira vez o sêmen de um homem era derramado com tanta intensidade na Terra... Foi um jorro mesmo, bem forte, que aconteceu logo depois de Lilith firmar bem o propósito de sacar a energia do companheiro e de fazer, a título de experiência, aquele tal exercício respiratório... Aí aconteceu. Junto com o líquido seminal veio uma nova energia, que não era dela. Era, sim, a energia vital de Adam – e Lilith o reconheceu.

Passo a passo, Lilith foi analisando essa nova modalidade de relação sexual. O orgasmo, que então podia se prolongar quase que indefinidamente (por horas até), agora era breve, pois ocorria somente naquele momento de ejaculação. Quanto ao nível de intensidade propriamente dita, quase não havia diferença – o prazer era igual. Quanto à qualidade do orgasmo, havia uma diferença decisiva: no sexo praticado até então, o coração dos amantes elevava-se a Divindade e mergulhava no Tau; lá em cima, o próprio Santíssimo Sem Nome selava, com Luz, a união carnal... Lilith, então, relembrou o passado:

Ela e ela, parceiros-cúmplices, fundindo-se num único corpo, complementando-se. Ela, mulher sentia-se dentro do corpo de Adam, aninhada entre suas costelas, os corações formando um único coração, as pernas por dentro das pernas dele. (Isso é possível? Pois é assim que se sentia, talvez por reviver, nessa modalidade de união, o antigo e autêntico hermafroditismo...)

Quanto à coluna vertebral, que sensação estranha, ela sempre enxergava a sua espinha dentro da espinha do companheiro, como se num primoroso encaixe de vértebras e medulas. As duas juntas constituíam o tronco de uma árvore. Uma árvore completa, maior que a macrozâmia.

A visão era nítida: havia o tronco resultante da fusão das duas colunas vertebrais, raízes fincadas e entrelaçadas no sexo, e uma larga copa estendendo-se por cima da cabeça dos amantes. Já nas caricias preliminares, a árvore se abrasava: uma energia dourada irrompia dos órgãos genitais e tão sinuosamente como uma serpente, brilhando e subindo, ia-se enrolando em torno das espinhas dos amantes. Na hora do orgasmo, que podia se prolongar indefinidamente, a serpente dourada ultrapassava o galho mais alto da árvore e ganhava os céus; era um paraíso! Uma explosão de flores e frutos de Amor que, a cada movimento da mulher, eram arremessados em todas as direções. De fato, o prazer era tão grande que daria para abastecer o mundo inteiro.

Era assim, mas deixou de ser... – refletiu Lilith. Sinal dos tempos e da evolução. E aí ela comparou com esse novo método: era evidente que a energia não mais subia pela coluna vertebral, mas ficava em parte retida nos órgãos sexuais e em parte se derramava pelo solo. A visão astral que se descortinava, oposta à das alturas celestiais, era a das profundezas da terra...

Então, fez-se claro, para ela, o mistério e a magia e o poder que reside no sexo. É uma chave para as alturas sublimes, decerto, mas também abre a porta de um outro universo desconhecido, que ela queria conhecer.

Comparou sua situação com a de Adam; o contraste era total: ele dormia um sono de pedra, completamente nocauteado, sem forças para mais nada, enquanto ela... Então é através da respiração que essa mágica funciona! Minha intuição estava certíssima. Parabéns, Lilith, pela inteligência e astúcia!

Procedimento mágico através do qual se retém a energia sexual do parceiro, furtando-a nos próprios órgãos genitais (como se colhendo fruta no pé) e, aí; passando a manipulá-la de acordo

com os próprios interesses. Isto se chama vampirismo sexual (há outras formas de vampirismo). O que se ganha com isto? Bem, para Lilith o processo estava apenas começando, quer dizer, ainda se encontrava em estágio experimental, mas a intuição lhe dizia que muito mais vantagens poderia alcançar. De qualquer forma, já desde esse iniciozinho, ela sentia uma energia redobrada em seu corpo e, principalmente, ó delicia!, com poder sobre o homem... Não era mais a companheira de Adam e muito menos um pedaço dele. Não, não!... Agora através dela, a Mulher estava sendo elevada a uma merecida posição de comando. A maravilhosa primazia do sexo feminino sobre o masculino.

Lilith comtemplava Adam adormecido... O vencido e a vencedora – é assim que deve ser. O homem alquebrado, a mulher inteira. A força destronada pela astúcia... Uma imensa sensação de euforia foi tomando conta de seu ser.

Isso, meu amorzinho, continue dormindo... Exatamente assim como está: bem murchinho, impotente, sem forças para mais nada; acreditando que esse torpor é puro relaxamento, e sonhando até com o meu corpo, que lhe dá tanto prazer... Isso, durma profundamente... Recarregue as energias... Porque eu quero mais!

Estava cheia de rancor...

“Pedaço de mim”, dissera Adam antes de dormir. É assim que ele me vê: apenas um pedaço. E infelizmente está certo. Como mulher, sou exatamente isso: o pedaço menor de nós dois... menor em altura, menor em força, talvez até mesmo menor em expressão, refletiu Lilith com ressentimento. E de modo quase hipnótico, ficou olhando o corpo de Adam. Olhando...

De onde vem a força dele, esse poder que tanto me cativa? Ah, sim, eu sei muito bem de onde: é do pênis, esse adereço que não possuo... Músculo penetrante, contundente, que é um verdadeiro cetro de poder e que também serve como arma para subjugar a mim, sua presa... Subjugar, sim! Dominar, sim! Pois é assim que eu me sinto: dominada! Afinal, por que, no sexo, ele sempre fica por cima?! Ora, essa é uma posição ostensiva de dominação e de comando!... Sempre por cima, sempre por cima! E também sempre me envolvendo por inteira, sempre maior do que eu... Por quê?

Agitada por um ódio irracional, Lilith pulou da cama...

- Tenho muita raiva de você, Adam!

... e foi ao banheiro se lavar. Depois, dirigiu-se à sala. Chegou à janela, abrindo as cortinas brancas de par em par. Olhou primeiro para frente, para as casas da rua, todas elas apagadas, o que significava que todos na aldeia dormiam profundamente... Aí, fitou longamente o luar, pálido e frio. Pouco a pouco, foi sendo dominada por um estranho encantamento. O corpo foi ficando frouxo enquanto braços e pernas pareciam adquirir uma volição própria. Na penumbra da casa,

como se movesse em sonho, Lilith vestiu-se rapidamente e enfeitou-se com seus adornos prediletos, de prata e opala; continuou descalça. Abriu a porta da rua e saiu.
Movia-se como em sonho. De algum lugar longínquo, quiçá de alguma estrela que mal se mostrava no céu, alguém lhe dizia: “Quando a alma está turva e impura, o mal e o conhecimento tornam-se uma coisa só. É melhor não saber...”, ao passo que uma outra voz, que lhe penetrava na mente feito agulha, autoritariamente, rebatia: “Tinha que saber, sim” É assim que tem que ser!... Adiante, Lilith! Ao meu encontro! Ao meu encontro Lilith!, Aqui!”A primeira voz retornava: “Este caminho é perigoso e sombrio. Volte daqui!”, ao passo que a segunda ordenava , peremptoriamente: “Siga!” A primeira: “Suba ao galho mais alto da árvore porque a correnteza está muito forte”: a segunda: “Vamos juntos nadar e brincar no Mar Vermelho! Aqui, venha!”. Lilith ia, sonâmbula...
Cem passos adiante e lá estava o templo – construção baixa e ampla, a maior da comunidade, com duas colunas e portas de ouro, onde estava gravado o símbolo do sol com raios em todas as direções. Mesmo pelas janelas fechadas, distinguiu a luz do fogo, que ali brilhava permanentemente, e sentiu a presença do Cálice que continha a água da fonte mais cristalina; durante as cerimônias, a Taça era erguida à presença dos Mestres de Luz, que a abençoavam, tornando-a, assim, um poderoso instrumento da iluminação daquela comunidade. Devagar, pensativa, ela contornou o templo. Ao passar em frente ás portas da grande câmara templária, seus passos se detiveram por alguns segundos. Seu corpo girou, como fazendo menção de entrar. Um ditado místico bastante conhecido no Império de Mu veio-lhe á mente: “Rodeia-te com Fogo, e tornar-te-ás imune.” Só que o que menos Lilith queria era tornar-se espiritualmente imune. Assim, ela repeliu conscientemente a influência benéfica do Fogo, e daí por diante seguiu caminho – agora não mais como autômata.
Atravessou toda a aldeia e embrenhou-se no bosque mais próximo. Uma fina garoa começou a cair e a brisa noturna arrepiava-lhe a pele = mas nada disso era empecilho à sua caminhada. Apesar da fraca claridade da lua e das copas das árvores que se entrelaçavam, aumentando a escuridão local, Lilith chegou ao destino: a laguna.
Sentou-se num tronco caído, que se projetava por dentro da água. Debruçou-se, para se contemplar, faceira e vitoriosa, no espelho das águas. A luz da lua se refletindo nos olhos fascinou Lilith: ela sorriu. Nesse momento, um pequeno fruto ou talvez um seixo, caído provavelmente da árvore mais próxima, mergulhou na laguna e provocou ondulações, distorcendo-lhe a imagem do rosto. Algo na maneira com que suas feições foram distorcidas provocaram-lhe um sobressalto. Mas logo as ondas foram cessando, cessando, e a água devolveu-lhe as feições normais. Ela tornou a olhar e lá estava ele. Não se surpreendeu propriamente, pois esperava encontrá-lo. Por enquanto, era apenas um rosto sobreposto ao seu, na superfície das águas. A primeira coisa que

chamou a atenção de Lilith foi a boca; havia nela um que de maldade misturada com selvageria e sensualidade – em resumo, agradou-lhe bastante; os lábios eram carnudos, bem desenhados. A tonalidade da pele não estava muito evidente na superfície das águas, visto que o rosto masculino era apenas um contorno, mas Lilith já sabia intuitivamente que a tez era bem clara. Ali, naquele reflexo, os olhos não passavam de covas de trevas sem fundo, mas ela também sabia que eram azuis-da-cor-do-céu. E Lilith também sabia o principal: a identidade daquele ser. Lembrando-se da companheira de trabalho que lhe falou de Belial, Lilith murmurou:

- Não é esse. É ele, o meu Príncipe!

“A energia segue o pensamento.” A veracidade deste axioma místico, tão corrente no Império de Mu, pode ser cabalmente comprovada quando desvendamos os repetidos pensamentos, sentimentos e monólogos de Lilith e, a seguir, os comparamos com os catastróficos acontecimentos que se sucederam, dando fim á Idade de Ouro.

LILITH INSPIRIOU-SE NA IMAGEM DE BETIAL E OLHANDO FIXAMENTE PARA A OUTRA MARGEM DA LAGUNA...

LILITH PENSANDO, SONHANDO, SENTINDO, MONOLOGANDO:

Lá, naquela outra margem, fica Zemargard. Lá – eu sei porque Belial me contou – existe um reino, Um reino bem diferente deste daqui, Império de Mu, com o falso sol que brilha a qualquer hora do dia e da noite... E a noite onde está? E a sombra, cadê? E eu, onde é que me enquadro, com minha natureza selvagem e ardente?

Meu corpo é meu, e eu o reivindico para o meu prazer. Sou mulher de sangue frio e preciso de um fogo abrasador para me aquecer.

O reino de Zemargard, lá na outra margem deste Mar Vermelho, é um território de delicias e prazeres, sempre envolto em névoas frias, e lá o tempo passa mais rápido. Lá não existe a monótona claridade deste reino de Mu: a outra margem é um permanente contraste de luz e sombras. Há alegria e comemorações: canta-se e bebe-se um misterioso néctar que deixa a pessoa meio tonta mas que é muito bom porque aguça os sentidos. Acima de tudo, é lá que moram os faunos – metade homens, metade bichos- dotados de falos enormes e um apetite sexual insaciável quanto o meu, Lilith. Cada um desses faunos é um aspecto do meu Príncipe Belial, Belos, todos eles, com seus cascos fendidos, que marcham, que sulcam, que marcam indelevelmente o chão da minha terra. Minha Terra ... Lá se pratica sexo o tempo todo, e a serpente dourada nunca alça vôo: os frutos do prazer ficam sempre em poder dos que o produziu. Ah, vida boa...

Meu corpo é meu, e não se presta à submissão a nenhum arrogante poder masculino. Não quero a fusão com o homem, e continuar sendo um pedaço dele; eu quero, sim, a minha individualização – e, para conquistá-la desço até à loucura e aos infernos. Sou mulher de sangue

frio: preciso de um fogo abrasador para me aquecer. Sou a alma de todas as bestas que estão prestes a habitar a Terra. Estou em toda criatura viva que rasteja, pois sou a violenta raiva subterrânea que se infiltrou nas relações. Aí, eu me torno o instinto insaciável e arrasador. Eu me torno a natureza avessa a freios de qualquer espécie. Eu me torno o poder que se impõe com plena supremacia.

A energia seguiu o pensamento com precisão. E foi tanta energia gerada que acabou se alastrando e contaminando outras mulheres. (“Por que ele por cima e eu por baixo?!... não quero mais a fusão com o homem, e continuar sendo um pedaço dele. Quero a minha vingança, a minha autonomia!”) Na colônia que estava prestes a se chamar Aoatearoa, “a longa nuvem branca”, apareceram várias Liliths em botão – apesar dos esforços de Jori...

Quanto a Lilith-matriz, aquela que andava namorando Belial à beira da laguna e que deu entrada ao mal cósmico na Terra, ela tanto pediu, tanto pediu, que os infernos a atenderam (“Pedi e recebereis”). Ei-la, erguendo uma taça que contém o tal néctar misterioso, feito basicamente de turfa (uma matéria de cor escura constituída de restos vegetais em decomposição e que se forma muito em pântanos, onde o oxigênio é escasso), e brincando:

- À perpetuação do reino de Zemagard na Terra! Este reino tão interessante, e por isso tão completo, feito de luz e sombras... (Lilith, a nova Rainha, sorveu um pouco do seu cálice, no que foi imitada pelos seus novos súditos.) Aliás, convenhamos, feito somente de sombras... mas muito interessante...

Os faunos, seus novos súditos, festejavam-na então, vivamente, batendo os cascos fendidos no chão.

Belos, todos eles, embora de tipos diferentes – uns louros, alguns ruivos, outros morenos e negros. Metade homens, metade bichos; tinham quatro patas. Machos no auge da virilidade: peludos, tórax avantajados e pênis enormes. Transpiravam sensualidade e selvageria. Ali, na outra margem do Mar Vermelho, Lilith sentia-se em casa.

Depois do brinde, veio a cerimônia de casamento com Belial: Lilith copulou com todos aqueles faunos, um por um. E foi justamente com o último deles, que o arquidemônio Belial, passando por um portão estelar que então foi descerrada, se escarnou. O coito que se seguiu foi uma luta, e tão selvagem como o bote de uma serpente. Os noivos das trevas rolaram pelo chão, num jogo sadomasoquista. Unhas, uivos, guinchos – não eram amantes, mas oponentes num jogo mortal. Os órgãos sexuais se roçando e despendendo um fogo abrasador. A tensa aumentando. Os corpos sentindo a necessidade premente de se interpenetrarem. Bocas, a fêmea através da violência (nesse momento, Lilith pensou: “não conseguia mais suportar a bondade de Adam”) e, depois, sendo vampirizado por ela (a violência era a mesma). Por fim, orgasmo.

No decorrer do orgasmo, Lilith vivenciou, então, em si mesma, a maneira com que a Loja Negra manipula a energia sexual: em torno de sua coluna vertebral, a energia começou a girar em uma espiral descendente. E não só ao redor da espinha, pois, de repente, ela sentiu seu corpo inteiro girando girando, descendo sempre, e sempre, e mais ainda... rumo ao fundo do poço. Aí, o impacto! O berro! Foi como se a coluna vertebral de Lilith fosse cravada no chão, feito punhal, com violência.

Estava consumado: a Loja Negra se instaurou solenemente na Terra e, a partir daí, passou a manipular a energia sexual desta humanidade sempre em sentido descendente, estimulando o desejo sexual desenfreado, a luxúria, a lascívia, as taras. Com isso, a serpente do orgasmo paradisíaco – outrora ígnea, outrora de natureza divina, que antes se enrolava em torno da coluna vertebral dos amantes, passava pelo coração e depois subia ainda além da cabeça – já não podia mais se erguer aos céus e receber a bênção do Santíssimo Deus Sem Nome, pois ficou presa na região genital. Por isso, o homem passou a ejacular e a dormir, cansado, após o coito.

Lilith e Belial. Após a relação, ficaram os dois deitados no chão, incapazes de qualquer movimento ascensional, mirando o céu, que se fez diferente: os astros, as constelações tomaram outros lugares que não os previstos, pois o eixo magnético tinha sido violenta e artificialmente inclinado. Na verdade, tratava-se de uma antevisão do futuro ou, quiçá, a meta que, ambos, na Terra, teriam que alcançar...

O futuro tornando-se presente: nesta outra margem do Rio, Lilith se fez deusa; os faunos passaram a odorá-la sob a forma da Serpente Que Rasteja. Virou lenda; sua história ultrapassou todas as fronteiras e seduziu a alma humana. Nunca morreu. Continua bela e jovem até hoje, copulando sem cessar e parindo quando quer, porque ela sabe muito bem como manipular a energia sexual que furta de seus parceiros em prol de si mesma, para a conservação de seu corpo. E ela sabe, como ninguém, estimular os baixos instintos e a licenciosidade, tirar proveito das ereções, aprisionar sem que se perceba.

Vampirismo, taras, obsessões, sexo que aprisiona e degrada os amantes – isto é Lilith. Sendo assim, ela é a arma mais poderosa da Loja Negra e, aqui, neste mundo, é hoje a rainha.

Frase de Pársis lançada à platéia:

- Todo mito é um espelho, concordam?

Comentário que, a propósito, se seguiu:

- No episódio “Lilith”, não é possível separar o que é história e o que é mito, porque no fundo é tudo a mesma coisa. Os personagens de uma ficção, embora invisíveis aos atuais olhos físicos terrestres, tornam-se entidades vivas, na medida em que, criadas e sustentadas pela mente, começam a ser ritmicamente energizadas pelo sentimento. Com isso, elas vão crescendo, se fortalecendo e se tornando até arquétipos, pois é o sentimento que dá vitalidade e consistência a

essas entidades... Sim, de fato Lilith atravessou o Mar Vermelho, colocando-se na outra margem, encontrou-se com os faunos e casou com Belial. Ímpias alianças!...

Capítulo 18

AS DUAS COLUNAS DO MAL

“Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais”.
(Epístola de Paulo aos Efésios. 6 – 12)

Principados, potestades, príncipes das trevas não só deste século mas de todos os éons já decorridos, hostes espirituais da maldade – tudo isto quer dizer a mesma coisa: Loja Negra. E aqui, na Terra, os Senhores da Expressão Material instalaram o mal cósmico sobre duas colunas: a energia sexual e a energia monetária. É óbvio que nem o sexo nem o dinheiro são intrinsecamente maus: o problema é como essas energias foram e continuam sendo manipuladas pelas forças involutivas. A primeira delas - a sexual – é a mais forte; serve de alicerce para a outra. O filhote das duas é o tenebroso Guardião do Umbral.
O desejo sexual de Lilith é o que se viu: descontrolado, bestial, pura raiva, luxúria e competição. No momento em que despontou na face da terra, ainda embriãozinho, já produziu uma larva astral, quer dizer, uma concentração de substância astral derivada de sentimentos bestiais como os de Lilith. O cancro se alastrando, as larvas se proliferando na mesma proporção. Dessa árvore malévola, brotos novos foram surgindo: egoísmo, medo, ciúme, cólera, avareza, inveja, posse... Sentimento de posse/propriedade, gêmeo da competição e do egocentrismo. Por essa brecha, o gérmen que daria origem, bem mais tarde, à energia monetária, se instalou. Teoricamente o dinheiro veio para felicitar a troca de mercadorias e, na melhor das hipóteses, trazes o necessário à sobrevivência. Porém, na prática, a teoria foi outra: manipulado pela Loja Negra, o dinheiro vem sendo usado para escravizar o homem. Um explorando o outro. Um dependendo do outro. Uns vivendo nababescamente à custa de milhares, de milhões de outros. Existe a ambição, e muita fome no mundo, quando (pelo menos até certa época) o alimento e a água eram fartos e estavam disponíveis para saciar a todos. Hoje, há a busca compulsiva do prazer e do supérfluo, e muito desperdício. A agiotagem forja numerosas cadeias cármicas, pois à medida que alguém empresta dinheiro a outrem, especialmente a juros, ele se torna responsável pelas ações praticadas pelo

devedor para saldar a dívida. A lei do dízimo – que, se cumpria sabiamente, purificaria a energia monetária, pois faria o dinheiro circular com mais equanimidade – caiu em desuso...
Duas colunas, as raízes do mal na Terra – é fundamental que se as reconheça quando o assunto é Resgate:
Que isto fique bem claro: a preparação para qualquer Operação Resgate empreendia na Terra – especialmente na atual (1995 d.C.), que já estamos começando a vivenciar – não se resume a coletar informações a respeito da procedência das naves extra ou intraplanetárias, a localização das bases e das hierarquias de Luz envolvidas nesse processo. Não em absoluto. O que importa, realmente, é o trabalho preliminar interno de autopurificação e de autoconhecimento; é ter uma vida sexual mais qualitativa, pautada pelo afeto e respeito ao outro; é cultivar a confiança no Suprimento Universal, libertando-se inteiramente do poder do dinheiro (Mestre Saint Germain: “É muito importante desligar-se da influência do dinheiro. Ele é apenas um meio de troca. Não lhe deis poder; depositai todo o poder em Deus e, então, ao comandardes seja o que for necessário no momento, tereis imediatamente todo o poder à mão para realizar o cumprimento do vosso desejo. E mais: “Quando se manifestar o pensamento ‘Isto é tudo o que possuo’, cortai-o imediatamente pela raiz, dizendo: ‘EU SOU, EU SOU, eu sei que EU SOU o uso da ilimitada Opulência de Deus”. E enfatizando ainda mais: “Preservai-vos sempre, no nosso contato com o externo, de aceitar a aparência das coisas ou o pessimismo dos chamados financistas. Deus governa vosso mundo, vosso lar, vossos negócios, e isto é tudo o que vos deve interessar.”) e, principalmente, é oferecer-se como instrumento da Luz na terra, substituindo os interesses egoístas em prol do bem coletivo. Isto é o início de uma longa lição de Amor.
Para a redenção/resgate da Terra, o Amor é o Caminho, a Verdade e a Vida. O resto virá por acréscimo.

Capítulo 19

DENSA NEBLINA

“E uma névoa se levantou e cobriu todo o chão.” (Gêneses 2:6)
“Depois, levantou-se a neblina, e a chamada ‘queda do homem’ aconteceu por intermédio dos apetites do corpo e das sensações. Então, a mente externa ficou cada vez mais emaranhada no mundo maternal, e daí por diante esqueceu a Fonte e a Causa do poder do seu ser que é a Poderosa Presença EU SOU. Perdeu-se de vista o Plano de Perfeição ou Caminho Divino da

Vida e desde então a discórdia continuou cada vez mais a se insinuar nos sentimentos da humanidade". (Mestre Saint Germain, em Presença Mágica)

Voltando agora ao passado, porque com ele muito temos a aprender para avaliar corretamente o que na Terra está-se passando:
Aotearoa, a "longa nuvem branca". Essa nuvem, registrada nos anais akásicos, assinalou o início de um outro tipo de Criação na Terra. Nela, o Dharma (a Lei da Evolução Natural e Universal) foi substituído pelo Carma.
A névoa. A princípio, ela cercava apenas os domínios de Lilith. Depois, sem que ninguém percebesse, ela começou a inchar. E a expandir-se em todas as direções. Mesclou-se com a atmosfera da Terra. Sutil como um gás: invisível, inodora, mas tão letal quanto a picada de uma serpente venenosa. Foi avançado. Sobrevoando as cidades dos homens: rodeando-as; baixando gradativamente e fechando o cerco, inexorável. Invadindo as fronteiras; derrubando-as; ultrapassando-as. Atacando os corpos dos habitantes, entrando-lhes pela respiração e poros. Contaminou a água. Infiltrando-se no solo, bloqueando os acessos ao interior oco do planeta, onde existe, na forma de um Sol Central, o Olho de Deus Que Tudo Vê. Avançando mais e mais. Disseminando-se como praga. Ganhando espaço. Até que, afinal, cobriu a Terra inteira.
Que nuvem é essa? Muito fácil deduzir.
Uma nova Criação. Leis e fenômenos até então desconhecidos na Terra.
- Por influência de Lilith e de seu arquidemônio, o planeta passou por uma transformação radical, a tal ponto que a obra desenvolvida pelas Hierarquias que trabalham com a Criação está totalmente irreconhecível: diríamos, até, perdida. É como se fosse um outro planeta e uma outra humanidade, que em nada demonstra "a fusão do Pai com o Filho" – observou Pársis.
Aqui começa uma nova criação, de caráter cármico. Seria impossível relacionar todas as infrações cometidas pelos terrestres para demonstrar, passo a passo, o processo de total degradação dessa humanidade, mesmo porque isso abrange um período de alguns milhões de anos. Por isso, vamos nos restringir a tópicos ou Flashes dos principais acontecimentos, compreendendo, de antemão, que esses fatos vão ocorrendo tanto simultânea quanto gradativamente. É sempre uma cadeia de causa-e-efeito, causa-e-efeito, causa-e-efeito, que vai prosseguindo quase que irreversivelmente, em escala descendente, rumo à mais completa materialidade. De quando em vez, em explicitas demonstrações de Compaixão, há interferências, ou pelo menos tentativas, da Fraternidade Branca no sentido de impedir o nefasto envolvimento da humanidade terrestre com a Loja Branca, os homens terrestres voltavam-se ainda mais intensamente para as trevas... E contra o livre-arbítrio (que é o direito de liberdade de escolha

dada por Deus a Seus Filhos) nenhum Ser de Luz se insurge: é Lei... Os homens quiseram assim, e assim foi.

Capítulo 20

É PRECISO REFAZER O PERCURSO!

Este capítulo é, em sua maior parte, o Roteiro das Sombras: como a Loja Negra foi assumindo o controle total deste mundo, como foi que a humanidade soçobrou na materialidade mais abjeta, como foi que o meio-ambiente refletiu essa queda e, principalmente até que ponto a Lei Universal foi aqui vilependiada. Sendo assim, este capítulo pode servir como roteiro ou inspiração para refazer o caminho de volta. É necessário, é premente que se tome consciência desses fatos.
ISSO É URGENTE! É MUITO URGENTE! Especialmente agora, final de 1995 d.C. (pelo menos, de acordo com o nosso falho calendário oficial), quando um novo Resgate, também de proporções planetárias, está começando.
A propósito, Mestre Morya deu-nos uma instrução a respeito do treinamento (mental, psicológico e físico) a que cada discípulo da Luz deve-se submeter nesta época, com vistas à Operação Resgate. Em primeiro lugar, deve adquirir o hábito de se oferecer, constante e ininterruptamente, como obreiro da Obra de Redenção Planetária, oferecendo-se à causa da Terra, da humanidade inteira e tornando-se um Servidor do Mundo; rendendo-se à Vontade de Deus, que é o plano de Evolução Universal; confiando na existência do Cristo, confiando na Grande fraternidade Branca; almejando, acima de tudo, o bem da Terra. Segundo lugar; trabalhar em prol do seu próprio país e dos grupos com que esteja relacionado. Terceiro passo: em qualquer relação, valorizar primeiramente o bem-estar do outro, do seu próximo. E em quarto e último lugar, aí sim, cada um pode pensar em si mesmo.
Não me recordo das palavras exatas do Mestre, mas sei que ele terminou a instrução dizendo que o discípulo que assim procede estará alinhado com as forças evolutivas e apto para desenvolver um belo trabalho no seu próprio Resgate e no Resgate da Terra.

Os fatos:

- Perigosa inclinação do eixo planetário. Qual dardo, o eixo começou a tombar, lenta mas inexoravelmente, em direção a obscuras regiões do espaço...

- Ajuste da lei da gravidade, em virtude da maior densidade dos corpos físicos dos homens.

- Estranhas modificações na natureza: o belo solo planetário, feito de alabastro, começou a tingir-se de marrom. Num jardim qualquer, pela primeira vez, uma rosa nasceu com espinhos. Em outros jardins, brotaram ervas daninhas, e o tronco de algumas árvores começou a revestir-se de uma película dura e áspera, que, com o tempo, haveria de se transformar em casca. Na superfície das águas oceânicas, começaram a aparecer minúsculas formas animais.

- Estranhas modificações na natureza: cinturões de gás começaram a mover-se, subrepticiamente, no interior do solo planetário, prenunciando vulcões e terremotos. Que, afinal, acabaram acontecendo mesmo. Ora, todo cataclisma natural é derivado da desarmonia existente entre a humanidade e os elementais: ora, na Terra, já não havia mais aquela relação de amor tão bonita do homem para com a natureza que se expressava no decorrer do Ritual do fogo; este mesmo estava desaparecendo. Aí... Não por acaso, um dos primeiros terremotos – é bom notar, pois é um dado bem significativo – lacrou um dos doze acessos naturais para o interior oco da Terra. E muitos outros viriam...

- Modificação total no relevo da superfície, com submersão de algumas terras e aparecimento de outras. Causas: inclinação do eixo magnético, movimento das placas tectônicas, cataclismas, ação natural dos elementos. Em Agartha, porém, cujas leis magnéticas são diferentes das da crosta terrestre, tudo se manteve em equilíbrio; o relevo se manteve absolutamente o mesmo.

- Modificação do clima, que deixou de ser uniformemente subtropical

- “Aquele que peca morre”, diz um ditado popular. À medida que a neblina se adensava e recobria tudo feito mortalha, os corpos dos homens foram apresentando os indefectíveis sinais de envelhecimento. E, afinal, a morte chegou. A princípio, muito mansamente, como se fosse um sono. Aquele que ia morrer tinha plena consciência de todo o desenrolar do processo; compreendia que aquele corpo físico já não lhe servia, pois estava gasto demais, e que seria melhor substituí-lo por outro. Então, antecipadamente, escolhia a data e o local de seu próximo encarne. Chegando a hora, estava tranqüilo, e costumava acompanhar conscientemente a suave separação dos corpos físico e astral. A cremação era o coroamento lógico desse processo.

- Havendo necessidade de morte e reencarnação, também foi necessário um Conselho Cármico. O primeiro da Terra foi constituído de três Senhores, Depois, ficou com sete.

- Novas leis de encarnação. Até então, tinha vigorado a lei da translação, que podia ser sem corpo físico (no caso dos exilados de Capela) ou com corpo físico (foi o caso de outros imigrantes, cujos corpos eram tão semelhantes aos terrestres que, por isso, não precisaram ser substituídos). Com o novo ciclo cármico, teve início a reprodução humana. A princípio de modo assexuado: os casais que queriam ou aceitavam ter filhos compareciam a um templo, e, diante de um sacerdote que invocava o Santíssimo Deus Sem Nome, projetavam raios de luz de seus plexos cardíacos, na conjunção desses raios, criava-se um novo corpo humano, já adulto – o esperado filho ou filha; o processo de acoplar alma e corpo ficava por conta do sacerdote. Depois, com o gradativo embrutecimento da humanidade, a reprodução tornou-se como é atualmente: sexuada, para chegar a esse ponto, a sábia natureza, com muita antecedência, foi desenvolvendo nas mulheres os ovários.

- A licenciosidade e a degradação moral da sociedade humana se alastram cada vez mais.

- A verdadeira religião começa a desaparecer. Os homens vão esquecendo o Tau, de tudo onde provém, e já pouco se referem ao Santíssimo Deus Sem Nome. Até em alguns templos, a corrupção se instala. Aparecem, em pontos estratégicos do Império de Mu, líderes comprometidos com a Loja Negra; eles conseguem insuflar a população no sentido de repudiar o governo dos Ra Mu, os Reis Iniciados.

- Outros estrangeiros se encarnam na Terra. Mas o seu nível espiritual já não é tão alto quanto o dos primeiros imigrantes...

- Os Ra Mu, assim como os demais naacals, desaparecem misteriosamente de seus palácios e residências. O êxodo é dirigido por Mestres da Loja Branca. A elite espiritual de Mu dirige-se á região de Ibez, o primeiro Centro de Luz planetário, aquele que foi especialmente utilizado pelas Hierarquias Sagradas durante o processo de criação da Terra. Chegando à região onde flameja o Fogo desse Centro, os naacals descem aos subterrâneos da Terra, encaminhando-se para Agartha; lá fundam Létha, a primeira cidade intraterrena.

- O trono dos Reis Iniciados passa a ser ocupado por usurpadores, comprometidos com as forças involutivas, que se autoproclamam reis; e os novos Conselhos de Anciões, que assistem a esses

reis do governo do Império, também se revelam corrompidos pela força sinistra. A princípio, o Império permanece dividido em dez tribos ou nações; mas depois, com as guerras decorrentes das disputas de terras e poder, o Império de Mu fica todo retalhado.

- Uma pequena mostra da fauna planetária: sem dúvida, a mais prolífera espécie animal era a dos lêmures, que eram os ancestrais do nosso macaco; mas também havia os plessiosauros, as cobras e as serpentes marinhas, os mamutes peludos, as preguiças gigantes, os diprotodontes (que, sendo duas vezes maior que o atual rinoceronte, eram os maiores marsupiais da época), os celacantos, os dinossauros *(Dinossauros: Houve um grande pensamento-massa ou desejo para trazer essa estrutura atômica á forma (...) No início, esses animais não eram maus, mas inteiramente dependentes da criação da pessoa. Eram muito amigos, como eram, originalmente, todas as criações gigantescas. Havia grande amor entre eles e os humanos: assim o processo de elevação era muito mais rápido. (Mestre Saint Germain, em Instruções do Mestre Ascensionado Saint Germain))* que, ao se tornarem ferozes, tiveram no lagarto ovíparo de nome tuatara o seu maior predador. Muitos pássaros diferentes – dentre os não voadores, podem ser citados o moa (na verdade, um pequeno dinossauro de quatro menos de altura), o dodô (que chegava até seis metros de altura) e o Kiwi, que era o único pássaro cujas narinas ficavam localizadas na ponta do bico.

- Introdução da energia monetária no planeta. A primeira moeda cunhada foi de ouro, o que constituiu um grande erro, pois o ouro (que é especificamente espiritual, e só deveria ser usado em templos e para adorno pessoal (já que eleva a consciência do seu usuário).

- O guardião do Umbral vai crescendo a olhos vistos, em maldade, terror e luxúria.

- Depois de um período inicial de total reclusão em Agartha (período esse utilizado para o autofortalecimento interno, e também para a construção de Létha), os naacals, começam a visitar regular e anonimamente a superfície terrestre. Eles se tornam os primeiros Auxiliares Invisíveis da população da crosta, na medida em que tentam instruir e depois trazer para o seu convívio as pessoas ainda não totalmente contaminadas pela Loja Negra. Às vezes levam remédios para as doenças que se multiplicam.

- Na superfície, porém, a depravação sexual é tão grande que os homens é tão grande que os homens chegam ao ponto de ter relações com os animais. Pouco depois da introdução dessa abjeta prática sexual, a Loja Negra começa a inocular duas idéias absolutamente sinistras na

mente dos humanos – primeira: a possibilidade de usar os animais como alimento; segurança, a possibilidade de usar soros de animais *(A idéia de que certos soros, produzidos por animais, podem proporcionar saúde e perfeição, ou mesmo proteção contra enfermidades no corpo de uma criança ou de um adulto, é uma outra atividade da força sinistra, conscientemente dirigida neste mundo para destruir a saúde e a resistência da raça, a fim de que os sentimentos destrutivos possam dominar e eliminar os ideais da humanidade. A profissão médica tem servido, inconscientemente, como instrumento para essa destruição, sob aparência externa de ciência. (Mestre Saint Germain, em EU SOU a Presença Mágica – Ensinamentos do Mestre Saint Germain)).*

- Das alturas celestiais, desce o primeiro Cristo à Terra, cumprindo uma missão de Salvador. Sujeita-se a passar pelas portas do nascimento físico e assume um corpo terrestre, em plena superfície planetária. Ele recordou a Lei e chamou os homens de volta. Sua linguagem é bem simples, de modo que todos pudessem entender. Pouquíssimos, porém, dispuseram-se a seguir o Caminho por Ele mostrado; o livre-arbítrio da humanidade apontava sempre a direção oposta: o trono de Lilith.

- Doenças várias. Grassam a sífilis e outras doenças sexualmente transmissíveis. Aparece o diabetes, que é resultado da mágoa, desse padrão de dor e sofrimento que se instalou na alma dos homens – na verdade, diabetes é a falta de doçura na vida, de prazer pela vida, temperada com altas doses de ressentimento.

- As divergências entre os homens são tamanhas que, por causa disso, as diferenças lingüísticas (sotaques ou acentos) vão-se acentuando de maneira muito estranha. Com o passar do tempo, essas diferenças constituem os primeiros dialetos, claramente definidos. Com o passar de mais tempo ainda, os dialetos tornam-se línguas distintas. Paralelamente, em Agartha, há uma preocupação constante em preservar a língua original.

- Com o objetivo de conter a promiscuidade, instaura-se o matrimônio *(Nessa época, apareceram as primeiras tendências ao matrimônio, algo distinto da promiscuidade; a criação de unidades de família se converteu em objeto de atenção e constituiu a meta para os mais evoluídos (Mestre Djwhal Khul, em O Sexo – Recompilação dos Livros do Mestre Tibetano))*.

- Na tentativa de se impor moral e ordem, criou-se o Decálogo de Mu, que era o seguinte:

1º) Nenhum homem pode ter lucro às custas de outro.
2º) Nenhum homem individualmente, e nem a coletividade, pode tomar qualquer coisa de alguém por meio da força.
3º) Todos os recursos naturais são propriedade do Estado ou coletividade, e não podem ser reclamados como posse pessoal por nenhum indivíduo ou grupo que não seja a totalidade dos cidadãos.
4º) Cada cidadão e cada um de seus filhos terá direito e receberá igual educação, iguais oportunidades para a expressão de sua habilidade, e total igualdade perante as leis.
5º) Qualquer promoção de posto terá por base apenas o mérito e o desempenho no serviço.
6º) Nenhum indivíduo poderá manter como posso pessoal algo pelo qual não tenha compensado com igual valor.
7º) Nenhum indivíduo terá o direito de tratar dos assuntos pessoais ou públicos de outro indivíduo à menos que solicitado pela pessoa. A coletividade ou o governo poderão fazê-lo apenas nos casos em que se comprove intenção criminosa ou traidora, ou no caso dos direitos civis e outros terem sido violados.
8º) Ninguém pode intencionalmente matar ou ferir outra pessoa, exceto no caso de defesa da vida ou da terra.
9º) A integridade do lar deve ser mantida inviolada, e nenhuma mulher pode ser desposada sem seu consentimento.
10º) Em todos os assuntos relativos ao bem comum e que não impliquem ou envolvam violação das leis naturais, a opinião da maioria prevalece, sujeita apenas ao Conselho de Anciões, cuja decisão será definitiva.

- Afastando-se da Grande Lei de Amor Universal, que é o Supremo, os homens foram-se enredando em leis e mais e mais leis, que eles próprios criavam e desobedeciam, e que, por isso, se revelavam ineficientes.

- Na alma dos terrestres, assomam o medo e o sofrimento, que se vão cristalizando e contaminando o sangue. Aí, pode-se dizer que o código genético dos humanos da Terra já é bem outro... Os magos das sombras – contemplando o céu de Draconis, sede de sua Loja Negra – exultam com o sucesso de sua obra...

- Mutações genéticas nos animais: alguns criaram conchas (foi o caso da ostra e do caranguejo): nos peixes, apareceram escamas e, em certos mamíferos, chifres e cascos.

- É incutida nos homens a dependência do dinheiro, e cresce neles a cobiça. Devidamente manipulada pelos magos da sombra, a energia monetária é assim como uma areia movediça, e muitos homens são tragados por ela.

- Sinais de aridez no solo planetário. Fenômenos cataclísmicos, pois o meio ambiente é apenas um espelho do homem. Incêndios aparentemente naturais (queda de raios, calor solar excessivo etc). A água potável, que era altamente vitaminada, foi perdendo suas propriedades.

- Erguimento das duas primeiras grandes cadeias de montanhas do planeta: uma no sentido leste-oeste (a mais extensa) e a outra, no sentido norte-sul. E colinas se elevam, aqui e acolá...

- Um terremoto de grandes proporções destrói, parcialmente, a capital Uighur. Localizada na Ilha Branca, na fértil terra de Gobi. Os novos dirigentes do Império decidem, então, transferir a capital para outra região, e o fazem. Com o tempo e o êxodo total, a outrora progressista Uighur transforma-se em ruínas.

- Fundação de escolas regulares de magia negra na superfície da Terra.

- As ruínas de Uighur são tragadas pela Terra, em um novo sismo, de pouca magnitude. No decorrer dos séculos, a natureza mãe gentil, talvez em respeito á antiga moradia dos Ra Mu, os reis Iniciados, concentra todos os seus esforços no sentido de recuperar a beleza da Ilha Branca. E, as duas penas, o faz. Naquela região esquecida pelos homens, surge uma vegetação esplêndida, e as águas do mar interior que cerca a ilha conseguem tornar-se, novamente, cristalinas e regurgitantes de vida. Na Terra, a Ilha Branca transforma-se em um oásis de beleza e paz.

- Habitado agora pelos antigos naacals e por algumas pouquíssimas pessoas que, por seus méritos, foram retiradas da superfície, o mundo intraterreno – sujeito ás leis evolutivas originais – se mantém a salvo da tragédia que ocorre na superfície. Agartha continua sendo um paraíso, mas agora completamente esquecido pelos terrestres da superfície.

- Na superfície, explode a ferocidade. Um registro akásico mostrou um animal marinho, o placodermo, cujo corpo já era sustentado pela espinha dorsal; encouraçado e dotado de mandíbula. Com olhar arguto, o bicho parecia estar á espreita de algo. De repente, deu o bote. O registro akásico imobilizou-se nesse ato agressivo, um segundo antes de abocanhar sua presa. O

bicho ficou estático, de boca aberta; nela, cintilaram os dentes pontiagudos e afiados, apropriados para rasgar a carne de suas vítimas. Através desse primeiro carniceiro dos mares, ficou claro o seguinte: a ferocidade já estava instalada na alma humana.

- A ferocidade se alastrando incontrolavelmente, a Loja Branca construiu, em torno da Terra, o Círculo-Não-Se-Passa. Trata-se de um círculo energético que funciona como uma verdadeira muralha, indevassável, que não permite que as trevas planetárias contaminem o sistema solar. Os terrestres, presos agora à lei cármica, também não a podem transpor; conseqüentemente, já não podem conectar-se com os Centros de Luz universais.

- Já é evidente que a planilha de evolução prescrita pelos Senhores da Criação foi completamente desobedecida. Nenhuma, absolutamente nenhuma determinação constante do Plano vigora mais no planeta. A organização genética, com todas as tenebrosas mutações que já vinham ocorrendo, entra em colapso. Como se fosse uma caldeira, o sopro de vida vai-se tornando incandescente, entra em ebulição cada vez maior até que não suporta mais a pressão e explode. Há um Big Bang às avessas.

- Resultado do Big Bang involutivo: a deformidade atinge o seu apogeu; existe deformidade em tudo. Na subconsciência planetária, mais do que nunca, proliferam as formas psíquicas dos vícios e das doenças. Atmosfera densa, carregada de sofrimento. Como o externo reflete fidedignamente o interno, o quadro é o seguinte: mares povoados de carniceiros encouraçados, répteis em demasia. À imagem e semelhança do homem, tudo se torna cada vez mais violento, sanguinário...

- A vitória da natureza animal: os bichos (dinossauros) dominam a terra. Os homens, dormindo ou então vagando como sonâmbulos, confrontam-se com os seus próprios demônios.

- O cometa. Um cometa colidiu violentamente com o planeta... No impacto, a Terra deixou de girar por um certo período de tempo. Ora, suspendendo-se a rotação, deixa de existir a gravidade, e deixando de existir a gravidade – nas condições em que a Terra então vivia – tudo morre. Foi exatamente isso o que aconteceu: a quase totalidade da vida do planeta Terra morreu. Morreu quase tudo, e também os ferozes dinossauros. E, aliás, teria morrido o próprio planeta se, porventura, ele não tivesse conseguido manter a sua órbita em torno do sol.

“E a Terra só conseguiu manter-se em órbita – explicou Pársis – por uma única razão: é que, em Agartha, os intraterrenos sustentaram a conexão (ainda que imperfeita) com o Reino

Divino; foram eles que, naquela decisiva, garantiram a sobrevivência planetária... Mas, sendo tão poucos a morte passou pertíssimo... Foi por um triz mesmo...”

A Terra conseguiu manter o movimento de translação, e aí, a vida, que não havia sido completamente extinta, pôde perseverar. E lá está ela, de novo e sempre, tentando se organizar. Seguindo um modelo completamente diferente do original traçado pelo cântico dos Elohim, mas, assim mesmo e a duríssimas penas, sobrevivendo; o Espelho das Águas mostrou essa tentativa desesperada. Por um átimo de segundo cósmico, mas por um tempo que, na Terra, nunca há de se precisar com clareza, a vida conseguiu se autofecundar e novamente deu à luz.

- Luz?! – rebateu Pársis, com veemência. – Ou sombra? Escuridão? Tragédia ainda maior?!

A senhora do Carma suspirou, guardando um minuto de silêncio.

- Para finalizar o meu depoimento nesta egrégia assembléia, apresentarei mais dois documentos akásicos. O primeiro deles é um flash da atual vida na superfície da Terra, depois do Big Bang involutivo e da passagem do cometa, que bem pode ter como título “ O Fundo do Poço”. E o segundo mostrará Ibez, que é o Primeiro Centro de Luz da Terra e nas proximidades do qual se encontra Létha, a pequena cidade intraterrena que concentra os raríssimos resgatáveis do planeta.

Capítulo 21

O FUNDO DO POÇO

“O homem caiu num poço escuro e fechou a saída com uma tampa negra.” (Mestre Morya, em Hierarquia)

- A imagem da alma da Terra! – anunciou Pársis.

Então, perante a assembléia da CMG, apresentou-se o Guardião do Umbral da Terra, deixando a platéia literalmente muda e perplexa. Afinal, diante de uma imagem dessa, o que é que se pode falar?!

- Infelizmente, na Terra, a Alma do Mundo ficou assim...

Aí, por fim, veio o alívio porque aquele monstro voltou lá para as suas profundezas;

- E, agora, vamos observar os efeitos desse sinistro Guardião.

Comida e calor. Comida e calor. Comida e calor. Os pés chatos marchavam com rapidez na estepe erma.

Mais pareciam macacos. Peludos, com verdadeiros focinhos e pernas arqueadas. Não andavam eretos, mais sim curvados, projetando os braços compridos demais para a frente. O macho mais alto do bando teria, no máximo, 1,40m. Nesse grupo de vinte e quatro indivíduos, só existia um velho – pela aparência, já deveria estar beirando os trinta anos. Aliás, era muito difícil se encontrar idosos em um bando – tanto porque a duração media de vida era de apenas vinte anos, como também porque era comum se morrer cedo, vítima de alguma epidemia ou abatido por algum animal feroz. Vinte e quatro indivíduos, sendo seis crianças, um velho, dez machos em idade adulta (entre quinze e dezoito anos) e sete fêmeas. Destas, uma estava grávida: as mamas intumescidas e o ventre peludo distendido indicavam que não tardaria a dar a luz.

Nus, armados de paus e pedras toscamente lascadas e famintos. No lugar de onde vinham, em pleno inverno, faltou-lhes o precioso alimento: folhas, insetos, larvas, ratos e outros animais de pequeno porte que eram abatidos a pedradas e pauladas. Em suma, a comida foi sumindo à medida que caíam do céu, sem parar. Tênues flocos de gelo. A antiga caverna tornou-se inabitável; fria demais. Então, mais uma vez puseram-se a caminho, à procura de um novo lar.

Comida e calor. Comida e calor. Comida e calor. Comida e calor. Os pés chatos marchavam com rapidez. A tensão saturava a atmosfera. Aquele era justamente o tipo de lugar perigoso: descampado, sem nenhuma árvore para servir de fuga ou proteção no caso de uma tocaia. Além do mais, seus pés eram lentos, qualificados apenas para andar e não para correr; numa caçada, jamais poderiam alcançar a velocidade das patas dos grandes predadores.

Comida e calor. Comida e ... Aí o tigre já havia atacado a fêmea grávida. Foi mais rápido do que relâmpago. O trovão soou em seguida: o rugido da fera, o urro da vítima, o baque do corpo no chão em decúbito dorsal. Mesmo se alguém do bando soubesse falar. Jamais saberia dizer como e de onde veio o bicho. Apenas um dos machos do bando guardaria uma lembrança vaga de como foi o ataque da fera: na exata fração de segundo em que o corpo do animal riscou o ar feito estrela cadente, ele foi atingido de raspão no ombro esquerdo. Levou um susto e, quando olhou, o predador já estava em cima da companheira, cravando-lhe os dentes no pescoço. O resto do grupo, ao se virar, já se deparou com a fêmea abatida e a poça de sangue no chão.

Um terror imenso paralisou o bando momentaneamente. Depois, um berro coletivo, de desespero, irrompeu das gargantas. Alguns daqueles homens – mais por medo do que por solidariedade, mais para defenderem a si mesmos do que para defender a companheira, que ainda se mexia e guinchava de dor – conseguiram esboçar uma reação: apedrejaram o agressor. O tigre se virou e, arreganhando os dentes ensangüentados, fez um movimento ameaçador. Foi o bastante para o grupo debandar na maior confusão.

Os urros dos homens em fuga ecoaram na assembléia da Confederação dos Mundos da Galáxia. O tigre pôs-se a devorar a sua presa, começando pela barriga. A cena que se seguiu foi de uma crueza impressionante. Faz-se um silêncio sepulcral no salão.

- Com pequenas variações, cenas como esta estão ocorrendo neste exato momento em vários pontos do plano físico do planeta – testemunhou Pársis. – Atenção: eu disse plano físico. Porque na dimensão astral a cena é ainda mais repulsiva.

O registro akásico mostrou a mesma cena. – do tigre começando a devorar a presa, após a fuga do bando – do ponto de vista astral, com toda a energia e as formas horrendas geradas pela mente e emoções humanas.

O ambiente estava todo em cinza. A estepe não era mais uma estepe mas, sim, um charco que abrangia toda a região. No centro da cena estavam deitados os dois corpos, o da mãe e do feto, em decúbito dorsal. A rigidez da morte acabava de se completar; entretanto as duas almas que estavam aprisionadas pelo pavor naqueles cadáveres urravam de dor, de desespero, de angústia, e se debatiam em agonia. Olhos esbugalhados; braços e pernas astrais se movimentando freneticamente na vã tentativa de se defender e também de fugir dali. Mas não conseguiam, não conseguiam, não conseguiam. Com essa impossibilidade, até os corpos astrais iam sendo dilacerados pouco a pouco, pedaço por pedaço. A dor era infinita.

Não era só o tigre que os estava devorando, pois por dentro do corpo do animal, acoplados com ele, estavam outros tigres e também outras almas de homicídios que, no astral, eram antropófagas. Era um verdadeiro enxame de espectros de bichos e de homens que compulsivamente precisavam se alimentar de carniça.

Ao redor desse grupo, havia uma outra classe de seres ainda mais repulsivos: as entidades astrais criadas artificialmente pelas taras sexuais. Têm formas humanas, mas não são providas de asas semelhantes às de morcego; os masculinos têm o nome de incubos e os femininos são chamados de cuculos. Excitados pelo intenso sofrimento dos que estavam sendo devorados, esses seres riam e se masturbavam e copulavam abertamente. A cena era tão repugnante quanto deprimente.

- Sadismo e prazer: é o clímax do poder de Lilith – comentou Pársis, com pesar. – Cada incubo presente é Lilith. Cada súcubo presente é ela, em pessoa. A Rainha Que Rasteja está em cada detalhe deste quadro. Ela é a lama e os vermes que essa lama contém. Ela é o torturado e o torturador. O algoz e a vítima do jogo da dualidade das trevas, que aqui, neste acontecimento, está exacerbado ao extremo. Mas infelizmente hoje, na Terra, mais de 99,99% é assim: bárbara e depravada.

Na platéia, o olhar de um certo espectador queimava de ardor. Pura compaixão. Desde o momento em que o tal bando surgira na estepe, seus olhos azuis compassivos imediatamente

transpassaram os corpos daqueles homens que mais pareciam macacos e se fixavam no peito. Ali, no coração de cada um deles, estava o motivo da tragédia que estava prestes a acontecer: o Fogo do Espírito, da Vida e da Consciência (que mesmo num indivíduo atrasado mede no mínimo cinco centímetros de comprimento e que num Mestre é infinitamente maior porque é o seu próprio corpo) naqueles homens estava reduzido a um centésimo de milímetro. Quer dizer: eles não tinham propriamente uma consciência e, por conseguinte, também não tinham vida na verdadeira acepção da palavra.

O cérebro também revelava a degeneração num Homo Sapiens Sapiens comum o cérebro mede aproximadamente 1500 centímetros cúbicos, o daqueles hominídeos não chegava a 780; portanto, quase a metade!

Quanto ao Olho Onividente que lhes permitia enxergar a olho nu seus Mestres e os seres elementais, agora estava totalmente cristalizado e reduzido – transformaram-se na glândula pineal. A própria visão física estava bem deficiente: os homens já não conseguiam distinguir claramente as imagens, a não ser a bem curta distância. Portanto, não foi por acaso – e sim por absoluta incapacidade física – que o bando deixou de perceber a aproximação do predador. Quanto aos demais sentidos, apenas a audição e o tato apresentavam-se mais desenvolvidos.

Coração, cérebro, visão animalizados em que se destacavam os caninos proeminentes e afiados para rasgar a carne crua de suas pequenas presas, abatidas a pau e pedra. Nem mais sabiam falar; sua linguagem não chegava nem aos monossílabos, que é primeiro estágio; eles apenas urravam e grunhiam. Também não sabiam mais acender uma simples fogueira e isto significava que, neles, o Espírito agonizava; sua chama de vida estava se extinguindo.

Fogo – é disso que os homens –macacos precisam, refletiu aquele espectador. Fogo, que significa vida, luz, sol, alento, e que na mais elevada instância se chama Espírito. Então, um nome cruzou-lhe a mente: Shamballa.

Com o queixo apoiado nas mãos entrelaçadas, cotovelos fincados na mesa, e aquele olhar que parecia concentrar toda a misericórdia do universo na potência de 3 x 3, ele acompanhou atentamente os sangrentos acontecimentos que se desenrolaram na estepe. Ao final, confirmou: “Eles precisam resgatar o Fogo...”

Chamava-se Romã e, a se julgar pela aparência, certamente deveria ser o mais jovem participante do julgamento da Terra; pelos nossos padrões atuais, estaria aí em torno dos vinte anos. Belo na sua extrema juventude, mas sem nada de angelical. Seu rosto, ao contrário, estava mais para o exótico: tez morena, pele aveludada, uma curta barba negra bem rente ao rosto, grandes olhos azuis que contrastavam com os cabelos e as sobrancelhas negras. Tal como o nariz reto e fino, a boca também denotava força, autoridade, era carnuda, bem desenhada. Dentes alvos e perfeitos. De estatura média para um Ascensionado (cerca de 1,90m), tinha o

corpo de um atleta: ombros largos, peito e braços fortes, mãos grandes e viris. Vestia-se com solenidade: túnica e manto reluziam nas cores branca e carmesim respectivamente. No peito, um constelado de pedras preciosas compunha um sol de núcleo rosa, com raios de várias cores do arco-íris, em tons pastéis. Completavam o vestuário um cinturão e sandálias de ouro.

Seu nome era Romã e, a se julgar pelas feições, parecia bem jovenzinho. No entanto, os kumaras (habitantes de Vênus) tratavam-no respeitosamente de Sanar Kumara, que significava, em seu idioma, O Mais Velho Venusiano; outro título que se lhe atribuía era de “Ancião dos Dias”. De fato, o aparentemente jovem Romã era o Mais Velho dos Mestres de Vênus: em Amor, em Compaixão, em Sabedoria. Por isso, era o Rei de Vênus.

Trabalhando em conjunto com o seu mais dileto irmão, o Sumo Sacerdote Melquisedeck, Sanat Kumara ajudou a transformar Vênus no que é hoje: um mundo livre habitado pelos chamados Mestres Altos do Fogo do Amor.

Como era de se esperar, Sanat Kumara residia num belíssimo palácio situado no coração da pátria. Além de servir de residência para o soberano e sua esposa, esse palácio, de nome Shamballa, localizado na cidade de mesmo nome, era também a sede do governo nacional e da Grande Fraternidade Branca Universal em Vênus (na verdade, esses poderes interagiam, compondo uma unidade). Por muitos motivos. Shamballa era considerada a Casa do Fogo...

- E agora – anunciou Pársis, na tribuna – vamos examinar, bem de perto, a importância de Ibez, o primeiro Centro de Luz da Terra, Ibez: embora não pareça, este nome é feminino, porque a energia desse vórtice é, por excelência, geradora e reprodutora. A uma distância segura desse Fogo poderoso, moram os antigos naacals de Mu, que agora se intitulam agarthinos.

Capítulo 22

IBEZ (Centro de Ibez: Atualmente localizado no Roncador, Brasil.), A MATÉRIA INCANDESCENTE

- Recordando, agora, a primeira humanidade terrestre: a Raça dos Els. Apesar de terem utilizado as entradas do pólo norte, onde nasceram, para descerem a Agartha, eles começaram a habitar o mundo intraterreno a partir desse tremendo foco de energia denominado Ibez. Com efeito , as cidades que eles construíram, e que desmaterializaram ao partirem, não por acaso estavam situadas, predominante, ao redor desse Centro de Luz, o único ativo naquela época tão remota. Os Els, utilizando o Olho Onividente, viam claramente o Fogo de Ibez em ebulição: é poderosíssimo, pois é uma caldeira da Criação. Lembrem-se do Elohim Hércules mostrando a

ação do Olho de Deus Que Tudo Vê na criação do planeta Terra? Lembram-se?!... Pois bem, é aquilo mesmo: o Olho é uma magnífica caldeira efervescente, cuja pressão de Amor, e aí explode! O Fogo Explode – é fantástico: é até aterrador, chega a causar pânico naqueles que ainda não encarnaram o seu próprio. Cristo Interno! Pois Ibez, meus caros Irmãos e Irmãs presentes, é um espelho do Olho Divino no Seu aspecto Criador, e que está encravado na terra, na carne do planeta Terra! Ibez é a polaridade negativa do Olho: é geradora e Peprodutora, poi é o Centro que capta a Matéria Ardente, Ígnea, provinda das dimensões imateriais mais elevadas, que depois a amanha como se fosse uma massa e cozinha-a no seu forninho; por este trabalho maternal de geração e reprodução é chamada de Diada. Em sentindo figurado – vejam bem: apenas em sentido figurado! – pode-se dizer que Ibez é a Casa dos Elohim do planeta Terra... pois é a Matéria, que, no seu estado mais sutil, é Ardente, e queima perigosamente aqueles que ainda não são Cristos!... Com a sabedoria que lhes era inerente, os Els se mantinham a uma distância segura desse Fogo, porque esse Fogo, sim, poderia queimá-los seriamente naqueles primeiros Dias da Criação e no estágio de evolução em que então se encontravam. Porém, à medida que evoluíam e se cristificavam, eles podiam se aproximar um pouco do Fogo Incandescente. E mais e mais... Até que, bem antes mesmo de deixarem a Terra, os Els tomavam banho em Ibez, como se esta fosse uma cachoeira qualquer em Agartha...

Depois, foi a vez dos Issim ou hiperbóreos. É verdade que eles nunca chegaram a morar em Agartha, porém a visitavam com freqüência – viagens turísticas... E nessas viagens, a maior atração depois de contemplar Surya, o Sol Central, era apreciar, a uma distância segura, o processo de transformação da Matéria.

Aí, veio a terceira raça. Nos primórdios do Império de Mu, quando tudo parecia levar a crer que o Plano de Evolução seria cumprido e uma nova Idade de Ouro seria inaugurada no planeta, os rutas construíram, ao ponto mais próximo da radiação de Ibez que lhes era possível suportar, o maior templo já construído na Terra. Nem mesmo o de Uighur, a capital, era tão grande quanto.

Com a Queda do Homem, os Guias da Raça ordenaram a todos os habitantes daquela região que a evacuassem, deixando-a desabitada. É claro que essa ordem não foi verbal, haja vista que a comunicação dos homens com os Deuses há muito cessara. Mas a ordem foi emitida pelos Mestras, e devidamente registrada no subconsciente dos moradores. E ordem de Mestre ascensionado tem o poder de um edito cósmico: não admite réplicas nem desobediências nem argumentos: foi dada, tem que se cumprida no prazo determinado. E assim foi: rapidamente, todos os moradores das terras circunvizinhas do centro de Ibez deixaram a região. Uns porque tinham parentes não sei onde e pensavam reunir-se a eles: outros, porque achavam que o solo já não era tão fértil: e outros porque tinham esperança de conseguir melhores oportunidades nas cidades mais desenvolvidas: e outros porque... Bem, o que importa é que todos os motivos,

exceto o verdadeiro, eram evocados: nenhum dos emigrantes sabia o real motivo dessa sua retirada compulsória.

Quando toda a região ficou vazia, aí os Mestres eternizaram o templo de Ibez. Não o desmaterializaram, como haviam feito os Els com suas construções intraterrenas, mas, simplesmente, tranferiram o templo – intacto, incólume – para uma outra dimensão (a etérica) do próprio plano físico do planeta. Ei-lo!

Um registro akásico mostrou o monumental templo (Esse templo subsiste até hoje no plano etérico do Roncador.) construído nos áureos tempos de Mu, com seus portais majestosos, seus altares repletos de ouro e amplos salões.

Pársis continuou:

- E aí veio a derrocada do império do Sol: os Ra Um se retiraram do governo das nações e, juntamente com os demais naacals, reuniram-se nessa região erma. Desceram a Agartham e lá fundaram a cidade de Létha, que por juta medida pode ser considerada uma Arca da Aliança.

Em vez de mostrar logo a cidade de Letha, o registro akásico começou pelo mais difícil: a caverna onde começa o caminho que liga a superfície ao mundo intraterreno.

- Começamos por esse caminho – justificou Pársis – porque, ao longo dele, há alguns detalhes que quero comentar...

Apareceu a entrada: uma caverna, localizada na superfície. O público da CMG sentiu-se penetrar naquela boca escura e estreita, e depois andando por corredores que, gradativamente, iam-se alargando e, por fim, experimentando uma queda livre, em declive. Ao contrário do que se era de esperar, à medida que se adentrava no amargo da terra, aparecia uma claridade difusa. A uns muitos e muitos metros da superfície, quando a claridade já era total, surgiram, então, as primeiras transformações: as paredes se tornaram polidas (evidentemente em decorrência do trabalho feito pelo homem) e cheias de inscrições, e, de um lado e do outro, no chão, havia estatuetas de ouro puríssimo.

- O primeiro detalhe que eu queria comentar era o que está escrito nessas paredes: aqui se conta toda a história das três humanidades da Terra: a dos Els, a dos Issim e a dos próprios rutas (porque foram eles que vieram escrevendo esta história desde que se instalaram em Agartha). As inscrições ainda não estão concluídas, pois os novos agarthinos encontram-se no trecho da queda do Império de Mu. Mas o trabalho prossegue em passos largos, pois, diariamente, três pessoas trabalham nessa galeria... A segunda coisa que quero comentar são essas estatuetas. Vejam que interessante: em todas elas, em algum lugar da composição, existe gravado o nosso alfabeto sansar – ora no peito dessas figuras humanas, ora em suas roupas, ora na base da estatueta... Por que tamanha fixação no alfabeto? É porque, como já foi dito, na superfície terrestre o desentendimento foi tanto que deu origem a muitas línguas e dialetos. E aí, os novos

agarthinos fizeram o movimento contraio: empenharam-se com afinco em preservar a sua língua original, que é uma vertente da língua do universo e lhes permite comunicar-se com quaisquer outros Irmãos do cosmos.

Seguindo em direção a Agatha, houve, a partir daí, uma sucessão de lances de escada, portas (muitas delas de bronze) e salas (como se reservadas ao descanso regular dos peregrinos). As paredes, a certa altura, pareciam feitas de prata fosca... Súbito, uma celebridade fortíssima irrompia nos subterrâneos da Terra, parecia a luz solar...

- Isto é a Luz de Ibez. O centro mesmo encontra-se a vários quilômetros desse ponto; entretanto, o Fogo da Matéria Incandescente é tão forte a ponto de iluminar o local dessa forma...

A essas palavras de Pársis, o registro akásico passou a enforcar Letha, começando pelo templo que já tinha sido construído pelos agarthianos. Na câmara principal, o altar era de ouro, as paredes de mármore com frisos de jade, e o assoalho de ônix.

- Á imagem e semelhança do templo que foi eternizado pelos Mestres...

Moradores de Letha: dentre eles, pode-se distinguir os rostos conhecidos de Abel e de Jori, de Emeth e Agla, de Lion e Inana. E mais: os antigos Ra Mu, os integrantes dos primeiros Conselhos de Anciões – todos integrados, agora, numa vida simples e laboriosa...

- Os habitantes da Letha encarnados atualmente não chegam a noventa, entre homens, mulheres e crianças. E são doze os que, neste momento, estão desencarnando-se devidamente entregues aos cuidados do Conselho Cármico – expôs Pársis. – Considerando-se que a atual população da Terra ultrapassa o número de três bilhões de habitantes (entre encarnados e desencarnados), e que esses agarthianos são os únicos resgatáveis do planeta, podemos compreender a extensão da tragédia que abalou a Terra...

No primeiro, o contato com o mundo da superfície era freqüente; os agarthianos entravam e saiam à vontade, até para cumprir a sua missão de Auxiliares Invisíveis; por isso infortúnio, durante essas visitas à crosta planetária, alguns desses resgatáveis a se contaminar com a ilusão e a materialidade; mesmo assim, ainda puderam voltar a Agartha... Com o passar dos séculos e a degeneração que se alastrou pela superfície do planeta – ou seja, quando se atingiu mesmo o fundo do poço – os dirigentes de Letha decidiram suspender a comunicação com o mundo da crosta, estipulando um prazo para o retorno dos que estavam fora. Expirado esse prazo, ninguém mais poderia retornar à comunidade, porque, àquela altura, muito provavelmente já teriam adquirido hábitos dos homens da superfície e, até mesmo, um pouco de sua conformação física, de modo que lhes seria difícil readaptar-se em Letha, onde a vida se desenvolve segundo outros parâmetros. Assim, na data convencionada, os acessos foram hermeticamente lacrados, de dentro para fora; a propósito, vocês devem ter observado as inúmeras portas fechadas, disseminadas ao longo do caminho que liga a superfície ao mundointraterreno... Todos os que

estavam na superfície retornaram, com exceção de vinte homens e onze mulheres, que agora, separados entre si, fazem parte de bandos como o que foi mostrado há pouco...

No mais, antes de dar por terminado o seu depoimento, Parsis mostrou alguns flashes da vida de Letha: o cultivo dos campos, os animais que agora existem em Agartha e que tanto ajudam os homens na sua lida doméstica e agrícola, as construções, o estatuto e a meditação, a sortida culinária vegetariana, e, por fim, uma bebida que é característica de Letha: o almíscar, o verdadeiro refrigerante.

Capítulo 23

FOGO PARA OS HOMENS-MACACOS

A votação estava em andamento. Desintegração da Terra – sim ou não? Unanimemente se respondia que sim. Mais de cinqüenta por cento já haviam opinado. Portanto, a sentença já estava definida. Era só esperar o término da votação para o Secretário Geral anunciá-la formalmente, em nome da Confederação dos Mundos da Galáxia. E aí se passaria ao segundo item: o destino dos homens, que evidentemente não era nada promissor. Destruindo-se a Terra, o que se poderia fazer com eles? Das duas uma: ou se arranjaria um novo lar para esses órfãos planetários ou então eles seriam desintegrados junto com a Terra. Ora, em primeiro lugar não era fácil se arranjar um outro mundo bem atrasado (mas não tanto quanto a Terra) e de preferência vazio para acolher bilhões de terrestres. Em segundo lugar, contando apenas com o auxílio (ou melhor dizendo, da total falta de auxílio) da natureza, quanto tempo eles necessitariam para se tornarem, ao menos, Homo Sapiens Sapiens? Considerando-se o estado de absoluta barbárie em que se encontravam, as perspectivas eram desanimadores: talvez bilhões de anos... Isso, naturalmente, se conseguissem chegar lá – afinal, faltava-lhes o essencial: o Fogo, e isso eles teriam que descobrir por si mesmo, extraindo-os de sua memória embotada... Valeria a pena investir nos homens-macacos? Claro que não: a chama da consciência estava quase inteiramente sepultada na animalidade e nos instintos. Um centéssimo de milímetro é nada.

Sanat Kumara estava num dilema. Por um lado, um pensamento compulsivo corroia-lhe a mente: “Alguém tem que devolver-lhes o Fogo... Alguém, eu, eu!” Por outro lado, ele tinha uma esposa. A amada, amante, companheira, irmã, a mulher que o completava e sempre o fizera sentir-se inteiro. Que vivera com ele, nele, dele, desde que se materializaram em algum ponto do universo, como idéias perfeitas do Criador... Como apartar-se dela?! E como afasta-se de sua

Casa, Shamballa, para exilar-se sabe-se lá por quanto tempo naquele inferno que é a Terra atual, na tentativa de resgatar uma humanidade tão decaída?!... Mas eram bilhões de seres, bilhões!...

- Vênus, minha rainha, vamos conversar! Por favor, precisamos conversar... Entrego-me em suas mãos: tire agora da minha cabeça esta idéia louca ou então...

Embora o nome da esposa fosse Anur, em certos momentos Sanat a chamava de Vênus como, aliás, costumavam fazer todos os kumaras. À semelhança do marido. Anur parecia também ser muito jovem – uns dezoito anos, pelos padrões da Terra. Entretanto, por sua evidente grandeza espiritual e sabedoria inata, reconhecidas desde muito antes que os venusianos conquistassem a mestria, os Kumaras sempre identificaram nela a própria consciência planetária, a pátria e, por extensão, a Deusa, Mãe de todos. Daí passaram a chamá-la pelo nome de Vênus, que também lá significava o ideal da beleza feminina.

Nome apropriado: mais bela impossível. Não muito alta, mas com um corpo adorável. Exótica, chegava a se parecer bastante com o marido. De pele clara, rosto oval e expressivos olhos azuis levemente amendoados, pele sedosa como um pêssego, finas sobrancelhas, nariz perfeito e boca carnuda. Os bastos cabelos ruivos emolduravam o rosto de modo esplêndido.

Foi só chamá-la – Vênus, minha rainha" – que sanat Kumara já estava diante dela, em Shamballa. Em nenhum momento ele deixou o plenário da CMG; ao contrário, continuou lá. Até trocando algumas palavras com pessoas próximas. Contudo, como Mestre, ele é onipresente, o que significa que pode permanecer num determinado local e, simultaneamente, estar em vários outros, por inteiro, de corpo presente (visível ounão), conversando e agindo com plena atenção. Sem nunca perder a unidade.

Em shamballa, Sanata Kumara estava diante de sua Vênus. Naquele momento, ela estava com os cabelos arranjados em duas longas tranças e usando um sari de fundo vermelho-rubi com estampados dourados. Portava um largo bracelete de ouro num dos antebraços e argolas também de ouro nas orelhas.

"Minhas Vênus", murmurou o marido, abraçando-a com força. Beijaram-se nos lábios e, depois, permaneceram em silêncio, olhos nos olhos. Sanat Kumara nem precisava dizer o que se lhe passava no coração: Anur era literalmente parte do seu ser. De fato, a jovem Rainha Mãe de Vênus já estava mergulhada nos sentimentos que tanto o mobilizavam: a alucinada compaixão por aquela humanidade que estava prestes a ser desintegrada, o desejo ardente de resgatá-la pelo Fogo, a idéia de constituir uma nova Shamballa na Terra, a predisposição de semear a Luz da Consciência naquele inferno, uma paciência infinita para esperar indefinidamente que aqueles hominídeos se erguessem da animalidade como um fênix pelo poder do Fogo, uma determinação férrea de implantar na Terra um sistema iniciático e a esperança inabalável de que a Terra voltaria a fazer parte do Grande Concerto Solar, uma fé visceral no renascimento e na ressurreição, a

consciência e também já a dor do gigantesco sacrifício que se impunha para salvar a Terra e seus habitantes, a reverência pela obra dos Arcanjos e dos Elohim, o encanto pelo cântico dos Elohim, o conflito pessoal em relação a ela e, acima de tudo, a embriaguez do Amor por Deus que chegava a latejar no corpo do seu amada e, por extensão, no dela também. Mas o sacrifício a que ele se propunha era grande demais, doloroso demais até para um ascensionado: tratava-se de encarnar a Terra; não encarnar na Terra, mas, sim, encarnar a Terra. Ou seja: cada átomo existente naquele planeta começaria a fazer parte de seu corpo, de sua aura!... Ele se propunha a descer do Grande Silêncio e assumir um corpo inteiramente gangrenado!...

Vênus fitou Sanat, e ficou surpresa ao enxergar uma nova encarnação de Deus. Aí, no momento seguinte, sentiu que estava sendo transportada para algum lugar muito sagrado... A Consciência, de imediato, identificou o local: era a câmara interna do Olho de Deus Que Tudo Vê, aquela que existe por detrás da córnea divina. Vênus imergiu no Grande, Grande, Grande Silêncio que lá existe. E lá, compreendeu, de uma forma inteiramente nova, a dimensão do Amor de Deus e da dimensão do Amor de Seu Sanat. Quando brilhou essa nova luz do entendimento, ela retornou a Shamballa, colocando-se de novo diante de Romã. Duas lágrimas brotaram de seus olhos amendoados...

-Só farei algo com o seu consentimento – asseverou Sanat, em voz baixa.

- Oh, meu rei e meu Mestre adorado! Meu marido... – balbuciuou Vênus, com voz embargada. E, Acariciando os cabelos e o peito de Sanat, deu o seu consentimento. Era a sentença que salvaria a Terra e seus habitantes da morte certa.

Nesse momento, eles ouviram chamar o nome de Sant Kumara ao salão do julgamento. Era chagada a sua hora de votar. Em Shamballa, Vênus e Sanat Kumara se abraçaram ainda mais fortemente e de lá, juntos e unidos, acompanharam o desenrolar dos acontecimentos. Na Confederação dos Mundos, Sanat levantou-se e foi inquirido pelo Secretário: sim ou não?

- Não – respondeu sem hesitar. – Meu voto é contra. Que não se dissolva em poeira cósmica a bela obra dos Arcanjos, dos Elohim e dos Jardineiros do Espaço!

Primeiro voto contra. A atenção da platéia concentrou-se nele, algo surpresa. Contrariando a expectativa geral, Sanat Kumara permaneceu de pé, pois ainda tinha muito a dizer. Seu olhar fixou-se num ponto à frente, além das paredes daquele salão. A expressão tornou-se um tanto ausente. E ele começou a falar como se estivesse pensando alto.

- Nessa Terra, uma humanidade inteira está agonizando. São bilhões de seres, meu Deus!, que sepultaram em seus próprios corações a chamada da Consciência e do Espírito! Bilhões de seres! Cada um deles é uma Idéia Sua, meu Rei, uma Idéia perfeita de Liberdade, de Amor, de Paz, de Perfeição... Uma Idéia que, apesar de tudo, ainda precisa se expressar.

Á medida que essas palavras ecoavam na Confederação dos Mundos, o público começou a perceber que um fogo frio começava a se evolar de todo o corpo de Sanat Kumara, formando uma aura ao seu redor, envolvendo-o por inteiro. Esse fogo era de tonalidade lilás claríssimo, com pequenos pontos dourados e prateados que brilhavam feito purpurina. A expressão do jovem Ancião dos Dias continuava ausente; seu olhar agora deixava transparecer a ardente embriaguez do Espírito.

- Alfa e ômega, Centro de Todos os Centros Solares, Rei e Rainha do meu ser! EU SOU o fogo de Seu Amor Criador, EU SOU esse Poder magnífico e irresistível, EU SOU o que EU SOU: imagem e semelhança Sua! Perante este altar sagrado, a Matriz de todas as Idéias, eu rendo o meu Espírito e suplico a Sua permissão para devolver o Fogo aos terrestres e construir, naquele mesmo umbral, uma nova Shamballa. Rogo ao egrégio Conselho Cármico da Galáxia que a Terra junto com todos os seus habitantes, seja poupada da dissolução, pois estou agora me oferecendo como avalista. Ficarei na Terra, morando lá, até que o primeiro terreste, depois de tornar-se Mestre, tiver condições de assumir a direção da Grande Fraternidade Branca na Terra. Ó Altíssimo Criador, neste momento eu ultrapasso as últimas fronteiras do Amor e verdadeiramente sou um com Você!

O público estava atônito: o sacrifício a que ele se propunha era incomensurável! O próprio soberano de Vênus, o Mais Velho dos Mestres daquele mundo de luz, exilar-se, por livre e espontânea vontade, no inferno em que a Terra se transforma! E ele dissera em alto e bom som: até que o primeiro terrestre pudesse assumir a direção da Fraternidade Branca na Terra! Ora, isso poderia significar até milhares de anos exilado naquele inferno porque o sucesso de sua Missão iria depender, basicamente, do livre-arbítrio dos terrestres! Se para um hominídeo daqueles já era doloroso viver numa atmosfera tão densa quanto a da Terra – aliás, diga-se de passagem, na atmosfera que eles mesmos haviam criado! – imagine-se para um Ser de Luz, especialmente do gabarito de Sanat Kumara!

Sanat Kumara, porém, nem chegou a se inteirar dos sentimentos que suscitava na platéia. Continuou de pé, imóvel como uma estátua, e em silêncio. Transfigurado (notou o público com reverência), completamente imerso num êxtase de piedade, júbilo e amor. Fitando-o, uma espectadora da galeria diagnosticou: “Este homem está completamente Bêbado de Amor por Deus e tem o poder de contagiar a todos nós.”

A mulher estava certa: o fogo frio, lilás, que envolvia a jovem figura do Ancião dos Dias, foi-se alastrando pelo amplo salão e transformou-se numa maré radiante, que uniu todos os presentes numa única Presença. O silêncio que então se estabeleceu na Confederação dos Mundos foi um silêncio cheio de perfeitas harmonias. Muitos ouviram novamente o cântico dos ELohim (KODOISH KODOISH KODOISH ADONAI TSEBAIOTH – “Santo Santo Santo é o

Senhors das Hostes"); outros sentiram-se pássaros, voando livres em direção a um Grande Sol Central – Idéias perfeitas de Liberdade, de Amor, de Paz, de Perfeição. A Confederação dos Mundos da Galáxia mergulhou inteira num Oceano de Paz.

No meio do salão, por sobre a cabeça dos presentes, materializou-se então o símbolo de Shamballa: uma estrala azul de cinco pontas inscrita num triângulo dourado, por sua vez inserido numa estrela de nove pontas, de um róseo bem intenso, quase vermelho. Um símbolo constituído de três símbolos e três cores: a estrela de cinco pontas é o homem evoluído; o triângulo significa a Santíssima Trindade, enquanto a estrela de nove pontas representa o Poder e a Vontade do Criador; o dourado é o brilho de Sua Inteligência; e o rosa, a força coesiva do Amor. Aparecimento do símbolo de Shamballa ali, naquele instante, indicava que o Grande Sacrifício fora aceito.

O ancião dos Dias sorriu em sua perfeita identificação com o Criador; em êxtase, ele ainda viajava pelas insondáveis amplidões que existem ainda além das fronteiras do Amor. E de repente, sem que esse êxtase fosse interrompido e também sem que nenhum músculo de seu rosto se alterasse, duas grossas lágrimas de sangue brotaram-lhe dos olhos. Preciosas gotas de rubi, elas foram rolando vagarosamente pelo rosto jovem, sulcando-o, caíram-lhe pela túnica e afinal coagularam-se no sol formado pelo constelado de pedras preciosas que trazia no peito.

Uma voz que parecia concentrar toda a harmonia dos universos ressou no plenário da CMG:

- Este é Meu Filho muito amado...

Capítulo 24

QUE VENHA A ESTRELA SAGRADA

"Exaltar o Imã Cósmico corresponde a exaltar, também, o Eterno Príncipe Feminino, simbolizado pela Mãe do Mundo. Na nova época que se aproxima o Príncipe Masculino devolverá voluntariamente o Tesouro do Mundo à Divina Consorte, á Grande Cooperadora da Mente Cósmica, para que se estabeleça a Vida e manifeste a unidade das mulheres. Mãe reverenciada pelos Senhores do Fogo, nós os Arhais, suplicamos: 'Que venha a Sua Estrela Sagrada, Senhora! Sim, que venha!" (Mestre Morya)

Foi só terminar a assembléia da CMG que a notícia já corria e explodia em todos os mundos integrantes da Confederação Intergalática, localizados nos mais distantes pontos do

universo, causando admiração, reverência e até mesmo consternação. Em Vênus, como não podia deixar de ser, o impacto foi bem maior.

Mas até aí tudo era oficioso e, em Vênus, a notícia precisava ser comunicada oficialmente pelo próprio soberano às autoridades e à população. Por isso, assim que voltou a Shamballa, Sanat convocou imediatamente, para uma reunião no palácio, os seis Conselheiros de Estado, seus assistentes diretos, e mais a hierarquia da Fraternidade Branca, esta no total de doze membros. Marcou um pronunciamento à nação venusiana para logo depois dessa reunião e, por fim, agendou um encontro privado com o Sumo Sacerdote Mequisedeck.

As autoridades já estavam presentes no plenário quando Sanat Kumara chegou com Anur. Como de praxe, o Ancião dos Dias abriu a reunião invocando a Luz Pura das mais elevadas esferas de consciência e, depois, entrou direto no assunto, confirmando o exílio na Terra.

- Por tempo indeterminado – frisou – porque me comprometi a só retornar definitivamente a Vênus no momento em que um terrestre não só tenha conquistado a Mestria mas que esteja em condições de assumir a direção da Fraternidade Branca que será implantada na Terra.

“Devolver o Fogo à Terra e respectivos habitantes, construindo lá uma nova Shamballa, réplica exata e perfeita desta daqui para servir de sede à Irmandade – uma nova Casa do Fogo. Em Síntese, É isso” –resumiu o jovem Ancião dos Dias.

“Como todos já sabem, pois a notícia corre e explode com a rapidez de um raio, a decisão foi tomada durante a última assembléia da CMG, encerrada há menos de uma hora atrás, que teve por objetivo decidir o destina da Terra.”

O homem terrestre. Santar pôs-se a descrevê-la para os seus pares: a centelha de consciência reduzida a um centésimo de milímetro: o cérebro não atingia sequer 780 centímetros cúbicos, a terceira visão, completamente obstruída e cristalizada, transformara-se numa nova glândula: o corpo animalizado nem conseguia manter-se ereto; a fala se restringia a simples grunhidos...

A medida que falava, novamente o Fogo da Compaixão começou a escapar-lhe dos poros com se fosse suor, recobrindo-lhe a pele. Lilás-prateado-dourado. E essa aura foi inchando como um balão cercando-o por inteiro. Lilás-prateado-dourado e, agora, com cintilações azuis derivadas do Poder e da férrea determinação de um verdadeiro Soberano da Luz. E foi crescendo mais e mais. Lilás-prateado-dourado, azulado de Poder, esverdeado de Verdade, rosado de Amor. Enfim, todas as razões que levaram Sunat Kumara a se oferecer como avalista da Terra estavam ali, claras e visíveis, reveladas em Fogo e pelo Fogo, diante das autoridades venusianas.

- O planeta caiu nas mãos da Loja Negra – disse Sanat. – Todos os portões estelares que dão acesso à Terra estão sob controle deles, dos alquimistas das trevas. Existe hoje uma névoa que envolve a Terra como se fosse um casulo e que, entre outras utilidades, tem a de funcionar

como um “véu do esquecimento”: os terrestres esqueceram até os mais rudimentares conhecimentos a respeito do Fogo. Excluindo-se uns raríssimos resgatáveis, hoje refugiados no mundo intraterreno, nem mais uma simples fogueira eles sabem acender...

Então Sanat se transformou em Fogo. Não mais a Luz Branca que se decompõe em sete cores visíveis, mas a Luz Pura que existe além das últimas fronteiras do Amor. Naturalmente, naquele exato momento, ele deveria estar pensando em Anur...

- Anur – confirmou, pronunciando o nome da mulher amada. – A minha, a nossa Rainha Vênus. Ela compreendeu o anseio do meu coração e me acolheu. Concordou com essa Missão Resgate, como já está sendo chamada. Deu-me consentimento para empreendê-la. A propósito, durante o tempo em que eu permanecer na Terra...

Não pôde concluir a frase pois um de seus assistentes levantou-se, pedindo permissão para falar.

- É simples o que eu tenho a dizer. Sanat. Já resolvi: vou para a Terra com você. Vou segui-lo, acompanhá-lo nesse longo exílio, auxiliando-o no que preciso for, tal como venho fazendo há séculos, aqui em Vênus, na condição de Conselheiro de Estado. Vou segui-lo sempre, em toda e qualquer Missão Resgate, pois você é o meu Mestre, o Caminho e, como tal, personifica o Grande Amor que constitui a minha jornada.

Mestre: a ligação mais intima e profunda de todo ser, seja ele humano, angélico ou elemental, Mestre, o que sempre tem acesso à totalidade do nosso ser, aos mais íntimos recônditos de nosso espírito... O Criador, nosso Pai-Mãe, ELE-ELA QUE É, confiou a minha essência de vida à sua guarda, Sanat, autorizando-o a me conduzir e guiar na jornada ilimitada do retorno á Origem, na volta ao Sol Central. Você, Mestre querido, investido da autoridade dessa divina outorga, assim o fez: me conduziu à Liberdade e à Mestria! Devo-lhe, portanto, tudo o que tenho sido e o que ainda serei. Você é a luz que me alimenta: dela não posso ser privado.

Em ato contínuo, esse Conselheiro (que equivale a um Ministro de Estado) caminhou até a cadeira ocupada pelo Ancião dos Dias, prostrou-se no chão de mármore, em posição de cruz, com os braços abertos e a fronte tocando o solo. Além de ser esta a saudação que se deve ao Guru (literalmente “aquele que nos conduz das trevas à luz”), esta postura indica também total rendição do aluno à Vontade divina que o Mestre representa – “Que se faça, ó Pai, a Tua Vontade e não a minha!”

Antes que Sanar tivesse tempo de responder, já s outros cinco assistentes se levantaram e, da mesma forma, se prostraram aos pés do Ancião dos Dias. E aí, perante o trono de seu Mestre e Rei, expressaram sua própria vontade: acompanhá-lo no exílio.

Sanat era o Mestre de todos e, portanto, conhecia-os a fundo. A vontade de acompanhá-los no longo exílio era sincera e ardente, e essa vontade era ditada não predominantemente pelo

sentimento de Compaixão pela Terra e seus habitantes, mas, acima de tudo, pelo Amor que pessoalmente devotavam a ele, Sanat, como seu Guru.

Sanat intercedera pela Terra explodindo de Compaixão; os seis Conselheiros de Estado, agora colocando-se apenas na condição de discípulos, queimavam de Amor por ele. Amor e Compaixão: as duas faces do Espírito Santo; os dois grandes movimentos da Criação; os dois fogos que interagem e compõem a mesma Chama da Vida.

Sanat Kumara, então, aceitou o ofercimento.

No pronunciamento que mais tarde fez à população venusiana, Sanat confirmou novamente o exílio na Terra por tempo indeterminado e a intenção de lá implantar uma sede da Loja Branca – uma nova Shamballa, réplica exata e perfeita da venusiana, que lhe serviria de residência enquanto lá estivesse e, acima de tudo, como base de operações das forças cristico-evolutivas. Descreveu as atuais condições da vida na Terra e relatou tudo o que aconteceu na Assembléia. E disse que, ao final da sessão, fora-lhe concedido o prazo de novecentos anos venusianos para a construção e instalação de Shamballa na Terra. Ora, esse prazo não era arbitrário, pois, exatamente nesta Hora Cósmica, haveria um alinhamento sui generis de planetas e estralas a favorecer qualquer Missão Resgate, e, além disso e acima de tudo, uma determinada Estrela estaria em seu zênite. A misteriosa Estrela tinha uma função importantíssima no trabalho de propagação de Luz por esses universos agora; qualquer ascensionado sabe disso, pois é um conhecimento iniciático, e a própria Loja Branca trabalha com esse dado... Nos áureos tempos de Mu, os rutas, embora ignorando a real e transcendente importância desse astro celeste, também a conheciam, denominando-a de Estrela Polar de Mu.

Falou sobre os resgatáveis: quantos eram, onde moravam etc. E qual tinha sido a decisão da assembléia quanto à sua sorte: transferi-lo para outro planeta, se esta fosse a sua vontade. Cada um deles iria escolher entre continuar em Agartha ou recomeçar a vida em iguais condições alhures...

Contou mais: durante a reunião com o Conselho de Estado e a Hierarquia da Fraternidade Branca, ocorrida em Shamballa pouco antes, todos os seis conselheiros ofereceram-se para acompanhá-lo no longo exílio. Ora, ele, mais do que ninguém sabia o enorme sacrifico que essa proposta acarretava; tanto que, num primeiro instante, pensou até em recusar tão abnegado oferecimento; agradecer e recusar. Porém, no instante seguinte, teve que se render ao Amor. Pois foi em Amor, com Amor, que a proposta foi formulada. O Fogo se manifestou espontaneamente na aura dos seus Conselheiros que eram, antes de tudo, seus amados discípulos. O amor, como se sabe, não admite réplicas nem recusas... O Amor abre todas as portas, o Amor se impõe. O Amor conquista com doçura, o Amor derruba fronteiras, dissolve resistências. E, no caso, o Mor obrigou-o a dizer que sim, que aceitava a companhia de seus assistentes no decorrer do exílio,

para que eles também pudessem trabalhar em prol a redenção de um planeta e de uma humanidade inteira. Que aceitava plenamente, com a mais profunda gratidão, essa demonstração da Grande Lei do Universo – que é Harmonia, Cooperação e Serviço.

E comunicou, finalmente, a sua decisão de, durante o exílio, deixar o governo planetário a cargo de Anur, a Rainha Vênus. Essa decisão foi transferida ás autoridades durante a mesma reunião em que os Conselheiros se ofereceram para acompanhá-lo á Terra. E foi muito bem recebida – tanto pela Hierarquia da Fraternidade quanto pelos Conselheiros de Estado. Estes, inclusive, pediram permissão a Sanat para repetir-lhe o gesto, pois também quiseram que as respectivas esposas ficassem ocupando seus cargos durante o período de afastamento. Bem, a permissão foi dada.

- Ou seja: com a transferência do nosso staff para a Terra e a composição de um governo de mulheres, tendo a Rainha Anur à frente, começará em Vênus uma Nova Era da Mãe do Mundo. Uma nova ascensão da energia feminina. Será, então, o Reinado da Deusa-Mãe, que se fundamenta no Poder do Coração *(Mestre Morya: "(...) por que as mulheres são freqüentemente despertadas para o Mundo Sutil? Porque nelas o trabalho do Coração é muito mais sutil e, por isso, o transcendentalismo é facilitado. Verdadeiramente, a Era da Mãe do Mundo é baseada na consciência do Coração. Precisamente, só a mulher pode resolver o problema dos dois mundos. Assim, pois, é necessário chamar a mulher à compreensão pelo Coração. Isto será, antes de tudo, útil, ainda mais porque a qualidade do Coração é eterna. Já existem muitas conquistas heróicas entre as mulheres, mas agora, em lugar da chama da fogueira, à mulher é dado o Fogo do Coração. Não esqueçamos que, para cada conquista importante, é necessário o princípio feminino como base e energia.)*.

Ora, o povo venusiano idolatrava a Rainha (até a chamada de Vênus, o próprio nome do planeta!), identificando nela uma real manifestação da Deus-Mãe. Sem dúvida, era a pessoa indicada para ocupar o posto de Sanat: governava com o marido desde que ele fora elevado ao trono: presidia com ele (e, algumas vezes, até mesmo sem ele) eventos e reuniões: participava das decisões. E, além do mais, ela É O QUE É: Rainha, Deusa, Mãe de tods. Estando a Rainha Anur à frente do governo – especialmente um governo de mulheres... sem dúvida, haveria de fato uma nova Era da Mãe do Mundo para o planeta Vênus! E abençoado fosse o suave, o doce, o magnífico e eterno Poder do Coração!

Após o impacto provocado pela confirmação do exílio do adorado Sanat Kumara na Terra, por tempo indeterminado, essa nova notícia caía como um bálsamo. Um forte sentimento de alegria impregnou então a atmosfera do planeta. Com a sua onisciência , o Ancião dos Dias presenciou essa alegra se estampando no rosto das pessoas, de norte a sul de Vênus; sentiu

seus corações pulsando com um novo alento: o da esperança no Reinado da Deusa-Mãe, que se confundia com a irrestrita confiança que o povo venusiano depositava em Anur.

- Entronizadas no poder, as mulheres estarão cumprindo algumas de suas principais atribuições: tomar conta da Casa e zelar pela irradiação e sustentação de Fogo de Shamballa para a Fraternidade Branca que estará sendo organizada na Terra – comentou um kumara. – Para o trabalho que Sanat vai desenvolver na Terra, essa sustentação energética vai ser fundamental.

- Como sempre, a decisão dele foi muito acertada. Mais do que isso: perfeita – concordou outro.

De fato o povo venusiano amava demais a Rainha e a ela se submeteria como á própria Deusa-Mãe. “Que venha a Sua Estrela Sagrada, Senhora! Sim, que venha!”

Capítulo 25

SANTAS ALIANÇAS

Fundador da Ordem de Melquisedeck, de cunho sacerdotal e um dos principais núcleos das atividades da Grande Fraternidade Branca Intergalática, o Sumo Sacerdote Melquisedeck é também um Rei dentro da Espiritualidade, pois faz parte da alta cúpula da Hierarquia da Irmandade Branca Universal. E os kumaras assim o honram: quando não o chamam pelo nome, referem-se a Malquisedeck como Rei do Mundo, enquanto chamam Sanat Kumara de Senhor do Mundo – títulos quase iguais, em forma e conteúdo, mas que evidenciam aspectos diferentes do governo das forças cristico-evolutivas. Sendo Melquisedeck um sumo dignatário da Hierarquia da Fraternidade do nosso universo, Sanat Kumara, em Vênus, se sobrepõe à hierarquia da Irmandade Branca a nível planetário *(Para melhor compreensão da autoridade de Sanat e sua relação com a Hierarquia da Fraternidade de Vênus, pode-se estabelecer um paralelo entre as funções exercidas pelo Presidente da República e o congresso de um regime presidencialista. Nesse caso, Sanat seria o Presidente, ao passo que a Hierarquia funcionaria como o Congresso. Com uma ressalva: o Congresso (leia-se: a Hierarquia) não tem o poder de vetar nenhuma decisão de Sanat que, afinal, é o maior Ser de Luz de todo o planeta. Muito ao contrário: qualquer decisão dele é acatada e cumprida na íntegra.)*.

Câmera mater, também chamada de Câmera Ardente. Este foi o local combinado para Sanat Kumara encontrar-se com Melquisedeck e com ele discutir o Projeto Terra. Localizada nos subterrâneos do palácio governamental, essa Câmera Mater é a anima de Shamballa, pois é a

própria Sala da Chama. De formato ligeiramente oval, a câmara mede, na parte mais larga, aproximadamente 1400 pés, o que equivale a quase 500m; no centro, brotando espontaneamente do solo, encontra-se a Eterna Chama Maxin, a Luz da Eternidade: uma fogueira de mais de 10 m de diâmetro, de chamas translúcidas, auto-sustentável, que arde mas não queima e ilumina homogeneamente tudo o que se encontra ao seu redor. É o lugar de maior força eletromagnética do planeta Vênus e também o grande foco de irradiação da consciência crística para os seus habitantes. Pode-se dizer que, por causa da intensidade desse Fogo, os kumaras tornaram-se os Mestres que hoje são – oficialmente, dentro da Loja Branca, os venusianos são chamados de "Mestres Altos do Fogo do Amor" – e o planeta alcançou tal desenvolvimento espiritual.

A área ocupada pelo Fogo tem uma radiação tão elevada que é toda cercada por um cordão de isolamento; pode-se contar vinte e uma barras de ouro, servindo de estacas, unidas entre si por um grosso cordão de veludo na cor carmesim. Nessa Câmara Mater, são celebradas as principais cerimônias da Irmandade venusiana, e seus oficiantes (quase sempre Sanat Kumara, Melquisedeck e respectivas esposas) costumavam dirigi-las colocando-se dentro da própria Chama. O piso é de mármore branco e, ao redor do Fogo, a uma distância aproximada de dois metros do cordão de isolamento, estão situadas as cadeiras de estofado de veludo vermelho.

Quando Sanat entrou no amplo recinto, já Melquisedeck estava à sua espera. Em pé, de costas para a Chama e voltado para a larga porta pela qual o Ancião dos Dias acabara de entrar, o Sumo Sacerdote fez-lhe um breve aceno com a mão, gesto esse que tanto era de saudação como de bênção. Sanat correspondeu ao cumprimento e caminhou ao seu encontro.

Os dois soberanos das forças cristico-evolutivas são tão diferentes entre si como o sol e a lua. Enquanto Sanat é moreno, de pele trigueira, cabelos negros e bastos, corpo atlético e aparência de extrema juventude, Melquisedeck é pálido, com pele que parece até de porcelana de tão clara e fina, cabelos louro-acinzentados; repartidos ao meio, esses cabelos longos e escorridos chegam-lhe quase à altura dos cotovelos. O Sumo Sacerdote é longilíneo, magro, esguio, sendo bem mais alto que Sanat; embora obviamente não apresente nenhum sinal de velhice, sua idade, contudo, é indefinida; dir-se-ia até que ele já viveu muitas eternidades. Ambos têm olhos azuis – só que os de Sanat são de um azul intenso e têm muita vivacidade, ao passo que os de Melquisedeck são acinzentados, contemplativos e muito perscrutadores. Ambos usam barba; a de Sanat é preta e curta; a de Melquisedeck é alourada e de bom tamanho. E até na maneira de se vestir eles se diferenciam: nesse dia, Snaat estava de toga curta, que lhe chegava até os joelhos, e usando um conto largo e de botas de cano longo; no anular da mão esquerda, brilhava uma aliança de diamantes. Melquisedeck vestia uma túnica comprida, larga e branca, sem nenhum adorno ou jóia, e calçava sapatilhas flexíveis, também de cor branca.

Enfim, um transpirava força, vigor, determinação, juventude – era o Ancião dos Dias, enquanto que o outro, o Supremo Sacerdote do Altíssimo, exsudava sensibilidade, susceptibilidade, sutileza, intuição. Um era o esplendor de um dia ensolarado; o outro, a suavidade de uma noite estrelada – por isso se completavam. Um era o estadista que governava Vênus; o outro, o chefe máximo de sua própria Ordem mística, elevadíssimo dignatário da Loja Branca e, desde há milhões de anos, vem lidando com a alma dos homens, burilando-as como se fora um ourives.

Embora tão diferentes entre si, esses dois homens são verdadeiramente irmãos e, como tal, com alegria e espontaneidade, se abraçaram com força. Depois, Melquisedeck pousou as mãos sobre os ombros de Sanat, encarnando-o com afeição.

- O projeto Terra vai ser o maior Resgate jamais empreendido por esses universos afora – comentou telepaticamente o Sumo Sacerdote. –Meu Irmão, eu conheço suficientemente a sua grandeza de espírito e, por isso, sua decisão não me surpreendeu; na verdade, eu já previa isso... De qualquer forma, eu o admiro ainda mais e reverencio por isso, Sanat. De antemão, quero lhe dizer que você já conta com toda a minha solidariedade.

Sanat meneou a cabeça afirmativamente e sorriu.

- Obrigado – respondeu, também utilizando a telepatia.

Com a mão direita, o Sumo Sacerdote indicou duas poltronas situadas na primeira fila, defronte da Chama Maxin, sugerindo que se sentassem para conversar. Por um breve momento, a atenção de Sanat se fixou na mão de Melquisedeck.

As mãos de Melquisedeck sempre o impressionaram. Longas, macias, brancas, delicadas, sensíveis. Na figura quase etérea do Sumo Sacerdote, as mãos – assim como os cabeços soltos e os pés eventualmente descalços ou, então, metidos em confortáveis sapatilhas feitas de um tecido inconsútil – certamente funcionam como poderosas antenas parabólicas. “São as mãos de um grande músico”, costumava definir Sanat Kumara com muita propriedade, pois Melquisedeck é exatamente isso: um músico extraordinário que sabe extrair do mais sofisticado instrumento musical - a alma humana – os mais sublimes acordes. “Mãos de um dos maiores curadores criados por Deus em todos os tempos” e, enfim, “Mãos sagradas pois elas verdadeiramente transmutam o pão e o vinho durante o Santo Ofício. É sempre que um sacerdote, em qualquer tempo e em qualquer lugar deste universo, fizer a consagração dessas oferendas em nome de um Avatar, invocando o Corpo e o Sangue de Cristo, ao lado desse Avatar cujo nome foi citado também estará sempre presente o Sumo Sacerdote Melquisedeck, para celebrar mais uma vez o Divino Mistério...

Assim que se sentaram, Melquisedeck tomou a palavra:

- Quero estar com você na Terra, auxiliando-o no que preciso for... Só por você ter assumido essa Missão, eu já confio no sucesso desse empreendimento... Confio na redenção da Terra que, sem dúvida, será lenta e penosa... mas será. Quanto a mim, eu me ofereço para estar a seu lado na instalação e sustentação do Fogo, durante a inauguração da Shamballa terrestre. Também coloco á disposição a nossa Ordem sacerdotal, a Ordem da Filiação Divina. À medida que os terrestres foram sendo resgatados e enobrecidos o suficiente, poderei admiti-los como aspirantes a sacerdote; assim, eles serão submetidos ao discipulado da ordem – um treinamento árduo com certeza, mas cujos resultados, como você bem sabe, são esplêndidos, pois se resumem no maior aprofundamento e expansão do potencial crístico de cada ser... O que me diz?

A ordem de Melquisedeck, a Ordem do Régio Sacerdócio! Aquela que resgata e exercia, até o nível divino, a consciência crística, e que, dessa forma, transforma um simples e mortal Adam num Ser de Fogo, Que tem autoridade para outorgar aos seus sacerdotes os chamados “dons do Espírito Santo”; assim investidos, esses sacerdotes (que aí tornam também grandes cientistas e artistas das Hostes de Luz) têm o poder de de atuar nas substâncias física, emocional, mental e espiritual de indivíduos e mundos. Que, através de seu Sumo Sacerdote Melquisedeck, trabalha em conjunto com um Grande Ser conhecido pelo nome de Metraton, que, por sua vez, é uma das manifestações visíveis da Divindade e é a própria mente criadora do elétron.

A Ordem de Melquisedeck na Terra! Literalmente era um presente dos céus mais elevados, mais uma bênção do Altíssimo, através do Sumo Mensageiro Melquisedeck! Depois do que acontecera na Assembléia da CMG, em que Sanat Kumara experienciara a mais completa identificação com o Criador: depois da reunião com as autoridades, em que os seus leais Conselheiros ofereceram-se, por Amor a ele, para acompanhá-lo no exílio; depois da aceitação unânime de Amor como sucessora no governo planetário, vinha agora o Sumo Sacerdote em Pessoa expressar o seu apoio ao Projeto Terra! E, ainda por cima, colocando a Ordem dos Filhos de Deus á disposição dos terrestres!

Por um rápido instante, Sanat desviou o olho para a Chama Maxin, o Fogo da Consciência e da Eternidade.

- Obrigado, Sol-Cristo! Obrigado, obrigado, obrigado... – agradeceu em silêncio.

O Sumo Sacerdote sorriu.

- E quanto ao Projeto Terra...

- Sim, sim, o Projeto Terra... – Imediatamente Sanat materializou em suas mãos um mapa da Terra e mostrou-o a Melquisedeck. – Eis o planeta. Aqui, nesta ilha (mostrou com o dedo), chamada Ilha Branca, funcionava a antiga capital do Império da terceira humanidade terrestre: a cidade de Uighur, que, com a entrada da Loja Negra no planeta, foi providencialmente destruída

por terremotos. Num trabalho que demandou muita paciência, a natureza conseguiu restaurar por completo a beleza da região; e a beleza substitui porque, desde o êxodo de Uighur, o homem lá não pisa... Na superfície, esta é a área de maior incidência dos raios solares do sistema, e na camada intraterrena corresponde á localização de Surya, o Sol Central... Portanto, é este o lugar mais apropriado e estratégico para a construção da nova Shamballa, pois é o coração energético da Terra...

Depois de Melquisedeck, apresentaram-se diante de Sanat Kumara os dirigentes de uma ordem dévica de Vênus. A dádiva de Amor que ofereceram a Sanat foi a seguinte: enquanto o Ancião permanecesse na Terra, eles, os Devas, colaborariam na redenção do reino vegetal terrestre.

Ressuscitariam toda a vegetação do planeta, providenciariam os enxertos que fossem necessários, importariam espécies da exuberante flora intraterrena de Vênus e cuidariam de sua aclimatação.

Dessa forma, estariam dando a sua amorosa contribuição para o embelezamento da Terra.

Com vistas ao Resgate, muitas Hierarquias ofereceram, da mesma forma, as suas dádivas. Assim, antigas e Santas Alianças foram reafirmadas...

Capítulo 26

OPERÁRIOS EM CONSTRUÇÃO

O conselho de Shamballa está, na verdade, ligado inseparavelmente às manifestações ardentes. Sem a aplicação do fogo purificado, é impossível aproximar-se dos conceitos superiores. Através do mundo inteiro, os povos estão divididos entre aqueles que são conscientes de Shamballa como a Suprema Medida e aqueles que negam o futuro.” (Mestre Moria em Mundo Ardente)

Construção de uma nova Shamballa, réplica exata e perfeita da venusiana, que serviria de resistência ao Ancião dos Dias enquanto ele estivesse na Terra e, principalmente, de base às operações evolutivas do planeta. Shamballa: a Casa do Pai, a Casa do Fogo.

Depois do pronunciamento de Sanat Kumara à população venusiana, dezenas de pessoas ficaram avaliando esse plano de maneira muito especial.

Como resultado, trinta homens do povo (que também eram Mestras Ascencionados, como, aliás toda a população venusiana) compareceram ao Palácio, individualmente ou em grupos

organizados, para apresentar uma proposta deveras interessante: não acompanhar Sanat durante o exílio mas, simplesmente, preparar-lhe a ida construindo a Shamballa terrestre.

Trocando em miúdos: aqueles Mestres se ofereciam como construtores da nova Shamballa. Arquitetos, engenheiros e até trabalhadores braçais – sim, como peões. Seriam pedreiros, carpinteiros, ladrilheiros, decoradores, escultores, ourives, artesões e até mesmo jardineiros (já pensando nos jardins da matriz venusiana, que também seriam reproduzidos na colônia terrestre), enfim, para para toda obra. Começariam com a terraplanagem do terreno, cavariam os alicerces (que também comportariam uma Câmara Mater), levantariam as paredes, os palácios, os templos, nas exatas dimensões dos que compunham a cidade-matriz, com os mesmos pisos de mármore e detalhes de ouro puríssimo nas fachadas e no interior, as mesmas avenidas, os mesmos pátios, pontes, as mesmas fontes, as mesmas árvores e flores nos jardins, os mínimos detalhes. Enfim, eles se comprometiam a construir a réplica, exata e perfeita, de Shamballa na Terra, pois essa cidade é, de fato, o modelo de uma moradia digna do Ancião dos Dias e uma sede apropriada para uma Loja Branca planetária. Declararam-se prontos para ir à Terra e só retornar quando a missão estivesse plenamente cumprida, isto é, quando Shamballa estivesse pronta, esperando por Sanat Kumara. Aí, sim, eles voltariam a Vênus para ficar.

Tudo isso em nome do Amor – que não admite réplicas nem recusas, que abre todas as portas, que se impõe...

OPERÁRIOS BENDITOS:

NESTE TEMPO DE RESGATE, PREPAREM-SE PARA A CONSTRUÇÃO DE SUA SHAMBALLA INTERNA! É A ÚLTIMA CHAMADA, POIS OS ASTROS TRANSITAM NO CÉU, IMPERTURBAVELMENTE, E JÁ COMEÇAM A SE ALINHAR. UMA SECRETA ESTRELA APROXIMA-SE DE SEU ZÊNITE...

No caso dos kumaras Construtores, eles tiveram o prazo de novecentos anos para construir a Shamballa terrestre. O plano para a sua vinda à Terra foi o seguinte: encarnar-se como filhos das almas mais evoluídas do planeta, e, aqui na matéria, executar a sua obra abnegada. Naturalmente, as almas mais evoluídas estavam concentradas em Agartha, na cidade de Létha. Só que, a esta altura dos acontecimentos, vários agarthinos já haviam escolhido emigrar do planeta, preferindo recomeçar a vida em um mundo digno. Era de seu direito, e aí, a Fraternidade Branca, através da Hierarquia Jardineiros do Espaço, providenciou o seu translado. Com isso, a população de Létha ficou reduzida à metade, na qual estavam incluídas as crianças.

Dessa metade, apenas dois casais, numa primeira instância, estavam em idade e condições de gerar filhos, cada um desses dois casais foi, então, selecionado para gerar cinco filhos – os venusianos Construtores. Sendo assim, os outros casais que poderiam propiciar a

encarnação dos kumaras só poderiam ser os residentes da superfície; dentre os homens-macacos, então, foram pinçados aqueles que, em tempos pretéritos, haviam morado em Létha...

Contam os anais esotéricos que, para espíritos tão límpidos e tão altos como eram os kumaras Construtores, essa encarnação foi dolorosíssima. Era assim como mergulhar num mar de lama, e aí permanecer submerso, quase sem condições de respirar, e ainda por cima sem condições, até, de lembrar o compromisso de construir Shamballa, pois o véu do esquecimento envolvia tudo e parecia pesar toneladas.

Dizem que, chegado o momento de mergulharem naqueles corpos físicos tão primitivos, eles invocaram o seu próprio Cristo Interno aflitivamente. Essa oração ficou gravada na atmosfera da negra Terra, e era a seguinte:

INVOCAÇÃO MAIOR
Da Presença Sublime em nossos corações,
Ó cristo, ó Redentor,
Recebe a chama ardente do nosso grande amor!
Da Presença Real que coroa as nossas mentes,
Ó Cristo, ó Potentado,
Acolhe a luz nascente e o poder despertado!
Do tímido embrião da nossa inteligência,
Ó redentor, ó Santo,
Fabrica o Teu bordão, manda tecer Teu manto!
Porque queremos fechar para sempre a porta ao mal,
Ó Cristo, ó nosso Irmão.
Mostra-nos Tua face e estende-nos a mão!
Que a Luz, o Amor e o Poder do Pai
Se manifestem por Teu intermédio
Sobre nós, em nós e por nós
Eternizando o Plano sobre a Terra!
Amém!

Dizem que, em corpo carnal tão precário, os Construtores tiveram uma dificuldade enorme de se lembrar de sua identidade e, conseqüentemente, do trabalho que deveriam realizar. Que a imagem da Shamballa venusiana – com a Câmara Mater, o suntuoso Palácio de Sanat Kumara, os belos jardins etc – aparecia-lhes em sonhos... Mas que sonhos eram esses, que eles não sabiam nem explicar?! Que não sabiam sequer colocar em palavras, pois a linguagem humana

(pelo menos na superfície do planeta) estava reduzida apenas a urros e grunhidos? Apesar disso, como que atraídos por um ímã poderosíssimo e irresistível, e em estada quase de sonambulismo, eles percorriam grandes distâncias até chegar à Ilha Branca, em Gobi. Lá, aí sim!, ao se encontrar com os outros kumaras que também chegavam ao local de maneira quase sonâmbula, a memória voltava como num passe de mágica, e eles se entregavam à sua Divina Construção.

Como acontece com qualquer pessoa que se dispõe a erguer uma Obra de Luz neste planeta, os Construtores venusianos enfrentaram uma cruel perseguição por parte da Inteligência da Loja Negra. Era só eles começarem a Obra que os Senhores das Sombras acirravam ao máximo a violência dos homens-macacos das regiões circunvizinhas, transformando-os em feras perigosas, sedentas de sangue. Armavam-nos de paus, pedras, objetos contundentes e, acima de tudo, de uma tremenda gana assassina. Da mesma maneira inconsciente com que os Construtores chegavam ao local da Obra, também os títeres da Loja Negra percorriam grandes distâncias para lá chegar. E a luta que então se seguia era mortal. Não raro, ao seu término, os trinta venusianos ficavam estendidos no chão, com os Crânios esmigalhados e cobertos de poeira...

Mas quais flores do deserto, que conseguem vingar mesmo no meio de toda aridez, eles teimavam em renascer e dar continuidade à Santa Construção.

Assim, em passo tão lento e com a Loja Negra em seu encalço, encarnação após encarnação, os kumaras conseguiram finalizar a construção da sua amada Shamballa. Comparando a sua obra com o modelo original que lhes ardia na memória, verificaram que sua missão estava cumprida: a cópia nada ficava a dever ao original.

Foi o tempo exato. Ao olharem para o céu, perceberam que determinados astros estavam alinhados de uma maneira toda especial e que a Estrela aproximava-se de seu zênite.

Neste Eterno Agora, está começando um grande Resgate planetário...

Capítulo 27

A HORA DO RESGATE

Chegou o Dia. Aproxima-se a Hora: a Estrela prometida encaminhava-se para seu zênite.

No escuro planeta Terra, a devastação é quase completa: o eixo ainda está muito inclinado, a lei da gravidade é um peso enorme, a neblina do esquecimento da Lei cobre tudo feito mortalha, o meio-ambiente e o clima apresentam sinais seriíssimos de desequilíbrio, cataclismos sacodem a

crosta terrestre, e, principalmente, a violência atinge o seu auge... A morte e a desintegração, pois, parecem inevitáveis.

Por outro lado, também existem os seres que, há muito tempo, na superfície da Terra, vêm preparando as veredas para a vinda do Senhor; durante o evento iminente, de importância tão transcendente para o destino da humanidade e do planeta, esses Auto-Construtores funcionarão como um ancoradouro físico para a energia tão vigorosa, e ao mesmo tempo tão sutil, que está prestes a aportar no escuro solo planetário. Além disso, no mundo intraterreno de Agartha, também há pessoas conscientes, que acompanham o desenrolar dos acontecimentos com o maior interesse. Há expectativa, mas não ansiedade. Nas almas despertas, há um anseio profundo de Fraternidade Universal e, acima de tudo, confiança na Luz, na Paz, em Deus! Sim, em Deus!... Tanto na superfície quanto no interior oco do planeta, todos os olhares mantêm-se fixos no céu.

Nisso, em algum lugar do cosmos, soam doze badaladas. Sim, é Hora!

Do coração do planeta Vênus, então, irrompe uma Estrela de forte coloração rosa, que atravessa aquele solo planetário aparentemente tão inóspito, atravessa as nuvens que misteriosamente o envolve, e então se dirige á Terra, numa velocidade superior a de qualquer cometa. Os espectadores que perscrutavam o céu imediatamente a identificam: é a Estrela de Shamballa, porque tem nove pontas (o Poder de 3 x 3), um triângulo dourado (a trindade) no centro, e mais uma estrelinha azul, de cinco pontas (o símbolo do Homem Evoluído, do Homem-Cristo) no centro de tudo.

Os conscientes espectadores também percebem que, no momento seguinte ao do disparo da Estrela de Shamballa, que parte para a Terra como um bólido, aparecem no céu milhares de pontinhos brilhantes. Como estrelas de menor envergadura, esses pontinhos começam, então, a se locomover no céu com velocidade superior a de qualquer aeronave terrestre, e se posicionam de modo a formar um séqüito para a Sagrada Estrela de Shamballa.

A despeito da grande distância física, os espectadores dotados de perfeita audição, ouvem claramente o seguinte:

- Ás suas ordens, Comandante Zeewin!

- Ás suas ordens, Comandante Korton!

- Ás suas ordens, Comandante Ashatar Sheran!

Por fim, uma voz profunda (identificada por muitos como sendo a do Comandante Ashtar Sheran) repercute nas almas de todos os que assistem ás evoluções dos pequenos pontinhos brilhantes no espaço:

- Estamos todos às suas ordens, Radiantíssimo Samana! Sim, estamos prontos...

O cortejo estelar vai desenvolvendo a sua rota pré-estabelecida, até que, no ponto exato que corresponde na Terra ao Deserto de Gobu, a Estrela de Shamballa se choca com aquela outra estrela, que, até então, vinha sinalizando a iminência desses acontecimentos. Da fusão das duas, resulta um facho de Luz tão radiante que seria impossível descrever, pois é uma Luz que não é deste mundo e que, portanto, não pode ser distinguida pelos olhos físicos.

O facho de Luz se precipita, feito cascata, bem no coração do Gobi, e aí se instala, exibindo, enfim, aos olhos físicos de todos os resgatáveis a sagrada presença de Shamballa, a Matriz do Fogo. E, logo após, como que num efeito dominó, também se iluminam todos os demais Centros de Luz intraterrenos e intraoceânicos – torna-se, assim, perfeitamente visível a Rede Magnética da Terra, tecida pelos Senhores da Criação, vitalizada pelo Excelso Sanat Kumara no Grande Sacrifício que acabou durando milhões de anos, e supervisionada pela Hierarquia denominada “Os Nove Anciões”, da Constelação de Órion.

Sim, milhões de anos já se passaram desde a chegada do Ancião dos Dias a este umbral. Além de Ibez e de Shamballa, existem, hoje, dezenas de outros grandes Centros de Luz brilhando no seio da Terra de acordo com o Plano de Evolução deste planeta; e há também, além de Létha, muitas outras progressistas cidades intreterrenas. Tudo isso é o resultado da semeadura de Sanat Kumara. Todos nós nascemos de seu Amor... e, nesta hora de Resgate, abençoado seja o seu sagrado Nome!

Agora, em lugar de Sanat Kumara, como Regente desta grande Operação Resgate, está aquele que outrora conhecemos por Joshua ben Pandira, o nosso Rabi da Galiléia, que hoje muitos chamam de Samana; nada se faz sem sua ordem ou consentimento. No lugar dos kuymaras que, outrora, desempenharam um papel importantíssimo na construção e sustentação de Shamballa, há os seres pertencentes à Confederação Intergalática – e estes tanto podem ser Mestres quanto Irmãos extra ou intraterrestres. E entre as resgatáveis/almas despertas hoje, encontram-se tanto os terrestres quanto os estrangeiros que aqui vieram aprender o Amor e acabaram enredados na teia viscosa da ilusão – mas, a propósito, eu quero enfatizar que todos nós, independente de onde nos encarnamos pela primeira vez, somos Filhos das Estrelas, Filhos do Cosmos, e que cada planeta deverá ser, para nós, apenas um mero albergue. A verdadeira Pátria é lá em cima, no Espírito, o estado de Consciência mais sutil.

A Rede Magnética da Terra está agora exposta e novamente iluminada; puxada pela Fraternidade de Órion, através d’Os nove Anciões, essa rede recolherá os resgatáveis no momento certo, conduzindo-os a lugar seguro... Por causa desta informação, eu peço que, a partir de agora ninguém se refira mais a Órion como o Caçador e, sim, como O pescador (de almas). Sim, eu peço isto encarecidamente.

Depois do Grande Sacrifício do Ancião dos Dias, a presente Operação Resgate é um passo decisivo para a evolução da humanidade e do planeta. Até pelo movimento do sistema solar em direção ao núcleo da galáxia, e da galáxia em direção ao Sol Central, sabe-se que a Hora é esta! A primeira etapa é a de purificação global, é a de limpeza profunda; toda a lama que estava é escondida até agora vem à tona para ser transmutada. Que ninguém se preocupa, portanto, com a aparência do recrudescimento do mal, porque é assim mesmo: neste último embate aqui na Terra, a Loja Negra, em perigo de vida, empunha todas as suas armas; a violência explode numa intensidade inusitada; as dificuldades, estas parecem quase instransponíveis... É assim mesmo. Porém, depois que a ferida estiver exposta com toda a crueza, aí, sim, virá a Cura. Virá a ressurreição.

O resgate vai abranger todos os reinos que aqui se desenvolvem. Mestre Djwhal Khul: “Todos os corpos animais serão firmemente refinados e, no caso da humanidade, refinados conscientemente e, assim, trazidos a um estado de desenvolvimento superior e mais especializado. (...) Haverá como conseqüência desta acelerada evolução, a rápida destruição de certos tipos de corpos animais. Desaparecerão os corpos humanos de muito baixa qualidade, causando mudança geral nos tipos raciais em direção a um padrão superior. Muitas espécies de animais também se extinguirão, e estão hoje se extinguindo; daí a crescente ênfase na preservação dos animais e o estabelecimento de reservas de animais de caça”.

Já está faltando água no mundo? Então o problema tende a tornar-se crucial. Mas, enquanto isso, o processo de limpeza estará ocorrendo; a lama estará sendo retirada. Quando isso se consumar, aí novas fontes irão surgir. E a água – bendita, purificadora, regenerada – fluirá abundante, com propriedades que atualmente não tem.

Quanto aos não resgatáveis, o ilusório drama dos Exilados de Capela voltará a se repetir; só que, obviamente neste caso, serão exilados da Terra. Pois assim como, outrora, a Terra serviu de escola-laboratório para os capelinos e outros tantos estrangeiros, atualmente um outro planeta, já reservado pela Hierarquia dos Jardineiros do Espaço, está aguardando os relatórios da Terra...

Mas, independente da aprovação ou da reprovação que cada um obtiver nesse processo de erradicação definitiva do chamado mal cósmico neste planeta, para tudo e para todos que vivem na Terra, este Resgate será a grande chance de evolução. Ao final do processo, eu garanto, haverá, na Terra, uma Nova e Radiante Manhã, tão bela quanto uma aurora boreal...

Pois para sempre será fechada a porta onde mora o mal, e a luz, o Amor e o Poder restabelecerão o Plano na Terra!

Capítulo 28

A VITÓRIA DA OPERAÇÃO RESGATE

EU SOU Fogo, Fogo, Fogo. Divino Fogo do Amor!
EU SOU Fogo, Fogo, Fogo. Divino Fogo do Amor!
EU SOU Fogo, Fogo, Fogo. Divino Fogo do Amor!

De repente, eu me encontro sentada sobre uma fina almofada de veludo escarlate, numa sala ampla, de chão de mármore claro. Que lugar é este? Não sei dizer... Só sei que, à minha extrema direita, há uma janela larga, aberta de par em par; através dela, ao longe, vêem-se algumas montanhas, rajadas de neve, e no interior do aposento a claridade é total; além disso, a temperatura é perfeita e aconchegante. À esquerda, posso distinguir um piano de cauda com uma banquetinha reservada ao músico. Às minhas costas, não sei o que há, pois em nenhum momento me volto para trás. E à minha frente... Sim, à minha frente, está a Luz: Mestre Morya.

Sentado numa cadeira de espaldar alto, ele veste uma roupa que, obviamente, não é de fabricação humana; trata-se de uma “veste sem costuras”, para usar a terminologia bíblica – uma espécie de macacão, porém não inteiriço. No peito, há bordados, também na cor branca, formando um desenho bem interessante. Usa o tradicional turbante.

Inclino-me reverentemente diante de sua magna Presença; num gesto instintivo, estendo em sua direção as mãos abertas, como se querendo tocar, de leve, aquela Paz Profunda que dele se irradia. Lentamente, meu olhar vai-se erguendo, até parar no Coração de Morya.

O Coração do Mestre é um sol radiante. Seus raios brilham ainda muito além dessas paredes. Não há limites, agora percebo, não há tempo nem espaço que nos separe da Fonte. Compreendo, então, que a temperatura aqui desta sala é assim tão tépida e aconchegante apenas por um motivo: é porque nela brilha este Sol-Coração.

O Coração do Mestre é um portão interdimensional, permanentemente aberto; através deste portão, muitos outros se abrem, milagrosamente. É também uma ponte que liga este universo a um outro, feito de puríssima Luz e que – incrível! – sempre esteve aqui, agora, ao nosso dispor. É um Merkabah, uma Carruagem de Fogo. É um vórtice pulsante de Fogo, de Vida, de Amor! É uma Arca da Aliança. É...

As palavras cessam, dando lugar a um Grande, Grande, Grande Silêncio.

Em toda sinfonia, existe a pausa, que tem uma função importantíssima na composição musical e faz parte da melodia. Diante de Morya, houve um largo período de Silêncio. E no espaço desta ficção exatamente aqui neste ponto, o Silêncio terá que ser mantido, pois tem uma

função importantíssima na preparação do Resgate. Eu não vou, não quero e não posso mutilar esse Silêncio descrevendo-o com palavras. Porque é neste momento sagrado, neste Eterno Agora, plasmado no akasha, que a minha alma, enfim, conseguiu permanecer absolutamente quieta, silenciosa, diante do Espírito e da Luz de Deus que Nunca Falha.

Assim, por alguns momentos, vou-me retirar das páginas deste livro, de modo a preservar este momento mágico: de puro silêncio, olhando para Morya e me alimentando de sua Luz maravilhosa... Enquanto isso, vocês leitores da minha alma, podem ir lendo o belíssimo texto de Tagore e Gibran (Deslizando Sabiamente na Luz) que agora se segue. Sugiro que o leiam, com muito amor, para o seu próprio Mestre, e que, ao final, também guardem a quietude tão necessária nesta época de Resgate. Dessa forma, estaremos nós – autores e leitores – uncidos em perfeita fraternidade, contemplando juntos o Espírito e a Luz de Deus que não falha nunca e que está especialmente ativa nestes tempos aparentemente tão sombrios.

DESLIZANDO SABIAMENTE NA LUZ
Tagore e Gibran

Não sei como tu cantas, ó meu Mestre, mas ouço-te sempre em silente deslumbramento. A Luz da Tua música ilumina o mundo. O Sopro da Vida, a torrente santa de Tua voz atravessa qualquer obstáculo, e espalha-se por toda parte. Espero para Te ouvir.

Enquanto espero, também canto uma música que não foi cantada hoje. Passei dias afinando meu instrumento. E eu à espera!... O compasso não deu certo, embora havendo no meu coração a vontade e a certeza do Eterno.

Ainda não escutei Tua Voz, tendo ouvido apenas o som dos Teus passos em frente á minha porta. Vivo sim, na esperança de encontrar-Te; sei que, quando isso acontecer, me sentirei grato e generoso para com a Vida.

Dia após dias, vais tornando-me merecedor das simples e grandes dádivas que a mim chegam sem que eu pela. E eu aprendi a cantas os Teus cantos. Na Tua sala, sei que tenho um assento reservado.

Compreendi que tive meu convite para o Festival do Mundo. Por isso, minha vida tornou-se abençoada. Minha parte nesta Festa foi tocar o instrumento a Tua face, ouvir a Tua música e oferecer-Te a minha saudação silenciosa? Estou apenas esperando o Amor para poder abandonar-me inteiramente em Tuas mãos.

Sei que, certo dia, a flor de lótus chegou até mim. Eu, nesse momento, vagava incerto, e não notei sua chegada. No meu cesto vazio, a flor ficou abandonada. De vez em quando, despertava sonolento, sentindo vestígio do seu suave perfume, mas eu continuava sonolento...

Não sabia, não percebia que ela estava tão perto, e que a sua doce lembrança florescia no fundo do meu coração.

E, ao perguntar pelo Amor, todos, á sua maneira, diziam saber onde ele se encontrava – o velho, o moço, o rico, o mendigo, o cego. Em resumo, todos declaravam: o Amor é o conhecimento divino que dá ao homem o poder de saber tanto quanto os Deuses, e é a única flor que desabrocha sem a ajuda das estações.

Continuo esperando...

Nesta espera, aproveito para oferecer a Ti, Mestre, minha contida oração: Arranca de meu coração a raiz da avareza! Dá-me forças para suportar as minhas alegrias e tristezas! Dá-me forças para fazer o meu Amor frutificar em devoção, para louvar-Te! Forças também dá-me, Mestre, para nunca desdenhar dos pobres e nem dobrar o joelho diante do poder insolente! Dá-me forças para elevar o meu espírito muito acima das frivolidades cotidianas, e dá-me forças para submeter, com Amor, a minha Força à Tua Vontade!

Julguei que minha procura havia acabado, que o tempo para mim se havia esgotado, mas descobri que a Tua Vontade não conhece limites em mim! Onde os velhos caminhos se perdem, um Novo País se revela, com suas inúmeras maravilhas.

Sento-me na relva, contemplo o céu, e sonho, desde a aurora até o crepúsculo, com o súbito esplendor da Tua vinda, fico sentado, e sei que, de repente, chegará o momento feliz em que te verei e ouvirei o Teu canto. Enquanto isso, rio, canto, e o ar vai-se enchendo de um perfume cheio de promessas...

O repouso faz-me muito bem. Finalmente desperto, acordando do torpor que me invadiu tantos dias e tantas noites.

Quando abri os olhos, eu Te vi, de pé, diante de mim, inundando o meu sono com o Teu sorriso. Como eu temera que o caminho fosse longo demais e fatigante, e que fosse mais dura a luta para chegar a Ti!

Toquei, finalmente, o meu instrumento. Em cantando, a minha melodia chegou aos Teus ouvidos. Da semente plantada, nasceu a flor do Amor! Minha cantiga simples juntou-se à Grande Melodia do Mundo...

Ao chegares, simplesmente me perguntaste: “O que tens para me dar? E que capricho foi esse de abrires a palma da mão para pedires a um pedinte?! Fiquei confuso e indeciso. Então, retirei da minha sacola pequenos grãos de milhos e Te ofereci. Para minha surpresa, havia grãos de ouro, e, ao entregá-los a Ti, esta foi a minha dádiva. Sem que eu pedisse, cantaste, então, a mais maravilhosa música, para que eu, finalmente, absorvesse a Luz da Tua voz.

Declarei, neste momento: “A ti, e sempre, repetirei em meu coração: procurei-Te, Mestre, em minha vida, com as minhas canções. Foram elas que me levaram de porta em porta, e

ajudaram a me encontrar comigo mesmo. Foram as minhas canções que me ensinaram todas as lições que aprendi. Elas mostraram os caminhos secretos e puseram diante dos meus olhos infinitas estrelas no horizonte do meu coração. Deixa que todos os cânticos e suas diversas harmonias se unam numa só nota, e deslizem para um Mar de Silêncio, numa única saudação a Ti, Mestre – como um bando saudoso de aves voltando à noite para os seus ninhos!... Sim, deixa que a minha vida toda siga a sua viagem eterna, numa única saudação a Ti!

Como eu previra, o leve deslizar na Luz fez muito bem a todos. O Silêncio, agora, é interrompido de forma muito espontânea, numa saudação ao nosso Mestre ou mentor:

- Minha saudação a Ti, Saint Germain! – Diz alguém, que andou deslizando na Luz de patins.

- Minha saudação a Ti, Mestre Jesus! – diz outro, com igual devoção.

- Minha saudação a Ti, Mão Maria! – diz um terceiro, e, em seus lábios, o nome Maria reverbera como um mantran, de poder infinito e doce...

- Minha saudação a Ti, Morya – digo eu, com uma alegria que não tem mais tamanho porque, enfim, depois de tanto tentar afinar este instrumento tão rebelde e tão danado, estou diante da Presença do meu Mestre...

Inúmeros outros Grandes Seres estão sendo invocados, em Silêncio, nesta Hora de Resgate, pelas poucas almas despertas da Terra, os homens e mulheres de boa-vontade. É essa invocação é imprescindível, pois os Mestres são nossos Irmãos Maiores: já percorreram os caminhos que agora trilhamos e sagraram-se vitoriosos. Eles vêm socorrer aqueles com quem em nome do Amor e da Compaixão; para isso, empenharam sua vida. Sua experiência nos é de grande valia, e a nossa obediência tem que ser irrestrita porque ela reflete a nossa entrega ao Plano de Evolução Universal. Quando saudamos um Mestre, um desses Grandes Irmãos, estamos saudando o Cristo personificado, o Messias Redentor, e a ponte que nos conduz ao Supremo.

É lógico que é impossível relacionar, neste capítulo, todos os Grandes Irmãos – terrestres, intreterrestres e extraterrestres – que já foram mobilizados para esta Operação Resgate, porque eles são muitos; graças a Deus são inumeráveis! Mas, por outro lado, isto não tem importância nenhuma. De fato, não importa que se mencione Este ou Aquele, porque, na verdade, todos eles são UM. Desde há muito, eles superaram a nesquinha separatividade humana e alcançaram a Unidade do Espírito; eles SÃO a Grande Irmandade Branca e trabalham pela Confederação Intergalática. Todos eles são Cristos Radiantes; todos eles são UM!

Minha saudação a Ti, Grande Comandante Ashtar Sheran!

Minha saudação a Ti, Comandante Korton!

Minha saudação a Ti, Nave Alfa, a maior base móvel de Cura e Harmonização!
Minha saudação a Vós, naves-laboratórios de Luz, de todas as precedências!
Minha saudação a Vós, filhos das Estrelas! Sejam muito bem-vindos!

E eis que se cumprem as Escrituras: por acaso não foi profetizado o reaparecimento de Cristo, que haveria de se fazer visível nas nuvens do céu? Recorde-se, então, de que esta Operação Resgate está sendo coordenada por aquele que se conheceu como Jesus de Nazaré, com muita propriedade identificado como Cristo, e que hoje esta sendo chamado e Samana; sob sua direção, todos os Comandos – Cristo cada um deles – em algum momento tornam-se visíveis com suas naves multicoloridas (Aves Radiantes), nos céus de todo o mundo... Mas, visíveis ou invisíveis no seu leve deslizar pela Luz, eles estão sempre anunciando a Boa Nova para todos aqueles que têm o olhar fixo no Alto! Eles dizem assim: “Cristo voltou! Organizem-se e venham adorá-lo! Com a Sua Luz, todos juntos – nós, que viemos das estrelas ou então de Agartha, e vocês, que ainda estão presos na terra – podemos abrir muitos outros portões interdimensionais! Mas, para isso, é preciso que nos unamos, em perfeita irmandade.”

O Cristo voltou. E, como era de se esperar, Ele vem para numa primeira etapa, resolver três problemas cruciais da humanidade: o do sexo (finalmente, o trono de Lilith será destruído!), o da propriedade (e, por extensão, toda a energia monetária que circula no planeta) e o da morte (porque o homem tem que recuperar o direito à imortalidade).

O Cristo voltou, e não mias devemos procurá-lo no corpo de apenas um indivíduo: agora já temos condições de entender que Ele é o princípio que anima a todos - a mim, a você, a ele e a ela, a nós. Pois é Consciência, é Essência. E na função de Messias, o Cristo, hoje, é Coletivo. Sua doutrina, prática, é a Fraternidade. Nós, aqui da terra, precisamos nos organizar.

Minha saudação a Ti, Shamballa, a Matriz do Fogo!
Minha saudação a Ti, Agartha, o Mundo Imaculado!
Minha saudação a Ti, Buda, o Senhor do Mundo, e a toda Hierarquia Branca!
Minha saudação a Ti, Senhor Maitreya, e a Nova Era que chega!
Minha saudação a Ti, Secreta Estrela de Amor, que ilumina esta Operação Resgate!

Em sentido figurado, pode-se dizer que, por ser Shamballa a Fonte, Matriz do Fogo, todas as naves de salvamento partem e retornam a Ela. E quanto aos locais do Resgate, que cada um consulte o seu coração flamejante, já preparando para servir à Lei: além de servir de bússula, ele abriga o mapa completo de toda a operação de salvamento...

E se a resposta ainda estiver nublada, não se preocupe: no caso de um perigo real e iminete, as naves têm o poder de nos desmaterializar e reconstruir os nossos corpos, salvos, e ilesos, no interior das naves de Resgate ou em alguma cidade de Agartha. A propósito, vale recordar as palavras do Salmo 23: “O Senhor é o meu pastor; nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranqüilas... Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum”. E, quanto à presença dos Merkabans, as Carruagens ou Naves de Fogo, aqui na Terra, não há novidade nenhuma: elas são tão antigas... E sucedeu quem indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro: e Elias subiu ao céu num redemoinho. (11 Reais, 2, 11) O resgate está sendo inteiramente orquestrado por Cristo-Samana e executado pelo Messias Coletivo (milhares e milhares de Cristos)... Pode haver erro?!

Minha saudação a Ti, Sanat Kumara e Sua Divina Corte!

Por toda a eternidade, amém!

Minha saudação a Ti, Hermes Trimegistos!
Minha saudação a Ti, Zoroastro!
Minha saudação a Ti, Zarathustra!
Minha saudação a Ti, Missão Alta-Centauro!
Minha saudação a Ti, Missão Órion!

Minha saudação a todos os extraterrestres e a todas as Missões estrangeiras que, desde há milênios, muito veladamente, vêm auxiliando a humanidade da Terra em sua lenta e penosa evolução. Sob sua direção, grandes civilizações do passado foram erguidas, e grandes artistas deixaram obram que elevaram o espírito humano...

Minha saudação a Ti, Grandiosa Hierarquia de Michael!
Minha saudação a Ti, Grandiosa Hierarquia de Enoch!
Minha saudação a Ti, Grandiosa Hierarquia de Melquisedeck!

Minha saudação a Vós, Grandiosas Hostes da Loja Branca, por Vosso auxílio desde há muitos éons, e por essa bendita Triangulação!

Como é em cima, também é em baixo... Se, lá em cima, nos patamares superiores de Consciência, as Ordens Brancas freqüentemente (ou sempre?!) trabalham em esquema de triangulação, o mesmo pode acontecer aqui, na terra, Meu testemunho pessoal a respeito: Eu

faço parte de um reduzido grupo de pessoas por orientado por Mestre Morya. Certa feita, o grupo estava empenhado em trabalhar espiritualmente para a solução de um grave problema mundial, e, qual não foi a nossa surpresa quando nos foi mostrado que o nosso grupo, aqui no Rio de Janeiro/Brasil, estava ligado energeticamente, num nível imaterial, a dois outros: um deles localizado na Itália, e o outro, na China, formando assim, os três, um triângulo de força e energia. Ignoro se esta formação triangular se manteve em outros trabalhos por nós desenvolvidos, e também ignoro (como, aliás, os demais integrantes do grupo) a identidade e a localização exata desses irmãos italianos e chineses; é, eu nunca soube. Porém, eu vi, com absoluta clareza, que a força do nosso trabalho grupal foi extraordinariamente ampliada por conta desse triângulo providenciada pelo Mestre.

No mais, devo acrescentar que a Fraternidade Branca trabalha, atualmente, apenas com grupos, e não mais com indivíduos isolados (salvo raríssimas exceções). Não há mais espaço para individualidades; o isolamento não é mais tolerado. A lição desta época é: fraternidade, corretas relações humanas. E as palavras-chaves são: encontro, comunicação, partilha, comunhão. O Mestre Djwhal Khul, inclusive, prescreve para os membros dos grupos esotéricos o seguinte Mantran de Unificação: “Sou um com os meus irmãos de grupo. Tudo o que tenho é deles. Que o Amor da Alma flua em sua direção! Que a fortaleza que em mim reside os eleve e ajude! Que o pensamento que a minha alma cria chegue até eles e os alentem!”

Minha saudação a Vós, jardineiros do Espaço, responsáveis pela criação das raças humanas!

Uma nova Raça humana está para surgir na face da terra. Mestre Morya, com muito bom humor, adverte: “Não pensemos que a próxima Raça cairá do céu com asas cor de rosa. Não, aqui também não se pode prescindir de um laboratório. Nós saudamos se os pensamentos sobre a transfiguração da raça já agora estiverem fortalecidos.”

Atenção: ele falou de transfiguração da raça. Não se trata, portanto, de nenhuma nova Raça, especial e eleita, que vai cair do céu feito granizo. Não! A próxima Raça seremos nós mesmos, devidamente transmutados, dulcificados pelo Amor e, acima de tudo, receptivos á voz das hierarquias de Luz.

Minha saudação a Ti, Fraternidade dos Anjos, dos Homens e dos Elementais!

Minha saudação a Ti, bendita Alma do Mundo, que foi tão conspurcada pelos homens, mas que agora já se prepara para uma total purificação (Quão diminutas ficarão as terras da superfície!)

Minha saudação a Ti, gloriosa Alma do Mundo, já livre de todo pecado, dor e morte, neste Eterno Agora!

Enquanto o Anjo da Morte e da Destruição ocupa-se em explodir bombas no sul do Pacífico – desencadeando terremotos, acionando vulcões, envenenando tudo com radioatividade e, assim, fazendo com que o planeta entre em agonia – é fundamental que nós, aqui da terra, junto com os do céu, nos mantenhamos coesos, de mãos dadas, como verdadeiros irmãos que somos. Somente o Amor pode nos proteger no decorrer desse processo preliminar de purificação planetária.

Amor: o grande unificador e intérprete.

- O poder do Amor. Vamos manejar esta Espada – diz uma voz, e não importa se essa voz é de Morya, de Saint Germain, de Jesus ou de Ashtar Sheran, pois todos eles são UM: um Ser, uma Presença, um Cristo, uma Fraternidade de Luz. – Este Poder tem três aspectos: Transmutação Iluminação e Ressureição.

Meus bravos guerreiros da Luz, aproxima-se a hora da Batalha. Vamos nos firmar, todos juntos, no estupendo Poder do Amor. Acima de nossas cabeças, cintila uma Secreta Estrela de Amor; no calor da batalha, esta será a nossa bússola. O mundo a nossa volta entre em convulsões, e eu compreendo que é duro suportar essas imagens. Porém, não se iludem mais uma vez. Por mais difícil que isto seja, e por mais real que tido isto aparente ser, não se deixem enlear nesta vã aparência. Porque, se o fizerem seus pés ficarão amarrados, e não poderão caminhar com a leveza que a Causa requer.

Acreditem no Cristo, acreditem na Luz, acreditem na Grande Fraternidade Universal! Acreditem na Vitória inevitável da nossa querida Loja Branca...

E agora, empunhando a Espada, caminhem em minha direção. Aqui, na linha de frente: eu estou chamando!... Com firmeza, com coragem... Isso, assim mesmo!... Sem vacilar: é assim que caminha um Servidor do Mundo!

E agora, parem! Parem neste minuto, onde estiverem!... Porque eu quero perguntar a vocês uma coisa: Digam, algum de vocês percebeu alguma mudança no mundo, à sua volta, enquanto estavam caminhando em minha direção?

Eu paro e penso. E constato: de fato, enquanto eu estava caminhando na direção do Mestre, muita coisa no mundo, á minha volta, foi mudando. É, mudou mesmo. Meu Deus, mudou completamente! Onde havia nuvens escuras e densas e baixas, pequeninos focos de luz azul-safira irromperam em seu interior, e as nuvens, então, suavemente se dissiparam. Onde a atmosfera era pesada e asfixiante, de repente se tornou leve, e uma suave brisa, azulada, foi tomando conta do ambiente. Onde havia olhares sinistros, me espreitando e armando ciladas – ou

esses olhares se tornaram azuis, ou então foram afastados, perdendo-se na poeira da estrada... Se no começo da nossa caminhada em direção ao Mestre, a arena era um verdadeiro charco, agora ela está bem azulzinha... E olhando para o Mestre, aí eu vejo que ele é um tremendo foco de Luz Azul plantada nesta terrinha aqui, que é a nossa escola-laboratório, e esse foco – dirigido para o Altíssimo, para o Supremo, para o Plano de Evolução Universal, para as regiões mais rarefeitas do Espírito – não tem limites, pois é cósmico. Olhem lá para cima, para este céu repleto de pontinhos brilhantes: a Luz Azul saúda cada um deles, e prossegue, abrindo os espaços siderais...

Nisso, me bem à mente o que os astronautas americanos disseram a respeito da Terra, enquanto estavam no espaço: “A Terra é Azul!” Aí eu tenho que rir, compreendendo uma série de coisas: Para os que estão vendo de cima, a Terra é azul! A Espada que estou empunhando é azul! O Poder do Amor que estou manejando é azul! Este tríplice Poder – Transmutação, Iluminação e Ressurreição – é azul! A Vontade de Deus, todo mundo sabe, é azul: é o Raio Azul, é o Primeiro Raio! O Propósito que os Mestres conhecem e a que servem é Azul! Este Resgate é Azul, pois é da Vontade do Pai, e de toda a Fraternidade Branca, que está mobilizada para cumpri-lo! Este Resgate é da Vontade de Sanat Kumara, o Ancião dos Dias, que nos deu a Luz e a Vida!

Este Resgate já É! A Vitória é inevitável!

AMÉM!

Congratulo-me, com profunda Alegria e Amor, com cada um que está desperto, caminhando ao meu lado, neste campo de batalha, nesta Hora... Parabéns pela Vitória! Meus parabéns a todos vocês!

Mas agora vamos em frente porque Morya está chamando...

FIM